

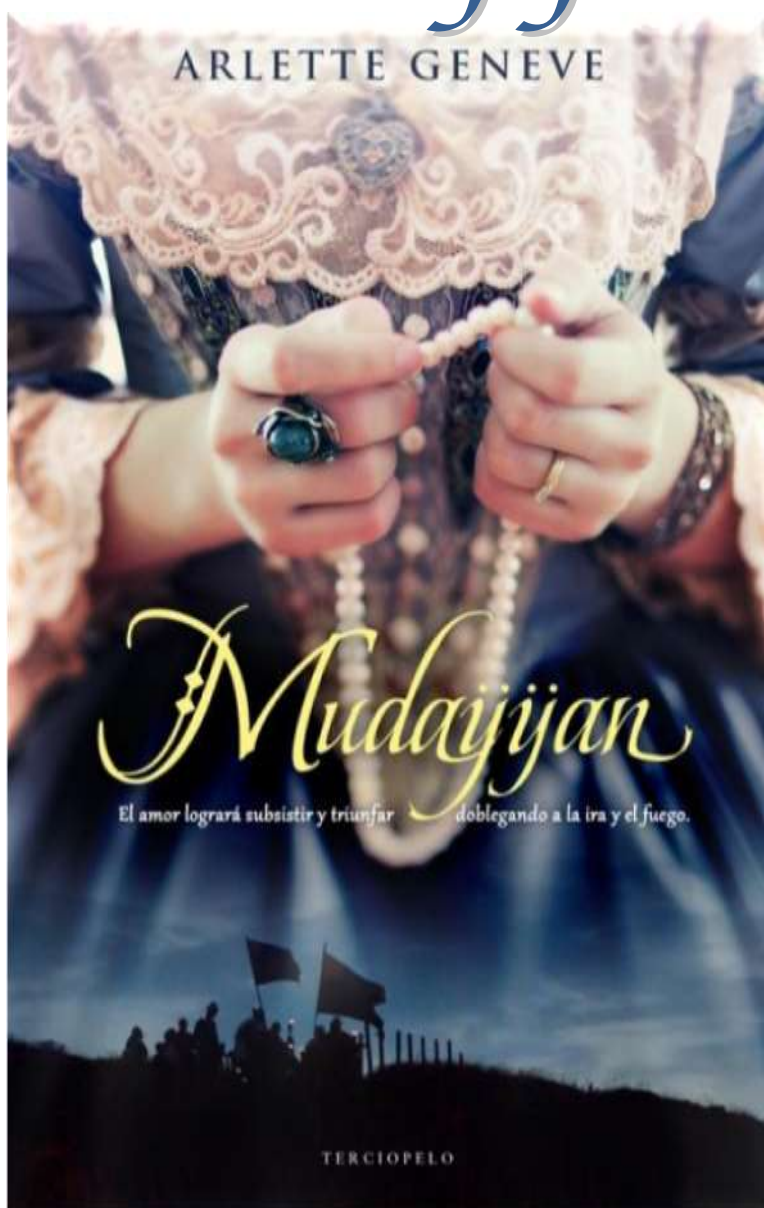
GRH

Romances Históricos

Arlette Geneve

Mudayyan

ARLETTE GENEVE



Tradução/Pesquisa: GRH
Revisão Inicial: Denise Amorim
Revisão Final: Samara
Formatação: Ana Paula G



Resumo

Ano de 1213. Os reinos de Castilla, Navarra, Aragón, Leão e Ándalus se enfrentam em uma luta aberta. Juan Blasco, jovem herdeiro do condado castelhano de Fortun e neto ilegítimo do rei Sancho de Navarra, aparece como possível sucessor do reino de Navarra, mas isso significaria deixar o condado castelhano a sua própria sorte. Com tantas intrigas rodeando esse menino, Dulce Álvarez será a mentora de Juan, e assume a missão de proteger seu tutelado.

Quando Adoain Estella, conde de Bearin, fica encarregado da delicada missão de sequestrar o jovem para levar a Navarra; não conta com a inoportuna intervenção de Dulce. Para ele se trata de honra e vingança. Ira e fogo. Entretanto, o duelo entre ambos, pelo que acreditam ser justo, não pode gerar outra coisa além de uma inesperada atração e provocar a mais feroz das paixões.

No meio destas contínuas lutas que assolam a Península Ibérica, os diferentes reinos, procuram o maior controle possível de suas terras; todos os enganos valem, as traições são a ordem do dia... O que, então, pode ser mais excruciante que entregar a vida para a quem se ama? Quando as emoções estão enraizadas nestes dois corações, tudo se torna secundário, Adoain e Dulce terão que enfrentar obstáculos quase intransponíveis.

Para conhecer um pouco dos territórios e compreender melhor as passagens do livro!



Comentário da Revisora Denise

O livro se divide em duas partes: Ira e fogo, entretanto, afirmo que o nosso mocinho passa praticamente todo o livro consumido pela ira; é um espadão que foi traído por artimanhas femininas e depois de quase morrer nas masmorras do castelo de seu rei Sancho, tem a oportunidade de sair, para se vingar do homem que matou o seu pai, contanto que sequestre o neto de seu rei, que morava em outro reino com seus pais. É nesse momento que encontra a mocinha, que é a tutora do menino, o que alias, é muito raro em livros de época.

São fortes emoções, o romance dos dois é puro fogo, ele muito ogro, ela muito doce... É o tipo de homem que manda e espera ser obedecido, e o interessante é que ele não "suaviza" no decorrer da história. Os personagens paralelos são muito bons, o livro é bem dinâmico, não dá aquela sensação de saber o que vai acontecer em seguida. A primeira vez da mocinha é um capítulo a parte, só lendo para descobrir!

Recomendo a leitura, para quem gosta de um espadão endurecido nas batalhas, com cara de poucos amigos, romance, honra, amizade e lealdade!

Uma intensa e apaixonada história de amor.

Comentário da Revisora Samara

O livro é muito bom. É dinâmico, bem apoiado na história e os personagens (inclusive os coadjuvantes) são muito bons.

O Adoain, conde TDB de Bearin, é preso e chicoteado pela mentira de uma mulher. Ele que já não era afeito ao casamento e detesta mentiras e manipulações, fica ainda mais desfavorável. Ele parte com a missão de sequestrar o herdeiro do rei navarro, que reside no reino de Castilha. E quer matar também o assassino de seu pai. Que por acaso é irmão da mocinha, e outro conde TDB, paladino do rei de Castilha. Sem saber quem é, quando o mocinho vê a Dulce, lembra-se do comentário do pai, de quando achar a mulher da vida dele, saberá na hora. E ela quando põe seus olhinhos dourados nele, sabe que achou o cara. Mas as coisas entre eles são cheias de meias verdades, boas intenções que um não entende, um irmão irado e um amigo (quase da onça, rsrs) que precisa de um refém...

Ela faz tudo que ele odeia (o manipula, torce a verdade, mente) e mesmo assim, ele não consegue deixar de se apaixonar. É um ogrão, mas desses que pedimos aos céus todo dia... e ela não é uma florzinha...

No final, ficarão loucas pelo segundo livro...rsrs

A respeito da autora

Arlette Geneve é uma simpática escritora, que nasceu em uma fria tarde de novembro de 1966. Trabalha como desenhista técnica e sua paixão pela escrita a leva a dizer que nasceu com um lápis na mão. Desfruta tanto com ambas as coisas que tira tempo de onde não tem para investigar dados históricos para seus romances.

A respeito da obra

Mudaÿyan foi ganhadora do Prêmio Veludo de Novela Romântica em 2012.

IRA E FOGO

Prólogo

Palácio Mudaÿyan. Emirado de Batalyaws (*Atualmente, cidade de Badajoz*).

Dulce Álvarez seguia os passos de Kamîl com adoração em seus olhos castanhos.

Encontrava-se sentada junto a seu irmão Miguel no grosso tapete em frente à lareira. As labaredas da lareira fazia brilhar as pupilas infantis como se fosse ouro líquido, e desenhavam sombras que pareciam asas de mariposas revoando nas bochechas, as maçãs do rosto que nesse momento estavam tingidas de rosa claro pela excitação.

Kamîl retornou com uma terrina e um pano. Miguel Álvarez deu uma cotovelada carinhosa em sua irmã para que fechasse a boca. Como resposta, Dulce fez um gesto infantil para ele.

—Terá que fazer o juramento — disse Kamîl com rosto sério.

Miguel e Dulce fizeram um gesto afirmativo com a cabeça.

—E seremos irmãos de sangue para a vida toda — acrescentou convencido.

—Dulce chorará, é muito pequena — sentenciou Miguel, que não tirava os olhos de sua irmã, e esta não se separava de sua preciosa adaga afiada que descansava entre ela e Fátima, a irmã mais velha de Kamîl.

A brilhante folha reluzia ameaçadora na sua posição no grosso tapete.

—Não o farei! —protestou a pequena com voz enérgica. Kamîl dirigiu seus olhos negros para a menina, que olhava para o seu irmão com gesto carrancudo— Não tenho medo.

—Cada vez que vê sangue fica triste — recordou Miguel com voz zombadora.

Dulce fez uma careta como resposta.

—Nesta ocasião será diferente, é pequena, mas muito valente — respondeu Fátima com um sorriso em seus olhos negros.

Kamîl fechou o círculo quando se sentou entre ambos os irmãos. Depositou a terrina cheia de água e pétalas de rosas no centro, junto ao pano branco. Colheu com supremo cuidado a adaga com incrustações de pedras preciosas no punho de marfim. Olhou a sua irmã de frente, que fez um gesto afirmativo com a cabeça, e beijou a folha de aço com supremo respeito.

Miguel ansiava uma arma parecida, mas seu pai, o conde de Arienza, era muito protetor e severo a este respeito. O mais próximo que possuía de uma arma de verdade era uma espada de madeira que treinava para ser, no futuro, um valente e preparado conde como seu pai.

Kamîl fez em si mesmo um corte comprido e limpo que cruzava a palma de sua mão esquerda. Quando o sangue começou a gotejar em cima da terrina cheia de água, passou a adaga a seu amigo Miguel, que a tomou sem indício de dúvida.

Dulce fechou os olhos e prometeu a si mesma, que seria só um instante. Quando sentiu a cotovelada de sua amiga, abriu os olhos e os fixou na ferida púrpura que tinham ambos os meninos em suas palmas e, então, o brilho do fio da adaga manchado de vermelho lhe pareceu muito perversa.

—É muito pequena — reiterou Miguel a Kamîl.

Dulce apertou a boca ao escutar a crítica de seu irmão. Os seis anos de diferença não era um detalhe para se importar, porque não era muito significativo. Ela era tão valente como Kamîl, Miguel e Fátima, e pensava demonstrá-lo em seguida. Agarrou, com certa vacilação a

adaga, que seu irmão estendeu para ela. A lâmina era muito grande para sustentar sozinha, mas Kamîl foi a sua ajuda e segurou a sua mão esquerda para que não tremesse.

—Não tenha medo — aconselhou com um sorriso franco — O corte só arderá um pouco no começo.

Dulce segurou a adaga com força e cravou a ponta no centro da palma. O corte foi muito profundo. Gritou pela dor que ela mesma se infligiu, mas Kamîl apertou sua palma a dela para que o sangue de ambos se mesclasse.

—Juro que serei seu irmão até a morte e a protegerei com a minha vida! Esta é a minha promessa — recitou Kamîl com voz serena.

Dulce continuava gemendo pela dor que a fricção de ambas as feridas provocava. Sentiu vergonha porque tinha prometido não gritar, e não havia cumprido o seu juramento.

Kamîl soltou a mão dela e virou para o seu amigo.

Miguel estendeu seu braço até unir sua palma com a da Fátima, ao mesmo tempo em que oferecia o mesmo juramento que tinha feito Kamîl a Dulce.

Quando olharam à pequena, comprovaram que a menina estava com dor, como tinha afirmado Miguel, e se inclinaram para ela, para atendê-la. Um segundo depois, Kamîl saía do aposento como uma alma que leva o diabo para procurar ajuda. A ferida da pequena era muito profunda.

Adnan Ibn Farid olhou para o conde de Arienza, enquanto bebia um longo gole de seu chá com especiarias. Álvaro Rodríguez tinha no rosto uma expressão severa e, embora não lhe incomodasse as notícias que o conde trazia, elas não eram boas, mas, a amizade que os unia era muito profunda.

—O rei castelhano brinca com fogo, e nenhum de seus homens de confiança tem um temperamento suficiente forte, para demonstrar isso. -Disse Adnan com tom severo, embora com certa cautela.

Álvaro fechou os olhos durante uns segundos com gesto de cansaço.

A viagem até o emirado de Batalyaws acabou sendo desesperadora. Desfrutava do encontro com seu amigo e o visitava ao menos uma vez por ano. Desse modo, além das visitas, pegava provisões de especiarias e sedas para seu lar. Mas a atuação do rei de Castilla no reino, poderiam transformar todos estes anos de amizade e confiança. Alfonso VIII tinha assinado em Carrión dos Condes o Tratado de Villasila e Villamelendro, além de fundar a cidade de Plasencia, com intenção de unificar a nobreza castelhana; tinha estabelecido uma aliança com os reinos cristãos de Leão, Navarra e Aragón, com a intenção clara de conquistar as terras ocupadas pelos almohades. Dois anos depois, reuniu-se em Carrión dos Condes com seu primo Alfonso IX, e acabou mantendo o mesmo acordo que fora concretizado pelo o seu pai, Enrique, como rei de Leão. Ambos os monarcas assinaram um acordo de boa vontade.

—O rei Alfonso de Castilla não tem honra!

Álvaro sabia que Adnan Ibn Farid se referia ao pacto que o rei Alfonso tinha quebrado ao invadir Leão e se apossado de algumas terras, como Valência de dom Juan e Valderas. Deste modo tinha iniciado um período de hostilidades com seu primo, a quem os almohades observavam com alguma atenção do sul.

—O acordo de seu rei não caiu muito bem a nosso califa. — O suspiro profundo de Álvaro foi de preocupação pelas palavras de seu amigo — Estamos convencidos de que Alfonso pensa romper a trégua que mantemos.

— Julga com muita severidade, meu amigo. Nosso rei não é tão leviano ao ponto de não escutar a seus conselheiros — se aventurou a dizer o conde.

Adnan Ibn Farid fez um gesto negativo com a cabeça. A impulsividade do rei era conhecida no resto dos reinos cristãos e califados muçulmanos.

—Abu Yaqub Yusuf ao Mansur se mantém informado de tudo. Está reunindo o exército do norte da África para cruzar o estreito com a intenção de desembarcar em Tarifa.

As notícias eram piores do que Álvaro supôs, mas não pôde responder, por causa da entrada inoportuna do filho e primogênito de seu amigo: Kamîl. O moço tinha o rosto aflito.

—A pequena Dulce se encontra ferida.

Ambos os homens, convidado e anfitrião, empreenderam uma carreira após escutar o aviso de alarme na voz de Kamîl.

A ferida de Dulce não era grave, mas sim, muito significativa. Deixou na palma da mão um aviso vivo do juramento que tinha devotado à Kamîl Ibn Farid, e que ela jamais esqueceria.

Mas o que ambos os homens ignoravam era que a atuação do rei castelhano Alfonso e a resposta do caudilho almohade provocariam uma luta escarnecida entre dois amigos que se converteriam em inimigos. Seus filhos: Kamîl Ibn Farid de Batalyaws e Miguel Álvarez de Arienza.

IRA

O conde de Bearin

Capítulo 1

Castelo da Colina da Santa Bárbara, Tudela, 1213.

O aroma de podridão no interior da cela era intolerável.

Adoain inspirou profundamente e enrugou o nariz pelo penetrante aroma ácido de mofo que emanava do chão de pedra devido a seu confinamento. Apesar do tempo que tinha transcorrido em seu interior, jamais iria se acostumar ao aroma nauseabundo dos excrementos. Nem ao descuido humano em todo seu significado.

O lugar estava cheio de goteiras, pela qual se filtrava uma gélida umidade que penetrava sua pele até os ossos. Dos cantos das paredes, os ratos entravam e saíam à vontade, sem se importarem com a presença do inquilino que compartilhava com eles o estreito buraco. Adoain duvidava de que se deitar na palha para descansar um pouco seria o melhor para aliviar a dor lacerante da tortura infligida, ou continuar recostado no frio muro de pedra. A cela tinha uma ventilação gradeada de onde entrava a pouca luz natural que iluminava a tétrica vista dentro das quatro paredes. Adoain agradecia a tranquilidade, o invejável e profundo silêncio que o acompanhava, e que parecia uma verdadeira bênção. Ao menos já não tinha que suportar as contínuas chicotadas em suas costas. Essa manhã tinha recebido as últimas, de um total de duzentas.

Sua quietude foi interrompida pela comida que o carcereiro trazia e passava para ele, através de um nicho que havia na parte inferior da porta. Uma terrina de madeira que continha sopa, embora mais que sopa parecia água que tinha sido usada para lavar a roupa.

Mas não se importou, bebia como um sedento, assim como comia o mofado pão, que em ocasiões repartia entre os seus companheiros de cela: os ratos.

Esperava sua sentença, mas sem albergar esperanças.

O rei de Navarra tinha acreditado nas mentiras de uma mulher, e ia ser declarado culpado por um delito que não tinha cometido. Outros muitos sim, mas não o de violação. Ele nunca teve que recorrer à força para que uma mulher compartilhasse seu leito ou lhe concedesse seus favores. Mas Juana Ramiro tinha aperfeiçoado a mentira de uma forma completa. Era uma mulher ardilosa, que tinha tecido uma história mentirosa em torno dele para apanhá-lo. E desde que tinha sido jogado nas masmorras por ordem do rei Sancho, os dias eram monótonos, mas não notificavam o dia ou a hora em que seria executado.

A mão de Adoain subiu até seu peito, segurou o medalhão que estava pendurado perto de seu coração e o agarrou fortemente com intenção de controlar a ira que o enchia. Cada vez que sua mão tocava o metal, o relevo do desenho com a gravura de sua mãe tremia dentro de seu punho. Tinha a estranha sensação de que o reconfortava; que a força das palavras inscritas chegava até ele para confortá-lo nessas horas incertas.

Adoain meneou a cabeça com profundo desgosto. O que ia ser de sua mãe? De sua irmã? A agonia da incerteza o deixava completamente abatido. Estava tão esgotado física e emocionalmente que adormeceu em um profundo sono, entretanto não foi reparador. As feridas abertas em suas costas produziam uma dor lancinante, como se animais famintos dessem mordidas ferozes. Com o tempo, deixou de resistir às sensações aflitivas de seu corpo, e permitiu que o cansaço o vencesse de novo.

O balançar das chaves do carcereiro o despertou um tempo mais tarde.

Adoain acreditou a princípio que deveria recolher a tigela que ele não tinha utilizado, mas sua surpresa foi enorme quando a porta da cela abriu totalmente. Um homem alto, magro e vestido de forma elegante entrou atrás do carcereiro. Intuiu que poderia se tratar do capitão da guarda real enviado para levá-lo até a presença do rei Sancho.

Adoain teve que piscar várias vezes, porque as tochas do corredor o impediam de ver o homem com clareza. Projetavam sobre suas costas uma luz que escurecia seu rosto.

— Chegou sua hora.

Ia ser executado!

Levantou os golpeados ossos do chão e seguiu com passos vacilantes o homem que o acompanhava pelos estreitos e mal iluminados corredores subterrâneos da fortaleza. Enquanto caminhava, o coração masculino começou a se debater em uma terrível tristeza: seu último momento, a luta final da natureza humana ante a morte, todo homem a deve enfrentar em algum momento de sua vida, é inevitável. Entretanto, um homem como ele não poderia morrer de forma tão desonrosa a não ser combatendo como um valente Navarro, mas se sentia paralisado pela situação. Mesmo assim, Adoain seguiu caminhando depois dos passos firmes do homem, sem que seus olhos mostrassem outra emoção que não fosse à aceitação de seu destino.

Morrer de forma tão inútil ia ser uma decepção para seu pai, mas ele não pôde provar sua inocência.

O senhor Ramiro procurava seu sangue, e iria tê-lo.

Sancho, rei de Navarra, lançou um suspiro azedo enquanto olhava para um de seus nobres; o mais valente e teimoso.

O homem se mantinha de pé sem nenhum indício de temor em seu rosto, embora percebesse que lhe falhavam as forças. Suas roupas estavam puídas, sujas, e de seu lugar, podia cheirar o aroma do sangue seco e a secreção das feridas infectadas. Mesmo assim, o nobre sustentava o olhar com uma ferocidade provocadora. Incomodava-se com a sua postura ameaçadora, embora não permitiu que essa circunstância interferisse no assunto que tinha que tratar com ele. Adoain era de elevada estatura, como todos os homens do condado de Bearin, mas Sancho não se surpreendia com essa qualidade física, justamente o contrário, ele mesmo media quase o mesmo tamanho e isso não era um inconveniente, era uma grande vantagem nas batalhas.

Seguiu olhando ao nobre com atenção.

Adoain possuía uma invejável musculatura nos ombros. Seus braços e coxas mostravam a enorme e feroz força da que era capaz. Em seu rosto, queimado pelo sol e emoldurado pelo cabelo comprido e negro, herança de sua mãe castelhana, destacavam seus intensos olhos azuis, quase tão escuros como a noite. Eram os mesmos olhos de seu pai, Enrique, e ofereciam, nesse preciso momento, um olhar de desdém. Tão intenso e penetrante, que Sancho teve a sensação de ser observado por um ave rapina pronto para atacá-lo. Não estava acostumado a ser encarado com escrutínio por uma pessoa inferior a ele, mas o homem era muito arrogante inclusive para o rei de Navarra. Os intrépidos e valentes lutadores eram temidos e respeitados pelos nobres de Navarra, e ele os admirava a sua maneira. Entretanto, tinha em suas mãos uma grave acusação de um dos nobres mais importantes, os Ramiro, o que convinha perfeitamente com os seus planos.

—Se ajoelhe, conde de Bearin.

A voz profunda e rouca de Sancho reverberou dentro da estadia.

Adoain elevou o queixo durante um instante de forma altiva, mas obedeceu a ordem real. Cravou o joelho direito no chão em sinal de respeito e submissão ao rei.

—Meu pai Enrique Estella é o conde de Bearin, majestade — corrigiu com voz de trovão, sem afastar os olhos brilhantes do rosto do rei.

—Seu pai morreu — informou Sancho—, e eu o proclamo o novo conde de Bearin.

Adoain se ergueu imediatamente e deu um passo à frente até ficar a pouca distância do monarca.

Sancho poderia ordenar que lhe dessem umas cinquenta chicotadas por essa insolência, mas a notícia que acabava de anunciar era devastadora e por essa singela razão, decidiu evitar o pior para o nobre, embora não silenciou as palavras para que ele se contivesse.

—Mostre certa prudência conde, ou me verei obrigado a dobrar a sua insolência na minha presença — confirmou.

Os olhos de Adoain se abriram atônitos, para se fecharem depois com um brilho de dor que não passou despercebido ao olhar inquisitivo do monarca. Nesse preciso momento, o

forte corpo oscilou como se não tivesse forças para se sustentar, mas em uns poucos instantes, o nobre recuperou as forças e a tensão dos braços.

—Como morreu? — inquiriu com um tom de voz furioso.

«Meu pai não pode estar morto. Tem que se um grave engano!», disse em silêncio.

—Cumprindo uma missão de grande importância — anunciou Sancho com um tom de voz cheio de pesar.

Enrique Estella tinha sido um dos poucos verdadeiros amigos do rei Navarro.

Adoain tratou de tragar a saliva espessa e rançosa que acumulou na boca. Tinha os punhos apertados à altura dos quadris, e o joelho direito tremia sem que pudesse controlar, sinal inequívoco de que estava a ponto de perder o controle. O coração pulsava de forma descompassada, e sentia um zumbido nos ouvidos que produziu um enjoo momentâneo. Mesmo assim, e fazendo um verdadeiro esforço, manteve-se firme em sua postura.

Sancho não tinha como saber se o momento de debilidade de Adoain foi provocado pelos contínuos dias de torturas, ou pela notícia sobre a morte de seu pai.

Seguiu olhando de forma penetrante.

—A nota de sua morte foi anunciada por um sacerdote de Toledo que continua com a sua marcha para Roma em peregrinação. — Os lábios de Adoain se apertaram de forma involuntária ao escutá-lo.

—Uma missão? —perguntou — Onde? — inquiriu com voz dura.

—Em terras de Castilla — respondeu o monarca.

«Terras de Castilla?» Adoain acreditou que não tinha ouvido bem.

—Seu pai tinha a missão de trazer o meu neto a Navarra.

O silêncio se manteve entre os dois homens como um vento gelado. Adoain aproveitou os instantes de mutismo para superar o aperto que sentia e tratar de normalizar a respiração agitada pela revelação.

Depois de um tenso momento, pôde dizer ao fim:

—Você não tem nenhum neto meu senhor. — foi insolente no comentário, mas Sancho não deu conta disso. Tampouco se incomodou a negar a sua afirmação.

Sancho tinha se casado com a filha do conde de Tolosa, mas sua esposa foi repudiada por ele e a coroa de navarra não tinha um herdeiro.

—Anos atrás, quando estive com meu amigo Pedro, o rei de Aragón, em um torneio de Castilla, gerei uma filha bastarda em uma herdeira castelhana chamada María Blasco, filha única do conde de Fortun. — Adoain sofria em silêncio após ter recebido a péssima notícia sobre a morte de seu pai, embora seguisse escutando a seu rei sem mudar a posição firme de sua postura, nem o olhar altivo de seus olhos — Mas não me interessa minha filha bastarda Jimena, só o seu primogênito, Juan Blasco, futuro conde de Fortun.

Ao nobre parecia inaudito escutar que o rei tivesse um neto ilegítimo.

—Partirá para Castilla — ordenou Sancho, e a surpresa ficou estampada nos olhos de Adoain, que olhava de forma incrédula a seu rei— É meu desejo que termine a missão que encarreguei a seu pai Enrique meses atrás. Além disso, temo seriamente por minha vida; por esse motivo deve trazer meu neto para garantir a sucessão, se ocorresse o pior. Juan Blasco deve ser criado a meu lado, como um autêntico Navarro.

—Está doente, majestade? —perguntou Adoain com as pupilas brilhantes de interesse.

Olhando atentamente o rosto do monarca, se precaveu de alguns detalhes que a simples vista deixava despercebido. O semblante de Sancho mostrava uma profunda fadiga e uma imensa tristeza.

—Sinto-me cansado — admitiu com uma voz vacilante— Tenho cinquenta e nove anos, e escassas possibilidades de contrair um novo matrimônio que me dê um herdeiro legítimo.

Adoain o olhou com certa estranheza nos olhos azuis porque Sancho ainda conservava a atitude e a moderação de um guerreiro. Entre os nobres e o exército, era apelidado de: «o Forte», e não só por sua elevada estatura, também por seu valor e destreza no campo de batalha.

—Por que recorre a mim, majestade? — A pergunta foi formulada com um tom afiado.

Sancho inspirou profundamente antes de responder.

—Porque sua mãe Luzia é castelhana, e parenta de Juan Blasco. Têm a entrada garantida em Castilla como familiar do conde. — Adoain nunca tinha pisado em terras castelhanas, nem conhecido seus parentes maternos — É o homem indicado para esta missão.

Adoain tinha aberto bem os olhos para se acostumar ao sentimento de abandono que tinha sido produzido com a notícia da morte de seu pai. O homem vigoroso e leal não podia estar morto. Era um homem fiel ao rei e protetor de sua família. Tinha combatido em inúmeras lutas e batalhas, e inclusive tinha acompanhado ao rei Sancho em torneios oferecidos pelo rei castelhano Alfonso.

Em uma de suas visitas a Toledo encontrou Luzia Blasco e, com um único olhar nela, soube que era a mulher de sua vida. Mas ante a negativa da castelhana de aceitá-lo como pretendente, Enrique optou por raptá-la quando os jogos não tinham concluído ainda, e a levou até seu condado. Luzia demonstrou ser uma mulher guerreira e inquebrável, porque tornou a vida impossível para o nobre, até que finalmente caiu rendida de amor pelo temível, mas honorável, conde Navarro, e nunca retornou a Castilla.

Enrique Estella sempre brincava com seu filho sobre essa circunstância que ele mesmo tinha provocado. Em uma ocasião, quando Adoain deixou a infância para entrar na adolescência, seu pai lhe confessou com voz amorosa e saudosa que, o dia que encontrasse à mulher de sua vida, iria ocorrer exatamente igual a ele. Já não poderia afastar seus olhos dela, nem pensar em nada mais além de possuir e amá-la com todas suas forças. Ante o cenho cético de Adoain por suas palavras, profetizou que se apaixonaria tão rápido como um raio e sem poder fazer nada para controlar essa circunstância, porque era a maldição dos Estella.

Adoain retornou ao presente e à ordem real.

—Se meu pai não foi capaz de triunfar em seu encargo, o que o faz supor que eu poderei?

Sancho se sentou em frente à lareira acesa antes de pronunciar a seguinte palavra. Só tinha que passar seus olhos no homem para ter a resposta a essa pergunta. Fixou-se na longa

cicatriz que sulcava a metade do pescoço. A linha branca e rugosa tinha sido o presente do fio de uma espada traidora contratada por um senhor rival, mas Adoain não morreu como o mercenário tinha acreditado. Aferrou-se à vida com uma força e decisão incríveis, até que pôde se recuperar e caçar o bastardo que empunhava a espada. Matou-o com suas próprias mãos e reduziu o senhorio a cinzas. A reputação feroz que o precedia, foi ganha com bravura e valentia.

—Porque seu pai foi assassinado antes de concluir a missão. Respondeu Sancho com fúria contida.

Adoain deixou de respirar. E suas pupilas se reduziram a um ponto negro de fúria.

—Quem o matou? — bramou com voz de trovão.

Sancho o olhou fixamente. Adoain tinha o queixo tão apertado, que as veias do pescoço pareciam grossas cordas esticadas.

—Conforme me informaram, foi assassinado por dom Miguel Álvarez, herdeiro do conde de Arienza. — Adoain memorizou o nome do assassino de seu pai, e jurou matá-lo — Seu pai era um valente guerreiro, embora um péssimo diplomata. Adverti uma infinidade de vezes que devia usar a inteligência em terras castelhanas, mas desdenhou de minhas palavras e pagou por isso com sua vida.

Adoain não se surpreendeu com essa afirmação. Os senhores que comandavam seu exército eram dos mais ferozes e valentes que povoavam as montanhas navarras. Seus homens não suplicavam, tomavam aquilo que lhes parecia justo sem pensar nas consequências; mas lutavam com honra e destreza.

—Encontrarei à pessoa que assassinou meu pai e farei justiça com minhas próprias mãos — afirmou. Sancho fez um gesto afirmativo embora muito leve ao escutá-lo— Onde está enterrado?

A pergunta era necessária em vista das atuais circunstâncias. Se seu pai tinha sido assassinado nas terras de Castilla, seu corpo teria que estar sepultado lá.

—É uma informação que desconheço, embora esteja convencido de que conseguirá averiguar. Respondeu Sancho.

Adoain apertou os dentes até o ponto de rangê-los.

—Mas é meu desejo que ninguém conheça suas intenções com respeito a meu neto. Deve ganhar a confiança do conde para que não suspeite do verdadeiro motivo que pisa em terras castelhanas.

Adoain tinha suas dúvidas a respeito, mas o rei seguiu lhe informando.

—Se Dom Juan Blasco intuir que desejo recuperar meu neto, tentará desacreditar a confiança que o rei Alfonso deposita em mim, e nada se encontra mais longe de minha intenção.

—Majestade, os navarros não esquecem que o rei castelhano manteve um assédio sobre nosso reino, e que perdemos pessoas importantes, além de vastas extensões de terra.

Sancho cruzou as mãos nas costas e olhou Adoain de forma penetrante.

Precisamente, ele tinha negociado com os almohades para que atacassem Castilla, mas sem obter um resultado positivo. Depois das importantes perdas territoriais, assinou uma trégua que durara cinco anos, mas Sancho nunca reconheceu a perda dos territórios. Entretanto, o passar do tempo propiciou uma proximidade entre ambos os monarcas. E quando decidiu colaborar com o rei Alfonso na batalha das Navas de Tolosa, aumentou o prestígio e a popularidade entre os navarros. Inclusive melhorou sua posição em relação aos outros reis cristãos, e pôde recuperar por isso, alguns lugares perdidos. Após, as relações com Castilla eram boas; entretanto, o conde de Fortun guardava um ódio que o tempo não conseguiu curar, nem à distância. Sancho tinha tentado ter o consentimento do conde em inúmeras ocasiões para reconhecer legitimamente o menino, mas todas as suas tentativas falharam. Tinha esgotado todas as vias possíveis para não ter que recorrer ao sequestro. Entretanto, o conde de Fortun não deixava mais opção.

—Trarei o seu neto, e vingarei a morte de meu pai.

Sancho se manteve em silêncio durante um momento, Adoain era uma pessoa idônea para trazer seu neto a salvo. Navarra necessitava um herdeiro, embora tivesse sangue castelhano.

—No momento em que tenha meu herdeiro protegido sob meu amparo, será permitido, com minha expressa aprovação, apresentar testemunhas e provas que demonstrem sua inocência ou culpabilidade sobre os fatos que o imputam.

Os olhos de Adoain relampejaram ao escutar a sentença do rei. Sentiu uma ira espessa, amarga. Passou meses em uma cela pestilenta sem ter a oportunidade de provar sua inocência, além de suas palavras. Por que motivo o rei tinha mudado de opinião?

—A mulher mentiu! — Cuspiu as palavras com verdadeiro desdém.

Sancho suspirou profundamente.

A acusação contra Adoain era muito grave para reerguer. Não era só a acusação de estupro, mas também de assassinato de um moço inocente. E lamentou severamente essa circunstância, embora existisse uma forma de que se apaziguassem os ânimos: unindo ambas as famílias mediante o matrimônio. Mas o teimoso Navarro se negou de forma terminante a contrair laços com o senhor de Ramiro, mesmo sabendo que a denúncia seria retirada no mesmo dia do noivado.

—Matou o homem que defendia sua virtude — respondeu Sancho—, e o pai reclama seu sangue. Existe uma honra para limpar.

—Não manchei nenhuma honra, Navarro. Fui atacado pelas costas pelas mentiras de uma mulher, e o resultado daquela traição foi à morte de um jovem, proporcionada por ela.

—Juana Ramiro deseja uma união com sua casa. Se consentir, seu pai não reclamará a dívida de sangue.

Adoain soltou uma gargalhada ausente de humor. O brilho resistente de seus olhos mostrou a Sancho que essa opção estava completamente descartada.

—Não nasceu mulher que possa me manipular para me ter uma união não desejada por mim. —As palavras de Adoain queimavam — E enquanto haja um sopro de vida, a cadela não terá o que maquinou.

Sancho serviu em duas taças de bronze um pouco de vinho, e ofereceu uma delas ao conde, que duvidou um momento em aceitá-la. Finalmente o fez, embora com certa reticência.

—Retorne com meu neto, e falaremos da acusação que pende sobre sua cabeça.

—Retornarei, mas declaro que matarei a mulher, e arrasarei o senhorio de Ramiro.

Sancho optou pelo silêncio; se Adoain Estella tinha decidido vingar a ofensa sofrida matando a mulher, indubitavelmente o faria, embora fosse executado depois.

Capítulo 2

Bearin não recebera notícias nos meses que ele estivera nas masmorras do castelo de Tudela. Ao chegar à ponte levadiça, a alegria que sentia se converteu em tristeza ao compreender tudo o que tinha perdido pelo caminho. Mas finalmente conseguira retornar a casa.

Antes que seus arreios tocassem a grossa madeira que atravessava o fosso, a porta de entrada ao castelo foi aberta para ele. Na soleira do pátio se reuniram os homens de seu pai. Adoain retificou seu pensamento, agora eram seus homens, e formavam um círculo ao redor de sua mãe que saiu a seu encontro para dar as boas vindas. À medida que avançava, o círculo protetor foi se abrindo; Luzia Blasco estava parada a sua frente, com as mãos entrelaçadas e o rosto coberto por um escuro véu, sinal inequívoco do luto que alcançar o seu lar. Adoain desmontou de forma ágil da garupa, e entregou as rédeas a Nicolás, que as recolheu de forma rápida. Luzia se adiantou, mas foi Adoain que percorreu a distância que os separava e, ao chegar junto a ela, tomou suas mãos e as beijou.

—Mãe.

Os ombros de Luzia tremeram, e ele soube que era devido ao pranto que tentava conter.

Uma senhora não podia demonstrar debilidade frente aos homens de seu pai; entretanto, nesse instante de dor, sua mãe não se comportava nem vestia como uma Navarra, mas sim como uma altiva senhora castelhana. Luzia ameaçou abraçá-lo, mas Adoain permitiu. Passou o braço pelos ombros e a conduziu pelo pátio de armas até os degraus que conduziam ao grande salão. Com um olhar agudo, deteve os soldados que avançavam atrás deles; precisava estar um momento a sós com sua mãe.

Embora fosse usual nele essa demonstração de frieza, sabia que sua mãe não iria se incomodar, mas tinha que honrá-la. Virou-se para Ginés, o capitão do guarda, e disse:

—Me dê um tempo, depois reúna os barões — ordenou com voz autoritária.

Os trinta homens, rigidamente erguidos, fizeram um gesto afirmativo com a cabeça. Um instante depois, Adoain entrou no interior da fortaleza e conduziu Luzia para a parte onde estava acesa a lareira. As altas cadeiras de respaldo lavrado, colocadas em frente ao fogo, produziram um sentimento de saudade entristecedor. Foram construídas por um marceneiro muito conhecido de Olite que esculpia móveis com madeira do bosque de Orgi. Tratava-se de uma bela madeira, a vegetação se estendia ao sul do vale da Ultzama, a vinte léguas da cidade de Pamplona. As cadeiras eram um presente muito formoso de seu pai, que estava acostumado a dizer que sua senhora merecia um trono. Podia recordar com clareza, ambos os progenitores sentados em suas cadeiras majestosas, enquanto ele brincava com um cavalo de madeira.

O sentimento de ira aumentou ainda mais.

Luzia se sentou sobre uma formosa almofada de veludo, antes de levantar o véu do rosto, passou suas mãos pelo veludo de seu vestido e, quando pôs suas mãos no fino véu, seus dedos tremeram.

Ao ver seu rosto pálido, Adoain amaldiçoou violentamente. Sua mãe era um cadáver andante.

—Não cumpriu as suas funções! —A ordem não admitia discussão— Uma dama Navarra tem que saber controlar a sua dor.

Luzia apertou os finos lábios em uma expressão amargurada. Nesse momento doloroso, necessitava de umas palavras amáveis da pessoa que amava: seu filho, e não a amarga recriminação de um nobre.

—É uma dama castelhana de nascimento, mas Navarra de coração. Permita que chore a morte de nosso pai da única forma que conhece. — As duras palavras de Clara, sua irmã, Adoain tomou como um insulto — Nem todos são tão insensíveis e duros como você, irmão — espetou a seguir ao ver o cenho sério dele.

Clara acabava de cruzar a soleira do salão diretamente para eles.

Adoain pensou que, se Clara fosse um homem, agora mesmo estaria de costas no chão por sua insolência, mas ele não golpeava a mulheres embora o merecessem; sua mãe o ensinou bem.

—Chora-se aos mortos quando fenecem de velhice ou de enfermidade, mas a morte por assassinato não se honra até que o assassino dê o seu último fôlego — bramou com tom desanimado.

Clara chegou até a lareira acesa e se ajoelhou aos pés de sua mãe. Luzia agarrou as mãos de sua filha e as estreitou em seu regaço. Ao menos, um de seus filhos a brindava com o consolo que necessitava.

Adoain fixou os olhos em sua irmã mais nova, ao mesmo tempo em que apertava os punhos em seus flancos. Ele não pensava em chorar, até que tivesse matado o seu assassino de seu pai.

Luzia cravou os escuros olhos em sua filha e esboçou um sorriso. A ausência de Enrique era muito dolorosa. Suportar os rígidos costumes e o clima Navarro seguia sendo uma dura prova para ela apesar dos anos transcorridos, mas agora não tinha o fôlego de seu amado para lhe brindar com o apoio que necessitava, nem a serenidade que ansiava nos dias de tormenta. Chorava sua morte, mas não tinha um corpo para enterrar; podia ser maior o seu tormento? Ou a atitude de seu primogênito mais inapropriada?

Luzia recordou a primeira vez que viu o pai de seus filhos em um torneio celebrado em Toledo, quando era uma jovem herdeira, ativa e orgulhosa de sua estirpe. Em um dos jogos, concretamente nas justas, Enrique tinha estendido sua lança para que ela colocasse o lenço que estava atado em seu braço, mostrando uma ousadia sem igual. Como se atrevia um completo desconhecido pedir uma honra tão elevada? Quando cravou suas pupilas nos azuis e penetrantes olhos masculinos, Luzia sentiu uma sacudida em todo seu corpo, como nunca sentiu antes, mas desprezou o gesto do cavaleiro virando o rosto; e esse foi o começo de uma perseguição que terminou com seu rapto pelo mesmo homem que tinha insultado. Com o passar do tempo descobriu sua honra, e o valor de sua determinação, que não retrocedia.

Enrique ganhou não só o seu respeito, mas também seu profundo afeto, e a presenteou com dois filhos maravilhosos. Como sentia saudades!

—Não é nenhuma debilidade chorar a morte de um ser amado — respondeu Luzia tremendamente afetada— É um gesto humano e compreensível.

Adoain sentou na poltrona que ocupou o seu pai em vida.

—Tenho que partir para Castilla — disse de repente. Com uma expressão severa no rosto.

Tanto Luzia como Clara o olharam um instante de forma fixa, e ficaram atônitas um segundo depois.

—Mãe, necessito de alguns conselhos para o longo caminho.

—Nunca se interessou em conhecer Castilla — reprovou Luzia com um timbre de saudade na voz.

Sua cálida terra. Quase tinha esquecido a imagem de seus campos dourados, e o quente sol toledano que alagava de luz os dias mais frios.

— Não tenho interesse em conhecê-la. Respondeu com voz controlada embora um tanto seca.

Adoain sentia uma imensa raiva em seu interior, mas a conteve. Um homem com as suas responsabilidades, não demonstrava sentimentos de aflição, e tinha que começar a comportar-se como tal pelo bem de seus homens e pelo futuro do condado.

—E então...? —inquiriu Luzia com a surpresa refletida no rosto pálido.

Adoain era consciente de quão contraditórias podiam parecer suas palavras, mas não podia confessar que ia matar um homem e sequestrar o neto do rei de Navarra.

—Vou procurar o corpo de meu pai, deve ser enterrado em Bearin.

Clara inspirou de forma profunda. Entendia muito bem o que sentia seu irmão pelo assassinato de seu pai em terras castelhanas, mas não estava de acordo com sua partida. Não podia partir para longe, quando precisava afiançar a confiança nos senhorios que estavam a seu cargo, ainda mais agora que o conde faltara. Embora pudesse entender seu desgosto, ela

também desejava ter os restos de seu pai no sepulcro familiar e não em um lugar perdido e longínquo.

—O acompanharei — disse Clara de forma inesperada.

Luzia olhou a sua filha com o rosto descrente. Queria acompanhar Adoain para Fortun?

—Não fala sério! — exclamou ele sem um pinga de contenção, sem se importar que sua mãe estivesse chorando a morte de seu pai— Não necessito de um estorvo.

As pupilas de Clara brilharam com profunda dor. Detestava o caráter seco e autoritário de seu irmão, assim como suas formas bruscas. Era difícil compreender a enorme diferença que existia entre seu pai, um homem suavizado pelo caráter jovial de sua mãe, e seu irmão. Adoain continha em sua personalidade todas as qualidades que fariam dele um magnífico conde e um péssimo filho e irmão.

Luzia meditava sem trégua as diferentes opções que lhe apresentavam. Seu filho estava decidido a partir para Castilla, para procurar os restos mortais de seu marido. Ela poderia acompanhá-lo, e lhe mostrar tantas coisas que ficaram esquecidas em sua memória, que só o feito de relembra-las, arrancou um suspiro de prazer. Estava de luto, mas nas terras de Toledo, poderia dar o último adeus a seu marido.

—Partiremos os três para Castilla — decidiu de repente Luzia com o olhar perdido no vazio.

Ambos os irmãos a olharam com olhos exagerados por sua decisão inesperada.

—Mãe, não — disse Adoain com os lábios apertados com desgosto.

Ir acompanhado por sua mãe e sua irmã era a pior das opções, e ele não necessitava maus agouros.

—Acaso pode impedir que faça uma viagem para ver minha família? Uma família que não vejo há mais de vinte e cinco anos!

Adoain cerrou seus olhos ante a decisão de sua mãe. Ir com elas para Castilla, era um atraso desnecessário em sua missão.

—Sua família está aqui em Bearin — espetou em um tom ácido que queimava.

Mas Luzia não se deixou amedrontar.

—É minha última palavra — disse com tom decidido.

—Mas eu não pronunciei a minha — respondeu ele excessivamente sério.

—Sigo sendo sua mãe — argumentou com teimosia.

Adoain inspirou várias vezes para controlar o pulso e a respiração.

—E eu o conde de Bearin, se por acaso esqueceste.

Adoain não esperou uma resposta de sua mãe, deu a volta e caminhou diretamente para as escadas que conduziam ao primeiro andar. Confiava que sua mãe deixasse o assunto resolvido, mas se algo que o novo conde desconhecia, era a tenacidade do sangue castelhano. Antes de subir o primeiro degrau cravou os olhos em sua irmã.

—Clara, a espero em meus aposentos. — Um momento depois, desapareceu pelo corredor superior.

Clara olhou a sua mãe com o rosto confuso pela repentina petição de seu irmão.

—Terá que ser curado, minha filha.

—Mãe...? —perguntou assombrada.

—Não me permitiu abraçá-lo, nem que me aproxime dele. Acaso ignora o que fazem com os cativos nas masmorras do castelo de Tudela? Torturam-nos! E conheço muito bem o meu filho para saber quantas chicotadas deve ter suportado sobre suas costas para que não aceite o abraço de sua mãe.

—Então é você que teria de curar suas feridas.

Luzia entreceitou os olhos castanhos como se meditasse sobre algo.

—Se o fizesse, abriria uma ferida muito mais profunda em seu orgulho. E o amo muito para lhe fazer isso — admitiu Luzia. Clara olhou a sua mãe sem decidir-se — É tão eficiente ou melhor que eu aplicando unguentos. Vá para seu irmão. Adoain a necessita.

Clara não duvidou mais. Agarrou a cesta com as ervas e os unguentos e subiu as escadas de forma rápida. Quando chegou aos aposentos de seu irmão, ele já tinha tirado parte da roupa, encontrava-se ao lado da janela coberto apenas pelo manto enrolado à cintura, e quando fixou os olhos em suas costas, Clara acreditou que ia desmaiar.

As costas de Adoain era uma massa de cicatrizes e feridas, e lhe revolveu o estômago. Algumas partes estavam em carne viva, e iriam deixar marcas por toda a vida. Clara sabia que uma sentença completa de açoites podia destroçar as costas de uma pessoa e, sem dúvidas, seu irmão recebeu mais açoites que merecia. Adoain se voltou para ela e, quando viu seu rosto sofrido, fez um gesto negativo com a cabeça.

—A dor já não é intolerável.

Os dedos de Clara deslizaram pela pele machucada. As costas não pareciam de um ser humano. Algumas cicatrizes a recordaram carne assadas enegrecidas pelo fogo. Imaginou o duro momento do castigo; o deixaram nu de cintura para acima, e o teriam amarrado a um pilar pouco elevado, com as costas encurvadas, para que, ao receber os golpes, não perdesse sua força. Assim o castigo seria completo.

—Meu Deus! —exclamou com a voz entrecortada— O que fizeram com você?

Surpreendeu com a exclamação violenta que lançou a sua irmã.

—Em um momento me mostrei insolente, e ataquei a dois guardas quando tentaram me prender. Chamaram dez homens para me prender, e alguns ficaram feridos gravemente. Inclusive golpeei o rei em um arranque de ira quando tentou inquirir sobre a acusação que pendia sobre minha cabeça.

Clara o olhou perplexa enquanto o escutava.

—Golpeou o rei Sancho? —perguntou quase ao ponto de vertigem— Então se considere afortunado por estar com vida.

Adoain era consciente disso. Seguia com vida unicamente pela amizade que unia o seu pai e o monarca Navarro. Ambos foram amigos de infância. Enrique Estella era o melhor conselheiro do rei Sancho, segundo palavras de seus homens.

—As cinquenta chicotadas solicitadas por Luis Ramiro foram aumentadas, em resposta a cada uma de minhas negativas em aceitar o matrimônio com sua filha. Sancho pretendia fazer com que me rendesse, mas a cada chicotada, mais firme era a minha vontade de não me deixar manipular por uma ordinária.

— Por que recusou? — perguntou Clara com um tom de recriminação que não passou despercebido para ele — Tudo teria sido muito mais fácil se tivessem aceitado as bodas primeiro e a tivesse repudiado depois.

Adoain olhou a sua irmã com estupor.

—Matei um homem por sua culpa, um moço que acreditou em suas mentiras, e ousou me desafiar para limpar uma honra que não tinha mácula. — A voz de seu irmão abrasava com uma aspereza lógica — Juana Ramiro terá o que merece quando eu retornar de Castilla.

Clara sabia que quando seu irmão se posicionava sobre algum assunto, ninguém podia fazer mudá-lo de opinião.

—Nossa mãe chorou muito quando soube que estava preso nas masmorras de Tudela, mas nunca acreditamos nas acusações. — Adoain escutava atentamente a sua irmã— Não nos permitiram vê-lo em nenhum momento, o rei foi determinante nesse aspecto. Negou-nos o direito de avisá-lo, quando nos informaram da morte de nosso pai nas terras de Castilla. — A voz de Clara denunciava a sua dor — O rei Sancho proibiu qualquer aproximação.

Ele sabia que o rei de Navarra atuava por interesse. Mantendo-o isolado de tudo, queria ter sua cooperação para trazer o seu neto, mas Sancho ignorava que estava disposto a ir buscá-lo mesmo no inferno, se com isso conseguisse vingar a morte de seu pai.

—Tenho que tirar algumas crostas para limpar bem as feridas, temo que se não tirá-las, se infectem mais do que já estão.

—Proceda — a animou.

Adoain se sentou em um tamborete baixo para facilitar o trabalho curativo de sua irmã, nem um só estremecimento sacudiu seu corpo à medida que ela arrancava a casca endurecida que se formou sobre o pus. O aroma lhe impregnou as fossas nasais quando as feridas ficaram abertas, produzindo em Clara uma careta de tristeza.

—Terei que as cauterizar — advertiu com voz de causar pena.

Adoain tirou sua adaga da bota e a ofereceu para que a pusesse nas brasas do quarto. Clara limpou a folha e a impregnou de vinagre que tinha tirado da cesta. Atiçou as brasas até

que o calor ficou insuportável, deixou a faca cuidadosamente enterrada nelas e retornou para continuar curando as feridas de seu irmão.

Com supremo cuidado, limpou uma a uma as lacerações. Para isso, molhava o pano em uma solução com água de tomilho e hamamelis; o primeiro servia para evitar as infecções, o segundo contribuía para diminuir a dor. Quando as costas estiveram limpas de pus e restos de sujeira, Clara caminhou até a lareira e com um pano segurou a bainha da adaga. A folha estava vermelho vivo.

—Doerá— o acautelou, mas Adoain não fez nenhum movimento quando ela depositou com cuidado a folha ardente em algumas feridas abertas. O aroma da carne queimada lhe fez apertar os lábios e conter a respiração. Uns instantes depois, untou cada laceração com acíbar— Não me atrevo a enfaixar as costas porque algumas feridas supurarão ainda.

—Não será necessário que as cubras. Porei o manto quando me reunir com os senhores, e assim cobrirei as feridas.

Clara pensou que seu irmão era feito de um barro diferente do resto dos mortais. Se ela tivesse sofrido a metade do que ele sofreu, teria desmaiado ou algo pior. A loção curativa que colocou nas feridas, foi elaborada por ela mesma, com o suco da planta que lhe traziam os peregrinos de Balans¹, quando cruzavam as terras de Navarra em direção a Compostella².

Virtualmente tinha terminado, e pensou em pedir a seu irmão que lhe trouxesse mais, mas se absteve.

—Luis Ramiro pode causar problemas — advertiu apenas com um sussurro.

Adoain já imaginava, mas se o rei se posicionava em seu favor, conseguiria conter a necessidade de sangue dos Ramiro até que retornasse de terras castelhanas.

—Por esse motivo é importante que a nossa mãe fique em Bearin até minha volta.

—Irá sozinho?

—Levarei comigo Ginés e Pedro.

¹ Atual Valência. No ano 1238 e depois da conquista do Jaime I de Aragón, a população cristã alcançava um total de 65.000 pessoas.

² Atual Santiago de Compostela

Clara fez um movimento com a cabeça que Adoain não pôde ver porque se encontrava de costas a ela. Pedro era o capitão da guarda, e Ginés, o melhor rastreador de Navarra e o segundo no comando na ausência de Pedro.

—Três senhores ásperos despertarão as suspeitas dos parentes de nossa mãe. Sabem por Sancho, que o rei Alfonso de Castilla já teve problemas com os navarros depois das desavenças que mantiveram no passado com nosso monarca. Esqueceu? Porque estou certa de que eles não — recordou Clara de forma concisa embora contundente.

Adoain não tinha pensado nessa possibilidade, mas não dava em nada. Voltou seu rosto para olhar a sua irmã, e viu preocupação em seus olhos azuis.

—Os homens de Bearin não são ásperos... — A careta cética de Clara silenciou a defesa que fazia dos senhores que serviam no condado de Bearin.

Adoain pensou que não eram grandes conversadores, mas eram os homens mais valentes que existiam.

—Castilla é uma corte refinada graças à influência da rainha Leonor, a esposa de dom Alfonso. Em um lugar tão elegante, espera-se que os convidados sejam amistosos e educados; diga-me como se comportarão Pedro Artáiz e Ginés Castro entre gente jovial e educada?

O rosto masculino se endureceu ante a crítica.

—Esquece algo muito importante: não vou desfrutar da corte castelhana, a não ser trazer os restos mortais de nosso pai. Qualquer homem compreenderá minha pouca disposição em manter uma conversação jovial ou refinada.

Clara pensou que seu irmão se pôs à defensiva como sempre.

—Minhas palavras não foram pronunciadas com o fim de ofender — replicou Clara com voz humilde para apaziguar o ânimo de seu irmão.

—Então contenha a língua.

—Se reunirá com os senhores logo?

—Ignoro quanto tempo estarei fora. É possível que tenha que tomar decisões em minha ausência, e alguns barões terão que estar preparados para um possível ataque.

Clara começou a recolher os diferentes utensílios que usou para curar seu irmão, cobriu a cesta com um pano limpo. Adoain colocou o manto de forma inconsciente.

Estar preparado equivalia a esperar represálias com o senhorio de Ramiro. Os barões que serviam ao condado de Bearin, integrado por Mañel, Domiku e Andoni, iriam estar em desacordo sobre a partida repentina de Adoain para terras castelhanas, mas seu irmão tinha tomado uma decisão irrevogável.

—Direi a nossa mãe que logo se reunirá conosco.

Clara deixou os aposentos de seu irmão sem dizer uma palavra a mais.

Os barões Mañel Urrea, Domiku Ximénez e Andoni Zarate protestaram com energia inusitada com a decisão do novo conde de abandonar Bearin quando a situação se tornara tão suscetível, mas finalmente acataram a ordem. Depois de instruir minuciosamente aos barões, Adoain acordou que iria acompanhado unicamente por Pedro Artáiz, capitão da guarda de Bearin. Ginés deveria ficar para comandar os soldados em sua ausência, se Bearin fosse atacada por Luis Ramiro. Adoain optou por Pedro porque era, além de um capitão valente, o melhor amigo que tinha, e sua destreza com a espada infundia confiança e respeito.

A partida foi programada para o dia seguinte, e Luzia Blasco mostrou seu desacordo com essa marcha tão repentina. Adoain ignorou sua tentativa em acompanhá-lo, e sua postura firme e determinante silenciou a boca de sua mãe em um mutismo que resultou ofensivo. Mas a motivação dele estava muito acima da necessidade dela. Tinha que vingar uma morte: a de seu pai. E sequestrar uma criança de Castilla: Juan Blasco.

E devia ser muito cuidadoso a respeito.

Muito cedo pela manhã, ambos partiram acompanhados unicamente por suas montarias, suas espadas e um fardo com roupas. A viagem seria muito comprida e perigosa, mas na mente do conde de Bearin só havia uma verdade: vingança.

Castelo de Isuela. Reino de Aragón

Dom Rafael Lorenzo, conde de Isuela e íntimo amigo do rei Pedro de Aragón, deixou de olhar a inscrição de nascimento que sustentava entre suas mãos, e a carta do arcebispo de Toledo, dom Rodrigo Jiménez de Enseada. Tinha a testa franzida pela surpresa e as pupilas obscurecidas pela preocupação. O que seus olhos contemplavam era certo, o rei Sancho de Navarra tinha um neto em Castilla, e ele se sentia com o dever moral de advertir a seu amigo e soberano, Pedro, rei de Aragón, a descoberta sobre o herdeiro. Devia fazer os oportunos acertos para viajar para Toledo imediatamente, e tratar de falar com o arcebispo para verificar a informação que chegara a suas mãos, porque, se era certa, significaria que Navarra se uniria por linhagem ao reino de Castilla. Uma união altamente prejudicial para os aragoneses, situação que ele devia impedir sem importar o custo.

—Como chegou este documento a sua mercê? —ressonou com afiada voz no silêncio da estadia.

Na lareira acesa, os troncos de madeira ardiam, produzindo um chiado estranho. Os pequenos ramos secos estavam colocados em círculo. As chamas lambiam a madeira para a esquerda, e se uniram à direita para convergir em uma só labareda de média altura, iluminando o rosto de dom Rafael. Era uma máscara de cólera.

—A carta foi entregue por um servo fiel que trabalha às ordens do arcebispo. A carta ia dirigida ao rei Alfonso, salvo que não chegará às mãos reais.

Dom Rafael esquadrinhou os olhos do homem tentando penetrar em seu interior para descobrir o que ocultava. Encheu a taça de prata com vinho cheiroso e a ofereceu. Francisco Sánchez, barão de Monforte, aceitou-a com um gesto de agradecimento.

O suave licor desceu por sua garganta e, um instante depois, limpou com o guardanapo de linho disposta para esse fim, com uns gestos finos e elegantes.

—É de meu conhecimento o fato de que minha prima, Maria Blasco, tentou com que seu pai acreditasse que sua filha Jimena fora concebida por um plebeu, e não pelo rei Sancho, salvo que não conseguiu. É amplamente conhecida a adversidade que sente o conde de Fortun pelo rei de Navarra, depois do descumprimento do compromisso entre ambos os herdeiros.

A inimizade de ambos nobres se forjou muito tempo atrás, quando o rei Sancho descumpriu o acordo matrimonial com María Blasco, para contrair núpcias com a filha do conde de Tolosa. Juan Blasco não esqueceu a afronta recebida a sua casa, nem o menosprezo a sua linhagem, mas era conhecido por todos, o profundo afeto que dispensava o rei Navarro à castelhana. Por esse motivo, a ruptura do acordo deixou surpreso o gabinete de Navarro.

Rafael entreceitou os escuros olhos meditando sobre a informação que oferecia o barão e as repercussões que teria para o trono de Aragón.

—A recuperação de um herdeiro legal por parte do rei Sancho pode pôr em perigo as relações que mantém Navarra com a coroa aragonesa — disse de repente Francisco— Se os reinos se unirem, Aragón ficará isolado.

Rafael considerou as palavras do barão e tomou como certas.

O matrimônio de Sancho com a filha do conde de Tolosa era inofensivo para os aragoneses, mas uma filha com uma castelhana, embora fosse ilegítima, mudava absolutamente tudo, e ainda mais se essa filha desse um neto, o que significava um herdeiro ao trono. Além disso, o rei de Leão era primo carnal de Alfonso, e uma união entre leoneses, navarros e castelhanos resultava muito prejudicial para Aragón.

—Por esse motivo decidi chegar até você para lhes revelar um segredo que pode me conduzir à tumba.

Francisco Sánchez perseguia o condado de Fortun.

Se o pequeno Juan Blasco fosse reclamado em Navarra, ele poderia ter alguma possibilidade de recuperar a herança de sua prima Jimena. Por esse motivo, tinha ido ao único homem que podia ajudá-lo, embora ignorasse, porque o rei Sancho pensava recuperar o menino, certo, mas em segredo. Rafael Lorenzo com suas maquinações traria tudo à luz, e ele perseguia esse objetivo: que fosse de domínio público o valor do herdeiro castelhano para os navarros.

Rafael voltou a encher taça de vinho completamente ensimesmado.

O rei Sancho tinha repudiado, de forma firme e irremediável, a condessa de Tolosa. E a grande maioria dos navarros e aragoneses acreditaram que tinha sido para voltar a contrair

núpcias com uma casa tão importante como a de Fortun, e conseguir desse modo o herdeiro sonhado. Mas se enganaram por completo. Se Navarra não tivesse sucessor, o reino do Aragón seria muito mais poderoso, mas se o rei Alfonso descobrisse que uma criança de Castilla era herdeiro do trono de Navarra, embarcaria numa guerra com Aragón e inclusive com Leão para levá-lo ao trono, coroa que ele tutelaria até a maior idade do pequeno. Um bocado muito suculento e que deviam impedir fosse como fosse.

—Alguém mais conhece este assunto?

—A Rainha, a castelhana Leonor, que é a madrinha da criança, mas não se pronunciou a respeito, nem é possível que o faça — mentiu o barão de forma descarada.

Rafael seguia avaliando os prós e contra de tomar uma decisão sobre a questão. Sua consciência incitava a tomar parte no assunto como amigo íntimo do rei do Aragón.

—Iremos a Castilla — decidiu ao fim— Me acompanhará meu filho mais velho Jaime. Manterei um diálogo com o conde de Fortun, e uniremos esforços para impedir que o menino seja reclamado por Navarra. Presumo que o rei Pedro se posicionará neste aspecto e oferecerá ao conde castelhano a ajuda que estime necessária para frear as pretensões do rei Sancho.

Francisco concluiu que tudo saía como tinha imaginado.

—Sentirei-me honrado de retornar acompanhado de seu séquito.

—Faremos uma parada em Burgos. Preciso manter diálogo com a rainha castelhana Leonor, e inquirir se suspeita de algo, antes de me apresentar ao conde de Fortun em Toledo.

Francisco ergueu a taça em sinal de brinde e mostrou um sorriso sapiente.

Se o pequeno Juan Blasco fosse coroado rei de Navarra, ele seria conde de Fortun.

Capítulo 3

Castelo de Fortun, Toledo

Seu coração se apertava em ver o menino chorar.

As lágrimas fizeram dois sulcos sobre as bochechas e caíam sobre sua camisa azul, a molhando. Não pensou nem um momento. Andou em direção ao pátio de armas e se dirigiu com passos firmes para o lugar onde o capitão da guarda treinava o menino com uma brutalidade ausente de compaixão. O pequeno, de apenas dez anos, sustentava um escudo de madeira entre suas trementes mãos. Era um menino muito maduro para sua idade, mas estava recebendo uma lição muito dura.

— Detenha o treino! —ordenou com voz contundente e firme, embora vacilasse um instante depois, ao compreender sua impulsividade— por favor. —O capitão voltou seu rosto para a pessoa que tinha interrompido o treinamento.

—Seu senhor se desgostará enormemente se o vê interrompendo seu adestramento — respondeu o soldado, assinalando o menino com a cabeça.

Seus olhos de cor mel se apertaram de forma suspeita. Era certo que o pai do menino, Gonzalo Díaz, poderia zangar-se muito com ela e sua tendência a interromper os treinamentos do pequeno herdeiro, mas ela o amava e não desejava que sofresse de forma desnecessária.

—Acaso ignora que com a sua força não pode deter seus golpes? —Quintín arqueou uma sobrancelha pela pergunta feminina realizada em um tom suave que não o deixou surpreso.

Era conhecido por todos em Fortun o caráter terno da filha mais nova do conde de Arienza. Dulce Álvarez era uma das damas de honra de Jimena Blasco, a mãe do pequeno Juan.

—Assim é como se treina aos futuros soldados, minha senhora. —Dulce ergueu a cabeça com altivez. O capitão não lhe devolveu a cortesia correspondente de manter os olhos baixos. Justamente o contrário, sustentava o olhar com um brilho que se podia interpretar de diversão, mas Quintín era um homem muito respeitado no condado. Foi o instrutor da neta do conde, Jimena Blasco, e Gonzalo decidiu que devia ser também de seu filho.

—Se lhe romper os braços, dificilmente poderão fazer dele um soldado no futuro — respondeu Dulce com uma provocação em seu olhar.

Quintín olhou o menino que tinha baixado o escudo, mas sem deixar de sustentá-lo entre suas mãos.

—Me diga, futuro senhor de Fortun, imponho um treinamento muito severo? —O pequeno mordeu o lábio pois sabia que o capitão esperava dele uma resposta negativa.

Ia ser um cavaleiro, mas a dor em seus braços apenas lhe permitia respirar com normalidade. Sentia dor até a altura dos ombros, e ele desejava retornar à torre para jogar. Odiava estar no pátio de treinamento. Mesmo assim, inchou o peito e endireitou as costas.

—Dói um pouco o meu estômago. — A moça abriu os olhos pela resposta inesperada que tinha dado o pequeno— Acredito que não estou acostumado a tomar cerveja durante o café da manhã. — Dulce voltou o rosto completamente atônito para o capitão que teve o tino de ruborizar-se.

—Cerveja...? A um menino? Sinto-me profundamente consternada. —O capitão deixou descansar seu corpo sobre a perna direita enquanto a olhava.

Outros soldados que treinavam em pontos diferentes do pátio tinham feito um círculo ao redor deles para se inteirar da briga que mantinham o capitão e a dama em questão.

—O pai do menino me encarregou de seu adestramento, tenho que fazer dele um soldado forte e valente — respondeu, mas sem crítica na voz.

Dulce entrecerrou os olhos até reduzi-los a uma linha.

—Têm filhos? — Quintín percorreu com a vista o grupo de soldados que acompanhavam a conversa de ambos, com supremo interesse — Posso presumir, sem temor

a me enganar, que não possui descendência — continuou Dulce—, porque se tivesse, não seria tão desumano com o filho de outro.

—Minha senhora... — Não permitiu que continuasse com as palavras. Agarrou o menino com a mão e o conduziu para as dependências da cozinha sem olhar para o resto das pessoas que ficaram no pátio.

O nutrido grupo de soldados, ao ver a partida da mulher e do menino, foram retornando aos seus respectivos lugares para seguir com seus treinamentos.

Quintín ficou olhando a marcha deles com certa surpresa.

—Meu amigo, não deveria permitir que a dama o trate com essa falta de indulgência e altivez. — Quintín deu meia volta para a voz de Luis Pérez, um dos barões de Fortun que ia treinar com ele.

Mostrou um sorriso conformista. Era o melhor competidor que já tinha conhecido. Os treinamentos entre ambos eram memoráveis. Era um rival difícil de dobrar, e entre eles criou uma amizade especial.

—A senhorita Álvarez adoece de certo sentido comum, mas isso é devido a sua natureza terna e compassiva — explicou o capitão da guarda.

Luis ampliou o sorriso ao escutar a defesa que fazia o capitão da guarda, em relação ao caráter impulsivo da dama mais formosa das que compunham o séquito de Jimena Blasco.

—A senhora de Fortun deveria conhecer sua atuação insolente hoje.

Quintín negou com a cabeça várias vezes ao escutá-lo.

—Não será necessário; realmente estava sendo muito duro com o pequeno, mas não tinha notado até que a senhorita Álvarez me fez notar isso.

Luis arqueou suas sobrancelhas de forma cômica. Parecia irreal que o avô do menino permitisse que uma mulher fosse o instrutor de seu filho e primogênito. Inclusive quando a mulher era tão formosa e esquiva como ela. Cada vez que aparecia em um dos pátios, o resto dos homens parava seus afazeres, inclusive ele se sentia mais que atraído pela formosa donzela, embora se ela se mostrasse fria e indiferente com ele.

Quintín assinalou a mesa, com as diferentes armas, para que escolhesse. Luis o fez. Tomou entre suas mãos uma lança e caminhou diretamente para Quintín.

—Admiro sua forma de segurar a lança como se fosse uma espada. Confio que me ensine todos seus truques.

Quintín não soltou a espada sem fio que utilizava para treinar o pequeno. Seria uma arma mais do que suficiente para fazer que o barão comesse pó.

—Nunca dê a seu inimigo a arma para que vos mate — recitou Quintín com um sorriso ausente de arrogância.

—Deduzo por suas palavras que não pensa me ensinar tudo o que conhece, sobre o uso e defesa da arma escolhida hoje por mim.

—Diz bem — respondeu Quintín— Se ensinasse todos os meus truques, já não poderia derrotá-lo com tanta facilidade.

—Duvido que possa me derrotar como presume — respondeu Luis com um tom de mofa.

—Dou minha palavra que hoje ensinarei um par de lições que o farão comer o pó deste chão. — No ato seguinte, Quintín lançou um golpe com a espada, que Luis pôde esquivar de forma ágil.

Dulce conduziu o pequeno Juan pelos diferentes corredores de Fortun, até os aposentos privados do menino. Pensava ordenar que lhe dessem um banho antes de começar com a lição diária. Cerveja? O capitão tinha dado cerveja no café da manhã? Parecia incrível, e pensava tomar parte no assunto.

—Obrigado, senhorita Álvarez.

Dulce baixou o olhar para o rosto do pequeno, que mostrava um sorriso de alívio.

—Me chame de Dulce, pode ser assim na intimidade, já mencionei isso.

Juan mostrou um encantador sorriso que a derreteu. Era o menino mais bonito dos que conhecia.

—O treinamento foi mais duro do que esperava — admitiu o pequeno, embora não o mencionasse como uma crítica.

—Começa a caminhar passo a passo — respondeu ela sem deixar de olhá-lo, em um tom comedido— Para ser um bom soldado, como diria seu avô, é necessário fazê-lo lentamente, como caminhar, primeiro um passo, depois outro.

O pequeno ficou meditando sobre a resposta dela. Tentando valorizar sua importância. Ao menos já não lhe doíam os braços de aguentar os golpes da espada do capitão Quintín.

—Poderia ter resistido um par de golpes a mais — se apressou em dizer, embora não o dissesse muito convencido.

Dulce comprovou quão orgulhoso era o pequeno apesar do duro exercício que recebia.

—Lamento que seu treinamento não terminou. Desculpou-se, embora já tinha chegado o momento de começar suas lições.

Juan cravou seus olhos nela e ofereceu uma careta feliz.

—Eu gosto de aprender latim quase tanto como lutar — respondeu.

Dulce alvoroçou o seu suave cabelo e piscou um olho cúmplice.

—E árabe — respondeu ela.

—Detesto aprender a língua de meus inimigos! — exclamou o menino de forma apaixonada.

Dulce suspirou. O pequeno Juan era um aluno aplicado e muito inteligente. Aprendeu a ler e a escrever na tenra idade de seis anos. Praticava todas as lições de forma obediente, salvo uma, a língua árabe. De todos os modos, Jimena Blasco, a mãe do pequeno, acreditava imprescindível, porque Fortun se encontrava muito perto da fronteira que dividia ambos os reinos: o cristão e o muçulmano.

Quando chegaram à antecâmara do pequeno, Dulce o olhou atentamente.

—Como poderá celebrar pactos e acordos se desconhece a língua de seus vizinhos? — perguntou de forma suave— Um bom senhor tem a obrigação de fazer-se entender em qualquer língua.

—Eu tenho que aprender a matar infiéis! —exclamou com veemência infantil.

Juan tirou a sobreveste e a deixou com descuido aos pés do leito.

Dulce cruzou os braços sobre o peito enquanto observava o pequeno lavar as mãos e o rosto na bacia, depositada em um canto do quarto perto da lareira apagada. Contemplou-o secar o rosto com um pano e atirar a água suja na bacia maior, habilitada para tal caso.

Era um menino, mas tão decidido como um homem.

—Para os almohades, nós somos os infiéis — disse ela.

Juan piscou várias vezes absolutamente sem entender.

—Eu não sou um infiel, senhorita Álvarez! —A exclamação de horror do pequeno arrancou um sorriso que ficou congelado em seu rosto pelas lembranças.

A saudade a afligiu por completo, porque essas mesmas palavras tinham sido pronunciadas por seu irmão, Miguel Álvarez, quando ela tratou de defender alguns amigos que ficaram do outro lado da fronteira cristã. Recordou suas visitas ao palácio de Mudaýyan em sua infância, e o seu coração doeu em seu peito de uma forma saudosa. A guerra que mantinha o rei Alfonso com o califa almohade Abu Yusuf ao-Mansur, tinha mudado muitas coisas formosas que ela considerava um tesouro. A perda de Alarcos endureceu a inimizade entre os reinos, e nada era como antes; embora os reinos cristãos tivessem ganhado a batalha decisiva das Navas de Tolosa. Os amigos se converteram em inimigos; os familiares, em rivais. Dulce sofria com o ódio que envenenava o coração dos homens e também o de seu irmão.

—Me desculpe. Tentava fazê-lo entender que, para vencer a seus inimigos, devem conhecer como pensam, como sentem, e por isso sua mãe deseja que aprenda tudo sobre eles, incluindo a sua língua e seus costumes.

O pequeno Juan ficou olhando Dulce de uma forma ininteligível.

—Por que fala a língua dos infiéis? É uma dama castelhana! — Dulce adorava esse pequeno. Havia dito as palavras como se fosse algo inédito e incompreensível que ela defendesse os infiéis.

Com o tempo que estava aos seus cuidados, aprendeu a amá-lo.

Para ela foi uma surpresa que a senhora Blasco fosse até a corte de Burgos com a intenção de levá-la a Fortun. Teve muitas dificuldades a princípio, e os tinha superado com uma tenacidade assombrosa.

Dulce era consciente de que deixar de ser dama da rainha Leonor para ser a de uma condessa, era descer de fila vários graus de forma desnecessária, pois ela mesma era filha de um conde. Entretanto, Jimena Blasco lhe fez uma proposta que não podia rechaçar: ser a instrutora de um menino de pouca idade, com completa liberdade. Livre-arbítrio para tomar decisões. E ela, que se aborrecia mortalmente na corte de Burgos, tinha decidido aceitar o desafio. Estava em Fortun porque conhecia a língua árabe perfeitamente, também seus costumes, igual a seu irmão Miguel, que se encontrava com o rei Alfonso, armando estratégias para lutar contra os almohades. Seu pai Álvaro tinha perecido na batalha de Alarcos como muitos cavaleiros cristãos e, desde esse preciso momento, Miguel se converteu no maior inimigo que podiam ter. O rei Alfonso estava muito orgulhoso dos lucros que obtinha e do dano que causava ao inimigo por sua intrepidez.

—Sou uma dama que fala e compreende a língua muçulmana — o retificou de forma muito suave mas contundente.

O brilho nos olhos do pequeno ficou desconfiado, e Dulce Álvarez o calou um momento tentando corrigir uma impressão errada.

—Nasci no condado de Arienza, que agora é território leones. Durante um tempo, minha família manteve boas relações com outra família muçulmana; por esse motivo falo a língua deles.

Juan assimilou as palavras da mulher.

—Os leoneses são amigos ou inimigos? —perguntou o pequeno muito interessado.

—Considera-me uma inimiga? —respondeu ela com outra pergunta.

Juan era muito pequeno para entender as disputas que tinham mantido ambos os reis, o leones e o castelhano, no passado. Nem de compreender o que significava para a Castilla a queda da fortaleza de Alarcos, e a repercussão para os reinos cristãos das contínuas lutas contra os almohades.

Juan não respondeu. Sentou-se junto à janela e tirou os diferentes pergaminhos de um pequeno baú de madeira. Depois de um momento, disse:

—Seu rei e o meu são primos. E os parentes não são inimigos — raciocinou com uma maturidade insólita para um menino de tão pouca idade.

Mas Dulce pensou em quão equivocado estava o pequeno, porque os parentes podiam ser, em ocasiões, os piores inimigos.

—Palavras muito nobres, para um futuro conde. — Juan pareceu se agradar pelo tom dela, pois ampliou o sorriso de uma forma encantadora— Mas chegou o momento de começar suas lições — concluiu.

Capítulo 4

A gloriosa primavera revestia com espetaculares cores o reino de Castilla.

O ar morno da manhã estava impregnado com o aroma de tomilho e zimbro. As jarás estavam floridas e os casulos brancos se balançavam com a brisa, criando uns mosaicos inesquecíveis. Adoain e Pedro chegaram à porta fortificada chamada Sagra e saudaram com a mão aos homens de armas que faziam guarda. Os soldados permitiram a entrada quando reconheceram a insígnia castelhana de espadas cruzadas que levava Adoain; era o estandarte do condado de Fortun. Luzia foi precavida e deu a seu filho a insígnia de sua família, para que não tivesse problemas ao entrar na cidade fortificada. Seu pai o tinha enviado junto com o resto de seus pertences, quando compreendeu que sua filha não ia retornar a Castilla, com a intenção de que não esquecesse suas raízes.

As disputas entre os reinos no passado, afastaram os nobres de ambas as famílias: os Blasco e os Estella. O pai de Luzia nunca perdoou que um Navarro levasse a sua filha, e que esta não retornasse a Castilla.

Adoain observou, à medida que cruzava as sinuosas e estreitas ruas da cidade, os diversos enfeites que adornavam as casas toledanas: mirtos, hibiscos, buganvílias. Toledo recordou às histórias que tinha escutado do arcebispo da Pamplona sobre a cidade Santa de Jerusalém, por sua formação e pela arquitetura de suas ruelas.

Os diversos caminhos serpenteantes estavam perfumados, já que tinham colhido as ervas aromáticas de romeira e lavanda. As pedras estavam ocultas por um manto verde que se tornava dourado em alguns pontos, e formavam umas tapeçarias de cores espetaculares.

Até seus ouvidos chegou o som dos cânticos e a música dos diferentes templos cristãos, e lhe pareceu que criavam uma atmosfera única, e alagavam com seu som cada lugar da cidade. Era a primeira vez que Adoain contemplava uma paisagem tão impressionante, porque os sons, aromas e cores competiam em embelezar uma cidade que o

tinha deixado sem palavras. Sua mãe, Luzia, lhe falara da formosura de Toledo, mas ele nunca escutou suas palavras. No norte, de onde ele provinha, a grama sempre cobria os caminhos. A chuva e o frio era habitual nas montanhas onde residia com sua família. Por esse motivo, o calor do Toledo foi inesperado e extremamente agradável.

Passaram rapidamente junto à ferraria e o mercado, seguindo cruzaram a ponte de Alcântara, deixando para trás a cidade, e continuaram galopando em direção ao sul, para Fortun.

A distância de Toledo era de vários quilômetros, mas já podia divisar no horizonte a formosa propriedade. Adoain se fixou, à medida que se aproximavam, nos sólidos baluartes do castelo que se erguia para o céu azul como um guardião protetor. Cravou seus olhos de forma inquiridora nos parapeitos, nas torres e almenas. Fortun se erguia orgulhoso e magnífico, com a cortina de fundo das douradas paisagens toledanas. Cruzaram a ponte levadiça e pararam suas montarias no pátio de armas. Os cavalos estavam suados e ofegantes. Pedro Artáiz tirou o elmo para olhar com mais nitidez o interior da fortaleza, e acariciou a crina de seu garanhão para apaziguá-lo. Adoain embora não levantasse a viseira de seu elmo, percorreu com seus olhos o interior do pátio e às pessoas que os olhavam com estranheza.

Jimena Blasco foi para o pátio principal para receber à visita inesperada.

Olhou para os dois homens sobre suas montarias com muita atenção, avaliando de forma preventiva. O mais alto vestia armadura completa. O manto de seu cavalo era negro, como as espadas que cruzavam o estandarte familiar. O cavaleiro que o levava ajustou o estribo de seus arreios para ficar com a mão livre. Instantes depois, os cavaleiros desmontaram ao mesmo tempo. A corpulência de um deles lhe fez entrecerrar os olhos com certa cautela. Nenhum castelhano que conhecesse possuía essa altura e musculatura e, por um momento, lamentou que seu avô não se encontrasse em Fortun. Tinha sido reclamado junto a seu marido pelo rei Alfonso, para planejar novas estratégias de ataque para os almohades.

O ruído da armadura atraiu de novo sua atenção sobre a visita. Adoain levantou por fim a viseira de seu elmo, ao mesmo tempo em que entregava as rédeas de seus arreios a um cavaleiro.

Vários soldados vieram fazer uma fila de honra junto a sua senhora.

—Sejam bem-vindos a Fortun — disse Jimena Blasco com um tom firme.

Adoain e Pedro fizeram a reverência de cortesia antes de falar e apresentar-se.

—Meu nome é Adoain Estella, senhora. — A potente voz masculina conseguiu surpreendê-la, porque seu acento do norte era muito forte— Sou o conde de Bearin.

Jimena não conhecia Bearin, embora sentisse certa apreensão pela visita inesperada, mostrou a hospitalidade castelhana que requeria o momento.

—Meu marido, Gonzalo Díaz, não se encontra em Fortun, embora esperemos sua volta em breve.

Os olhos do Navarro se obscureceram durante um instante ao receber a nova.

—Venho para seu lar com um assunto urgente que devo tratar sem demora com dom Juan Blasco, conde de Fortun.

As costas da Jimena se esticaram. Seu avô não podia conhecer esses dois estranhos. Por que motivo necessitavam uma audiência com ele?

—Minha mãe, Luzia Blasco, é parenta do conde — esclareceu Adoain— Trago uma carta dela, e devo entrega-la pessoalmente.

Ela não conhecia todos seus parentes maternos, mas tinha escutado em uma ocasião, muitos anos atrás, que Luzia Blasco, a única filha viva de Manuel Blasco, irmão de seu avô, tinha sido raptada por um nobre do norte e vassalo do rei Sancho de Navarra, em um torneio oferecido pelo pai do rei Alfonso. Após, ninguém na família Blasco sabia o que tinha acontecido com ela, salvo por algumas cartas escritas e enviadas, de forma muito espaçada no tempo. Os pais e irmãos de Luzia tinham perecido fazia tempo; uns de enfermidade, outros na batalha de Alarcos, e a visita do filho de Luzia lhe enchia o coração de incógnitas.

—Meu avô se sentirá honrado com a sua visita. Mandarei um emissário a Toledo para lhe avisar da nova. Agora, por favor, me acompanhe ao salão para que possa servir um pouco de água para refrescarem-se e dar-lhes as boas-vindas.

Adoain fez uma inclinação de cabeça a modo de aceitação.

Embora os soldados se mantivessem alertas, a elucidação de parentesco com o conde tinha feito que tirassem as mãos do punho de suas espadas. Salvo um deles, que zelava as costas de sua senhora com o cenho franzido de precaução e sem desviar a vista dos desconhecidos. Adoain deduziu que devia tratar-se do capitão.

—Agradecemos a atenção, principalmente quando não informamos de nossa chegada.

—Os familiares são sempre bem-vindos em Fortun.

Os olhos de Adoain esquadriharam tudo o que contemplava com atenção. Pedro e ele seguiram à mulher quando fez um gesto com a mão. Durante o percurso, admiraram o chão de pedra que estava revestido por suaves e grossos tapetes.

Ao longo das paredes das diferentes salas que cruzaram, havia divãs com formosas tapeçarias, grandes e macios almofadões que convidavam ao repouso. Os frisos percorriam os diversos aposentos com artísticos ornamentos. À medida que percorria os corredores e as galerias, observara diferentes pátios com fontes. Adoain ignorava que Fortun tinha sido um palácio conquistado pelos muçulmanos no ano 932 pelo Abd ar-Rahman ibn Muhammad, um emir independente que decidiu esmagar a rebelião da cidade de Toledo depois de um assédio de dois anos, e a submeteu ao califado cordovês. A família Blasco foi arranca de seu lar, e a maioria foi executada pela espada do emir. Finalmente, quando Toledo foi recuperada por Alfonso VI no ano 1085, Fortun foi devolvida a seu legítimo dono. Mas, o tempo que esteve em poder muçulmano, o castelo sofreu modificações em grande parte, adaptado aos gostos árabes. As diversas fontes estavam alimentadas por um engenhoso sistema de tubos de água, o mesmo sistema que percorria os locais de banho e as hortas. Por isso tudo se via frutífero e fértil, apesar do intenso sol toledano.

Adoain centrou de novo sua atenção na senhora castelhana que os precedia.

Era um grande inconveniente que Juan Blasco não se encontrasse no castelo, mas Artáiz e ele podiam aproveitar o tempo para fazer indagações, familiarizar-se com o entorno e conhecer as debilidades defensivas do castelo. Tinham que estar preparados para tudo, e não pensava descartar nada.

A grande sala para o jantar foi uma descoberta.

Em Bearin se utilizava o mesmo aposento para as audiências e para as refeições da família e dos soldados, mas em Fortun, acontecia o contrário. Os nobres se alimentavam claramente diferenciados do resto das pessoas que viviam na fortificação. Adoain ignorava que pudesse haver tantos nobres em um mesmo lugar. Sendo o convidado de honra, seu lugar estava situado essa noite ao lado da senhora do castelo e do capitão de sua guarda, Quintín, que seguia com o olho atento sobre ele e sem abandonar a mão do punho de sua espada ao cinto. Mas Adoain ignorava que o guarda de Fortun sempre estava alerta pela proximidade com a fronteira almohade. Os soldados se mantinham em constante atenção e os turnos se dobraram depois da perda de Alarcos, a fronteira mais avançada do reino da Castilla.

As grandes mesas destinadas para o jantar, além de serem fixas, estavam adornadas com formosas toalhas de linho sobre os quais tinham colocado vasos com variadas flores frescas e brilhantes vela acesas. Vendo a riqueza de Fortun, pôde compreender melhor a magnitude de tudo que tinha renunciado sua mãe por um conde Navarro.

—Confio que os alimentos lhes agradem. —As palavras suaves de Jimena, chegaram entre brumas.

Estava absorto olhando e observando cada detalhe do luxuoso salão de banquetes. Sobre a mesa, muito perto dele, tinham depositado uma adaga afiada com formosas incrustações de gemas preciosas para que pudesse cortar a carne com facilidade.

Uma taça de prata lavrada, pesava sobre sua mão, a encheram de um vinho cheiroso, que o fez arquear uma sobrancelha, mas não bebeu dela. Os serventes encheram as terrinas com água perfumada com ervas que levavam em uma jarra, ao mesmo tempo em que ofereciam aos convidados um pano de linho para secar-se. Adoain se fixou no sal que continha uma elegante terrina na mesa principal. A senhora fez uma inclinação com a cabeça

para que começasse a distribuí-la entre os comensais. O sal era muito apreciado, e por esse motivo aceitou sua porção como se fosse o maná prometido.

Um desfile de bandejas começou a circular diante dele. A anfitriã escolhia com detalhe cada prato que tinha sido preparado em sua honra. O primeiro consistiu em uma sopa feita com nata de leite, gemas de ovos e miolos de pão. O segundo, um guisado de carne de cabeça de gado com frutos secos e especiarias que ele desconhecia. Entretanto, ficou assombrado quando viu a bandeja principal, um leitão assado e um frango crocante montado escarranchado como um cavaleiro equipado com um casco e uma lança. Também saboreou mais tarde um prato de diferentes carnes com gelatina. Queijos variados, peras cozidas em vinho tinto e especiarias e, por último, frutas cristalizadas e nozes.

Pedro, no outro extremo da mesa, tinha o olhar cravado em uma nobre castelhana de lábios finos e bochechas rosadas. Adoain ignorava se tinha desfrutado tanto dos mantimentos servidos como ele.

—Ficarão muito tempo em Fortun? — A suave voz de sua anfitriã lhe fez voltar à cabeça para ela.

Adoain admirou detalhes angulosos do rosto feminino. Observou com interesse os longos dedos quando agarraram a taça de vinho para levar aos lábios. Soube, por instinto, que realmente estava ante a filha do rei Sancho.

—Apenas o necessário, minha senhora — respondeu com um tom conciso que conseguiu desconcertá-la.

Jimena entreteceu seus bonitos olhos para esquadrinhar ao homem estrangeiro que estava sentado a seu lado. Era econômico com as palavras, mas ela, que tinha conhecido vários nobres do norte, sabia o pouco comunicativos que eram, e por esse motivo não se ofendeu pelo mutismo contínuo durante o jantar.

—Imagino que deseja reclamar as terras de sua mãe. —Adoain piscou várias vezes ante essa revelação inesperada.

Sua mãe tinha terras em Castilla? Como Navarro, nunca se importou com a ascendência de sua mãe, nem seus parentes e propriedades, mas não podia admiti-lo diante de sua anfitriã por temor a ofendê-la porque também era parente dela.

—Sempre que não seja um inconveniente para seu avô, ou para você — respondeu sinceramente.

Jimena meditou durante uns momentos sobre as palavras do Navarro, e quando ergueu o olhar para o rosto masculino, deteve suas pupilas durante um instante na feia cicatriz que sulcava seu pescoço. O gesto de desagrado incomodou Adoain embora já estava acostumado a isso.

As mulheres achavam a cicatriz repulsiva, e ele as usava sem se preocupar com esse detalhe; um justo intercâmbio recíproco.

—As terras de sua mãe, Luzia, são cuidadas por um sobrinho de meu avô, Francisco Sánchez. Presumo que não porá impedimento em retornar a seu legítimo dono.

Adoain se perguntou se o indivíduo em questão teria algum inconveniente a respeito, e soube por instinto que a resposta a sua pergunta era afirmativa.

—Ignoro onde se encontra a propriedade de minha mãe — disse com um matiz de desinteresse que fez franzir o cenho de Jimena.

Deixou sua taça de vinho sobre a mesa para chamar um servente. O criado, solícito, acatou a ordem de sua senhora imediatamente. Tinha chegado a hora para a atuação do bufão com seus jogos de malabarismo.

—As terras de sua mãe se encontram em Talavayra³ a uns vinte quilômetros de distância. Se o desejar, disporei um séquito para acompanhá-lo até ali. Poderia partir amanhã, na primeira hora.

Adoain se perguntou se acaso a dama estava tramando despedi-lo enviando-o longe. Vinte quilômetros era uma distância muito longa, e não duvidava de que a senhora de Fortun o queria longe, mas se perguntou o motivo para isso.

—Não será necessário, esperarei a chegada de seu avô antes de tomar uma decisão.

³ Atual Talavera da Rainha.

Jimena fez um gesto afirmativo com a cabeça antes de voltar seus olhos para a atuação que já tinha começado.

Não podia dormir a pesar do cansaço que o embargava.

O quarto que tinham destinado para ele era digno de um rei, e Adoain se sentiu extremamente agradecido pelo detalhe inesperado. O quarto de Pedro estava localizado no outro extremo do corredor, no mesmo piso, muito perto do capitão da guarda e dos soldados mais veteranos. Intuíu que os quartos dos donos estavam dispostos no primeiro piso, afastados dos criados e convidados inesperados. Os diversos aposentos para dormir estavam colocados ao redor de um grande pátio com cisterna, algumas fontes e árvores frutíferas como macieiras e pereiras. O jasmim crescia e subia pelos muros até alcançar a galeria superior, onde os brinços se enroscavam como serpentes nos pilares redondos, perfumando a seu passo cada aposento. Adoain inspirou profundamente enquanto massageava o pescoço e a nuca para aliviar a tensão que sentia pelos últimos acontecimentos. A porta de seu quarto estava aberta, para que o frescor do pátio penetrasse no aposento que tinha sido esquentado pelo sol do meio-dia. Observou o banco de pedra sob uma árvore frondosa, mas os tronco e ramos lhe pareceram muito feios. Ignorava que a árvore que chamou a sua atenção era uma figueira de frutos doces e suculentos, mas ele não tinha como saber.

Sentiu de repente a necessidade de sentar-se sob seu amparo e, uma vez que o fez, ergueu seu rosto ao céu anil que se via nessa noite cálida.

Em Fortun as estrelas não brilhavam como em Bearin, mas a noite navarra não se perfumava do aroma de jasmim e a lavanda que podia cheirar e ver de sua posição sentado. As flores em torno das fontes se mantinham quietas e o murmúrio singular da água ao golpear a pedra polida e escorregar até perder-se, recordaram-lhe os riachos de sua terra quando percorria pelos verdes vales.

Estava longe de casa, de tudo o que conhecia, e a ira que alimentava em seu interior seguia crescendo e fermentando a um ritmo alarmante.

De repente, um ruído inesperado o pôs alerta.

Sob as folhas grandes da figueira, sua altura e constituição ficavam ocultas na noite para outros olhos inquisidores que não fossem os seus próprios. Adoain seguiu com o olhar o suave tecido branco que se movia de forma oscilante a cada passo. Uma mulher atravessava o pátio com pressa, e levava na mão um cântaro de azeite, a forma de vestimenta feminina despertou sua curiosidade, levava uma túnica como única roupa. Tinha o cabelo e o rosto ocultos por um véu, e cruzava o pátio com passos medidos, sem fazer ruído. Depois dela, ouviu uns passos firmes de homem que sabe para onde se dirige. Adoain ficou quieto esperando que não o descobrissem. O perseguidor conseguiu alcançá-la e a segurou pelo braço. Ela deteve seus passos e se voltou para o homem fazendo um gesto negativo com a cabeça, ao mesmo tempo em que depositava um dedo feminino na boca masculina para silenciar um possível protesto.

Adoain acreditou que estava sendo testemunha de um encontro entre amantes e amaldiçoou baixo, porque não gostava absolutamente de ser testemunha involuntária de um escarcéu amoroso. A mulher voltou seu rosto para a espessura do tronco frutífero, sem saber o que procurava. Ergueu o cântaro, observando a escuridão e tentando espiar ali onde o brilho da lua não conseguia iluminar e, entrecerrou seus olhos para ver melhor, mas desistiu de sua tentativa. Adoain tinha contido a respiração quando o rosto feminino cravou nele, mas sem vê-lo, e o fino véu se agitava ao ritmo de sua respiração. Chegou a perceber a voz masculina que falava em voz muito baixa e, ao fixar seus olhos na espada que levava ao cinto, percebeu que era sarracena, embora as roupas que vestia eram as de um cavalheiro castelhano graduado.

A mulher murmurou algo ao seu ouvido e o homem esquadrinhou no pátio tentando visualizar na escuridão, mas fez um gesto negativo com a cabeça. Um instante depois, arrancou a presilha que mantinha sujeito o véu do rosto feminino em um ato muito brusco, como se não suportasse que ela tivesse o rosto coberto. A mulher voltou o rosto de improviso e o véu caiu no chão do pátio sem que nenhum dos dois desse importância. Ela roçou a bochecha masculina e lhe sorria de uma forma que nunca tinha visto, e esse detalhe conseguiu desarmá-lo porque o sorriso era extremamente afetuoso e estava cheia de empatia.

Nunca um sorriso feminino o afetou de tal maneira. Agora podia ver melhor o contorno do rosto graças ao lampião de azeite que o homem ergueu para a mulher, como se tentasse gravar em sua mente os detalhes suaves e os grossos lábios que floresciam em um gesto absolutamente especial e diferente. Finalmente, os amantes deixaram de sussurrar e retomaram seus passos para o lugar que se dirigiam: o outro extremo do pátio.

Adoain, passados uns momentos, decidiu retornar a seus aposentos para tentar recuperar o sono que lhe escapava desde que recebeu a notícia da morte de seu pai. Não tinha conseguido dormir uma noite completa. Um contínuo desejo de vingança era a única coisa que podia aspirar até que sua mão vingasse a ofensa recebida. Só assim a alma de seu pai e a sua própria poderiam descansar em paz.

Seus passos chegaram ao lugar onde estava caído o lenço. Inclinou-se para alcançá-lo com a mão e comprovou que o tecido era muito mais fino do que tinha imaginado. Sem ser consciente, aproximou-o do nariz para aspirar seu aroma. O suave perfume impregnou suas fossas nasais e lhe produziu um prazer inusitado. Não recordava ter cheirado algo tão delicado e sublime.

Em um ato impulsivo e completamente alheio a ele, decidiu guardar o lenço sob sua manga e caminhou de volta ao quarto, perguntando o nome de sua proprietária e o de seu estranho companheiro.

Capítulo 5

Quintín parou os passos de Dulce, que se dirigia para a parte superior do castelo com os braços cheios de roupa infantil. Os olhos brilhantes dela o olharam com curiosidade e certa aspereza.

—Não pode voltar a repetir — disse o capitão.

Ela desceu o olhar, sobressaltada. Estava convencida de que ninguém em Fortun foi testemunha do encontro.

—Minha senhora se zangará muitíssimo se descobrir.

Dulce inspirou profundamente antes de responder.

—Partiu ao despontar da alvorada — respondeu. O tom da mulher era seco e, por esse motivo, Quintín ergueu uma sobrancelha ao escutá-la— Eu mesma o acompanhei ao portão.

—Na próxima ocasião terá que vir de dia. As portas de Fortun não voltarão a abrir de noite para ninguém — informou.

Dulce mordeu o lábio, de forma pensativa pensando nas palavras antes das dizer.

—Trazia notícias não muito boas para mim, e estou imensamente agradecida por arriscar sua vida para entregá-las, embora lamento que para isso o tenha envolvido para que as pudesse ter. Mas lhe dou minha palavra de que não se repetirá.

Quintín duvidou acreditar.

Foi um risco desnecessário, mas a senhorita Álvarez lhe pediu um favor que não podia negar. Traziam-lhe uma mensagem urgente de um familiar em apuros.

—Me causa pena a má notícia — conciliou Quintín.

O capitão não podia imaginar a enorme tragédia que se abatia sobre a vida de Dulce Álvarez.

—Mas a segurança de Fortun é minha máxima preocupação, agora e sempre.

—Obrigado por sua ajuda, sempre sou grata ao recebê-la quando não se espera.

Dulce não esperou uma resposta por sua parte.

Fez uma ligeira inclinação com a cabeça e se separou do corpo musculoso que obstruía o seu passo para as dependências superiores. Subiu os degraus com cuidado para não perder nenhum dos objetos que levava entre os braços enquanto riscava planos apressados em vista das circunstâncias.

Tinha que ajudar uma pessoa que amava tanto ou mais que a si mesma, mas não sabia como fazer. Pensava pedir ajuda a dona Jimena, mas não estava convencida de que pudesse compreender o motivo que a induzia a romper várias regras estabelecidas.

Dulce pensou em seu irmão Miguel e em quão fácil seria tudo se ele não tivesse mudado tanto depois da morte de seu pai na batalha de Alarcos. Mas a guerra inimizava inclusive os familiares, e ela não sabia como confrontar o rechaço que percebia nos olhos de seu irmão cada vez que mencionava seus queridos amigos.

Tinha muitos assuntos para resolver e tinha que agir imediatamente.

Jimena se sentia extremamente incômoda com a visita. Os dois estrangeiros pareciam fantasmas silenciosos que se mostravam. Tinha mandado um emissário a Toledo com uma mensagem para seu avô e outro para seu marido, mas a resposta que recebeu a deixou muito nervosa. Sentia-se impaciente e desorientada. Acreditava que o rei lhes daria um tempo a mais, antes que partissem para uma nova batalha, para ganhar o terreno conquistado pelos almohades. Luis e Esteban, ambos barões e vassallos de seu avô, partiram na noite anterior para Burgos, reclamados pela rainha Leonor, que apenas se deixava levar por Toledo. Olhou com olhos atentos as dependências de seu primogênito; o pequeno se encontrava recebendo suas lições sobre cavalaria e por esse motivo esperava a sua instrutora para dar novas indicações.

Uma criada abriu a porta de madeira que fechava o quarto do corredor, e Dulce Álvarez cruzou a soleira com os braços cheios de roupa infantil. Quando percebeu de que Jimena a esperava, depositou os objetos sobre o leito e se voltou completamente para ela.

—Senhora Blasco — a saudou com um sorriso—, espero que não tenha esperado muito tempo por mim.

Jimena fez um movimento negativo com a cabeça.

—Não, mas tinha urgência para falar e por esse motivo decidi esperá-la no quarto de meu filho.

Dulce piscou confusa. A senhora de Fortun se via extremamente incômoda.

—Me dei conta de que não estava no salão durante o jantar. Sentirei-me muito zangada se meu filho teve algo a ver com sua ausência.

—Senhora, perdi minha rainha em apenas três movimentos. —Jimena sabia o quanto seu filho gostava de jogar *shatranj*⁴, no mesmo momento que a senhorita Álvarez lhe mostrou como mover as peças, embora ignorava quem a tinha ensinado jogar de forma tão direita — Juan se mostra desumano no ataque.

—Meu pequeno está acostumado a ser muito autoritário em algumas ocasiões — reconheceu Jimena.

Dulce ampliou o sorriso. «Autoritário» era uma palavra que ficava muito vaga para definir o caráter avassalador do pequeno Juan Blasco.

—As próximas duas noites, terei que jantar com ele em seus aposentos já que perdi a aposta que me lançou.

—Falarei então com ele — ofereceu Jimena, mas Dulce negou de forma efusiva com a cabeça.

—Sou uma mulher de honra, minha senhora; não poderia voltar com a minha palavra.

—Como deseja — aceitou ao fim. Jimena calou um momento— Devo me ausentar em uns dias, porque devo acompanhar um familiar a Talaveyra — disse. Dulce seguia calada, escutando com atenção— Ficaria muito grata que se ocupasse de atender Fortun em minha ausência. Como a dama de maior nobreza, sentará em meu lugar e atenderá ao resto dos convidados até minha volta.

Dulce entrecerrou os olhos. Era uma honra que Jimena Blasco tivesse pensado nela.

—Senhora, seu avô e marido seguirão ausentes por tempo indefinido?

⁴ Xadrez. Ao-Aldli compôs o primeiro manual de xadrez. Era o jogador mais hábil durante o califado do-Wathiq.

Escutou perfeitamente seu suspiro resignado, por isso Jimena Blasco demorou uns instantes em lhe responder.

—Meu avô e Gonzalo retornaram ao reino de Leão na noite de ontem como emissários do rei Alfonso. Devem tratar um assunto com o primo do rei.

Dulce meditou as palavras da senhora. Da vitória na batalha das Navas de Tolosa, o rei castelhano confiava em reconquistar as terras que tinha perdido em batalhas com os almohades e, agora que tinha boas relações com o resto do reino cristão, queria aproveitar a vantagem e a fortaleza que tal união conferia.

—Embora ignore o momento de partir, desejava fazer-lhe saber com prontidão, para que, chegado o momento, esteja preparada.

—Farei quanto estiver em minha mão para atender sua casa como se fosse a minha.

Jimena Blasco lhe mostrou um meio sorriso.

—Estou convencida disso, senhorita Álvarez. E agora me permita cuidar das roupas de meu filho, não precisa perder o seu tempo com elas.

Dulce abriu a boca mas voltou a fechar. A encantava ocupar-se dos objetos do pequeno. A fazia sentir-se útil e necessária, e esse era um sentimento muito valorizado em sua escala emocional.

—Temos criadas que se ocupam disso — recriminou Jimena com voz melosa, mas com olhos sérios.

—Ajuda-me a me manter ocupada enquanto o menino recebe suas aulas de montaria e treinos — respondeu Dulce com suavidade.

Jimena Blasco a esquadrinhou com atenção.

Sua postura erguida, sua forma de erguer o queixo sem se dar conta, recordava um felino independente. Era uma dama dos pés à cabeça, e lhe desgostava vê-la fazendo trabalhos de criada. Sua odisseia para trazê-la a Fortun da corte de Burgos foi titânica, mas conhecia sua família desde sua infância, embora Dulce não a recordasse, sabia que era uma pessoa idônea para instruir o pequeno Juan. Gonzalo tinha protestado e mostrado sua opinião de uma forma contundente, mas seu avô deu o seu apoio e Gonzalo terminou cedendo a suas

pretensões. Seu filho Juan Blasco aprenderia hebreu e árabe, além dos costumes muçulmanos.

—Inês se ocupará da roupa de Juan e da sua — informou.

Dulce entendia quando era necessário retirar-se. Se a senhora de Fortun não queria que se ocupasse desses assuntos, assim seria.

—E se desejar, pode usar o tempo de ócio para cavalgar. Seu pai mencionou uma vez que cavalgava muito bem e que desfrutava com isso.

—Será um prazer, dona Jimena.

Jimena sorriu e com a mão indicou que a acompanhasse. Dulce o fez solícita. Ter o pequeno Juan sob sua tutela lhe reportava uma enorme satisfação. Era muito feliz em Fortun e esperava que essa circunstância não mudasse com o tempo, embora as notícias recebidas de seu irmão Miguel Álvarez lhe oprimissem o coração como se estivesse aprisionada por uma manopla de ferro.

A senhora de Fortun a dirigiu para as dependências dos serventes e a apresentou a todo o pessoal. Informando-lhes que a senhorita Álvarez se ocuparia de atender aos assuntos domésticos e que esperava uma boa resposta por parte de todos. Quando o conjunto de criados esteve informado, Jimena lhe apresentou o tabelião de seu avô. Dulce sabia que unicamente os reis e nobres mais influentes podiam ter a ajuda inestimável de um tabelião. O rei Alfonso contava com um deles, e tinha feito um excelente trabalho na economia devastada do reino de Castilla pelas guerras contínuas com os almohades.

Quando terminaram as apresentações e as últimas recomendações, Jimena Blasco a despediu e Dulce se dirigiu com prontidão para as dependências do pequeno. Tinha chegado a hora das lições.

Em sua pressa para chegar ao piso superior não foi suficientemente precavida em prestar atenção por onde ia. Ao virar em um dos corredores para alcançar a escada, ia tão distraída que tropeçou com um muro ou isso ao menos pareceu.

—Minha senhora...

Dulce piscou ao sentir-se golpeada. Os joelhos se dobraram devido ao impacto inesperado, e a cabeça bateu contra um peito duro. O homem que a sustentava pelos cotovelos sorria com uma desculpa. Era estrangeiro, mas não teve tempo de responder por que ficou muda. Era o homem mais corpulento que já tinha visto. Tinha o cabelo comprido e negro preso com um laço de couro. A barba cerrada cobria uma grande parte de seu rosto. Seus lábios eram finos e seus olhos de um cinza brilhante, olhavam-na com supremo interesse. Dulce se deu conta de que a sua cabeça estava para trás, para poder abranger a totalidade do rosto masculino. Tentou dar um par de passos para se separar do corpo robusto e ter uma melhor visão, mas o forasteiro a seguia segurando-a pelos cotovelos.

Pedro se deu conta muito tarde de que não se desculpou, por esse motivo corrigiu seu engano imediatamente.

—Meu nome é Pedro Artáiz e vos rogo que me desculpe. Não pretendia lhe fazer dano.

A mulher o olhou com interesse ao escutá-lo.

—Senhor Artáiz... — começou, mas imediatamente se calou. Sua língua não ordenava as sílabas para formular as palavras— Caminhava distraída, me desculpe você.

—Espero que não esteja machucada.

Dulce fez mais uma tentativa de soltar-se, e o homem foi consciente de que continuava prendendo-a pelos braços. Soltou-a com celeridade.

—Obrigado por sua preocupação — disse com voz serena—, mas me encontro perfeitamente bem.

Pedro entrecerrou seus olhos e lhe mostrou a ameaça de um sorriso.

Fez um gesto com a cabeça a modo de despedida e continuou seu caminho para o piso superior.

Capítulo 6

Essa noite durante o jantar, Adoain percebeu que Pedro comia distraído. Cravava seus olhos inquisidores entre as damas da anfitriã como se procurasse alguém em particular, e se perguntou quem entre elas tinha chamado sua atenção. Cortou um pedaço de carne saborosa com a preciosa adaga que lhe tinham obsequiado na primeira noite de sua chegada, e a ofereceu à senhora do castelo que a aceitou com cortesia. Quintín estava sentado à direita de Pedro na mesa dos soldados de maior graduação. Tudo discorria com absoluta normalidade, salvo sua ira, que seguia crescendo a grande passo, ao encontrar-se sem poder fazer nada até a volta de dom Juan Blasco.

Mas tinha feito várias indagações entre os soldados e obteve respostas bastante satisfatórias. A família Álvarez era muito conhecida e admirada em Fortun. Até seus ouvidos chegaram às valorosas façanhas do paladino do rei Alfonso de Castilla, de seus contínuos triunfos na batalha e das numerosas mortes causadas por sua espada. Quando mencionavam o nome do guerreiro, recebia toda a informação que pôde sobre ele, mas salvo seus valorosos triunfos, não obteve nada mais.

Quando indicaram onde se encontrava o condado de Arienza e que se encontrava a apenas dois dias de distância a cavalo, Adoain soube que sua vingança estava muito próxima.

A tranquilidade do banquete se interrompeu durante uns momentos pela entrada de um mensageiro que se dirigiu diretamente para o lugar onde estava sentado Quintín, o capitão da guarda. Sussurrou-lhe algo ao ouvido e este se levantou disposto para dirigir-se para o lugar de honra que ocupava a senhora de Fortun.

—Me desculpe minha senhora, mas devo atender uma visita inesperada. Um mensageiro do rei Alfonso que me traz os últimos movimentos dos almohades, mas não se preocupe, pois trarei a nova logo que despache o mensageiro.

Jimena fez uma afirmação com a cabeça.

—Necessita-me? —perguntou intrigada.

—Não minha senhora, não interrompa o banquete; retornarei logo.

Quintín desapareceu pelo grande salão e os comensais continuaram de novo com o jantar.

—Espero que seja boas notícias — disse Adoain de repente.

Jimena Blasco olhou ao Navarro que estava sentado a seu lado.

—Frequentemente o rei Alfonso envia mensagens a meu capitão sobre as precauções que deve tomar com respeito à Fortun.

—Encontramo-nos perto da fronteira, senhora?

—Muito — respondeu — Alarcos está a poucas léguas daqui, e dom Alfonso teme que soframos o mesmo destino se não estivermos suficientemente preparados.

Adoain sabia que a fortaleza de Alarcos fora derrotada anos atrás e que agora se encontrava em poder dos almohades. Em cada vitória, conseguiam penetrar mais em Castilla e ansiavam chegar até seu coração: Toledo. Entretanto, as contínuas derrotas em ambos os lados, não conseguiam desanimar nem ao caudilho almohade, nem ao rei castelhano.

Outra interrupção, mas nesta, muito mais discreta, fez que o coração de Adoain se alterasse. Uma mulher apareceu do nada e sussurrou algo a sua anfitriã que a fez levantar-se de seu assento imediatamente. Adoain não pôde ver o rosto da mulher embora o tenha tentado, já que o corpo da senhora Blasco o tampava quase por completo. Mas seu aroma voltou a lhe impregnar as fossas nasais e soube que se tratava da proprietária do lenço que ele tinha recolhido no pátio. Todo seu corpo ficou em alerta.

—Me desculpe senhor Estella, devo me ausentar durante alguns momentos; um assunto familiar requer minha atenção imediata.

Adoain fez um gesto afirmativo e ficou pensativo por um momento. Observou as duas mulheres que partiam com passos apressados e decidiu as seguir com certa distância.

Suas pupilas estavam cravadas nas costas da mulher que tinha chamado poderosamente sua atenção. Observou sua forma particular de andar; movia-se com uma graça natural e muito feminina. Suas roupas pareciam singelas, como as de uma criada, mas a forma de dirigir-se para a senhora Blasco lhe indicou que se tratava uma dama de alta

nobreza, ou uma senhora muçulmana que tinha alcançado privilégios entre os cristãos. Adoain estava cada vez mais interessado na misteriosa mulher. Quando as contemplou perder-se no corredor superior, decidiu retornar. Suas pesquisas sobre onde estavam localizadas as dependências femininas foram concluídas. Já sabia onde encontrá-la, e por certo pensava ter um encontro com ela muito em breve.

Quando retornou ao salão, seus olhos voaram até Pedro, que tinha um brilho estranho no olhar. Rompendo toda a norma de protocolo por ausentar-se da mesa durante tanto tempo, caminhou para o lugar que estava sentado seu amigo. Ocupou o assento que tinha deixado livre Quintín, o capitão da guarda.

—É estranha à ausência da senhora — disse Pedro. O resto dos comensais não podiam compreender as palavras que compartilhavam ambos os amigos em voz baixa— Viu à dama? —perguntou Pedro. Adoain dirigiu seu olhar para a porta de entrada como se esperasse vê-la aparecer de novo.

—Uma dama muito esquiva — respondeu de forma pensativa.

—Ignoro quem é — confessou Pedro—, mas estou completamente resolvido a descobrir. Desejo voltar a ver seu olhar de ouro líquido. Acredito que me cativou.

Adoain ergueu uma sobrancelha negra de forma cética. Pedro era um homem pouco dado a utilizar palavras inúteis e a mostrar emoções superficiais. Sua esposa morreu fazia vários anos e seu filho Carlos, já um adolescente, era criado com a família materna, muito longe do pai.

Ele não podia entender o motivo que Pedro tinha concordado em separar-se de seu único filho, embora não pensava perguntar, porque o respeitava muito.

—Apenas a viu durante um instante e se declara cativo de seus encantos? —perguntou com inusitada surpresa porque ele sentia exatamente o mesmo que Pedro, salvo que não o admitiu— Meu amigo, o vinho castelhano deve ser mais forte do que pensa e nublou o seu julgamento.

Pedro sorriu pela resposta de seu jovem conde.

—Tropecei com a mulher esta manhã e, para que não caísse ao chão, a segurei em meus braços durante uns efêmeros momentos, que conseguiram despertar minha curiosidade. Nunca contemplei um rosto mais harmonioso, nenhuma figura mais provocante.

Adoain olhou para Pedro como se tivesse sofrido uma insolação produzida pelo sol toledano. Ambos se sentiam intrigados pela mesma mulher.

—Faria um favor a este velho amigo? —perguntou Pedro.

Adoain afirmou com a cabeça enquanto meditava sobre as palavras que havia dito. Pedro não era velho absolutamente. Era robusto e forte, valente e decidido. A diferença de idade entre eles não tinha importância, e Adoain confiava muito em seu critério.

—Pergunte à senhora de Fortun o nome da moça e onde posso voltar a me encontrar com ela.

—A dama se esconde de você? —inquiriu Adoain com tom incrédulo.

Pedro tomou as palavras de seu senhor com equanimidade.

—Nos dias que estamos aqui, não a vi com o resto das senhoras castelhanas e esse detalhe faz que me pergunte o motivo de sua ausência nos diferentes almoços e jantares.

Adoain decidiu trocar de conversa. Não gostava de escutar o interesse que tinha despertado a mulher misteriosa em seu amigo, e retornou ao motivo que estavam em Fortun: o homem que tinha matado a seu pai e que ainda não pode enfrentar.

—Descobri o lugar onde mora Miguel Álvarez. —Os olhos de Pedro se obscureceram durante um instante— E me informaram que é o defensor do rei de Castilla, seu paladino.

Pedro meditou sobre a informação que Adoain trouxe, um paladino?

—Isso pode significar um inconveniente para nossas intenções — disse Pedro com voz fraca— O rei dom Alfonso pode tomar represálias se receber a morte que merece. —Adoain já tinha pensado nessa possibilidade, mas não lhe importava muito— Poderia expor sua demanda ante o soberano e pedir uma reparação pela ofensa cometida contra sua família.

—Reparação? —Adoain não sabia a que se referia Pedro com essa palavra.

—Um combate à morte para defender sua honra. Se o rei aceitasse, não haveria represálias depois pela morte justa do assassino de seu pai.

—Não me importam as possíveis represálias — alegou Adoain com voz seca.

—Se pronuncia assim porque não pensastes em sua mãe, e as repercussões que poderia ter para ela e seus familiares.

O que tentava dizer Pedro? Pensou Adoain para si mesmo.

—A ira de dom Alfonso não chegaria a Navarra — replicou convencido.

Pedro refletiu uns segundos a resposta que ia oferecer ao seu conde, mas Adoain não o permitiu. O conde não desejava um combate à morte com testemunhas; queria cobrar uma vingança sem mais espectadores, apenas ele e Miguel Álvarez.

—Jurei matá-lo — respondeu voltando seu rosto para o lugar preferencial onde estivera sentado antes.

A senhora de Fortun acabava de entrar de novo na sala. Os criados tinham retirado os pratos que não utilizaram e ele decidiu retornar para ocupar de novo seu lugar correspondente.

Jimena Blasco contemplou que o estrangeiro não estava sentado na mesa. Buscou-o com os olhos até que topou com os seus. Caminhava diretamente para ela com rosto sério. Perguntou-se o motivo para que todos os dias se mostrasse sempre tão áspero e tão pouco comunicativo.

—Me desculpe, precisava perguntar a meu capitão Artáiz se desfrutava do jantar.

Jimena Blasco mostrou um meio sorriso e aceitou que a ajudasse a sentar-se de novo. O silêncio se instalou entre eles até que chegaram as sobremesas, e então Adoain recordou a promessa feita a Pedro, de inquirir sobre a dama que tinha chamado sua atenção com antecedência.

—Tenho que lhes pedir uma indulgência — disse de repente.

Jimena o olhou com renovado interesse.

—Me digam então. Se estiver em minha mão, com gosto o agradarei — respondeu solícita.

—Meu amigo deseja saber sobre o bem-estar de uma dama misteriosa, que quase deixa inconsciente esta mesma manhã aos pés das escadas da torre norte. Pelo visto, teve o desatino de tropeçar com ele.

—Dama? — perguntou.

Adoain fez um gesto afirmativo.

—A senhora que não compartilhou as refeições no salão os últimos dias.

Jimena piscou surpresa. A única dama que não tinha compartilhado o jantar no salão era... Se referia a Dulce? E então recordou a breve visita que ela tinha feito à sala para informar do resfriado de seu filho. A febre tinha aumentado e, embora não estivesse preocupada, tinha decidido dar um discreto aviso. A senhorita Álvarez não só se ocupava de instruir a seu primogênito, também jogava com ele e o cuidava pelas noites. Era de uma inestimável ajuda agora que Gonzalo não se encontrava em Fortun.

—Se refere à Dulce? —perguntou com estranheza, e a expressão de Adoain era um tanto confusa.

Jimena se deu conta de que ele não conhecia a dama em questão, e voltou seus olhos para o outro convidado Navarro que a olhava com olhos penetrantes e com um brilho de interesse que conseguiu incomodá-la sem poder precisar o motivo.

Dulce era muito preciosa para ela.

—Ignoro se esse é o nome da dama — respondeu conciso.

O sorriso da Jimena se ampliou.

—Transmitirei seu interesse por seu bem-estar — disse com tom suave, como se tentasse conter a risada.

Os olhos do Adoain se entrecerraram.

—Não confunda à dama, senhora; o interesse é unicamente de meu amigo. Eu me limitei a transmitir suas palavras.

A voz do Navarro adquiriu um fio cortante.

—Desculpe meu descuido — disse tentando acalmá-lo— não pretendia ofender com minhas ligeiras palavras. Simplesmente é curioso o interesse que mostrastes por uma completa desconhecida.

Os olhos de Adoain pareciam um céu escurecido por uma tormenta iminente.

—Reitero que o interesse suscitado é de meu amigo e não meu.

Jimena se sentia intimidada pelo olhar do Navarro. Contemplou com certo estupor a imensa cólera que transbordava a íris de seus olhos azuis e que não se incomodou em ocultar. Mesmo assim, perguntou-se que lembrança teria avivado sua irritação até esse extremo.

—Cuide de sua próxima interpretação, senhora.

Estava-a ameaçando? Em seu próprio salão? Disse atônita, embora parecia certo, era difícil de acreditar.

—Escolha com cuidado as palavras, senhor. Esquece que está em meu lar, e não recebo ameaças de convidados, embora sejam familiares longínquos.

Adoain percebeu o movimento em falso que tinha dado. Sua cólera para as mulheres tinha provocado uma saída de tom que podia ser prejudicial, ficou muito incomodado, que associasse o interesse de Artáiz com o dele próprio, não tinha medido a resposta.

—Peço desculpas, não estou acostumado a medir minhas palavras. Sou um senhor Navarro.

«É isso uma desculpa?», perguntou-se Jimena, mas decidiu deixar o assunto por finalizado.

Ignorava o que tinha acontecido no passado para mostrar tal desprezo para as pessoas, sobre tudo se eram do sexo feminino.

Com uma palmada, autorizou o entretenimento dessa noite em particular: versos cantados pelo melhor trovador de Toledo.

Mas a mente de Adoain estava em outra parte e não no salão de Fortun. Estava nas mulheres que desprezava, porque se vendiam como prostitutas ao melhor pagador. Eram indignas de confiança e se alegrava enormemente de não ter caído nas armadilhas da

miragem amorosa, nem da loucura estúpida que engolia os homens em uma espiral de decepções e fracassos. Durante um instante evocou o enorme amor que professavam seus pais, mas algo assim era completamente insólito e acontecia poucas vezes na vida. Nenhuma mulher podia igualar a sua mãe, nem ele tinha o caráter paciente de seu pai. As mulheres que conheceu ao longo de sua vida, só serviam para seu alívio físico, quando o corpo o pedia, nada mais.

Embora fosse consciente de que algum dia teria que casar-se para dar um herdeiro a Bearin, casaria com uma mulher que não lhe desse dor de cabeça. Teria que dar total obediência, ser moderada e educada desde a infância, para servir a seu senhor sem emitir um protesto. Até então, manteria-se afastado das serpentes venenosas que se disfarçavam com trajes femininos.

Capítulo 7

Os dias que sucederam em Fortun, pareciam de uma inutilidade frustrante. Aproveitava o tempo para ter algo em suas pesquisas para descobrir mais detalhes proveitosos sobre a família Álvarez e suas propriedades. Adoain tinha refletido muito sobre a sugestão de Pedro, de pedir ao rei castelhano uma reparação pela ofensa perpetrada contra sua casa. Entretanto, fazê-lo equivalia a esperar sem saber muito bem até quando. Além disso, desconhecia as alegações que poderia oferecer dom Miguel Álvarez para justificar o assassinato de seu pai e decidiu que não desejava averiguar. Dois dias atrás tinha feito uma incursão na última hora da tarde para entrar nos domínios de Arienza, mas a atitude reservada da senhora Blasco com respeito a suas saídas, o fez retornar brevemente. Quão último pretendia era desgostar à senhora ainda mais e alimentar a desconfiança que via em seus olhos.

Mas não avançava, encontrava-se na mesma encruzilhada de sua chegada a Castilla e sua impaciência seguia aumentando a um ritmo vertiginoso. O tempo para retornar a Navarra com o pequeno Juan se esgotava e, embora não conseguiu descobrir onde estava enterrado seu pai Enrique, já tinha decidido o modo de tirar o menino de Fortun, para levá-lo ao seu avô, o rei Sancho, sem levantar suspeitas até que fosse muito tarde.

Adoain tinha os braços cruzados sobre o peito e um olhar penetrante no rosto. Contemplava um dos jardins do castelo do interior do átrio. A cada duas arcadas havia um banco de pedra que convidava ao repouso, mas ele se mantinha de pé com um humor negro corrosivo, de repente um aroma conhecido assaltou seus sentidos deixando-o confuso. Procurou com seus olhos o lugar de onde provinha e se deu conta de que uma moça estava em um dos bancos do jardim que escapou de seu olhar momentos antes. Estava de costas, mas observou que movia a cabeça em uma direção e inclinava o rosto para algo ou alguém. Uma coluna tampava parte da visão, mas quando a mulher se moveu, o aroma ficou mais

penetrante, tratava-se do mesmo perfume que ele não conseguia identificar. Escutou uma voz infantil e a seguir uma gargalhada feminina. Ignorava por quanto estavam sentados no banco, mas da sua posição era impossível vê-los com nitidez, embora agora que se movia era fácil segui-los e contemplar o que faziam. Uma risada de menino o fez arquear uma sobrancelha, porque até esse momento não tinha tido a oportunidade de ver o neto do rei Sancho. Mas por instinto soube que era o pequeno, que começou a correr em direção à fonte, embora tivesse que ter certeza.

Decidiu avançar os três passos necessários para cruzar o corredor até o jardim e, ao fazê-lo, seu movimento rápido, alertou à mulher, que virou para ele sem que o sorriso abandonasse seus lábios. Ao vê-la de frente, com os raios do sol iluminando-a, notou como encolhia seu estômago, uma sensação dolorosa, como se tivesse recebido um golpe inesperado. Olhou-a profundamente, sem piscar durante um bom tempo. Adoain sentiu que o seu coração palpitava nas têmporas, a respiração ficou agitada e as palmas de sua mão ficaram suadas. Queria avançar, mas era como se o tivessem prendido às pedras do pátio. Era incapaz de coordenar os movimentos e notou, com um nervosismo crescente e estranho no peito, que a saliva de sua garganta se tornava espessa e ácida pela expectativa.

Era a mulher mais formosa do mundo e seu sorriso, com esse gesto de curvar brandamente a boca de forma espontânea e prazerosa, provocou-lhe um espasmo nas vísceras que o deixou aturdido e enjoado.

Ficou completamente imóvel e incapaz de reagir.

«Olhará uma só vez, e compreenderá que é a mulher de sua vida. Faltará a sua respiração. Tremerão os joelhos. Não poderá afastar os olhos dela. E a partir desse momento, não poderá controlar o desejo que lhes inspirará.» As palavras de seu pai voltaram a sua memória de repente. Era exatamente o que estava sentindo nesse preciso momento: asfixia, tremores e uma sacudida nas vísceras que nunca aconteceu em sua vida.

Dulce olhou o homem que apareceu do nada e afogou um gemido de prazer ao cravar suas pupilas naquele homem, que adotou um brilho incandescente de interesse carnal. Admirou sua alta estatura, seu cabelo castanho e os olhos de um azul tão profundo que

pareciam um pedaço do céu ao anoitecer. Os pêlos de seu corpo se arrepiaram, enquanto seguia observando-o e um comichão na base do estômago a fez respirar de forma entrecortada. *O que acontecia?* Perguntou-se alarmada, mas sem afastar os olhos da imponente e tremendamente avassaladora visão masculina. Observou que as suas roupas eram de uma malha grossa. Levava uma camisa em um tom amarelo claro e, sobre ela, uma capa de lã entreaberta, de uma cor verde muito chamativa. Um bonito broche com uma esmeralda segurava ambos os lados da capa. Era o homem mais atraente de já tinha visto. E a olhava de uma forma que em vez de intimidá-la, fazia arder o sangue em veias.

—Dulce...! —protestou o menino que não conseguia ter a atenção dela— Está bem? —perguntou o pequeno Juan, assustado ao vê-la tão quieta.

Dulce reagiu por fim.

Desviou os olhos da presença do homem e do pequeno, embora lhe custasse um verdadeiro esforço.

—Me distraí — disse como pôde, em um tom que soou grave. Felizmente, o menino era muito pequeno para compreender o sobressalto que a embargava.

Menino e mulher escutaram de novo os passos que se dirigiam para eles.

—Desculpe-me, senhora...

A rouca, mas sensual voz lhe fez fechar os olhos durante um segundo para tratar de controlar o estremecimento que a percorreu dos pés a cabeça.

Estava se comportando como uma qualquer, mas não podia evitar. O corpo inteiro formigava devido à expectativa.

—Seu nome é Dulce — respondeu o menino com voz solene.

Os olhos de Adoain relampejaram ao escutar o nome na boca do menino.

—Dulce... — repetiu com voz açucarada, saboreando cada sílaba.

Olhou as mãos femininas que apertavam um livro até o ponto de deixar nódulos brancos.

—Quem é? —inquiriu o pequeno cheio de interesse.

Adoain deixou de olhar Dulce para cravar seus olhos no menino, que o olhava admirado.

E continuando, o menino começou uma enxurrada de perguntas dirigidas ao desconhecido. Ela conseguiu suspirar com um profundo alívio. A atenção do homem já não estava centrada nela, mas em Juan, que tentava responder a inundação de perguntas sobre a espada e o broche que tinha chamado a sua atenção. Dulce pôde centrar-se de novo, retomar o controle de sua respiração e tratar de acalmar o nervosismo que a embargava.

—É uma falta de cortesia — começou Adoain quando o menino fez uma pausa em suas perguntas— perguntar sem tomar fôlego quando há uma dama presente. —Juan piscou pela surpresa, mas se recuperou imediatamente.

—Mas se a dona Dulce não me...! —Dulce não o permitiu continuar.

—Senhor Blasco, por favor! É um desatino interromper quando nos explicam algo importante. —Juan entrecerrou os olhos, mas silenciou seu protesto.

—Tinha grande interesse em lhes conhecer.

Dulce se perguntou se essas palavras foram dirigidas a ela ou ao pequeno.

—Por que, senhor? —perguntou Juan, e a surpresa tingiu seus olhos de um suave brilho de prazer— Conhece meu pai ou a meu avô? —Adoain negou com a cabeça.

A desilusão no rosto do pequeno foi muito significativa.

—Embora espere fazê-lo muito em breve.

—Está aqui por ele? — De novo voltou a negar.

—Pelo conde Juan Blasco, já que minha mãe Luzia é parente dele. —Juan arregalou os olhos.

A voz de Jimena Blasco obteve que os três rostos se voltassem para o lugar de onde provinha. Dona Jimena parou uns metros de onde eles estavam situados de pé, conversando amigavelmente. Pelo visto, desejava manter uma conversa em privado e assim entendeu Dulce.

—Me desculpem, retornarei em um momento — disse a ambos.

Menino e adulto a olharam com interesse enquanto se afastava, até que chegou ao outro extremo do pátio e se deteve junto à Jimena Blasco. O menino fez um gesto com a mão para a sua mãe, movimento que esta correspondeu com um sorriso.

—Lamento interromper sua aula, mas está a caminho uma visita de Burgos — informou inquieta— Um séquito aragonês que acompanha à rainha Leonor.

Dulce entreceitou os olhos com desconcerto. Era algo incomum que a esposa do rei Alfonso visitasse um condado no sul e próximo à fronteira almohade.

—Dona Elena Domínguez e Casta López partiram com suas famílias até Sanjuanada⁵ e ainda ficaram várias semanas lá. Outorguei a elas a permissão para ausentar-se e, por esse motivo, necessitarei sua ajuda para entreter à comitiva aragonesa em sua ausência. — Jimena fez uma pausa para tomar ar. Seu rosto estava claramente alterado — Conto com sua disposição e preparação? — Dulce assentiu com um sorriso de empatia— Peço algo tão incomum porque sei que está acostumada. Sua experiência na corte de Burgos a converte na pessoa idônea para me ajudar nesta recepção.

—Conte com minha ajuda, senhora Blasco — respondeu com voz serena— Farei o que esteja em minhas mãos para ser útil.

Jimena respirou com profundidade e cheia de agradecimento. Dulce se encontrava em Fortun para ocupar-se de outros assuntos, que nada tinham que ver com visitas inesperadas. Mas a permissão dada a suas duas damas de companhia foi um grande inconveniente, ela sozinha não podia atender a toda a comitiva!

—Agora devo lhes pedir um favor, senhora — disse Dulce.

Jimena fixou a íris de seus olhos em Dulce, quem baixou o olhar com humildade.

—Tenho que comprar uma cativa e ignoro os passos que devo dar para obtê-lo.

Jimena abriu a boca, mas voltou a fechar pela surpresa.

—Posso perguntar o motivo? — inquiriu com interesse.

—Uma amiga sofreu uma reviravolta inesperada e extremamente injusta com sua pessoa. Desejo com toda minha alma ajudá-la para que retorne a salvo a seu lar.

⁵ Costume entre os camponeses castelhanos muito popular que tem lugar ao amanhecer de 24 de junho, dia de San Juan.

Jimena a esquadrinhou, mas Dulce mostrava um rosto sereno e cheio de determinação.

— Você sabe que não pode comprá-la — disse de repente, Dulce se desconcertou, embora dona Jimena não tivesse terminado — Mas pode fazê-lo um homem de confiança e rico como seu irmão.

«*Um homem de confiança?*», perguntou angustiada. O único capaz, se convertera em um inimigo voraz da pessoa que queria comprar. Não... Tinha que encontrar outra alternativa.

—Necessita de minha ajuda! Pode entender? É meu dever como cristã tratar de socorrê-la! — exclamou com veemência e Jimena entendeu muitas coisas atrás dessa amostra de afeto— Sou o único auxílio possível.

—Presumo que a mulher que deseja ajudar é o motivo de que saiba tanto sobre os costumes muçulmanos, não é certo? — Dulce avaliou que não valia a pena negar a grande influência que exercia sobre ela, a amizade com a família Ib Farid do Batalyawws.

—Seus braços foram um refúgio para mim na infância — confessou em um sussurro entrecortado—, para mim é a irmã mais velha que não tive.

O Navarro e o pequeno Juan seguiam conversando a escassos passos delas, mas estavam tão concentrados, que não havia perigo de que escutassem a conversa que mantinham as mulheres.

Jimena refletiu durante uns instantes sobre o melhor modo de atuar.

—Dispõe de suficiente ouro? — perguntou de forma direta.

Dulce afirmou com um gesto decisivo. Tinha em seu poder parte da herança que sua mãe deixou depois de sua morte e alguns feudos, embora seu irmão Miguel o controlasse, não disporia deles até que contraísse matrimônio.

—Ordenarei a Quintín que a acompanhe. Ele comprará à cativa por você. Diga-me, sua amiga está muito longe de Fortun?

Dulce negou uma única vez.

—Está no botequim de Guadamur.

A expressão de Jimena mudou completamente.

Guadamur era um lugar degenerado, com um comerciante nada escrupuloso, próximo da vila de Argés, a várias léguas da cidade de Toledo. O dono comprava formosas cativas e as vendia ao melhor preço. Aquelas que não conseguia vender, as utilizavam como criadas e para diversão dos clientes que estavam acostumados a passar as noites de sábado, enquanto era servido o guisado do caçador mais famoso da região. Não pôde dizer nada mais, porque seu filho se cansou de manter uma conversa com o visitante e exigiu sua atenção imediata. Dulce olhou de forma inquiridora ao Navarro, que lhe fez uma inclinação com a cabeça antes de despedir-se e retornar por outro caminho. Jimena lhe devolveu o gesto, embora, um pouco brusca, algo que não passou despercebido para ela.

Nem anfitriã, nem convidado trocaram uma só palavra. Jimena deixou muito claro que não tinha intenção de falar com ele, e por esse motivo o homem se retirava.

—Preocupada com a sua visita? —perguntou Dulce.

Jimena a olhou e ao mesmo tempo entrecerrou os olhos. A moça era muito perspicaz.

—Chegou até Toledo para recuperar as terras de sua mãe Luzia, mas essas terras foram outorgadas pelo nosso rei Alfonso, a dom Francisco Sánchez, em troca de sua vassalagem e da plena disposição de seus cavaleiros para a guerra, quando fosse necessário. Temo que não vai ser fácil que as recupere e me encontro apreensiva de como fazê-lo entender, sem ofendê-lo, nem provocar um enfrentamento com a casa de Estella.

—Mas é sua herança — alegou Dulce.

Jimena mordeu o lábio inferior com certas dúvidas.

—Terras que nunca foram reclamadas. Além disso, meu primo Francisco soube tirar um bom rendimento. O rei está extremamente satisfeito com a gestão e administração das terras.

Dulce pensou que a situação do Navarro era bastante complicada. Quando o rei entregava terras, dificilmente retornava a seu dono legítimo. Ao olhar o rosto de Jimena, deu conta de que estava muito avermelhado, tinha os olhos brilhantes e umas profundas olheiras evidenciavam o enorme cansaço que sentia.

—Está bem, senhora?

—Dói-me a cabeça, mas nada importante e que uma infusão não cure. —Dulce sorriu com afeto— E você como se encontra? — Dulce se admirou com a pergunta de Jimena.

—Não compreendo — disse confusa.

—O brilho de seus olhos era muito intenso, quando olhava o forasteiro. —Não pronunciou o nome; mas sabia que a senhora Blasco se referia ao Navarro que lhe roubou o fôlego uns momentos antes— Meu Deus! Está interessada nele? —perguntou Jimena assombrada.

Dulce decidiu justificar-se, não tinha nenhum sentido mentir ou tratar de proteger as aparências.

—Ao olhá-lo senti uma comoção tão forte, que pensei por um instante que terminaria desmaiada a seus pés. E por essa falta descontrole, fiquei aflita.

Jimena reconhecia os sintomas do amor quando via, mas que dona Dulce o reconhecesse assim, sem mais, a deixou preocupada.

—Presumo que o conde Adoain Estella roubou o seu coração — disse Jimena com um sorriso—, e é meu dever informar do interesse que desperta nele. Ontem à noite, durante o jantar, inquiriu sobre você com muita insistência.

Para Jimena não cabia a menor dúvida de que o interesse do conde era real, e de que tinha tentado disfarçá-lo ao outorgar esse interesse a seu capitão Artáiz, mas ela não se enganava. Jimena contemplou com seus próprios olhos a mudança que se produziu no senhor Estella ao estar perto de Dulce. Não, não poderia tentar despistar a ninguém embora tentasse. Ambos haviam sentido a flechada do amor.

—Mas tome cuidado — advertiu— é um homem perigoso embora se sinta interessado em você.

Dulce piscou várias vezes.

—Impossível senhora; não pode estar interessado — respondeu Dulce —, nunca nos vimos até hoje.

Jimena duvidava. Nenhum homem olhava assim, de forma tão intensa e possessiva, a uma mulher que via pela primeira vez.

—Acredite em mim, senhorita Álvarez. Está muito mais que interessado. De fato, não podia afastar seus olhos de você. Mas leve em conta que é um desconhecido, não sabemos nada dele. Por esse motivo, vos rogo que tenha precaução.

Dulce não sabia o que pensar, mas permitiu que o sentimento que nascia à vida, criasse raízes profundas em sua alma. Depois pensaria nas consequências de sonhar acordada.

Ambas as mulheres deixaram o pátio seguidas do pequeno Juan e se dirigiram para o interior do castelo. Havia muito que preparar e pouco tempo que perder, mas Dulce voltou a tropeçar com o estrangeiro no pátio das laranjeiras mais tarde.

Estava de costas para ela e farejava o ar como se cheirasse uma presa que se aproximasse. As árvores estavam com flor, o suave aroma da flor de laranjeira impregnava o ambiente morno da tarde e a ligeira brisa dos Montes de Toledo trabalhava em excesso para levá-la por todos os cantos do castelo.

Adoain se voltou para a presença feminina e seu olhar intenso e a deixou completamente imóvel. Os corpos se agitavam com uma respiração entrecortada que não podiam controlar. O brilho de seus olhos eram chamas incandescentes de desejo mútuo, mas ela não deu os passos que poderia aproximá-la dele, nem Adoain a convidou que o fizesse. Simplesmente se olhavam, como se as pupilas brilhantes pudessem dizer tudo o que pensavam durante este momento especial, o silêncio parecia suspenso entre os dois e o tempo aprisionado mãos fortes.

—Cheiram a você — foi o primeiro a falar.

Dulce não soube a que se referia, mas não podia afastar seu ávido olhar do corpo hercúleo, nem dos lábios masculinos que se abriam para ela em uma expressão indecifrável. Que diabo lhe ocorria? Não podia pensar com coerência na sua presença?

Nunca antes tinha acontecido algo assim!

—As árvores cheiram como você — reiterou.

Ela cheirava como as laranjeiras?

De repente compreendeu suas palavras, se referia à flor de laranjeira; ela mesma fabricava seus sabões com esse aroma específico. E um sorriso cândido floresceu em seu rosto feminino ante a surpresa que refletiam seus olhos.

—Tudo cheira a flor de laranjeira em Fortun — respondeu.

Como se Adoain tivesse esperado essas palavras por parte dela, avançou uns passos até alcançá-la. Tomou a mão feminina de forma gentil e a levou aos lábios. Dulce ficou escandalizada pelo comportamento estranho, mas não fazer nada para impedir sua ação, que lhe enchia o estômago de cócegas, como se centenas de mariposas revoassem em seu interior com uma imensa alegria.

—Dulce... — Adoain pronunciou as sílabas com voz rouca e emotiva.

Ela sentiu um calafrio que a percorreu de pés a cabeça.

—Um nome formoso para uma mulher ainda mais formosa.

Como se de repente recordasse por que estava no pátio e para onde se dirigia antes de tropeçar com ele, retirou a mão que o Navarro retinha entre as suas e deu um passo para trás com muita cautela. Esse gigante e varonil homem poderia causar um profundo sentimento, poderia? Já tinha causado: uma intensa e irreversível impressão favorável.

Na corte de Burgos, conheceu um grande número de nobres de todos os lugares, e inclusive estrangeiros da Inglaterra e França, mas nenhum conseguiu impregnar tão profundamente seus sentidos como o Navarro. Somente o tinha visto duas vezes, e sentia que tudo a seu redor dava voltas até enjoá-la. Por esse motivo, decidiu pôr distância entre ambos.

—Me desculpe. —Dulce bateu em retirada, afogada pela emoção do contato e do ardente olhar masculino que lhe dizia claramente a atenção que tinha suscitado nele e que a ansiava.

Era um completo desconhecido. Um estranho que conseguia agitar suas emoções mais escondidas, seus desejos mais femininos. Por isso tinha que pôr distância entre ambos, porque quando estava perto dele sentia desejos de experimentar um abraço, ou um beijo dele!

Adoain contemplou a fuga covarde da moça e piscou confuso. Essa mulher despertava uns instintos passionais que ignorava que tivesse, e afirmava sua determinação de ter um encontro com ela com algo mais que palavras.

Para ele as mulheres eram harpias, nunca sentiu algo assim, até encontrar com a castelhana. Era vê-la para arder por dentro, cheirá-la e seus instintos se descontrolavam.

Estava perplexo, estupefato.

Tinha que beijá-la! Ou morreria do desejo que abrasava as suas vísceras. Dulce era puro fogo.

Soltou uma gargalhada com verdadeiro humor. Da dama só conhecia o nome; ignorava tudo ao seu respeito, mas estava determinado a mudar essa circunstância.

E ia mudar isso imediatamente.

Capítulo 8

Cruzaram a pequena praça resguardando-se o máximo possível junto as moradias, e caminharam até encontrar o único botequim do centro da vila. Dulce acariciou o saco com as moedas de ouro que levava, ao mesmo tempo em que oferecia uma oração sincera. Ansiava ajudar sua amiga, mas não estava convencida de que poderia. Quintín, ela e dois soldados que os acompanhavam, atravessaram a grossa porta de madeira.

Dulce olhou a única janela com o arco de pedra, que estava com as venezianas fechadas, e perguntou o motivo. Olhou para a escura madeira das largas mesas e os tamboretos dispostos em seu redor. Quintín e ela se sentaram muito perto da janela. O lojista, grosso e de rosto antissocial, colocou uma jarra de cerveja amarga na mesa, sem que a tivessem pedido. Também ofereceu uma terrina de sopa que ambos rechaçaram, mas aceitaram pedaços de queijo e uma fogaça de pão preto. Quintín deu uma moeda que o lojista se apressou a segurar, antes que caísse na mesa e, sem pronunciar uma palavra, voltou para seus afazeres de forma silenciosa. Mas a voz de Quintín deteve seus passos.

—Minha senhora necessita uma criada. E nos informaram que aqui podemos encontrar algumas muito trabalhadoras.

O lojista entrecerrou os olhos para o curioso pedido. As cativas que o dono vendia, não valiam para atuar de criadas.

—Dom Manuel Sánchez é o encarregado das vendas, eu sou só um empregado. Terão que falar com ele.

—Poderíamos nos encontrar agora. — O criado olhou de soslaio a Dulce, e negou com a cabeça.

—Não atende visitas de senhoras.

Quintín mostrou um sorriso ausente de humor.

—Seria um inconveniente manter um bate-papo comigo? É claro que eu não sou uma senhora. —O lojista encolheu os ombros.

—Me siga! —disse com voz estridente.

—Não saia daqui — disse a Dulce. A ordem cortante não admitia negativa— Cuidem dela em minha ausência.

Os soldados fizeram um gesto afirmativo.

—Me diga o nome da cativa — perguntou. Suas palavras estavam ausentes de calidez. Dulce sabia que Quintín estava ali por petição de Jimena, não por vontade própria.

—Fátima Ib Farid de Batalyaws — respondeu com voz fica.

Quintín mostrou surpresa com o nome. Era uma infiel! Mas não alegou nada. Seguiu o lojista, que o esperava no primeiro degrau que conduzia ao piso superior do botequim.

Os soldados olhavam o entorno do estabelecimento com olhos de desconfiança e completamente alertas. O lugar começava a encher-se de lavradores e comerciantes que ansiavam um prato de comida quente e uma jarra de vinho. Dulce inspirou profundamente ao mesmo tempo em que recitava uma prece pela Fátima.

Noites atrás, Kamîl arriscou sua vida indo até Fortun, para pedir ajuda que acreditava que ela podia dar. Entretanto, desconhecia o lugar onde mantinham cativa a sua irmã. Dulce havia perdido várias peças de ouro para conseguir a informação, mas tinha obtido. Em Toledo tinha ido um cambista⁶ muito conhecido e amigo de seu pai, que estava acostumado a estar informado de tudo o que acontecia pelo reino.

Por umas poucas moedas, obteve a informação que procurava. Sua amiga Fátima foi feita prisioneira pela ordem de Calatrava, depois de um ataque surpresa ao castelo de Salvatierra. Vários cavaleiros da ordem conseguiram se introduzir no castelo e ter o seu controle. Fátima estava visitando uns parentes, quando o lugar foi invadido. O castelo tinha uma grande importância estratégica para os castelhanos, já que se encontrava muito perto de outras pequenas fortificações, como Castilviejo e Castillejo de Dom Alonso.

⁶ Pessoa que troca moeda.

Para os almohades representava o controle sobre as forças cristãs que se dirigiam para o sul.

Dulce orou com mais ardor. Não poderia suportar que algo ruim ocorresse à Fatima, se ela pudesse fazer alguma coisa para evitá-lo.

Suas preces tiveram a resposta que esperava. Quintín conseguiu comprar Fátima por trinta maravedís⁷ de ouro, e a semelhança com o preço que cobrou Judas por vender Cristo pareceu grotesca. Brevemente, Fátima seria levada a Fortun, para servir a sua nova ama.

Sentia transbordada de felicidade. Sua amiga de alma descansava em suas dependências privadas. A senhora Blasco lhe atribuiu um aposento no piso inferior, perto das dependências dos guardas, mas não lhe importava. Sua amiga estava com ela, e ia protegê-la e cuidá-la até que pudesse retornar a Mudaÿyan. Agora só tinha que recuperar-se dos diversos golpes que recebeu para dobrar seu espírito, e nutrir-se, pois tinha perdido muito peso.

—Estou tão feliz — disse de repente Dulce, abraçando-a — Fiquei angustiada, quando soube de seu cativeiro, mas está a salvo!

—Devolverei o ouro que usou — disse Fátima sem deixar de olhá-la com supremo interesse— Mas meu primo também se encontra preso, embora ignore onde. Conseguiram nos surpreender e não pudemos fugir a tempo — confessou.

—É minha irmã, esqueceu? —expressou Dulce com uma voz que soou emotiva—, Posso assegurar a você, que eu não ignoro uma promessa de sangue. Procurarei o seu primo sem descanso até descobrir o lugar onde o prenderam. Têm minha palavra.

Fátima recordou aquela vez, quando meninos, tinham devotado um ato de vontade nos salões de Mudaÿyan. Mas a morte do conde de Arienza, e de seu pai, Adnan, na batalha de Alarcos, tinha mudado tudo.

—Sabe que me sentirei honrada de te servir, até que meu irmão possa vir me buscar. —Dulce fez um gesto afirmativo com a cabeça— É um privilégio servir a uma dama castelhana com uma honra inquebrável.

⁷ O maravedí foi uma antiga moeda espanhola utilizada entre os séculos XI e XIV.

Dulce a abraçou muito mais forte.

—Preferiria que se mantivesse nos aposentos até sua total recuperação. Fortun estará cheio de convidados ilustres muito em breve. A rainha Leonor vem para cá, com um séquito aragonês para se encontrar com dona Jimena.

O rosto de Fátima se enrugou ao escutá-la.

—Virá seu irmão?

Dulce mordeu o lábio inferior ao não saber que resposta oferecer.

—Miguel segue lutando com dom Alfonso, e ignoro o lugar onde repousam seus ossos entre ataques e incursões.

Fátima baixou a cabeça e fixou seus negros olhos no belo tapete que cobria o chão, e sua expressão foi tão eloquente para Dulce, que afogou um gemido contrariado. Conhecia muito bem os sentimentos de afeto que sentia Fátima por seu irmão, mas Miguel desprezava tudo o que tinha a ver com os almohades.

—Lamento tanto — disse para consolá-la.

Fátima ergueu a cabeça e cravou nela seus brilhantes olhos.

—Miguel não é culpado da guerra. Kamîl, tampouco.

—Mas nós seguiremos sendo irmãs apesar da luta, verdade? —A pergunta de Dulce obteve a resposta que desejava.

—D'im? ⁸— respondeu Fátima com um grande sorriso nos lábios.

—Mandarei um emissário com uma mensagem para seu irmão. Ignoro o tempo que levará em vir buscá-la, mas enquanto isso, desfrutemos dos momentos que a vida nos dá de presente.

Elas voltaram a fundir-se em um abraço fraternal.

Com chegada dos visitantes, o caos que se apoderou de Fortun. O séquito aragonês estava formado por oito cavaleiros, e a corte da rainha Leonor, com um total de vinte e cinco membros. Tiveram que alojar um grande número de serventes em um dos salões e distribuir os cavaleiros em diferentes quartos que se mantinham fechados, salvo

⁸ Sempre, em árabe.

algumas exceções. Jimena Blasco iria se ocupar de dom Rafael Lorenzo, conde de Isuela e de seu filho Jaime Lorenzo, com a ajuda de um par de criadas da rainha Leonor. Era costume entre a nobreza, atender de forma pessoal a convidados nobres com título superior ou do mesmo título. Dulce cantarolava uma melodia enquanto se dirigia para os aposentos que foram destinados ao conde e a seu filho. A libertação de Fátima a deixou com um humor excelente. Confiava que a visita não durasse de forma indefinida, porque atrasaria muito as lições do pequeno Juan.

Ao virar o corredor inferior para alcançar as escadas, trombou com as costas de Adoain Estella. O sobressalto a deixou sem capacidade de reação, o coração deu um salto dentro do peito, resultando uma dor diferente.

Era tão masculinamente atraente!

Seus olhos, da cor da noite, olhavam-na com interesse, e essa circunstância a deixava nervosa, ao mesmo tempo em que a enchia de expectativas. Sabia que ambos sentiam o mesmo estado de ansiedade e confusão.

—Me desculpe, não pretendia assustá-la. —A voz de Adoain era como o veludo suave. Como o azeite temperado nos músculos doloridos— Me dirigia para uma das torres da murada.

Ele não se movia, estava quieto frente a ela.

—Me desculpe, pois andava distraída — disse a modo de justificação.

As pupilas negras de Adoain se perdiam no brilho das dela. Engoliam-na de uma forma que produziam um ritmo descompassado em seu coração. A procurou entre as damas durante dias, sem êxito. Parecia como se a tivessem tragado da terra, e da forma mais absurda, a encontrava na sua frente, e tão adorável que teve que tragar a saliva de sua garganta com grande esforço.

Dulce tentou seguir seu caminho, mas Adoain não permitiu. Travou-a entre seu braço e a parede. A dama era muito esquiva, mas ele era muito persistente e, desde que seus olhos a descobriam, sentia-se fascinado por ela. Era uma sensação que nunca experimentou e que não pensava descartar até saber para onde o conduziria.

—Tenta fugir, minha senhora? —perguntou com um tom de voz que era extremamente excitante.

Dulce não sabia o que responder, nem o que dizer, e por esse motivo optou por responder com outra interrogação.

—Teria motivos para fazê-lo? —Não separou seus olhos dos seus.

Nesse momento não existia nada mais além dos olhos de Adoain cravados nos seus com intensidade.

—Sou totalmente inofensivo.

Dulce pensou que o homem parado à sua frente, que impedia o seu caminho, era tudo, menos inofensivo. Acaso ignorava o impacto que causava nos outros sua enorme constituição? Seu olhar afiado pelas estrelas da noite? Nunca viu olhos masculinos tão belos. Poderia passar horas olhando a íris, acreditando que contemplava o céu do anoitecer.

Adoain sentia uma imperiosa necessidade de beijá-la. Seus pensamentos estavam ocupados nela, pelo aroma doce de sua pele, e não pôde conter-se. Observou seus olhos de ouro, seus lábios como cerejas amadurecidas, e a razão foi prisioneira do desejo. Inclinou sua cabeça e foi ao encontro dos lábios femininos, que se abriam para ele como se abrem as pétalas de uma flor ao encontro dos raios da manhã.

O roce suave foi tão efêmero que Dulce pensou que não aconteceu, mas, então, a pressão aumentou, o calor e a umidade dos lábios masculinos, a desfocaram da realidade e de tudo que não fosse a sua poderosa força masculina.

Adoain a abraçou, e silenciou qualquer protesto com um beijo profundo e intenso. A segurou em seus braços com mais força e a apertou firmemente contra seu próprio peito e a parede. Pôde sentir a suave pressão dos seios femininos, quase a impedindo de respirar. Dulce não se debatia para liberar seus braços, embora não respondesse como uma amante responderia, parecia que era o seu primeiro beijo. Adoain notou o gemido que ela conteve em sua garganta, e deteve o beijo com muito pesar.

Atuou de forma imprudente e precipitada. Às damas não eram tratadas assim, com paixão desmedida, com fogo abrasador.

Quando a soltou, Dulce continuou com os olhos fechados e os lábios entreabertos. Estava com a expressão no rosto de uma mulher que foi deliciosamente beijada e agradada. Quando as íris de seus olhos abriram para ele, soube que não estava ofendida por sua ação, mas ele desejava mais, muito mais.

—Me desculpe senhora, mas quando estou na sua frente, perco a razão.

Dulce inspirou profundamente, lhe ocorria exatamente o mesmo.

—Prometa que não voltará a fazê-lo ou me verei na obrigação de desafiá-lo.

Adoain sorriu com franqueza e, pela primeira vez, a uma mulher que não fosse sua mãe ou sua irmã.

Indubitavelmente a castelhana nublou o seu julgamento e roubou a sua sensatez.

Ignorava o porquê de mostrar-se como um juvenzinho imaturo na sua frente, mas ansiava continuar explorando e descobrindo a maravilhosa desordem de seus sentimentos. Ele, que sempre as tinha tratado por falsas, pretendia conhecer até o mínimo detalhe sobre Dulce. Era uma completa desconhecida, mas conseguiu que seu coração galopasse desgovernado e sem freio.

Não podia deixar de olhá-la. De gravar em sua mente o formoso contorno feminino. Seu pescoço delgado, onde palpitava uma veia que ele desejava tocar com a ponta de sua língua...

—Acontece algo, senhora? — soou a voz de Quintín a uma distância prudente.

Adoain optou por afastar o braço da parede onde a mantinha presa, mas Dulce continuou na mesma posição.

—Senhor.... — Dulce se calou, estava tão sem ação com o ocorrido, que não podia pensar com prudência, nem atuar com decência.

Permitiu que a beijasse, e um rubor intenso coloriu suas bochechas até o ponto do constrangimento. Desfrutou do beijo, e queria mais!

—Para você, Adoain Estella, para o resto, conde de Bearin — respondeu com voz baixa para que Quintín não escutasse seu tom.

Dulce vacilou um momento ao tratar de repetir seu nome.

—O senhor Estella se dirigia para a torre, quando me interpus sem me dar conta no seu caminho — respondeu ao capitão da guarda, mas sem olhá-lo.

Seus olhos estavam cravados no rosto masculino. Era como um potente ímã que não era permitida afastar.

—Virá para o jantar? — inquiriu Adoain ante o gesto de despedida de Dulce, mas esta não respondeu.

Partia? Assim? Com uma ligeira inclinação de cabeça? Acaso não sentia a mesma devastação que ele depois do beijo? Adoain se sentia contrariado.

Quintín contemplou Dulce caminhando com o cenho franzido. Sabia reconhecer os sintomas de interesse por uma mulher e, indubitavelmente, o Navarro estava mais que interessado pela senhorita Álvarez. Seguia seus passos pela escada à medida que subia os degraus para o piso superior, mas Dulce não virou uma só vez o rosto, este detalhe lhe fez dar um suspiro de alívio. Pensou que o interesse não era recíproco e, por algum motivo estranho, esse detalhe o fez sentir bem. Mas o que Quintín ignorava era que Dulce se sentia alterada por emoções afetivas, sensuais, e não virou o rosto para que o Navarro não visse o descontrole que ele tinha ocasionado e o quanto se importava.

—Fique com Deus, capitão — se despediu Adoain.

—Fique com Deus, senhor Estella — respondeu este com alguma cortesia.

Quando alcançou o canto do corredor, Dulce deteve seus passos e levou a mão ao peito. Sentia-o descontrolado, histérico. Havia feito um verdadeiro esforço não virar a cabeça para olhar o homem que a converteu em gelatina. Produzia-lhe uma ansiedade desconhecida, mas desejada. Era um estranho! Mas sua forma de olhar, de falar, a seduzia. Soube que com ele corria verdadeiro perigo, porque não poderia negar nada que ele pedisse.

Retomou de novo seus passos até chegar ao quarto de Jaime Lorenzo. Dulce comprovou que uma das criadas, certamente Elena, fez todo o trabalho que correspondia a ela, mas Jimena foi muito objetiva, mandando uma das criadas que se ocupava de lavar a roupa. Era forte e tinha sempre boa disposição para o trabalho duro.

O homem se encontrava submerso em uma grande tina de cobre e seu cabelo tinha sido enxaguado com água temperada. Levou os tecidos que ia usar para secá-lo e os depositou no tamborete próximo à banheira. Pegou a pastilha de sabão e a guardou em seu lugar correspondente. Estava tudo bastante salpicado de água e de espuma, assim como o vestido de Elena.

—Confio que o banho seja de seu agrado, senhor — disse com um sorriso cortês nos lábios.

O aragonês não respondeu, mas Dulce não o teve em conta. Inclusive pensou que possivelmente fosse mudo. Com um gesto assinalou o tecido, e ela o aproximou solícita. Um instante depois, as mulheres deram as costas para preservar sua intimidade, enquanto tirava a água do corpo. Ouviram seus passos e os seus movimentos de colocação de roupa. Depois sentou-se em um banco e esperou. Dulce pegou um pente de madeira e um tecido curto, ficou atrás dele e começou a secar o cabelo molhado com fricções vigorosas. Mas um toque suave na porta do quarto interrompeu a sua ação. Elena atendeu a chamada do servente e, depois de despedi-lo, dirigiu-se a ela de forma tímida.

—Mandaram chamá-la, dona Dulce, trata-se de dom Miguel Álvarez. Acaba de chegar a Fortun e pergunta por você.

Seu irmão estava em Fortun? Impossível, pensou Dulce admirada.

Miguel não percorreria léguas em vão, salvo para informar sobre a guerra ou assuntos de grande envergadura, mas em Fortun não se encontravam nem o conde nem o pai do pequeno Juan. Por esse motivo, continuou refletindo sobre as possíveis opções e alternativas que poderia ter seu irmão para que tivesse decidido ir vê-la.

Ofereceu uma sincera desculpa ao cavalheiro aragonês e cedeu seu posto a Elena. Jaime Lorenzo fez uma inclinação de cabeça como se entendesse sua desculpa e a necessidade de abandonar as dependências ante a urgente chamada.

Dulce correu pelos corredores de Fortun com a alma inquieta, esperando nefastas notícias.

Capítulo 9

Miguel Álvarez bebeu um longo gole de vinho da taça de prata que sustentava. Observou o luxuoso aposento de Fortun, e avaliava as possíveis razões para que sua irmã deixasse a corte de Burgos, para instalar-se como dama de companhia de uma condessa. Era algo impensado.

Apertou os lábios com certa irritação e tomou outro gole de vinho. Esperava que oferecesse uma boa explicação.

Dulce ficou quieta na soleira da porta que dava acesso à sala onde se atendiam as visitas ao castelo. Como se a pressentisse, Miguel se virou para ela e a esquadrinhou com olhos de lobo. Cravou suas pupilas na vestimenta feminina, que em nada se parecia com a roupa que devia usar a irmã de um conde tão importante como o de Arienza.

Fixou-se nos profundos olhos marrons de seu irmão, e no cabelo escuro que chegava até os ombros e que tinha crescido muito. Miguel foi um menino muito bonito, e agora se convertera em um homem alto, forte e muito ambicioso. Tinha um corpo atlético, e demonstrou em numerosas ocasiões sua força, para orgulho de seu pai. Miguel era capaz de romper uma lança com suas próprias mãos, cavalgar sem descanso até deixar extenuado o cavalo e inclusive lancear touros sem esforço.

Era o filho que todo pai ansiava e o vassalo que todo rei pretendia.

—Está muito mudada. —Suas palavras foram às boas-vindas que Dulce esperava. Lançou-se em uma corrida para abraçar o seu irmão, um irmão que não via fazia mais de doze meses.

—Miguel! Quanto me alegro de vê-lo!

O conde aceitou a demonstração de afeto de sua irmã, mas com certa frieza.

—O que faz no condado de Fortun? Minha última notícia de você era que estava em Burgos, sob a tutela da rainha Leonor. Mas quando cheguei ao monastério de Santa Maria

em Real, informaram-me que minha irmã deixou a corte para residir de forma permanente em Fortun.

—Ocorreram muitas coisas após — respondeu com voz a impregnada de felicidade—, e aqui em Fortun estou muito bem. Burgos é uma cidade muito fria para alguém acostumada ao sol como eu.

—Sua explicação não responde à pergunta que fiz. —O tom de Miguel foi áspero, e ela não esperava.

—Sinto-me muito alegre para perder tempo com explicações que poderei oferecer depois. Diga-me, ficará muito tempo em Toledo?

Miguel negou, mas sem afastar seus olhos do rosto de sua irmã.

—Trago uma mensagem de dom Alfonso para a rainha. Deve retornar imediatamente a Burgos.

Essa informação a deixou perplexa.

—A rainha acaba de chegar a Fortun —informou sentida.

—A rainha inglesa, sua mãe, está muito doente. Encontra-se na abadia de Fontevrault.

“*Que notícia mais espantosa!*”, pensou Dulce.

—Espero uma audiência com dona Leonor para entregar a missiva de seu marido, o rei.

—Me alegro de que outros assuntos o tenha trazido até aqui — disse com voz franca e sincera— Me sinto muito feliz de vê-lo.

—Mas eu não posso dizer o mesmo. E posso anunciar que foi uma surpresa descobrir que se encontra em Fortun, por um motivo que desconheço, e que não dei aprovação alguma.

Dulce mordeu o lábio com certo pesar. Se seu irmão descobrisse que deixou à corte da rainha para converter-se na instrutora de um menino pequeno, iria às nuvens e tomaria medidas drásticas a respeito, como trancá-la em um convento.

—Conde de Arienza. Senhorita Álvarez.

A voz da rainha fez ambos os irmãos se voltassem para ela e fizessem uma profunda reverência e mantiveram o olhar baixo. Seguiam-na de perto dois cavalheiros de sua escolta e duas damas de companhia.

—Majestade, trago uma carta de seu marido, nosso rei. —Miguel estendeu o pergaminho lacrado.

Leonor agarrou a missiva e rompeu o selo, desdobrou-o e leu as letras escritas com um punho firme. Miguel e Dulce trocaram enquanto, isso olhares de preocupação. A rainha se encontrava em avançado estado de gestação, mas seu porte seguia sendo régio. Sua forma de mover-se era suave e de grande elegância.

—Onde se encontra meu marido? —perguntou a rainha em um tom que não admitia evasiva.

—Em Leão. Dom Alfonso conseguiu fazer um acordo que beneficiará ao resto dos reinos cristãos.

A vitória na batalha das Navas em Tolosa conseguiu muito mais a Alfonso, que apenas ter uma vitória definitiva. A rainha Leonor se dirigiu a sua escolta pessoal e a suas damas de companhia e disse:

—Partiremos na alvorada. Arrumem tudo. — Quando as duas saíram da sala, um dos cavalheiros as acompanhou. O outro seguia muito perto da rainha.

Leonor cravou seus olhos claros em Dulce e mostrou um sorriso cálido.

—É feliz em Fortun? —Dulce fez um gesto afirmativo com a cabeça, que foi muito enfático para o gosto de seu irmão— Confesso que sinto falta de suas inteligentes conversas, embora espere lhes ver de novo na corte.

—Retornarei majestade, muito antes do que imagina — respondeu Dulce com simplicidade.

A rainha olhou fixamente Miguel.

—Conde de Arienza, continuaremos conversando durante o jantar.

Com essas palavras, a rainha dava por concluída a reunião com os dois irmãos. Abandonou o salão de audiências e se dirigiu a seus aposentos para ter uma recepção com

Jimena Blasco, senhora de Fortun, e informar o motivo de sua rápida visita ao condado de Fortun, seu filho Juan.

O silêncio que se instalou ente os dois irmãos depois da saída da rainha durou muito pouco. Miguel tinha que atender a vários assuntos, antes de retornar com dom Alfonso.

—Assinei o acordo nupcial com dom Ignacio Nuñez — espetou de repente e sem prévio aviso.

Dulce inspirou profundamente ao escutar a informação que dava seu irmão, e por sua mente cruzou à velocidade do raio a imagem de um homem que tinha despertado seus sentidos femininos, e de modo algum era o homem que mencionou Miguel. Ignacio Nuñez era um conde leonês que tinha pedido sua mão quando seu pai ainda vivia.

—A rainha tem que dar sua aprovação — respondeu a seu irmão, mas sem crítica na voz.

—Obtive-a diretamente do rei — respondeu, bem conciso— Dom Alfonso espera muito de seu primo, o rei de Leão.

—Meu pai teve em conta meus sentimentos com respeito ao compromisso, confio em que seja magnânimo como ele.

—Estamos em guerra, e não posso combater com a liberdade que desejo a menos que esteja protegida por um bom homem. Chegou a hora de que alguém que vos ama, cuide de você e faça da promessa de matrimônio uma realidade.

Dulce mordeu o lábio inferior ao escutá-lo. Ignacio Nuñez era quase duas décadas mais velho que ela, e pai de dois filhos varões. O enlace entre ambos, só tinha um objetivo: a política em benefício de seu irmão e do rei de Castilla.

—A quantos almohades tivera que matar, para obter a aprovação de nosso soberano?

Miguel cravou seus olhos em sua irmã com a irritação brilhando em suas pupilas.

—Recuperamos o castelo de Salvatierra. —A simples elucidação a fez conter um gemido afogado. A aprovação de seu compromisso era a recompensa do rei pela façanha realizada.

Dulce fechou os olhos um instante para recompor suas emoções.

Seu irmão foi o responsável pelo cativo de Fátima!

Perguntou-se se ele saberia que sua amiga estava visitando seus familiares quando ocorreu o assalto à fortaleza, decidiu não comentar. Se Miguel descobrisse que escondia Fátima em Fortun, poderia tomar ações a respeito que não a beneficiariam.

—Dona Jimena me atribuiu suas dependências para passar a noite. Fortun está cheio de convidados e eu me encontro extremamente esgotado.

Dulce tinha que procurar uma alternativa possível para que Miguel não descobrisse Fátima.

—Farei os acertos oportunos agora mesmo. Se me desculpar... — Dulce começou a retirar-se, e Miguel afirmou com a cabeça antes de voltar a encher a taça de vinho.

Não encontraria problemas em pegar um alojamento alternativo para ela ou para a Fátima. Seu irmão teria que partir com prontidão ao receber uma missiva do arcebispo de Toledo, dom Rodrigo Jiménez de Enseada e, uma vez na cidade, partiria de novo para encontrar o rei dom Alfonso, para levar umas dispensas importantes.

Sentia-se no fundo aliviada, mas com o coração doído. Seu próximo enlace com dom Ignacio Núñez provocava uma angústia constante, mas o tempo que seu irmão estivesse longe não teria que cumprir com a promessa de matrimônio oferecida e, miseravelmente, desejou que fosse muito tempo.

Em seus pensamentos apareceu a imagem do Navarro. Se os esponsais fossem com ele, ela não teria motivo de queixa em desejar as bodas. Justamente o contrário, mas, seu futuro estava amarrado a um navio que a conduziria à deriva emocional.

Dulce se dirigiu para as dependências do pequeno Juan. O dia estava ficando muito longo e com muitos sobressaltos, passou as palmas das mãos pelo rico tecido de veludo de seu vestido para secá-las. No dia seguinte, quando a rainha partisse, voltaria a respirar tranquilidade. Mas até que isso acontecesse teria que fazer todo o possível para agradar a Leonor e a sua distinta comitiva.

Para encurtar o caminho, decidiu cruzar o pátio principal pela horta das laranjeiras. O aroma de flor de laranjeira era especialmente penetrante essa noite e recordou com nitidez o

encontro com o conde de Bearin. Pegou uma flor lilás que crescia livre e parou em seco seus passos quando viu a figura de dois homens murmurando.

Eram os navarros!

Dulce duvidou, pois não queria passar diante deles, mas ao ouvir sem pretender o nome do pequeno Juan, escondeu seu corpo nas árvores para tratar de escutar com maior cuidado. Falavam muito baixo, mas o silêncio da noite e a brisa, levavam as palavras que exalavam as masculinas bocas.

Quando os dois homens terminaram sua conversa e dirigiram seus passos para o salão de banquetes, Dulce pôde respirar por fim, mas não podia ser certo o que escutou. Iriam sequestrar o pequeno Juan! Levá-lo a Navarra! E ela se deixou beijar por um traidor. Sentia-se poderosamente atraída por um bandido!

Mãe de Deus!

Tinha que dar aviso imediatamente a Jimena, para que tomasse as devidas precauções a respeito. E, nesse preciso momento, lamentou que o pai do pequeno e o avô estivessem longe, inclusive seu irmão partira. Dulce se debatia entre as diferentes opções que se apresentavam, e de repente pensou em Quintín, o capitão da guarda. Sim, tinha que falar urgentemente com ele. Sabia que poderia encontrá-lo no salão que era utilizado para os banquetes importantes.

Quando Dulce chegou ao salão, seus olhos já não mostravam a serenidade afável de alguém que vive alheio ao desastre. O temor que refletiam, era uma amostra clara da mudança que gerou em sua vida. Procurou o capitão, e o viu conversando precisamente com o homem que tinha despertado seus sentidos e dado asas a seu coração, agora resignado. Contemplou a agradável aposento, até que seu rosto encontrou com o de Jaime Lorenzo, que lhe fez uma inclinação de cabeça com muita galanteria. Conversava com um senhor mais velho, e Dulce deduziu que seria seu pai.

Dirigiu seus passos para Quintín e chamou sua atenção segurando-o pelo braço.

O capitão a olhou perplexo. Ela jamais teve um contato premeditado com ele. Sempre se mostrava reservada e distante.

—Senhorita Álvarez, lamento não ter podido saudar seu irmão, o conde de Arienza — desculpou o capitão com rosto solene.

Dulce pôde notar como esticava o corpo do Navarro ao escutar o nome de seu irmão. Parecia como se o conhecesse, mas algo assim era impossível.

Piscou várias vezes para afastar a confusão de seus olhos. Era imperativo que não suspeitasse que ela conhecia os planos que tinha esboçado com seu amigo para sequestrar o pequeno.

—Foi solicitado pelo arcebispo de Toledo a primeira hora da tarde, por esse motivo não pôde ficar para assistir ao jantar em honra de nossa rainha. Mas obrigado por sua deferência ao mencioná-lo. respondeu com imensa cautela.

Quintín mostrou um sorriso cheio de admiração. Apesar de suas roupas singelas, a irmã do conde de Arienza era de uma beleza espetacular, e, contrariamente, ao que fariam com esse dom a maioria das mulheres, ela se mostrava humilde e cândida.

—Tenho que consultá-lo em caráter urgente — disse com obrigação.

O rosto do capitão mostrou um sorriso de entendimento.

—Estou informado disso, senhorita Álvarez — respondeu contra todo prognóstico e com voz autoritária— É um grande inconveniente que nossa senhora tenha ficado doente de forma tão repentina. Sua ausência no jantar será muito comentada na corte de Burgos.

As pupilas de Dulce brilharam de confusão. Jimena se encontrava indisposta?

—Terá que presidir a mesa em sua ausência, assim o especificou. É a senhora com mais título, depois dela.

Esse contratempo mudava tudo. Quando decidiu pronunciar palavra, deu-se conta de que o conde escutava atentamente a conversa que mantinham ela e o capitão. Seus olhos se obscureceram, e a linha de sua boca adotou uma rigidez de frieza que não pôde compreender.

Quintín se desculpou com o Adoain pela interrupção de Dulce, e o Navarro lhe ofereceu um gesto que devia ser um sorriso, mas parecia uma mera careta. O capitão levou Dulce a uma parte do salão mais afastada. Alguns comensais tinham optado por aceitar

participar de jogos de mesa enquanto esperavam à rainha. Outros conversavam de forma amistosa e despreocupada tomando uma taça de vinho.

—O jantar demorará para começar — disse Quintín— Pode aproveitar esse tempo para receber os últimos conselhos de dona Jimena.

—Pode se afastar da vigilância do salão uns momentos para me acompanhar? — perguntou com voz urgente.

Quintín fez um gesto negativo com a cabeça, embora se sentisse intrigado pelo comportamento estranho da dama, mas tinha ordens a cumprir e obrigações para executar.

Dulce inspirou profundamente ao escutá-lo. Tinha temido essa negativa, e desconfiava em contar suas suspeitas. Quintín tinha que estar alerta para ocupar-se da segurança da rainha e do conde aragonês.

—A guarda de Fortun foi muito reduzida depois da marcha de nosso senhor — explicou Quintín— Os melhores homens de Fortun estão sob as ordens do rei. Por esse motivo, estamos muito ocupados. Além disso, devo partir imediatamente para escoltar a monsenhor Marinho Maté⁹ que chegará ao castelo a última hora. Tenho ordens de esperá-lo na ponte de Alcântara.

Dulce compreendeu que não podia alertar ao capitão sobre suas suspeitas até que a rainha Leonor partisse de Fortun. Quintín precisava estar centrado na segurança dos visitantes, já que tinham chegado muitos convidados ao castelo com o cortejo. Então decidiu que veria imediatamente Jimena, para que extremasse as precauções. Despediu-se brevemente do capitão e retornou sobre seus passos para as dependências superiores do castelo.

Adoain percebeu o nervoso em que se encontrava a moça que ocupava seus pensamentos.

Quando se aproximou até onde estava situado o capitão da guarda, foi com cuidado, com certo sobressalto que ele não chegava a compreender. Mas quando escutou o nome do assassino de seu pai, uma profunda ira se apoderou de seus sentimentos, iguais a uma

⁹ Bispo de Burgos desde 1181 a 1200.

tormenta. Havia sentido a urgência de tirar a adaga que estava escondida na bota e produzir uma ferida tão parecida como a que sentia no coração. Todos esses dias perdidos lhe pareciam de um augúrio funesto.

Tinha tido uma moeda de troca ao alcance da mão durante esse tempo!

E embora por um instante lamentasse que a mulher mais formosa de todas que já tinha conhecido, era a irmã do assassino de seu pai, a debilidade tinha passado. Estava muito claro o que ia fazer com essa informação inesperada, e que considerava um presente bem-vindo.

Pedro Artáiz se manteve afastado enquanto Adoain conversava com o capitão de Fortun. Mas uma vez que o viu sozinho e em como seguia com os olhos os passos da mulher que se afastava fora da sala, decidiu chegar até ele para inquirir sobre a fúria que se instalou em seus olhos. A presença da mulher e o olhar que ofereceu Adoain, deixavam pouco à imaginação. Também tinha caído prisioneiro de seu feitiço.

—Conhece a dama? —Adoain voltou seu rosto para Pedro e cravou suas pupilas negras nas suas.

—Nos encontramos várias vezes — respondeu com tom seco, mas sem lhe dar indícios do caos emocional que ela tinha causado— Preocupa-me a visita inesperada de dom Rafael Lorenzo em Fortun. — Pedro também compartilhava o mesmo sentimento sobre o aragonês— Embora os planos seguem a salvo, menos por um pequeno detalhe.

—Escuto.

—A dama que interrompeu a conversa que mantinha com o capitão e eu há poucos momentos é a senhorita Álvarez. — Pedro compreendeu imediatamente— A irmã do assassino de meu pai.

FOGO

O castelo de Arienza

Capítulo 10

—Está louca! —exclamou Fátima com veemência ao escutá-la.

Contemplou as roupas que Dulce colocou sobre a cama para que usasse. Era um dos melhores trajes castelhanos que já viu. O rico tecido de veludo podia competir com as sedas mais vistosas vindas do oriente.

—Há muita atividade no castelo. É o melhor momento para tirar o menino de Fortun sem que ninguém dê conta.

—Pode encontrar em um grave problema, se não estiver certa em relação a esta ameaça. Ou se precipitar — advertiu.

—Sei, mas me sinto muito angustiada para pensar com coerência. Visitei dona Jimena, está com uma febre muito alta; acredito que se contagiou com a enfermidade de seu filho. Não pode nem manter os olhos abertos! Eu não tenho como explicar o grave perigo que corre Juan. Tampouco posso alertar ao capitão, pois há muitos visitantes em Fortun, e o traidor esperará até a madrugada para cometer a infâmia. Dispomos de um tempo precioso que não podemos desperdiçar.

Dulce seguia escrevendo a carta que Fátima tinha que entregar a seu irmão Kamîl em seu nome. Depois terminaria a que ia despachar imediatamente com um mensageiro, para que fosse entregue em pessoa ao conde Juan Blasco e a Gonzalo Díaz. Fortun estava em perigo! E assim, iria avisar. Confiava que o marido de Jimena, depois de ler sua nota, retornaria imediatamente ao lar para inquirir sobre a carta enviada.

—Se o rei castelhano chegar a inteirar-se, a acusará de traição.

Só o pensamento produzia calafrios.

—É uma possibilidade, mas só me ocorre um lugar onde posso manter o pequeno protegido, até que retorne seu pai. E é em Mudaÿÿan, seu lar.

—Por favor, amiga minha, pense, medite um momento e dará conta de que se precipita. Seu rei pensará que entrega um refém a nosso califa. Fortun está muito perto da fronteira muçulmana e é uma ideia suculenta, que nosso caudilho não desprezará, se suspeitar de algo.

—É minha irmã, atuo de boa fé ao lhe entregar o pequeno, para que o leve a seu lar. O menino fala sua língua; o vista e o faça passar por um familiar seu, até que eu possa ir em sua busca. Ninguém saberá que protege um menino cristão.

—Só terá que olhá-lo para saber que é uma criança de Castilla — respondeu Fátima com uma lógica esmagadora.

A angústia que sentia Dulce a fazia tomar decisões precipitadas.

—Pode protegê-lo, sei; por isso o confio a você. Aqui em Fortun não está a salvo. E não estará até que tenha falado com seu pai e alertar a Quintín, para que tome medidas oportunas, embora esta noite seja impossível.

—Protegerei-o com minha vida se necessário, mas sempre há circunstâncias que escapam a nosso controle. Espere até a volta de seu pai, ou até a recuperação de sua mãe.

—Juan Blasco está aos meus cuidados. E sinto, muito dentro de mim, que corre um grave perigo esta noite e, por esse motivo, não penso esperar até manhã.

—Acuse o Navarro! Não espere a volta do senhor de Fortun — aconselhou Fátima. Dulce a olhou cheia de angústia.

—Crê que não meditei profundamente? Não posso delatar um nobre, sem que os resultados me golpeiem na cabeça. Sabe como funcionam os assuntos da nobreza. Poderiam passar meses até que se esclarecesse tudo, e eu estaria presa nas masmorras de Fortun, sem poder ver ninguém para que me assistisse em meu proclama de inocência e minhas palavras de acusação. Seria minha palavra contra a dele, a palavra de uma mulher contra a de um

nobre! Em minhas mãos, unicamente sustento uma conversa particular que escutei de forma clandestina, acaso não vê tão claro como eu? Além disso, o Navarro é familiar de dona Jimena. Em quem acreditariam se ele me acusasse de mentirosa?

—E por que motivo iria querer sequestrar o menino?

Dulce passou as mãos pelo tecido do vestido com evidente nervosismo.

—Há uma disputa pelas terras de sua mãe, Luzia Blasco. Agora pertencem a um primo longínquo que não está disposto entregá-las, e que lutará até as últimas consequências para preservá-las.

—Como sabe isso? —perguntou Fátima com assombro.

—A senhora Blasco me confiou seu temor, alguns dias atrás. Dona Jimena não sabia como lhe comunicar que teria que esperar por tempo indefinido uma sentença favorável de dom Alfonso para recuperá-las. Mas todos sabem que o rei é muito sagaz e belicoso. Além disso, é consciente de que, se as terras seguem sendo administrando por dom Francisco Sánchez, poderá contar com os cavaleiros do nobre para a guerra. Sánchez é um castelhano ambicioso, e Adoain Estella é um Navarro que não se importa com os assuntos de Castilla. Ignoro se dona Jimena já conversou com ele respeito destes temas, mas temo que, sequestrando o menino, deseja obter que o rei ceda em seu favor. Utilizará a chantagem para obtê-lo.

Fátima começava compreender muito bem.

—Onde tenho que levá-lo? —Dulce inspirou profundamente e soltou o ar que estava contendo. Fátima ia ajuda-la!— Como chegarei até Mudaÿyan com o pequeno?

—Não será necessário. Kamîl a espera em Caracuel. Com minhas roupas e um par de cavalos velozes, será muito fácil chegar até ele.

—Kamîl me espera? Como sabe...? —Fátima não pôde continuar.

—Chegou até Fortun para me informar sobre sua captura; sabia que o castelo da Salvatierra tinha sido tomado pela ordem da Calatrava, mas ignorava para onde a conduziram, me pediu ajuda para encontra-la.

—Se arriscou muito chegando até aqui.

Dulce fez um gesto afirmativo com a cabeça.

—Têm que se fazer passar por mim. Nas terras de Castilla não terá problemas e para isso deixo o anel com o selo de minha casa, para que o use como moeda de mudança se surgir algum contratempo inesperado. Enquanto isso, tentarei distrair o Navarro, até que esteja em território amigo antes que possa dar o alarme, o que parece uma margem de tempo considerável.

—Distrair o Navarro? Como pensa fazê-lo? —perguntou Fátima cheia de apreensão.

Dulce fechou os olhos ante o receio que a sacudiu.

—Da única forma que pode uma mulher distrair um homem quando tem uma fixação na cabeça: o convidando a meu quarto.

Fátima a olhou aniquilada.

—Está disposta a chegar a esse limite por um menino que não é seu?

—Amo-o como se fosse meu — respondeu — embora esteja convencida de que não será necessário chegar a esse extremo com o senhor Estella. Usarei pó de papoula blanca¹⁰ e terão a vantagem que necessitam.

—Como sabe que não rechaçará o convite? —replicou Fátima.

Essa pergunta, Dulce formulou uma infinidade de vezes. Tinha que atraí-lo, mantê-lo ocupado o tempo suficiente para que Fátima alcançasse a distância necessária entre ele e o menino. Incitaria-o a beber, conversar, e que Deus a ajudasse...

—Porque intuiu que me sinto atraída por ele. O Navarro é consciente desse fato. Não poderá rechaçar um convite que aumente seu ego masculino e sua vaidade pecadora.

Fátima piscou uma só vez. O Navarro conhecia o interesse que despertou sua amiga?

—Intuiu...? —começou a perguntar.

—Permiti que me beijasse — explicou com o rosto avermelhado.

—Dulce! É muito perigoso — advertiu Fátima.

¹⁰ Atualmente conhecida como planta do ópio.

—Acredita que não sei? Mas quando tiver transcorrido o tempo necessário, quando ambos estejam seguros, longe e a salvo, o desmascararei diante de Jimena, e pedirei a Deus que me ajude. E agora não perca mais tempo!

—Presumo que é um homem perito e é uma donzela inocente.

Dulce estava plenamente convencida de que o Navarro era um homem habituado a tratar com mulheres, mas dispunha de pouco tempo para pensar em um plano alternativo.

—Aceita um conselho? —perguntou Fátima em um sussurro.

—Só um, amiga minha? —respondeu com outra pergunta.

—Se os sinais que seus olhos enviarem, ou as palavras não sejam suficientes para captar sua atenção e mantê-lo entretido, se pensar que esgota o tempo, coloque sua mão em sua coxa durante o jantar. Ele entenderá. Estará tão ansioso que não perceberá de que o estará manipulando ao seu favor.

Dulce a olhou boquiaberta.

—Como sabe algo assim? —inquiriu com certo pudor, mas extremamente interessada.

Custava um verdadeiro esforço imaginar a sua amiga fazendo um gesto íntimo para um homem notar o interesse que despertava.

Fátima sorriu com afeto. Dulce teria que andar com cuidado, mas desejava ajudá-la. Confiava nela com a criança que adorava, e não podia decepcioná-la.

—Acreditei que precisava saber. Se quiser mantê-lo ocupado, faça o que disse, não pensará em nada mais, além de possuí-la, mas não dê a oportunidade de alcançá-la. A erva a ajudará, terei a vantagem que necessito para chegar até Caracuel. Mas recorde uma coisa.

—Me diga...? —perguntou Dulce com verdadeiro interesse.

—O pó branco de papoula aviva os sentidos. Nubla o recato. Terá que ter cuidado com a dose, ou se voltará contra você.

As amigas se abraçaram com afeto.

—Benítez! —A exclamação do soldado Pérez fez que Benítez, o soldado de maior posto na ausência de Quintín, olhasse-o fixamente— A senhorita Álvarez abandonou as terras de Fortun com urgência. Acreditei que devia sabê-lo. Intuo que retorna a seu condado, pois, levava outro arreio com seu equipamento.

Benítez pensou que algo assim só piorava a situação. Ele não estava preparado para resolver esse tipo de questões, mas o capitão tinha partido para Toledo. Despediu-se do soldado e começou a caminhar para as dependências da senhorita Álvarez, porque tinha que certificar-se por si mesmo se o vigilante se confundiu. Como podia partir do castelo quando estava a ponto de comparecer a rainha Leonor no salão de banquetes e devia atuar como anfitrião? Justo ao dobrar a esquina, se encontrou com ela, estava muito formosa, vestida com seus melhores ornamentos.

—Senhorita Álvarez. —Dulce parou seus passos e olhou Benítez, que estava com o rosto completamente vermelho. Ela tentava fechar o broche de um bracelete em seu braço, mas resistia— Permita que a ajude. —E lhe fechou o alfinete sem dificuldade— Informaram-me que tinha partido de Fortun com urgência; por esse motivo a buscava para me certificar.

Dulce soltou o ar. Fátima não foi tão sigilosa, como a aconselhou. Felizmente, o pequeno seguia dormindo, graças à infusão de valeriana que tinha administrado durante o lanche anterior ao jantar. Sentada no enorme garanhão, o pequeno estava completamente oculto pela grossa capa de Fátima; parecia mais um fardo, que um menino em seu regaço. O outro cavalo levava as roupas e o equipamento que Dulce acreditava apropriados para despistar ao possível guarda, no caso de que duvidassem de sua saída tão repentina, mas necessária.

—Estou ante você — respondeu.

Benítez reduziu seus olhos a uma linha ao escutar o tom. A senhorita Álvarez não parecia à mesma. Suas pupilas brilhavam com certa desconfiança que não tinha visto antes, mas se absteve de comentá-lo. Indubitavelmente, tinham-lhe dado uma informação errônea.

—Me acompanhe então, seria uma falta grave se atrasar ao jantar depois de nossa rainha, e já está com muito atraso.

Dulce aceitou o braço que ofereceu o soldado e o seguiu em silêncio até o salão de banquetes. Benítez era um homem enxuto, bom militar, responsável e de absoluta confiança.

Leonor não foi ao jantar comemorativo, que se organizou em sua honra. O motivo declarado por uma de suas damas de companhia, era que a rainha se encontrava excessivamente cansada e, por essa causa, o jantar transcorreu com uma lentidão cansativa.

Dulce se encontrava sentada entre Adoain Estella e Rafael Lorenzo. O filho de dom Rafael estava sentado com o guarda da rainha. O outro Navarro, Pedro Artáiz, também compartilhava a mesma mesa. Entre os nervos e a tensão, Dulce degustou os bocados que tão cortesmente lhe fornecia Adoain. A carne era como areia dentro de sua boca. Não se atrevia a olhá-lo, mas sabia que devia atuar de forma prudente para que não suspeitasse que tinha descoberto seus planos de usar o pequeno para recuperar suas terras.

—Me diga, senhor de Bearin, pensa ficar muito tempo nas terras de Castilla? — Adoain lhe mostrou um sorriso diabólico que lhe produziu um calafrio.

—Pretendo partir na alvorada.

«Sabia! Pretendia pegar o pequeno durante a madrugada, quando todos estivessem dormindo e com suficiente álcool no sangue, para não perceberem o que ocorria» pensou alarmada.

—Tenho assuntos para resolver imediatamente e não posso demorar.

—Então, retornam a Navarra? Imagino que seu rei Sancho lhes reclama, é assim? — perguntou ela.

Depois da pergunta feminina, Rafael Lorenzo voltou o rosto para eles com supremo interesse, e seu olhar mostrou uma conclusão esperada. Um momento depois, começou a fazer perguntas ao Navarro, de forma tão rápida, que era muito difícil seguir as frases. Durante um tempo, ambos os homens a ignoraram, embora Adoain seguiu cortando pedacinhos de carne para ela, que não rechaçava. Dulce se deu conta de que o Navarro tinha terminado o vinho, e esse detalhe lhe preocupou. Necessitava que estivesse relaxado pelo

álcool e com os sentidos entorpecidos. Fez um gesto apenas perceptível a um criado, indicando que trocasse a taça de vinho por outra.

Adoain deu perfeitamente conta das mudanças que ela fazia na mesa, mas se manteve em silêncio e com o rosto jovial, como se realmente desfrutasse do banquete.

Dulce o olhava de forma esporádica e, pela expressão masculina, duvidava que conseguisse atrair sua atenção da forma que esperava. Quase não deu atenção alguma a ela, durante o jantar; em nada se parecia com o homem que a tinha beijado nos corredores de Fortun, e se perguntou o motivo. Sentia-o frio, longínquo, e ela ignorava como tentar a um homem de sua atitude. Ou como chamar sua atenção para debilitar suas defesas.

Sentia o estômago revoltado; uma sudorese fria lhe percorria a base das costas e produzia um grande desconforto. Atribui ao vestido grosso e pesado que usava, mas sabia que a moléstia que sentia, era devido ao nervosismo que a embargava e não à roupa que vestia.

—Me fale de você —pediu de repente em um tom suave e doce que não o enganou absolutamente— me conte detalhes de seu lar.

Adoain cravou seus olhos nela, que lhe sustentou o olhar com candura. Dulce ofereceu um sorriso tímido, que interpretou mal. Estava inquieta, como se algo a desagradasse muito e lutasse com todas suas forças para não deixar-se dominar por essa molesta sensação, e de repente, a mão feminina posou em sua coxa de forma bem accidental e todo seu corpo se esticou ansioso. Não era um juvenzinho para excitar-se pelo contato de uma mulher, mas Dulce possuía um magnetismo sensual que punha todos seus sentidos em alerta, e despertava sua luxúria por completo. Via mover seus rubros lábios, mas era incapaz de entender as palavras que dizia; estava completamente concentrado em seguir o movimento de sua língua rosada.

Era um fogo que poderia consumi-lo.

—Dizia, senhora...? — perguntou.

A mão dela seguia em sua coxa, e ele entendeu perfeitamente o que significava esse contato, estava-o convidando a seu leito! Com absoluta confiança, baixou seu olhar para os dedos femininos que seguiam em contato com ele, e depois os subiu para o rosto dela, que

adotou a cor das rosas vermelhas ao ser consciente de que ele tinha entendido ao fim suas intenções.

Adoain trouxe com força.

Tinha acreditado que era uma moça inocente, e se equivocou por completo. Mas se a mulher desejava uma trepada entre suas pernas, com gosto pensava agradá-la.

—Está segura? —perguntou com um tom de voz rouca que arrepiaram os pêlos de seu corpo.

Dulce se sentia enjoada. O que ocorria a ela? O jantar durava muito, e ela não resistiria muito mais tempo com essa incerteza.

—Quem está seguro de algo, senhor Estella? — disse de repente.

Adoain entrecerrou os olhos, pois não soube como tomar as palavras femininas.

—Mas despertastes minha curiosidade e o desejo de lhes conhecer — sussurrou com voz sedosa—, de forma íntima.

«*Não só despertastes minha curiosidade, como também meus instintos sensuais, que ficam descontrolados em sua presença*», disse para si, sem poder afastar os olhos do rosto varonil.

—Deseja me conhecer intimamente? — insistiu ele.

Dulce se engasgou com o sorvo de vinho. Adoain a ajudou de forma solícita a superar o mau gole. Já não havia como voltar atrás, tinha que seguir adiante, apesar de todos seus receios.

—Necessita que repita minhas palavras, senhor Estella? —respondeu uma vez que superou a rouquidão.

Adoain soltou um suspiro impaciente, porque as palavras femininas o deixavam excitado, até um ponto além da razão. Entretanto, teria que esperar até depois do maldito jantar para poder saciar a lascívia que lhe provocava. Desejava estar entre suas pernas, e entre elas estaria até sua partida.

Dulce, em sua inocência, pensava que não sabia como atrair a atenção de um homem como ele. E, sem saber, com seu nervosismo, seus olhares vacilantes e a forma suave de tocá-lo, despertou à besta luxuriosa que levava dentro de si.

Adoain estava a ponto de cruzar a linha.

Tinha decidido levar o pequeno Juan ao despontar da alvorada e tudo já estava preparado. Uma vez que alcançassem a fronteira com Navarra, Pedro Artáiz continuaria sozinho até Tudela e ele retornaria para vingar o seu pai.

A visita da rainha castelhana e o séquito aragonês foram uma bênção, porque as defesas de Fortun estavam baixas e os guardas estavam transbordantes de serviço. Era a ocasião perfeita e não pensava desperdiçá-lo, mas, até então, bem podia passar um bom momento entre os braços de uma formosa mulher. Que homem em seu são julgamento rechaçaria um convite oferecido de forma tão clara e ardente?

Dulce desviou a vista de Adoain até o outro Navarro, que estava conversando com o aragonês, porque não resistia o ardor nos olhos masculinos. Abrasavam-na!

—Eu gostaria de conversar amanhã com dona Jimena — disse de repente Rafael Lorenzo, alheio à tormenta que sentia a castelhana pelo Navarro— transmitirá meu desejo? Diga que é imperativo que falemos antes de abandonar Castilla.

—A senhora de Fortun se encontra indisposta — respondeu ela e, de repente, a palma grande e quente de Adoain, posou na coxa feminina, e o contato inesperado produziu centenas de arrepios em sua pele.

Havia devolvido o mesmo gesto que tinha usado para fazer entender o seu interesse, mas Dulce duvidava que ele houvesse sentido essa ardente necessidade entre as coxas, esse matagal de pensamentos loucos e irreverentes. Cravou suas pupilas nas do homem e comprovou que a paixão que continham, superava a dela.

Arderam-lhe as bochechas, mas não afastou o olhar.

«Meu deus! O que fiz! Conseguir para Fátima a vantagem que necessitava para escapar com o pequeno? Ou assinar minha sentença de morte?» perguntou-se com angústia durante o instante que durou sua confusão.

O longo jantar chegou fim.

Dulce pôde levantar-se da mesa e fugir da presença perturbadora de Adoain, enquanto os músicos amenizavam aos convidados com canções românticas. Saiu ao corredor e se dirigiu para as dependências da senhora com o coração na garganta. Teria que retornar em uns momentos, mas até então poderia respirar por um pouco de alívio. Não foi consciente em nenhum momento de que o conde de Bearin a seguia de perto e com passo firme.

O quarto de Jimena estava na penumbra, e fazia muito calor. As janelas estavam fechadas e a senhora coberta com uma grossa colcha que a fazia transpirar profusamente. Sua donzela seguia limpando o rosto molhado em suor e, ao vê-la tão indefesa, soube que não poderia fazer nada com a informação que tinha e que não podia compartilhar com ela.

—Carmen... — A moça de grandes olhos a olhou com um sorriso tímido e sem abandonar o leito de sua senhora— Como se encontra?

—A febre segue alta, mas o doutor disse que é devido a uma infecção na garganta, que poderá levar vários dias. Mas não há nada que temer, é algo passageiro.

Dulce a olhou. Tinha os mesmos sintomas que tinha passado seu filho Juan, e lamentou profundamente sua indisposição. Tinha que tomar decisões que iriam mudar sua vida por completo, mas tinha que proteger o herdeiro de Fortun.

—Lhe entregue esta carta quando despertar. —Carmen agarrou a missiva entre suas mãos e fez um gesto afirmativo— Diga que seu pequeno está perfeitamente bem, e que o amo com toda minha alma. —Carmen a olhou sem compreender— Diga, por favor.

Mas Dulce ignorava que as circunstâncias que aconteceriam durante as próximas horas, seriam um impedimento para que a carta chegasse a sua destinatária.

Capítulo 11

Sempre gostou de atravessar os pátios ajardinados para ir de um aposento à outro. O frescor das árvores, o rumor das fontes de água e a escuridão nascente, era um grande atrativo. Mas nesse momento, ansiava mais luz para guiar seus passos, e não essa escuridão que a acompanhava sem compreender o motivo. Tinha que retornar ao salão embora não sentisse o menor desejo de fazê-lo. Pensava em Quintín e em sua desafortunada marcha para Toledo. Em Fortun tinham ficado poucos guardas e não estavam preparados para fazer frente a um desafio, seja ele qual for.

Dulce se sentiu observada e deteve seus passos para olhar por cima do ombro, mas não viu ninguém, somente sua sombra sobre as pedras e o silêncio da noite. Podia escutar a música que a brisa levava dos salões, e respirou profundamente antes de voltar a iniciar seus passos. Mas uma mão a segurou pelo cotovelo, impedindo seu movimento.

—Tudo bem? —Dulce não soube o que produziu o sobressalto, se a sensual voz ou o contato intencionado.

Deu a volta para a pessoa que tinha interrompido seus passos, e cravou seus olhos no Navarro, que a olhava com olhos entrecerrados. Havia pouca luz de tochas no pátio, mas os raios da lua brilhavam com muito esplendor nessa noite, que estava ficando muito longa.

—Por que me segue? — perguntou com um fio de voz.

Tentava esconder a confusão que sentia, mas não estava segura de obtê-lo.

—Porque me interessa saber se pretende fugir.

—Precisava saber como se encontrava a senhora Blasco, por isso parti um momento do salão. Mas o senhor sabe que é de extrema grosseria deixar a mesa sem um bom pretexto. Expliquei minha ausência, me diga, pode justificar a sua?

Adoain a tinha seguido porque não confiava nela. Desde que descobriu que era a irmã do assassino de seu pai, não queria perder a de vista. E pensava cobrá-la do convite que tinha feito. Ou acreditava que podia jogar com ele?

—Pensei que iria retirar o seu convite, por esse motivo decidi segui-la até o jardim. — A voz do conde parecia muito seca, ou ao menos assim pareceu.

Dulce sabia que não podia retificar suas palavras até que Fátima estivesse a uma distância segura com o pequeno herdeiro. Ela se manteria firme.

—Meu convite segue em pé, mas será quando o último dos convidados se retire, nem um instante antes.

Adoain não soube se a confirmação dela o enfurecia ou o alegrava. Essa mulher lhe produzia muitas de sensações desconhecidas que precisava analisar. Com seus dedos roçou a pele suave do braço feminino, e notou o estremecimento dela. Soube que sentia por seu contato a mesma necessidade que sentia ele.

—Vou beijar você. —As palavras não foram oferecidas como uma solicitude de favor, mas sim, como uma ordem que ia ser executada imediatamente.

De novo a boca de Adoain foi ao encontro dos lábios femininos, mas neste momento, o beijo não foi tenro nem medido. Justamente o contrário, continha um ímpeto abrasador e uma urgência demolidora, que a deixara débil e complacente.

Dulce ficou sem respirar nos braços do Navarro, e não atinou a soltar-se nem a negar a invasão devastadora que sofria seus sentidos. Com suas mãos, segurou o manto verde que ele sempre levava e, ao fazê-lo, seu peito ficou próximo ao torso masculino.

Adoain tornou o beijo muito mais possessivo e erótico. As mãos dele faziam magia sobre seu busto e suas costas, e a incitava a segui-lo ali onde a levava. A língua masculina não lhe dava trégua, seguia saqueando seus lugares ocultos com uma habilidade que a enjoava. Mas conseguiu conter-se, porque, se seguisse beijando-a, ia terminar tomando-a sob as árvores do jardim, embora os esperassem no grande salão.

A retirada do corpo de Adoain, fez que a prudência açoitasasse sua imprudência. Recuperou o controle e a respiração, mas Adoain não lhe permitiu uma palavra a seu assalto repentino. Olhava-a com olhos abrasadores, brilhantes de puro desejo.

—Encontrarei seus aposentos, senhora. Até então, vá com Deus.

Dom Rafael Lorenzo percebeu a ausência na sala da senhorita Álvarez, e o interesse não diminuiu nem um ápice quando se deu conta de que o Navarro retornou pouco depois da senhora. Ficou muito claro para ele os motivos anteriores de seu aposento em Fortun. Finalmente, o rei Sancho tinha mandado alguém a Toledo em busca do pequeno Juan, mas ele não pensava manter-se à margem. Era uma sensação de impotência não poder conversar com a mãe do pequeno, por causa de sua indisposição repentina, o incomodava porque não tinha que ter permitido que a rainha Leonor viajasse com ele. Mas a dama tinha insistido de forma contundente e ele estava começando a atar os laços. Por esse motivo procurou com seus olhos o seu filho e lhe fez um gesto para que se aproximasse.

Estava convencido de que o Navarro partiria com o menino à alvorada, e de que a rainha castelhana pensava acautelar e adotar posturas em relação ao pequeno.

Dois de seus cavaleiros entenderam a ordem, e se posicionaram muito perto da porta de saída. A maioria dos convidados começaram a retirar-se. Lorenzo indicou a seu filho que o seguisse, e ambos saíram pelas grandes portas, que levavam a um dos jardins tenuemente iluminados. Dirigiu-se com grandes passos para o lugar mais escondido e afastado de olhares curiosos e iniciou uma série de ordens que seu filho estava disposto a acatar imediatamente. Iriam levar o pequeno a Aragón, já que no castelo de Isuela estaria protegido, até que pudesse manter uma conversa com o rei aragonês Pedro. Devia se prevenir da ameaça que se abatia sobre Aragón, se o pequeno castelhano fosse proclamado príncipe herdeiro de Navarra. Rafael entendeu. A presença do conde de Bearin em Castilla tinha um mesmo objetivo: levar o pequeno.

Mas ele tinha a obrigação de impedi-lo.

Pedro Artáiz, com seus instintos em alerta, tinha seguido de forma suspeita ao conde de Isuela. Desde sua chegada a Fortun, teve a intuição de que a visita dos aragoneses tinha a

ver com o neto de Sancho. E não se equivocou. Agora pensava escutar o que ambos tramavam, e alertar Adoain de suas escuras intenções.

Fortun estava oculta no silêncio propiciado na noite fechada. Entre seus muros cheios de história, planejavam-se encontros e desenlaces.

O quarto de Dulce era o único que tinha luz. As cantoneiras, colocados de forma estratégicas nos cantos do aposento, dotavam as paredes de pedra, um suave resplendor dourado. Banhava de cor o rosto da mulher que passeava impaciente, mordendo as unhas sem compaixão. Parou seu ir e vir apressado, para cravar os olhos na bandeja de prata, que continha duas taças e uma jarra de vinho especial. Dispunha de pouco tempo e, pelo nervosismo que produzia essa circunstância, voltou a jogar mais pó de dormideira na jarra e voltou a misturá-la com uma colher de prata.

No fundo, sentia que o conde de Bearin não era uma má pessoa, embora fosse atuar de forma errada para recuperar sua herança. Dulce sabia que tais assuntos deviam discorrer por outros meios. Gostaria de ter uma conversa honesta com ele, para dissuadi-lo em seu empenho de levar o pequeno pela força, mas tinha certeza não obteria nada. Justamente o contrário, pioraria muito mais a situação. Por esse motivo tinha decidido atuar de forma desesperada.

Um suave toque na porta, fez que fechasse os seus olhos e lançasse uma breve prece. Dirigiu seus passos para a entrada e, com mão tremula, abriu a porta de madeira, que havia previamente lubrificada em suas dobradiças, para amortecer o estalo do prelúdio ao pecado.

Adoain estava de pé na sua frente, com as mesmas roupas que usou durante o jantar, e esse detalhe lhe fez arquear uma sobrancelha com uma interrogação, porque não eram roupas de viagem, e ele pensava partir em breve.

Ficou de lado, ao mesmo tempo em que mordida o lábio inferior com a dúvida refletindo em no rosto. Um pouco mais de tempo e Fátima estaria a salvo.

O conde duvidou ao ver a vacilação dela, mas estava tão aceso de luxúria, que precisava desafogar suas emoções extremas com a irmã do carrasco de seu pai. Finalmente,

deu o passo que o introduziu nos domínios femininos. Dulce fechou a porta com suavidade enquanto lançava um suspiro que soou de profundo alívio.

—Servirei uma taça de vinho — ofereceu solícita.

Adoain começava a tirar o manto verde com pouca paciência, e o lançou para ao leito com pouco cuidado, o tecido acabou escorregando e ficou caído no chão.

—Aceitarei com gosto — respondeu enquanto tomava assento, muito perto de onde ela se encontrava.

Dulce tremeu tanto a mão, que teve que deixar a jarra de novo na mesa, mas uns instantes depois conseguiu encher as taças para que ele não suspeitasse que pensava drogá-lo e assim obter o tempo que necessitava. Quando entregou a taça, Adoain a agarrou sem deixar de olhá-la, os dedos masculinos roçaram os femininos e, nesse gesto intencionado, Dulce soube que não poderia levar a cabo o que pretendia. Faltava a coragem que necessitava, mas tinha que encontrá-lo. O Navarro bebeu o vinho de um gole e lhe entregou de novo a taça para que voltasse a encher.

Bebeu tudo.

—Beba comigo! —ordenou. Ela aceitou com um suspiro, mas seu gole foi muito mais curto do que ele esperava— Não é um vinho muito bom — reprovou.

—Sim — admitiu Dulce.

Adoain tinha desabotoado os laços laterais de sua camisa e arregaçou os extremos dos punhos com gestos tão lentos, que a puseram extremamente nervosa. Mas não podia permitir que ele percebesse isso. Por esse motivo procurou em sua alma o melhor sorriso que tinha e o ofereceu, sem ser consciente do profundamente que afetava a ele sua atuação jovial.

Recordou o conselho da Fátima, o contato era imprescindível para afastar a dúvida, e se dispôs a segui-lo imediatamente, embora não tinha certeza como fazê-lo.

Tirou a taça vazia da mão em um gesto lento, premeditado, aproximando seu corpo ao dele, que ardia e incendiava com seu movimento, o seu próprio.

—Está sedento — disse.

Adoain não voltou a pronunciar palavra, a segurou pelo braço e a atraiu para ele com um puxão não muito forte, o suficientemente rápido para lhe fazer perder o equilíbrio e deixá-la sentada sobre seu colo.

Dulce se sentia alarmada, não sabia como dirigir uma situação de semelhante envergadura, e era consciente de que tudo podia voltar-se contra ela.

Adoain estava desfrutando como nunca do jogo do camundongo e o gato que iniciou com a mulher. Era a mais sedutora das tantas que tinha conhecido, e também a mais perversa, por provoca-lo de forma urgente, sem permitir um suspiro.

—De você —respondeu ansioso— Estou sedento de você.

Dulce sentiu que desabotoava o laço de sua veste de veludo e o brilho de alarme passeou pela íris de seus olhos, mas pôde escondê-lo a tempo. Tinha que lhe fazer beber mais vinho, ou estava perdida.

Fez um gesto negativo, que indicou de forma clara que não queria perder mais tempo com o licor. Ela tinha que achar uma forma urgente, de fazê-lo beber mais droga.

Tinha que mostrar-se muito mais ousada.

—Então me beba. —Um instante depois encheu a boca com o escuro líquido e o ofereceu.

O convite lhe pareceu o mais pecaminoso de todos, mas aceitou com lascívia o vinho que ela tinha esquentado em seu paladar. Quando teve esvaziado o néctar de seu interior, lambeu o interior das bochechas e acariciou o paladar feminino, que tinha sabor de ambrósia.

Dulce não sabia de onde tinha tirado a coragem e o descaramento para fazer algo tão indecente. De repente, uma lembrança vaga penetrou seu cérebro manipulado pelo álcool e pelas emoções que o contato masculino lhe provocava. No jantar, Adoain tinha a taça de vinho sempre cheia. Entretanto, a taça dela também era completada em várias ocasiões. Agora compreendia por que motivo sentia os membros entorpecidos, o palpitar pecaminoso em seu ventre e o desejo abrasador entre suas pernas.

Estava bêbada!

Mas não podia pensar com sensatez, porque a mão do Navarro se introduziu pela abertura de sua camisa de dormir e estava acariciando seu seio da mesma forma que a áspera língua atacava a sua boca. Desconcertava-a. O fazia desejá-lo, mas tinha que lhe fazer beber mais vinho, ou acabaria entregando-se a um homem malvado, embora, tremendamente excitante. Maldito vinho! Não podia unir os pensamentos!

Adoain a ergueu em seus braços e a conduziu para o leito. Quando Dulce se deu conta do que pretendia fazer, tratou de impedi-lo.

—Não! Por favor, espere. —Mas ele havia tornado a apoderar-se de sua boca com uma ferocidade que a surpreendeu. Quando terminou o beijo, ela exclamou com olhos brilhantes— Anseio mais vinho!

Adoain a agradou, deu dois passos com ela em braços para a pequena mesa que continha a jarra. Dulce a agarrou, mas não pôde alcançar as taças que ficaram esquecidas na pequena mesa de madeira. Novamente a levou para o leito e a depositou com muita suavidade no macio colchão de plumas.

—Beba — a incitou. Dulce olhou as pupilas negras de Adoain, e pareceu ver um brilho de loucura que conseguiu ocultar à perfeição— E eu beberei de você.

Tomou o líquido da mesma jarra. Encheu a boca com o vinho vermelho e temperado, mas desta vez Adoain não o tragou imediatamente, fez que ela tragasse uma boa quantidade dele. Várias gotas gotejaram por seu queixo, mas ele as lambeu, um ato tão erótico e sensual que lhe fez lançar um profundo gemido.

Ela não tinha controle sobre nada!

Dulce começou a sentir os efeitos que produzia o álcool em seu corpo. Deixava-a desinibida, descarada, e se perguntou por que motivo à droga não fazia efeito nele como tinha pretendido. Sem se dar conta, sua veste ficou caída no chão, igual a sua camisa de linho, estava completamente nua e a mercê do homem que a olhava com olhos brilhantes de desejo.

Adoain tirou a camisa pela cabeça em um só movimento, as meias tiveram a mesma sorte. Em uns instantes, estava tão nu como ela e ansioso como um juvenzinho para

introduzir-se em seu interior. Olhou as coxas acetinadas, tinham a cor mais dourada que já contemplou. Com a ponta de seus dedos, abriu as dobras úmidas e acariciou abertura rosada de forma tão suave, que Dulce soltou uns gemidos muito explícitos, era o momento. Não podia esperar mais, estava a ponto de ejacular sobre o nívoo ventre feminino. Separou seus joelhos de forma brusca se lançando sobre o seu corpo, e com uma firme investida, se enterrou profundamente nela.

Não conseguiu silenciar a tempo o grito feminino, nem de deter a mordida no ombro que ela deu em resposta.

Dulce lhe arranhou as costas com as unhas, enquanto pedia que parasse, e uns momentos depois que seguisse. Mas ele se encontrava sumido em um desejo que não controlava. Simplesmente sentia a urgente necessidade de empurrar mais forte, mais profundo. Estava sendo muito áspero e rápido, mas a estreiteza de Dulce o deixava louco. Adoain sentiu que esticava suas costas, que seu ventre se contraía, e os espasmos do orgasmo sacudiram seu corpo durante uns longos instantes, deliciosos instantes, para ficar sem vida depois, vazio de vontade em cima dela.

Nenhum dos dois soube se o silêncio e a quietude tinham durado um ou vários momentos.

O aposento continuava na penumbra. O silêncio depois dos ofegos de prazer que tinham compartilhado se rompeu quando o fio de uma espada ameaçou o pescoço de Adoain com uma advertência mortal. O Navarro fez gesto de se levantar, mas uma voz cadente e furiosa deteve seu movimento.

—Se descobrir a nudez da dama, cortarei-lhe a cabeça.

Dulce tinha a boca tapada por sua própria mão para conter um gemido cheio de espanto, mas os olhos lhe encheram de lágrimas que se tornaram ácidas pela vergonha. Kamîl a olhava com profunda preocupação e um vislumbre de cólera que a acovardou. Que fazia em Fortun? E por que motivo sua espada ameaçava o pescoço de Adoain?

O Navarro estendeu a mão para agarrar seu manto do chão, e cobriu o corpo feminino com ele. Quando a pele exposta de Dulce ficou coberta, ficou de joelhos e nu diante de seu

carrasco. Dulce ficou para trás, cobrindo-se o melhor que podia com a lã, mas sem deixar de olhar os olhos negros e insondáveis de seu amigo.

Brilhavam com uma fúria que nunca tinha visto.

—E agora, se despeça de seu Deus! —A espada sarracena cortou, em um talho profundo e limpo, a pele do peito de Adoain à altura do coração.

A folha afiada se introduziu na carne como se fosse manteiga. O sangue espesso e vermelho começou a sair e a manchar tudo o que a seu passo tocava, inclusive à pessoa que estava próxima a ele. Manchou o rosto de Dulce, os seus seios, inclusive as mãos que agarravam o tecido.

Os olhos de Dulce se arregalaram, seguiram o rio quente que deslizava pelo peito de Adoain, até alcançar seu ventre e gotejar sobre a roupa do leito. Ficou mortalmente pálida e finalmente desmaiou.

Capítulo 12

Despertou com o sabor amargo da bÍlis aderida ao céu da boca.

Sentia o trote do cavalo e os braços de KamÍl ao redor dela, recordava essa sensação reconfortante muito bem. Abriu os olhos devagar e uma parada violenta a sacudiu. Seu amigo parou os arreios sob o amparo de um carvalho para lhe dar uma pausa porque o trote aumentava a sensação desagradável em seu estômago. Dulce tragou várias vezes, sem que a sensação de repugnância a abandonasse. Passou a mão pelos lábios em um intento de sufocar a acidez que a atormentava. Mas o gosto do sangue penetrou pelos orifÍcios de seu nariz. Cravou suas pupilas nas mãos manchadas do fluido de vida de Adoain e começou a gritar como se estivesse possuída.

—Tire isso KamÍl! Tire isso! Começou a gesticular e golpear o rosto em uma tentativa de limpar o sangue que a manchava— Por favor, por favor!

KamÍl molhou a ponta do manto, que ela levava enrolado ao corpo, com um pouco de água que tinha em uma bolsa de pele atada a seus arreios, limpou o rosto feminino com delicadeza até que ficou completamente limpo.

—Estou cheia de sangue! —A forte exclamação feminina fez que KamÍl a segurasse mais forte, ao sentir que Dulce tentava descer da garupa do animal— Oh, Meu Deus!

—Se tranquilize, já não está suja — disse com voz pausada.

Dulce não podia fechar os olhos, porque se o fizesse, via o corpo de Adoain rasgado pela espada de KamÍl. Outra vez foi sacudida.

Tinha-o matado!

—Está morto? —perguntou, mas sem querer saber a resposta.

KamÍl a olhou tão intensamente, que se ruborizou e voltou a exclamar.

—OH, meu Deus! O que fez? Por quê? OH meu Deus! —Suas perguntas e exclamações não seguiam uma ordem coerente.

Dulce olhou o seu corpo, se deu conta de sua nudez sob o manto Navarro. Kamîl tinha amarrado as pontas em um nó elaborado para segurá-lo em torno de seu peito. Dois homens, nessa noite trágica, haviam-na visto nua e esse fato a mortificava até o inexprimível. Um deles era o homem que tinha desejado com todo seu ser e que se entregou em um arrebatamento de loucura e embriaguez. O outro era um irmão, que queria como se fosse de seu mesmo sangue, e que tinha ofendido com seus atos impulsivos.

—Proteger sua vida — recordou ele.

O tom de Kamîl foi duro, com censura, mas ela sentia tanto horror pelo que tinha acontecido que não podia alinhar um pensamento congruente, nem lhe responder como desejava.

—Eles me matarão! — voltou a exclamar cheia de angústia— E agora eu não poderei retornar para Fortun. Como protegerei o pequeno se me converter em proscrita? OH, Meu Deus! Por que o matastes?

Kamîl ergueu uma de suas sobrancelhas em um perfeito arco ao escutar a enxurrada de palavras.

—Não podia permitir que seguisse respirando depois do que lhe fez.

Ela tinha imaginado esse desastre, mas nunca acreditou que chegaria tão longe.

—Não me forçou, juro! —tentou dizer, mas uma nova onda de náuseas, a fez dobrar-se em dois e perder a cor do rosto.

—Muita dormideira? —perguntou ele.

Dulce cravou suas pupilas nas de seu amigo, que continham no fundo, um notável brilho de humor. Sua vida se desmoronava e ele ria!

Kamîl decidiu não torturá-la mais.

—O pequeno está em seu leito, sob o mesmo teto que sua mãe — respondeu de forma concisa— Nunca deveria tirá-lo de seu lar.

—O pequeno Juan está em Fortun? —perguntou com grande incredulidade.

Kamîl fez um gesto afirmativo com a cabeça, mas não pôde perguntar nada mais porque uma nova onda de náuseas a sacudiu. Quando o mal-estar diminuiu, ela admitiu com voz pesarosa.

—Bebi vinho com o pó que tinha posto para ele, com o único propósito de que não suspeitasse que pensava em drogá-lo - confessou afligida— E me sinto francamente mal.

—Custa-me acreditar que tivesse que drogar a um homem para que permitisse deitar-se com você. — por que as palavras de Kamîl pareciam burlescas?— Sericamente não esperava isso.

Se não se encontrasse tão mal, certamente riria de tudo como Kamîl.

—Tentava evitar que saísse de Fortun com o pequeno. E os homens só entendem duas coisas: a luta ou a diversão amorosa.

—Não é a diversão amorosa o que fez que se entregasse a ele, não é certo?

Dulce olhou o rosto de seu amigo e soube que não podia mentir, a ele não. Por esse motivo, confessou com as pupilas brilhantes pela emoção o que sentia.

—Não havia sentido nada parecido anteriormente. É pousar meus olhos nele e sinto que vai a força do corpo. O coração pela boca. Tremem-me os joelhos e o estômago encolhe — admitiu sem pudor— Não, não foi simplesmente o folguedo amoroso o que fez que me entregasse a ele, e nenhuma boa dose de dormideira.

Ela tinha reconhecido o que sentia pelo Navarro. Kamîl foi consciente do enorme esforço que fazia para justificar-se e decidiu corresponder.

—Fátima me explicou isso tudo — disse, e Dulce mordeu o lábio porque estava passando um mau momento a propósito— Por que não procurou minha ajuda? Estava muito perto para oferecer isso, Jurei a ti, e me nego a pensar que o tenha esquecido tão fatuamente.

Dulce sabia, mas suas ações estavam ocupadas, tentando evitar o sequestro de uma criança, que tinha terminado com o assassinato de seu indutor.

—Preciso caminhar — disse a Kamîl, mas o gesto negativo, provocou uma inesperada reação feminina, que tomou por surpresa.

Dulce saltou do cavalo para o chão, embora ao fazê-lo as pedras cortantes machucaram os seus pés. Kamîl seguia sentado sobre o garanhão e a olhava com certa impaciência. Escutava seus gemidos de dor, mas não provocaram a menor compaixão. Viu-a dirigir-se até uns arbustos e a ouviu vomitar sobre eles. Amaldiçoou baixo e foi em seu auxílio.

Tinham pouco tempo e estavam perdendo muito.

Jimena Blasco estava horrorizada.

Seus olhos não se separavam dos tecidos brancos manchados de sangue. Sobre a cama de Dulce Álvarez tinha ocorrido um açougue. Sentia-se tão doente, que pensou que ia vomitar sobre o frio chão. Cobriu com sua mão a boca para afogar o gemido profundo e lastimoso que nascia de sua pena mais profunda.

Uma moça tão boa não se merecia uma morte tão vil!

O alarme foi divulgado muito perto da madrugada, quando o galo afinava sua garganta para oferecer o primeiro de seus cantos. Um dos guardas, na ronda noturna, tinha visto luz no aposento e a porta entreaberta. O grito cheio de alarme que soou instantes depois, pôs em pé a todos os habitantes de Fortun.

Pedro Artáiz estava mudo.

A cama da moça era uma testemunha silenciosa da barbárie que se cometeu, mas não havia corpo, e esse detalhe era pesaroso. A única coisa que sabia, era que o conde teve um encontro amoroso com a senhorita Álvarez e, agora, ambos tinham desaparecido. Imediatamente depois de saber da notícia, organizaram-se várias saídas para procurá-la, mas resultaram infrutíferas. Não havia sinais de sangue no pátio de armas, nada que indicasse quantos assassinos se introduziram de noite para cometer o atroz assassinato.

O sol estava a ponto de ocultar-se sobre o horizonte cinza, quando a chegada de um séquito cruzou a ponte de entrada ao castelo. Gonzalo Díaz e Miguel Álvarez, seguidos de alguns cavaleiros, desmontaram ao uníssonos de suas montarias e, com grandes passadas, cruzaram o pátio de armas até alcançar os degraus de entrada da torre principal. Quando

Jimena viu seu marido caminhar para ela, equilibrou-se sobre ele e rompeu a chorar de forma desconsolada.

—O que aconteceu? —Os olhos de Gonzalo Díaz cravaram no capitão da guarda que tinha o rosto contraído pela preocupação.

O mensageiro logo pôde explicar a urgência da mensagem, reclamava sua presença em Fortun por um assunto de vida ou morte, e também se requeria a presença do conde de Arienza. O incidente acontecido tinha a haver com sua irmã Dulce Álvarez. Quintín foi incapaz de falar, até que pigarreou várias vezes, com um pigarro rouco.

—A senhorita Álvarez desapareceu.

A voz de Miguel trovejou na sala e fez que a rainha Leonor e Jimena dessem um salto, sobressaltadas. Todos os olhares se cravaram no conde que continha sua fúria com muita dificuldade.

—O que insinua com essas palavras! —bramou colérico— Fale!

Quintín sustentou o olhar de Miguel Álvarez com mais integridade que sentia. O assassinato de uma nobre era um assunto muito sério.

—Sua irmã desapareceu de Fortun, e tememos o pior — disse Jimena a Miguel, com voz trêmula.

—Desapareceu de Fortun? Como é possível? Falei com ela ontem, deve estar confusa.

A mão de Miguel acariciava o punho de sua espada de forma intimidante. Quintín se deu conta de que estava a ponto de perder o controle por completo. Pedro Artáiz se situou muito perto, mas continuava em um silêncio premeditado.

—Se contenha, conde — a voz suave de dona Jimena aumentou ainda mais a fúria que o embargava— Nada está claro ainda.

Miguel abandonou a sala e se dirigiu para as dependências de sua irmã. Conhecia onde estava situada, porque no dia anterior lhe foi atribuído o quarto de Dulce, salvo que não tinha utilizado para dormir a não ser para descansar uns momentos antes de partir para Toledo.

Jimena Blasco, ao adivinhar suas intenções, tratou de impedi-lo.

—Pare, Por Deus! Não...! — Mas Miguel não ia escutar qualquer raciocínio ou pensamento prudente que não fosse a urgente necessidade de saber o que tinha ocorrido.

Gonzalo, Jimena e inclusive Quintín seguiram os passados do conde. Jimena temia sua reação quando visse o quarto ensanguentado.

A cena era dantesca. Sobre o leito havia uma grande mancha de sangue, o tamanho da poça, indicava que foi esvaído do corpo de sua irmã, todo seu fluido de vida. Miguel desviou seus olhos para o roupão e a camisa que continham sangue já seco. Dulce deve ter sofrido a mais horrenda das torturas.

O grito de raiva e dor que rompeu o silêncio do aposento foi como uma premonição do desastre que se apresentava. Miguel avançou com determinação para Quintín, disposto a cobrar a ofensa com sua vida, mas o senhor de Fortun, Gonzalo Díaz, interceptou-o no meio caminho. Conseguiu segurá-lo antes de desembainhar a espada e a cravasse no pescoço do capitão.

Jimena voltou a estalar em lágrimas ao visualizar pela segunda vez a cena pavorosa. E Pedro Artáiz, que estivera calado até esse momento, falou pela primeira vez. Tinha-os seguido até o quarto, e continuava refletindo em pensamentos escuros.

—Deveríamos procurar todos os indícios possíveis. Meu instinto me diz que a senhorita Álvarez não foi assassinada.

Os olhos de Miguel repararam pela primeira vez no homem corpulento e o encarou com ferocidade. O que tentava dizer?

Gonzalo entrecerrou os olhos ao escutar o comentário do Navarro, mas seguiu segurando com força ao conde. Ele tinha conhecimento da visita dos parentes de sua esposa, mas a dívida contraída por vassalagem com dom Alfonso, o impedia de dar as boas-vindas que mereciam, e o mantinha longe de seu lar por tempo indefinido.

—Seu comentário deveria vir acompanhado de uma explicação — disse a voz do Gonzalo com tom calmo.

Quintín suspirou com força, porque ele tinha analisado todas as possibilidades e não tinha dado com a conclusão do senhor Artáiz. Dulce não podia seguir com vida depois de perder tanto sangue! Mas maldita seja! Quem ansiava sua morte?

—É apenas uma hipótese, senhor conde — disse Pedro, mas se absteve de mencionar que Adoain tinha desaparecido também.

Queria ter alguns detalhes claros antes de soltar a notícia, e muito se temia que o sangue que havia no leito não era sangue castelhano. Mas se expor suas dúvidas poderia piorar a situação e seu senhor não necessitava nenhum agravante a mais.

Gonzalo refletiu sobre a possibilidade que argumentava Pedro, mas só tinha que olhar a sangria para convencer-se de que a senhorita Álvarez não podia seguir com vida.

—Onde se encontra Adoain Estella? —perguntou Gonzalo a Pedro de forma inesperada— Preciso falar com ele de forma urgente.

Pedro soube que se encontrava em um grave apuro.

—Meu senhor se encontra ausente, decidi a última hora da noite, visitar suas terras. Confiava em que o acompanhasse sua esposa, dona Jimena, mas em vista de sua enfermidade repentina, optou por partir sozinho.

—Falou minha irmã com algum estranho durante a visita? —perguntou Miguel de repente, impedindo que o Navarro continuasse com sua explicação.

Pensava com rapidez as diferentes opções. Onde estava sua irmã? Quem desejava vê-la morta? Dulce não tinha inimigos!

—Falou com o séquito aragonês que acompanha a nossa rainha —respondeu Jimena sem deixar de soluçar— Eu me encontrava indisposta nas horas prévias ao jantar, e a senhorita Álvarez teve de exercer de anfitriã em meu nome. O que ocorreu depois do jantar, ignoro.

Os olhos de Gonzalo se cravaram em Quintín, que devolveu o olhar um pouco turvado.

—Tive que me ausentar um tempo para ir em busca de monsenhor Marinho Matei, já que tinha decidido visitar Fortun. Queria manter uma conversa com nossa rainha Leonor sobre a enfermidade de sua mãe e sua imediata partida a França.

Gonzalo inclinou a cabeça ao escutar ao capitão. No salão de audiências se encontravam o bispo de Burgos, a rainha Leonor e um conde aragonês que ansiava uma entrevista com ele imediatamente. Todos esperavam sua presença. Na quarto tinha tecidos empapados em sangue e o corpo desaparecido de uma nobre. E se além disso, se alguém prestasse atenção no senhor Artáiz, seu senhor também estava ausente. Uma estranha coincidência?

—Falarei com Benítez. Parece que foi a última pessoa a falar com a senhorita Álvarez. Depois mantereí uma conversa com dom Rafael Lorenzo, para que me faça um relatório daquilo que tem tanta urgência em me comunicar. Quintín — o capitão cravou seus olhos em Gonzalo—, acompanhe à rainha a Burgos e ao bispo, mas retorne o quanto antes. É necessário em Fortun.

Quintín fez uma afirmação com a cabeça, ao mesmo tempo em que soltava um suspiro de alívio. Manter-se ocupado era o que mais ansiava nesse momento.

—Conde de Arienza, interroque o resto dos convidados. Confio que obtenham a máxima informação possível sobre a recepção de ontem à noite e as pessoas que mantiveram contato com sua irmã.

—Jimena, cuide de nosso filho até que possa ir vê-lo. Queira Deus que possamos resolver este assunto sem a presença e intervenção do rei. Dom Alfonso se zangará muitíssimo se o fizemos abandonar as negociações que tem entre as mãos.

Cada um dos mencionados partiu para cumprir as ordens do senhor de Fortun sem réplica.

Dom Rafael Lorenzo tinha os lábios apertados em uma careta de ira. Todas as suas argumentações à rainha castelhana Leonor, tinham ficado no vazio da indiferença. A rainha tinha a intenção de revelar que uma criança de Castilla, tinha direito ao trono de Navarra. Ele tinha insistido na necessidade de manter o menino na ignorância, igual à seus pais, porque a

inimizade que sentia a casa Blasco com a casa real de Navarra, podia propiciar uma guerra entre os reinos.

—Eles o informaram mal, conde Isuela. — Rafael negou várias vezes de forma enérgica às palavras que oferecia Leonor Plantageneta.

—É meu dever lhes informar de que não convém uma guerra entre dois reinos cristãos agora que os almohades se preparam para nos atacar.

—O trono de Navarra tem herdeiro e minha honra me impede de me manter à margem.

Rafael Lorenzo apertou os punhos em seus flancos, porque tudo se complicava. Tentava convencê-la sobre o absurdo de propiciar uma guerra. A rainha insistiu em desviar o tema. O que tinha acontecido no condado de Fortun era um assunto bem feio. O assassinato da irmã do conde de Arienza era sua maior prioridade.

—Lamento que tenha feito uma viagem tão longa para encontrar minha negativa a sua exposição, senhor conde — disse a rainha.

Rafael Lorenzo entrecerrou os olhos e apertou o queixo ao escutar as palavras. A rainha castelhana estava se mostrando um tanto obcecada.

—O duque de Salazar, o conde Branco de Estrada e o marquês Roberto Esteban tomarão posição a favor do conde de Fortun se decide revelar o parentesco, além de outros senhores e barões de Castilla. Vossa Majestade pode desencadear uma guerra em seu próprio reino.

Rafael Lorenzo fixou seus olhos claros na rainha castelhana, que se mantinha em sua postura intransigente, sem ceder um ápice.

—Os senhores castelhanos não iniciarão uma guerra, a menos que o rei de Navarra se oponha a declarar o menino seu herdeiro.

—Não pode passar por cima do conde de Fortun, majestade. Nem com a amizade que mantém dom Juan Blasco com outras casas nobres, minha senhora.

Leonor fechou os olhos com impotência. Durante muito tempo tinha lamentado profundamente conhecer quem era o verdadeiro pai de Jimena Blasco e, em sua ingenuidade,

tinha acreditado que seu avô se interessaria em revelar o segredo. Mas não tinha contado com a enorme inimizade que existia entre ambas as casas, a castelhana e a Navarra.

—Castilla está em guerra com os almohades, e em modo algum poderá respaldar um proclama sobre uma coroa que iniciará uma guerra entre cristãos. — Rafael tentava mostrar à rainha, que Castilla se encontrava em uma situação delicada, e que necessitava de todos os nobres para vencer aos almohades.

Leonor pensou que dom Rafael tinha o assunto muito bem pensado, embora não a amedrontava sua confiança.

—Eu mesmo falarei com dom Juan Blasco, o avô do pequeno. E saberei a sua opinião a respeito — informou o conde— E recorde que o condado de Fortun necessita o seu conde: o pequeno Juan.

A rainha Leonor entreceitou os azuis olhos com suspeita.

—Navarra necessita de seu herdeiro, e é um fato indiscutível.

O silêncio de Rafael aumentou o otimismo da rainha, mas durou muito pouco. O nobre seguiu em seu proclama.

—O rei Sancho não cumpriu o acordo matrimonial com a família Blasco. E o conde de Fortun jamais esquecerá essa afronta, embora seu neto seja na realidade o herdeiro de Navarra.

—Conde de Isuela, dou por concluída esta conversa. Têm a minha palavra que pensarei, e lhes darei minha resposta em breve.

Rafael Lorenzo optou por aceitá-la. Sentia que a pressão podia ser imprópria.

—Encontrar-me na fortaleza de Frite. Fui convidado pela família Armengol¹¹ até minha partida ao meu novo lar.

—Compreenda que neste momento, temos assuntos muito mais importantes para resolver — disse a rainha.

—Espero suas notícias, majestade.

¹¹ O castelo de Frite foi entregue à Coroa da Castilla por dom Armengol, conde Urgel no ano 1202.

Os dias transcorreram com uma lentidão esmagadora. Depois do caos que suscitou em Fortun pelo desaparecimento da senhorita Álvarez, parecia que tudo voltava para a normalidade. A busca infrutífera, deixou desanimado o conde de Arienza. O séquito aragonês partiu para as terras de Burgos dias atrás. E Gonzalo tinha que retornar com dom Alfonso, que tinha enviado várias mensagens ordenando sua volta imediata.

Miguel Álvarez seguia fazendo indagações nas vilas e aldeias próximas a Fortun, tentando averiguar o que tinha acontecido com sua irmã desaparecida, mas ninguém sabia de nada, nem tinha ouvido nada estranho ou anormal. A impotência que sentia, começou a germinar em um ódio negro e esmagador, contudo o que tinha que ver com Fortun. Se Dulce estivesse em Burgos, agora estaria viva. Por isso, a ira o consumia, em um incentivo eterno. Tinha percorrido os campos, os densos bosques, os rios próximos, mas nada. O corpo de Dulce seguia sem aparecer e Miguel amaldiçoou o dever que o obrigava a retornar com o rei Alfonso. Não estava preparado para voltar a empunhar a espada contra os almohades até que tivesse tirado de seu coração o prego envenenado que tinha recebido do condado de Fortun. Mas não queria enfrentar uma acusação de desertor, tinha que retornar com o monarca castelhano.

Jimena se recuperou de sua enfermidade e chorou profusamente quando teve que explicar a seu filho Juan a ausência de sua instrutora. A alegria parecia que se esfumara do interior do castelo, os rostos sérios mostravam a grande pena que sofriam. A senhorita Álvarez tinha sido muito querida em Fortun e lamentavam profundamente sua perda de uma forma trágica e cruel. Mas a vida continuava. E a guerra, também.

A entrada de Carmen, sua donzela, a fez piscar para afastar as lágrimas que se amontoavam em seus olhos.

—Minha senhora, a senhorita Álvarez deixou uma carta na noite que desapareceu.

Jimena Blasco enrugou a frente devido à surpresa.

—Deixou uma carta? —A donzela fez um gesto afirmativo com a cabeça, Jimena suspirou profundamente— E por que motivo não me entregou imediatamente?

—Depois da visita, todos estávamos muito atarefados, minha senhora. Mas juro que não foi premeditado. —Carmen tirou o pergaminho do bolso de seu vestido e o estendeu. Jimena o agarrou sem afastar os olhos de sua criada.

—Obrigado, já pode se retirar.

Quando terminou de ler os traçados negros de tinta, levou a mão até sua garganta para conter um gemido. A breve explicação de Dulce mudava absolutamente tudo. Ficou em pé de um salto e saiu em busca de Gonzalo, como alma que leva ao diabo.

Quando o senhor de Fortun leu a missiva deixada pela senhorita Álvarez, soube que tinha que atuar com prontidão. Mandou chamar dois dos barões que tinham jurado vassalagem ao conde de Fortun. Falou com Pedro Artáiz para lhe contar o que realmente ocorria. Os quatro homens, três castelhanos e um Navarro, dirigiram-se para o emirado do Batalyaws.

Capítulo 13

Palácio Mudaÿÿan

Tinha que enviar uma mensagem urgente a seu irmão lhe avisando do lugar onde se encontrava e por que motivo não podia retornar a Fortun. Tinha atuado de forma apressada, enredando os assuntos, e não via a forma de solucioná-los, salvo admitir a verdade, uma realidade que iria convertê-la em uma proscrita. As semanas que levava em Mudaÿÿan, lhe fez pensar e meditar os passos que devia seguir. Era culpada de assassinato porque, embora ela não havia levantado à espada de Kamîl, tinha propiciado os feitos que deram como resultado, a morte do senhor Estella. E lamentava tanto! Pesava na consciência e no coração. Em sua alma feminina e em seu espírito cristão, sabia que não poderia obter o perdão por uma infâmia de tal magnitude.

Sem ser consciente, estendeu a mão para acariciar as rosas que floresciam no jardim Ao-Autira¹², alheias a seu infortúnio. O jardim se chamava assim pela grande quantidade de atalhos que se mesclavam e se dividiam até compor um labirinto aberto à beleza. As inumeráveis rosas amarelas que o povoavam brilhavam como o ouro, quando os raios de sol acariciavam as pétalas suaves. E quando a brisa as balançava, faziam que a Dulce e penetrante fragrância percorresse cada lugar do palácio.

Nesse preciso momento, ela desfrutava do intenso aroma que desprendiam.

Adorava o palácio de Mudaÿÿan, trazia lembranças maravilhosas, e o tempo que estivera afastada de seus muros, foi como se tivessem cerceado uma parte dela. Amava seu castelo em Arienza, mas a beleza e a cor de Mudaÿÿan, não tinha comparação com nenhum outro lugar que ela conhecesse.

—A tristeza aninha em seus olhos e isso me causa um grande desconsolo.

¹² O atalho.

A voz de Kamîl chegou através da bruma perfumada. Voltou-se para ele e lhe ofereceu um sorriso cândido e afetuoso.

—Contêm tristeza porque chegou o momento de partir. Estou aqui muito tempo.

—Não têm que ir, Mudaÿÿan é também seu lar.

Dulce engoliu em seco várias vezes para baixar o nó da impotência que sentia.

—Nada me causaria mais prazer, que passar mais tempo entre estes muros que tanto adoro. Aqui fui muito feliz, quando a sombra da guerra não se abatia como uma ameaça sobre nós. Mas o muro que erigiram entre meu lar e o seu torna impossível de escalar quando se está do outro lado.

—Agora está neste lado.

Dulce ampliou seu sorriso e o brilho de seus olhos se acentuou ao escutá-lo.

—No outro tenho a metade de minha vida, e obrigações às que não posso renunciar. —Sua voz se tornou espessa de ânimo— Enviei a Miguel uma mensagem para que venha me buscar em Caracuel. Eu lhe explico que tive que me ausentar de Fortun por um assunto de vida ou morte.

—Aqui têm liberdade para atuar como dita a sua consciência, para que conduza o coração. Fátima se sentiria enormemente feliz se não tivesse que te ver partir de novo.

—Não posso abandonar o meu irmão Miguel. Amo-o e desejo estar ao seu lado. E atrasei muito o momento da verdade. Minhas ações pesam como enormes pedras, e vão me pedir explicações. Por esse motivo, não posso voltar os olhos para outro lado.

Os olhos de Kamîl se obscureceram durante um instante ao evocar uma lembrança de sua infância. Uma evocação compartilhada por quatro meninos que efetuaram uma promessa de honra.

Dulce soube exatamente o que cruzava pela mente de Kamîl.

—Para Miguel, foi muito duro perder nosso pai em Alarcos — disse ela.

—Para Fátima foi muito duro perder nosso pai em Ao-Arak¹³—repetiu ele.

¹³ Alarcos, em árabe.

O silêncio se instalou entre a cristã e o muçulmano durante um momento. Ambas famílias tinham combatido ferozmente, um lado defendendo a seu rei cristão, o outro defendendo a seu califa.

—Se Miguel pudesse separar o que sente seu coração do que pensa sua cabeça, tudo seria muito mais fácil, porque haveria esperança.

—Para ele somos inimigos — disse Kamîl.

—Somos irmãos! — retificou ela.

Kamîl agarrou a mão da jovem e abriu seus dedos com delicadeza até deixar a palma exposta. Cravou seus olhos na larga cicatriz que percorria e recordou como fora feito o corte no passado. Então um ligeiro sorriso apareceu em seus lábios. Dulce sempre desmaiava ao ver sangue e aquele momento não foi uma exceção.

—Era tão pequena. Ainda recordo sua coragem.

Dulce não respondeu, permitiu que os dedos de Kamîl acariciassem a rugosa marca da promessa que tinha aceitado. Do enorme amor que sentia por ele e por sua irmã. Embora fossem inimigos de sua fé, embora seus reinos estivessem em guerra, amava-os! E lhe doía intensamente estar separada deles. Kamîl ergueu a delicada mão com doçura e beijou de forma terna o largo rastro rugoso na pele.

—A menina mais valente, e a mais formosa de todas.

A chegada da irmã do Kamîl evitou que Dulce respondesse às palavras de seu amigo. Fátima se pendurou literalmente nela, para arrastá-la para um escondido lugar no jardim.

—Tenho que falar com urgência com você— disse.

Kamîl entendeu que sua irmã o despedia.

Soltou a mão de Dulce com certa inapetência e realizou uma inclinação de cabeça a ambas ao partir. Dulce seguiu os passos que o afastavam do jardim. Admirou sua elegância, seus gestos suaves, seu caminhar sereno e ausente de vaidade. Kamîl era um homem formoso, paciente, o perfeito acompanhante que fazia sentir uma mulher muito especial e bela.

Fátima observou o rosto de sua amiga, e sorriu ao compreender seus pensamentos sem que ela os pronunciasse.

—Durante um tempo acreditei que o amava. —As pupilas de Dulce se cravaram em Fátima, mas não mostraram surpresa por suas palavras.

—Amo-o tanto como a Miguel — respondeu. Fátima lhe mostrou um sorriso tenro.

—Depois compreendi que seu fogo necessitava de uma lenha muito mais forte e duradoura.

Dulce ergueu as sobrancelhas, atônita.

—Meu fogo? —perguntou com uma ponta de humor na voz.

—Sua paixão.

E essa palavra abriu uma brecha em seu coração aflito.

Recordava perfeitamente quem a tinha despertado. O homem capaz de lhe fazer sentir que era um vulcão em erupção e o único que podia acompanhá-la em seu estalo.

—Desde aquela noite, não é a mesma — disse Fátima tratando que ela se justificasse.

—Naquela noite encontrei e perdi algo muito valioso.

«*Um diabo com olhos de anjo*», pensou para si mesmo. Tinha analisado cada detalhe do desastre que tinha acontecido, e chegou à nefasta conclusão de que tudo poderia ter se resolvido de forma muito mais satisfatória. Se pudesse voltar atrás, tudo seria diferente.

—Não o perdestes, posso ajudar a recuperá-lo, se o desejar — disse a muçulmana.

Fátima tinha ajudado na recuperação do Navarro. Mas o deixaram no chão da masmorra, logo que o sangue retornara a seu corpo, Kamîl fora muito claro. Necessitava-o vivo. Era a peça que utilizaria para recuperar Abdel, o primo prisioneiro do conde de Arienza. Miguel o tinha capturado no castelo da Salvatierra, mas ignorava que entre seus muros também se encontrava Fátima.

—Não compreendo amiga, o que tenta me dizer?

—O Navarro não está morto — admitiu.

Dulce a olhou como se Fátima desvairasse.

—É obvio que sim, eu mesma o vi cair sob a espada de seu irmão.

—Pergunte a Kamîl, ele responderá a esta questão.

«*Poderia ser certo? Não, Fátima está me enganando*», disse aflita.

—Por que seu irmão mentiria? —perguntou com voz tremente.

—Mentiu? —perguntou Fátima, sua vez com um timbre seco.

Dulce se deu conta de que Kamîl, em realidade, nunca tinha admitido a morte de Adoain. Simplesmente, ela tinha suposto.

—Pensa fazer uma troca.

—Uma troca? —Apenas se atrevia a perguntar.

A situação a desconcertava por completo.

—Nosso primo Abdel é prisioneiro em Arienza. E Kamîl sabe que Miguel não rechaçará uma troca que seja benéfico para ele.

De repente Dulce compreendeu tudo, mas Miguel jamais aceitaria a troca. Adoain era um desconhecido e não lhe unia a nenhum laço afetivo ou familiar aos Álvarez.

Como se Fátima lesse seus pensamentos, alegou:

—Kamîl acredita que está apaixonada por ele e que fará que seu irmão ceda a troca.

«*Estava apaixonada?*», perguntou-se com a alma triste.

Mas não se sentia com a suficiente maturidade para admitir. O Navarro tinha impregnado muito profundo em sua alma, até o ponto de que não se importava lhe ter entregado sua inocência, apesar das intenções que tinha para recuperar sua herança, cometendo um sequestro. Tinha perdido a cabeça, e admitiu para si mesma que não se podia dirigir o coração para um lugar quando a mente embaralhava a opção de outros muitos caminhos.

Nos dias que passaram, estivera refletindo em profundidade sobre os motivos que tinha Adoain para planejar um sequestro. Devia sentir-se tão desesperado! Um completo estranho controlava suas terras, a herança de sua mãe, e nada do que pudesse dizer ou fazer poderia trocar essa circunstância. Desculpava sua intenção e, durante um instante, o remorso cravou seus dentes afiados em suas emoções por justificar uma atitude amoral pelo puro interesse emocional que despertava.

Mas estava vivo! E o alívio que sentia ao ser consciente dessa realidade obtinha que seu coração saltasse de alegria e que suas vísceras se agitassem pela esperança. Tinha que falar com ele, em seguida.

—Onde se encontra? —perguntou com voz ofegante.

—Na torre oeste — respondeu Fátima.

Dulce se voltou para o lugar onde estava situada esta torre no palácio, justo em frente delas. No muro oposto do jardim.

Adoain estivera todos esses dias tão perto dela que quase lhe parecia uma afronta propiciada por Kamîl. A torre oeste não era a única que podia albergar prisioneiros. O palácio tinha masmorras completamente isoladas e localizadas em diferentes pontos. Contemplou o alto muro e a grossa espessura que cobria a estreita janela próxima ao chão de pedra. Segundo sua amiga Fátima, Adoain Estella continuava vivo, mas ela o tinha visto cair. Ou não; não o tinha visto porque desmaiou. Mas a ferida que Kamîl tinha propiciado era mortal. O espesso sangue saindo do peito do Adoain, ainda lhe produzia náuseas.

—Acreditei que tinha morrido — confessou em um sussurro.

—Kamîl soube feri-lo sem que a estocada fosse mortal. Ninguém dirige a cimitarra melhor que ele. —A mente de Dulce era um torvelinho de especulações— E me sinto responsável — disse Fátima— Quando contei seus planos, soube que tinha ao alcance da mão uma moeda de troca, e não me atrevi a contradizê-lo. Se conseguisse fazer prisioneiro o estrangeiro, não faria falta esconder o pequeno. Retornou a Fortun com a criança, enquanto todos dormiam, e o resto já sabe.

—Burlou o guarda de forma incrível — disse Dulce, e suas palavras soaram como uma crítica.

—Meu irmão é muito talentoso na hora de passar despercebido. Sabe mover-se sem ser visto. Escutar sem ser ouvido. —Dulce sabia muito bem— Recorde que pôde memorizar as diferentes dependências da fortaleza quando foi visita-la, para lhes pedir ajuda.

—E como conseguiu tirar a ambos do castelo sem delatar-se?

Fátima a olhou de forma enigmática, mas não respondeu à pergunta.

—Não faz falta que me responda; Kamîl sempre leva seu homem de confiança, Abdul Ibn Salam.

—Poderia ter tomado Fortun sem esforço — disse com humor.

Dulce pensou que era certo. No castelo tinham ficado apenas uns homens. Poderia ter passado para mãos almohades com facilidade.

—Devo ir vê-lo. —Tinha dado um passo quando a mão da Fátima a segurou para imobilizá-la.

As pupilas de Dulce cravaram no rosto de sua amiga.

—Fale com o Kamîl. Explicará seus motivos e lhes pedirá o favor de que intervenha na troca por nosso primo.

Dulce tentaria, mas Miguel era difícil. Muito reto, muito justiceiro, e odiava aos almohades com todas suas forças.

—Mais tarde falarei com seu irmão, agora devo falar com Adoain. Tenho que pedir uma explicação sobre o que pensava fazer com o pequeno e explicar por que tive que impedi-lo. —Fátima soltou o braço de sua amiga e a viu lançar-se à uma corrida para alcançar o outro extremo do jardim.

Esta torre albergava as dependências da guarda de palácio e algumas celas que se comunicavam com o poço seco. Fátima confiava em que Kamîl não se zangasse muito com ela por lhe revelar a verdade. Mas pensava que sua amiga tinha o direito de saber o que tinha acontecido ao homem, de que estava ou acreditava estar apaixonada.

A azeda discussão sustentada com um dos guardiões, fez que Dulce se voltasse para procurar Kamîl, para que autorizasse sua entrada na cela. Entretanto, o encarregado de custodiar os prisioneiros desta torre, chegou justo no momento em que Dulce se retirava. A jovem conseguiu convencê-lo, de que tinha recebido ordens explícitas de visitar o detento.

Desceu vários degraus até topar com a grossa porta. As dobradiças chiaram ao abrir. Seus olhos demoraram para acostumar-se à penumbra. A única luz natural que iluminava a pequena cela provinha da estreita janela que dava ao jardim. Era a melhor tortura mental que

podia infligir-se a um homem: contemplar a liberdade e lamentar diariamente a incapacidade de não poder alcançá-la.

O aroma de fechado penetrou pelos orifícios de seu nariz, produzindo uma onda repulsiva. Procurou com seus olhos Adoain e o encontrou de costas a ela. Olhava pela estreita janela e contemplava tudo o que acontecia no jardim. Outro homem não teria tido a possibilidade de ver através da janela, mas sua elevada estatura, lhe concedia uma vantagem sobre o resto dos mortais. As algemas que estavam suas mãos e que estavam presas à parede, tinham sido dispostas de forma especial, para ficar folgadas quando olhasse o jardim, mas ao dar a volta, ficavam travadas as costas, lhe impedindo qualquer movimento. Para poder mover-se, tinha que estar de cara à janela, inclusive para alimentar-se, e Dulce ignorava com que propósito tinha sido preso de maneira tão complicada. Frente a ela teria uma posição forçada, e o dano que receberia em seus braços, devia ser terrível. O guardião fechou a porta atrás dela, e o estalo do ferrolho ao ser deslocado, produziu um calafrio nas costas.

Adoain deu a volta até ficar na frente dela, e o que viu Dulce em seus olhos a fez fazer o sinal da cruz e refugiar-se na angústia que começava a sentir. Nunca tinha contemplado um rosto envenenado pela ira, totalmente desfigurado pela cólera.

Se no passado os olhos do homem lhe tinham devotado um olhar cândido, agora gotejavam um ódio visceral. Dulce ficou cravada no chão, incapaz de iniciar uma aproximação ou o início de uma desculpa.

Olhou-o de forma longa e profunda, tentando encontrar uma fresta de humanidade na expressão selvagem de seu rosto. Mas o olhar afiado de suas pupilas, cortava como se fosse aço temperado pelo fogo. Adoain estava irreconhecível, e duvidou entre dar meia volta e partir, ou ficar e beber a ira que destilavam seus olhos.

Contra toda lógica, optou pelo último.

Na sua posição frente à janela, podia ver a mulher culpada de seu encarceramento. Contemplou seu traje com o cenho franzido.

Eram as roupas de uma infiel!

A suave túnica aberta nos lados era tão fina que ondeava a cada passo, e deixava ver uma espécie de calça em um tom muito mais claro. Levava o cabelo recolhido em um elaborado coque, e alguns cachos tinham sido recolhidos por alfinetes de pérolas que brilhavam sob a luz do sol. Ao vê-la com o rosto coberto por um véu, sentiu uma onda crescente em seu peito, ainda mais, ser testemunha muda do encontro amoroso entre o homem que quase o tinha enviado à morte e a irmã do carrasco de seu pai.

O rancor moveu cada vértebra de suas costas, produzindo uma dor insuportável, uma agonia que o balançava em uma loucura de morte e da que tinha que cobrar imediatamente a dívida contraída. Com premeditação, passou a mão e acariciou a longa cicatriz que percorria seu peito nu pela parte esquerda. Fora costurada com consciência, com pontos finos e limpos. Adoain suspeitava que tinha sido curado pelas mãos de uma mulher, porque a incisão em sua carne tinha sido tratada de forma escrupulosa e metódica. Soube, sem lugar a dúvidas, que, se a ferida a fosse feita em Navarra, agora estaria morto. Ignorava os meios que usavam os infiéis para sanar, mas o fato de que estivesse vivo, e não morto, incrementava sua ânsia de vingança.

Durante dias, sofreu delírios, causados pela febre, e o tinham mantido na cama, sem poder erguer sequer a mão para saciar a sede que o mortificava. Mas uma mão desconhecida tinha curado suas chagas, sanado sua ferida e alimentado seu corpo até que pôde valer-se por si mesmo de novo. E o desejo de vingança aumentou, cresceu e o manteve cordato, consciente de que o único propósito que tinha na vida era destruir à família Álvarez. Sobre tudo, à mulher que lhe tinha provocado um desejo abrasador de união carnal e por cuja causa se encontrava encerrado.

Adoain tinha se embebedado com a imagem dos dois, na íntima carícia que tinham compartilhado, alheios aos olhos que observavam cada passo, cada gesto. Tinha sido testemunha do beijo dado e recebido com um sorriso complacente, e do remorso que crescia em seu interior de forma trepidante. Dulce se converteu na razão principal de seu ajuste de contas. Com ela alcançaria o cume de sua vingança, e então o conde de Arienza clamaria piedade. Mas Adoain não pensava oferecer clemência, até que fosse insuportável.

Uma tribulação que nunca tinha conhecido.

Quando seus olhos contemplaram a direção que tomava Dulce Álvarez desde sua posição no jardim, soube que o encontro entre ambos tinha chegado. E lamentava profundamente estar preso à parede com grossas grades que seguravam sua ira, porque isso significava que não poderia estrangulá-la com suas próprias mãos. Mas quando tivesse oportunidade, ia ser implacável.

O tinido da chave ao ser introduzida na fechadura devolveu Adoain ao presente. Plantada frente a ele como uma rainha, encontrava-se Dulce Álvarez, e o olhava com um brilho que não quis valorizar. Entretanto, não podia negar sua formosura, com esse tipo de beleza que incitava aos homens a infringir as leis, fosse humano ou divino. Ele mesmo tinha mordido a maçã envenenada da luxúria, e após, não podia tirar o veneno do coração.

—Sinto-me feliz de vê-lo ileso! —disse a voz da dama.

Adoain apertou os dentes até o ponto de chiá-los. Sua expressão foi tão eloquente, que Dulce retrocedeu um passo, completamente alarmada.

—Odeia-me? Por que? —A voz dela soou estranha ao fazer as perguntas.

—Procurava minha morte em Fortun. — O gemido de surpresa da jovem lhe pareceu autêntico— E estou acostumado a pagar com desprezo a meus inimigos.

As palavras de Adoain não tinham significado para ela.

—Por que motivo procuraria sua morte? Entreguei-me a você! —recordou com o rosto sobressaltado.

A lembrança de sua entrega lhe perfurou os intestinos como se os tivessem furado a golpe de martelo. Durante um instante, quando se enterrou no interior da formosa dama, foi o homem mais feliz do mundo, e o mais estupidamente crédulo.

—Pelo mesmo motivo que o paladino do rei castelhano procurou a morte de meu pai.

O defensor, o paladino do rei castelhano Alfonso, era o conde de Arienza, seu irmão!

—Refere-se a Miguel? —O brilho quente nos olhos do homem lhe esticou o estômago— Insinua acaso que meu irmão...? —Dulce não pôde continuar.

Seu irmão era um valente soldado, obediente ao rei Alfonso. Não tirava vidas desnecessárias.

—Suas palavras não têm sentido — disse ela—, minha família não conhecia a sua até que eu mesma tropecei com você em Fortun.

Adoain sabia que a mulher defendia a seu irmão, acaso Clara não o defenderia a ele se estivesse na mesma situação?

—Meu pai Enrique foi assassinado pela espada de seu irmão, e eu jurei vingar sua morte nesta vida ou na outra.

Nada do que ele dizia, tinha sentido para ela.

Dulce inspirou profundamente e, mostrando uma falta de prudência alarmante, cruzou os dois passos que a separavam até ficar muito perto dele.

—Presumo que está errado, conde de Bearin e, a menos que me mostre provas concludentes, não acreditarei nenhuma só palavra. Meu irmão é inocente de sua acusação!

—Mas não estão aqui para falar sobre o conde de Arienza, não é certo?

Dulce estava tão perto, que as bocas de ambos entrecruzavam fôlegos.

—Tive conhecimento de seus planos sobre o pequeno Blasco, e não pude permitir que os levassem a cabo.

Adoain apertou os lábios até reduzi-los a uma linha fina. Maldita feiticeira! Tinha-o enganado até cegá-lo de paixão.

—Me assassinando? —perguntou.

Fez um movimento brusco, e as algemas chocaram entre si produzindo um ruído seco. Dulce deu um coice.

—Se planejasse isso, não estaria vivo.

Adoain pensou que as palavras dela eram certas. Se o tivesse querido morto, estaria há vários dias.

—Então, por que motivo me retém?

Dulce duvidou em lhe dizer a verdade, mas ponderou que nada ganhava mentindo.

—Porque te convertestes em uma moeda de troca.

E depois de dizer as palavras, Dulce chamou o carcereiro para que lhe abrisse a porta. Tinha que procurar o seu amigo Kamîl e pedir algumas explicações. Além disso, estar na presença de Adoain, era terrivelmente entristecedor.

Capítulo 14

Kamîl entrou na sala com passo firme e se dirigiu para onde esperava Dulce e sua irmã, sem que seu rosto mostrasse alteração alguma. A castelhana se posicionou na metade do aposento, separada de Fátima por vários passos. Um homem entrou atrás de Kamîl, Dulce nunca o tinha visto, embora por suas roupas, soube que era um *cadi*¹⁴. O muçulmano olhou a sua irmã com reprovação em seus olhos negros.

Fátima baixou o rosto envergonhada.

—Fátima não tinha que dizer nada a você, precipitou-se, e agora já não conto com o fator surpresa.

Castelhana e muçulmana ofereceram a Kamîl a mesma expressão no rosto: incredulidade.

«*Fator surpresa?*», ambas perguntaram.

—Agradeço que perdoaste a vida dele — disse Dulce, e suas palavras soaram com um respeito sincero— mas Miguel não se deixará subornar. O Navarro não significa nada para ele, e duvido que saiba sequer de sua existência.

—Em suas mãos está sua vida ou sua morte —disse Kamîl com expressão severa — Quando Miguel Álvarez descobrir o quão comprometido está com você, suspeito que não o deixará partir impunemente depois de fazer o fez com a sua virtude. Minha espada não o matou, mas o seu irmão o fará, e sabe.

Cada palavra de Kamîl cravava em seu coração, como se fossem pontas de flecha afiadas. Seu amigo falava da racionalidade, e ela o escutava com desespero.

—Meu irmão só terá um motivo para matá-lo, se você der — recordou ela — Só se delatar a esta amiga, que lhe quer com toda sua alma.

¹⁴ Juiz muçulmano.

—Seu irmão já tem a razão que necessita, e você mesma a deste por escrito. —Dulce não compreendia o que dizia Kamîl— Por esse motivo decidi trazer o Navarro a Mudaÿÿan.

Dulce apertou os punhos com força. A conversa estava indo para lugares que ela não pretendia cruzar. Perguntou-se em que momento Kamîl mudou o assunto para ela.

—Acreditei que o motivo da vinda dele, era trocá-lo por seu primo — espetou com certa acidez.

—Se pensa assim, é porque não me conhece o suficiente. E não, não penso trocá-lo, porque você o fará. Fará que seu irmão libere o meu primo.

Dulce acreditou que Kamîl a superestimava, e ele, ao ver sua expressão, mostrou-lhe um sábio olhar. Ela mesma tinha se delatado, ao deixar uma nota para dona Jimena. Pensou que Dulce tinha esquecido, e a recordou solicitamente. Ela mesma tinha confessado à sua irmã Fátima.

—Sua carta à senhora Blasco, propiciou que seu irmão viesse com seus cavaleiros às portas de Mudaÿÿan, correndo um risco desnecessário. É muito teimoso e se esquece que está em território inimigo, e que nada alegraria mais a nosso califa, que fazer prisioneiro o paladino do rei castelhano.

O estômago de Dulce sofreu um tombo doloroso. Tudo o que Kamîl havia dito, era certo. Esqueceu completamente da carta que tinha deixado com Carmen para sua senhora, onde indicava o que pensava fazer, ao descobrir as intenções de Adoain. A carta que tinha mencionado a Fátima antes que partisse.

Ela mesma tinha dado a seu irmão a razão que necessitava para sitiar Mudaÿÿan.

—Meu irmão se encontra aqui? —perguntou com voz entrecortada, e com a leve esperança de que Kamîl tenha se enganado. Mas seu amigo reafirmou em suas palavras. Dulce inspirou de forma profunda tentando normalizar os batimentos de seu coração — Ajudem-me a convencê-lo! —rogou com uma súplica.

O rosto do muçulmano era de autêntico pesar.

—Anos atrás era possível, mas não agora, querida Dulce. Seu irmão se converteu em meu maior inimigo.

—Falarei com Miguel, mas não se deixará manipular, e ignoro o que fazer ou como atuará em consequência.

—Se não conseguir convencê-lo, conheço um meio para que desista de seu empenho de matar o forasteiro e de expor sua vida em terra que ele considera infiel.

Dulce ouvia as palavras de seu amigo com uma esperança demolidora.

—Escuto.

—Contraia matrimônio com o Navarro, salvará a vida dos dois.

Dulce teve que tomar ar, porque ficou sem respiração.

A mente da jovem analisava as alternativas e as possíveis soluções. Diante de todas as opções, a de Kamîl era a mais descabelada, embora também a mais acertada. Se convertesse Adoain em cunhado de seu irmão, Miguel não poderia fazer nenhuma justiça ou revanche. O Navarro tampouco poderia esgrimir a vingança contra ele. Era a melhor solução, e a mais inalcançável.

—Faria com gosto, mas o Navarro não consentirá — admitiu ao fim.

—Então terá que convencer não a um, mas a dois homens do apropriado de sua união.

Dulce sabia que tinha que fazer algo imediatamente, mas se sentia sobressaltada pela magnitude do trabalho que se apresentava.

—Falarei com Miguel — decidiu depois de um momento, que para Fátima pareceu eterno— apelarei a seu sentido de justiça e de cavalheirismo.

—Aceita um conselho, amiga minha? —Fátima interveio pela primeira vez na conversa que mantinham Kamîl e ela.

Dulce voltou seu rosto para olhá-la com interesse.

—Escuto e agradeço. Conselhos acertados sempre são bem-vindos.

—Contraia matrimônio em primeiro lugar com o estrangeiro, assim não dará a seu irmão a oportunidade de cobrar a ofensa. Que seja um fato consumado. Seu irmão é um bom cristão, não atentará contra um sacramento divino como o matrimônio.

Dulce entendia muito bem.

Casar-se com o Adoain significaria infligir em seu irmão, uma estocada diretamente no coração, em seus sentimentos de amparo e orgulho castelhano. Entretanto, ao fazê-lo, varreria qualquer ameaça e salvaria a vida do Navarro.

—Meu irmão pode aceitar um fato consumado, mas o conde de Bearin não me outorgará seu consentimento para me unir a ele em matrimônio. É um homem muito orgulhoso.

—Diga que está grávida. —As palavras de sua amiga a deixaram atônita.

—Isso Fátima, seria uma mentira monstruosa! — exclamou Dulce horrorizada.

—É possível que esteja?

Dulce pensou a toda velocidade. Embora ela logo fosse saber, não tinha certeza absoluta de não estar, se ela não sabia, ele tampouco não saberia adivinhar.

—Falarei com Adoain — disse de repente— Está preparado? —perguntou ao *cadí*, e este lhe respondeu apenas com um gesto— Dê-me um momento, e depois se dirijam para a torre. Fátima — aludida a olhou de forma solene— será testemunha.

Dulce tinha compreendido o que fazia o *cadí* de Batalyaws em Mudaýýan; ia officiar uma cerimônia: a sua com o Navarro. Kamîl fora muito providente.

Dirigiu seus passos para o pátio de armas, subiu as longas escadas da atalaia e caminhou pelas almenas até encontrar o ponto exato de onde poderia olhar o lugar onde estava seu irmão acampado. Sua cabeça emergiu e observou o horizonte. As duas únicas tendas, estavam dispostas em torno de uma fogueira. Não ondeavam nenhum estandarte nem brasão e lhe pareceu ilógico que seu irmão arriscasse seu pescoço chegando tão ao sul. Mudaýýan ficava muito perto da cidade de Batalyaws, e em qualquer momento, poderiam informar ao exército almohade da presença dos castelhanos.

Era um suicídio acampar tranquilamente nos arredores. Por esse motivo decidiu que tentaria convencer Adoain para que aceitasse casar-se com ela. E depois teria que convencer seu irmão para que não o matasse. Em qualquer caso, tinha ante si uma prova muito difícil de ter, e não sabia como poderia levá-lo ao fim.

Mas Fátima tinha dado, com sua sagacidade, a arma que podia utilizar para obter seu consentimento. Embora manchasse sua alma cristã com a mentira piedosa que ia dizer, valia o resultado que obteria depois.

Adoain seguia olhando pela janela na posição mais cômoda que podia. As grossas algemas eram tiradas de noite para que se alimentasse e se deitasse no catre de palha, mas durante o dia voltavam a colocá-las na mesma posição, olhando sempre para a liberdade que estava sendo negada.

Dulce tinha pedido a chave dos grilhões ao carcereiro, que a entregou de forma relutante. Pensava que a cristã estava louca porque, deixando livre das algemas o prisioneiro, poderia lhe fazer um dano irreparável. Entretanto, as ordens de seu amo Kamîl, uns momentos antes, foram firmes e indiscutíveis. A mulher ignorava que o senhor de Mudaÿÿan tinha sido previdente e cuidadoso.

Quando o ferrolho foi aberto, a porta chiou ao ser aberta, Dulce entrou no interior da cela com sigilo. Adoain não se moveu de seu lugar nem se virou para comprovar quem o visitava. Estava de costas e quase nu. Quando a tocha foi presa na parede pelo guardião, a visão que Dulce teve de seu dorso, lhe provocou um gemido intenso e uma ira desmedida.

—O que fizeram com você? —perguntou cheia de horror.

Adoain seguia sem mover-se, como se estivesse sem vontade de saber sobre as coisas que aconteciam no exterior.

—É atroz e desumano. —O silêncio prolongado dele fez com que Dulce resmungasse um impropério— Pode fechar a porta quando sair — disse ao carcereiro, que a olhou intensamente sem obedecer à ordem emitida— Não me ocorrerá nada de mal.

—Está completamente segura? —a pergunta não foi formulada pelo guardião, mas por Adoain.

—Se tiver decidido me matar, pouco importa que seja aqui ou em meu leito, enquanto durmo —respondeu ela— por esse motivo não me preocupa ficar a sós com você.

Finalmente o carcereiro abandonou a pequena e úmida cela. Fechou a porta e colocou o ferrolho com precaução. O estrangeiro não poderia escapar embora tentasse. E se machucasse a mulher, ele mesmo o mataria com suas próprias mãos.

—O soltarei, mas antes tenho que fazer um pedido a você — disse ela.

Essas palavras tiveram a atenção que esperava. Adoain deu a volta com violência e a encarou com olhos ferozes.

—A matarei bem rápido, prometo isso.

Esse não era o pedido que ela queria obter.

—Desejo que se una comigo em matrimônio — soltou rapidamente.

Adoain piscou várias vezes, completamente superado em emoções contraditórias, e sem saber exatamente por que sentia um calor específico lhe percorrendo os intestinos. Era a última coisa que podia esperar. Unir-se em matrimônio? Devia estar louca!

Dulce foi consciente, graças a suave e tremula luz da tocha, das emoções que cruzaram o rosto de Adoain: incredulidade, confusão e uma ira ainda mais daninha. Soube que ele não ia aceitar essa união embora fosse temporário, mas tinha que tentar. Obter seu consentimento.

—O matrimônio entre nós dois poderia ser anulado imediatamente depois de que alcance a fronteira Navarra de volta a seu lar. Dou minha palavra.

—Não necessito uma esposa para cruzar um reino — disse com voz tão fria como o gelo e com olhar tão quente como o inferno— E esquece que prometi matar o seu irmão.

Essas palavras a enfureceram e a fizeram afiançar-se ainda mais em sua postura.

—Julga com muita leviandade as habilidades de um homem que não conhece, e isso demonstra sua soberba pecaminosa, meu senhor.

Adoain olhou os ombros nus, e a encarou até lhe produzir um estremecimento, mas ela continuou decidida.

—E o matrimônio não é para proteger você, a não ser ao fruto que levo em meu ventre.

Adoain sentiu uma pressão na cabeça que o deixou completamente aturdido e indefeso. Que demônios estava revelando?

—Mentira! —exclamou com voz de trovão, e as algemas se chocaram entre si, fazendo um ruído ensurdecedor quando tentou alcançar o corpo feminino.

Dulce baixou as pálpebras, tentando conter a coragem que lhe escapava. Já não podia voltar atrás. Respirou profundamente antes de voltar a cravar suas pupilas nele.

—Estou grávida, e é o pai.

O rugido feroz de Adoain fez estremecer os alicerces de Mudaÿyan. Dulce aguentou seu descontrole de pé e sem mover-se, com um brio que ignorava que tivesse. Sentia em seu interior que acabava de cometer a maior loucura de sua vida, mas estava em jogo a vida de seu irmão e a dele.

Adoain pensou que a mulher mentia, mas não podia estar completamente seguro. Era virgem quando a possuiu e, embora não tivesse transcorrido tanto tempo após o único encontro amoroso, a gravidez podia ser certo. Seu coração se dividiu em dois sentimentos diferenciados: o ódio e a honra.

Quando o silêncio já era insuportável para ela, Adoain falou por fim, mas sua expressão irada não tinha diminuído nem um ápice.

—Aceito — disse ao fim— mas com uma condição.

Dulce inspirou profundamente aliviada, embora o peso da carga que suportava ia aumentar muito mais.

—Desejo um duelo com o infiel. Se me derrotar, casarei com você.

«Adoain desejava duelar com Kamîl? Por que motivo?», perguntou-se alarmada.

—E se meu amigo for derrotado por sua espada? —perguntou com a alma pequena.

O sorriso diabólico lhe provocou um espasmo, porque continha uma presunção de força que conseguiu acovardá-la.

—Então que Deus tenha piedade de sua alma.

Era absurdo, fora de toda razão ou lógica. Diante dela, no pátio de armas, encontravam-se o homem que havia virado sua vida do avesso e o que era seu melhor amigo.

Kamîl aceitou a provocação sem sombra de dúvidas, e lhe devotou um sorriso que pretendia reconfortá-la. Mesmo assim, Dulce se sentiria imensamente mortificada por qualquer um dos resultados finais, tido graças as decisões apressadas e impensadas de sua parte.

—A morte! —exclamou Adoain.

Dulce tampou a boca com a mão para afogar um impropério.

Cada competidor tinha escolhido uma arma. O Navarro decidiu pela espada de corte. Kamîl ofereceu a espada, que tinha sido dada de presente pelo conde de Arienza no dia de seu décimo sexto aniversário. Tinha-a em alta estima e era uma honra para Adoain, mesmo que este não soubesse apreciar. A folha afiada tinha entalhes, que permitiam ao aço, muita mais leveza e além disso, permitia mantê-la forte e rígida. Mas Kamîl não se preocupava com a confiança do Navarro. Primeiro tinha que mostrar suas habilidades com ela, embora por sua atitude, o considerava um bom competidor. Mas ele podia montar sem cela, em um fioso cavalo árabe, ou em uma cômoda cela em um pesado corcel castelhano. Sua inteligência era indiscutível, se vestia como um príncipe de Balance, mas sem ostentação. E sabia em seu foro íntimo, que era um difícil competidor para um homem como Adoain Estella.

Kamîl tinha escolhido uma cimitarra. Os árabes preferiam a cimitarra à espada reta. Sua larga e curvada folha, estava desenhada para se esquivar das estocadas do inimigo, assim como esfaquear de forma profunda e mortífera. Também eram excepcionalmente robustas, e, duras para não perder o fio mortal. Mas Adoain desconhecia esses detalhes.

O sentido de honra de Kamîl e sua generosidade na luta, dava confiança aos seus rivais. Mas sua insensibilidade à dor, o convertia em um guerreiro extremamente perigoso no ataque.

Ao primeiro golpe de espadas, Dulce fechou os olhos.

—Kamîl vencerá — disse Fátima com um sorriso de orgulho— Sempre triunfa.

Durante os primeiros momentos da luta, ficou clara a força de Adoain, que não dava nenhum golpe ao vazio. Entretanto, a agilidade de Kamîl conseguia desfocá-lo. Sua magra,

mas atlética constituição lhe permitia dar passos ligeiros e centrar-se em movimentos velozes que conseguiam desgastar Adoain. Apesar da corpulência do Navarro, seus golpes seriam mortais, se chegassem a alcançá-lo, mas Kamîl os evitava com uma sutileza que desconcertava. Sem lugar a dúvidas, o conde de Bearin procurava o coração do infiel, mas Kamîl não pensava facilitar. E contrariamente ao que sentia, não pensava infligir muitas feridas no seu competidor, já que o Navarro devia assistir à sua própria boda.

Em um dos ataques, a ponta da cimitarra de Kamîl conseguiu fazer um talho no braço. Adoain não se deu conta da ferida, e aproveitou um descuido apenas perceptível de seu rival para dar um golpe com o punho da espada e um murro com o braço e antebraço arqueado, o que lhe fez cuspir sangue e desestabilizar. Possivelmente, ele não era tão impecável na arma como o almohade, mas podia lhe ocasionar um dano definitivo com seus punhos.

Kamîl passou a manga de sua túnica pela boca para limpar o sangue que saía em abundância de seu lábio inferior. Ficou demonstrado, que o Navarro não tinha intenção de seguir perdendo tempo no jogo que iniciou, e decidiu acabar o assunto, para concluir de uma vez. Mas se em algum momento acreditou que as forças do conde cediam, teve uma ingrata surpresa.

A espada de Adoain golpeava com muita mais força, e ele teve que recorrer a todos seus movimentos para que não o cercasse contra a parede. Se conseguisse prende-lo, estava perdido.

Com um movimento enérgico e resolvido, investiu contra o Navarro que foi pego completamente despreparado, conseguiu pôr o fio de sua cimitarra no pescoço com uma clara advertência. Mas Adoain se moveu com uma energia insuperável e Kamîl se encontrou com a ponta da espada de Adoain apontando diretamente a seu coração. O brilho resistente dos olhos do Navarro, foram claramente intimidatórios e Kamîl aceitou sua derrota com uma enxurrada de insultos em árabe. Era a primeira vez que perdia um duelo.

O Navarro o encarou com o olhar e o espetou com voz seca:

—Eu dito sobre meu destino, e se aceitar sobre o matrimônio, é porque assim opinou minha consciência. Nunca pelas argúcias de uma mulher.

Kamîl rendeu sua arma e Adoain a aceitou. Mas antes de baixar sua espada, fez-lhe um corte no peito. Pretendia ser um aviso pela grave ferida que Kamîl lhe infligiu em Fortun e do duelo que tinha perdido.

—E isto é para que não se esqueça.

O corte rasgou a túnica branca de Kamîl que, em uns instantes, tingiu-se de vermelho carmesim. A ferida não era muito profunda, mas tinha um importante significado.

— Uma lembrança que chega tarde em suas bodas —recordou Kamîl com olhos brilhantes e sem alterar-se pelo arranhão recebido.

Quando os olhos do Navarro procuraram à noiva, encontrou-a estirada no chão e atendida por Fátima, que se via bastante nervosa.

Que diabos tinha ocorrido! Quem a tinha golpeado?

Capítulo 15

As rezas não acalmavam o angustiante palpitar de seu coração, nem o selvagem galopar de seu sangue pelo interior de seu corpo. Sentia frio, a pesar do calor que avermelhava suas bochechas, e o rosto sério de Adoain lhe produzia um pressentimento letal de incerteza.

O *cadí* lhes pediu o consentimento mútuo, para uni-los em matrimônio. Dulce ofereceu a promessa com voz entrecortada. O tom de Adoain foi severo, embora enérgico, mas não teve nenhum cuidado, nenhuma só vez à mulher que estava ao seu lado tremendo como uma folha. O sentia tão terrivelmente furioso, que não entendia como conseguia conter o impulso de estrangulá-la e arrasar o palácio com tudo dentro.

Fátima, com voz alta e clara, reafirmou sua posição de testemunha no enlace. Kamîl fez o próprio como senhor de Mudaÿÿan. Assinaram-se os acordos e a ata foi lacrada com o selo que levava o *cadí* em seu dedo, outorgando a autenticidade que requeria um documento de tal importância.

Quando a cerimônia terminou, e mal tinha durado uns momentos, Kamîl os convidou a brindar com uma taça de vinho que Adoain aceitou. Bebeu como se pretendesse afogar não só suas penas, a não ser seu corpo inteiro no álcool.

Dulce precisava afastar-se da sensação opressiva que sentia ante sua presença e a urgente necessidade de falar com seu irmão.

—Retornarei em um momento. —Fátima fez um gesto com a cabeça de surpresa porque ignorava para onde se dirigia— Trarei meu irmão comigo — explicou.

Os olhos de Adoain não a olharam quando saiu do salão para o enorme vestíbulo. Dulce teria que convencer um castelhano, e o resto, esperavam resultados sem fazer absolutamente nada, mas não se importou. Era seu dever e devia enfrentar à situação o quanto antes.

Guiou seus passos para o exterior. Quando alcançou a porta principal de entrada e saída do palácio, duvidou se devia continuar. As sólidas portas de madeira estavam protegidas por uma grade metálica. Pediu aos guardas que baixassem a ponte levadiça, mas os soldados fizeram um gesto negativo. A cabeça de Dulce se dirigiu para a torre, os guardas seguiram seu movimento e viram Kamîl, que da grande janela da torre, fazia um gesto afirmativo para que permitissem sua saída. As duas correntes em posição paralela começaram a mover-se, quando a alavanca foi acionada. O cabrestante as soltava de forma lenta, e o som peculiar produzido pelos contrapesos ao final das grossas correntes, produzia um calafrio de temor que pretendia controlar. Antes que seus pés tocassem a grossa madeira que atravessava o fosso, viu quatro homens vestidos com armaduras de pé do outro lado. Os guardas tomaram posições e os ameaçaram com as balestras carregadas para que não se movessem, mas Dulce ignorou os gritos da parte superior da poterna e começou a caminhar em direção a eles.

Observou Pedro Artáiz que a olhava com rosto sério. Gonzalo Díez e os barões castelhanos, Luis e Esteban, mostravam uma atitude preventiva. Dulce ignorava o que faziam em Batalyaws.

Chegar até a presença desses homens, lhe custou o maior esforço de sua vida, e em cada passo submisso que dava, se perguntava por que seu irmão não estava com eles.

Os gritos dos soldados tinham cessado e Dulce voltou seu rosto para saber o motivo. Viu Kamîl de pé junto a seus homens. Nem Adoain nem Fátima estavam com ele, e ela deu os dois últimos passos que a deixava plantada frente aos quatro homens que mantinham silêncio absoluto. Mesmo assim, ela não se sentiu intimidada por essa circunstância. Tinha tomado muitas decisões errôneas e uma mais não importava. Temia o castigo divino, que ia ser implacável com ela, mas seu débito não ia ser reclamado nesse momento.

—Adoain Estella se encontra vivo? —A pergunta do Gonzalo Díaz soou dura e com um timbre perigoso.

Dulce o olhou com atenção. Desde sua chegada em Fortun, logo que viu o marido e senhor de Jimena Blasco, sua presença conseguiu despertar sua curiosidade. Não era nobre,

mas seu caráter valente e decidido, ganhou o respeito não só do conde de Fortun mas também do rei castelhano Alfonso.

—Sim. —Sua resposta foi direta mas clara.

Dulce escutou o suspiro profundo de Artáiz, e desviou os olhos do senhor Díaz até o Navarro.

—É prisioneiro? —Agora a pergunta foi formulada pelo capitão Navarro.

—Não — respondeu Dulce— Acaba de desposar-se.

A expressão dos quatro homens seria cômica, se ela não se encontrasse tão ultrapassada pelo remorso. Com os sentidos em seu amigo Kamîl, que a observava das almenas, sentia seus olhos negros cravados em suas costas.

—Devo falar com ele — disse de repente Gonzalo Díaz.

Dulce olhou por cima de seu ombro para Kamîl. Este fez um gesto afirmativo com a mão.

—Não há perigo, pode cruzar a ponte. Meu amigo o receberá e o levará ante a presença do conde de Bearin.

Dulce cruzou no meio dos homens e seguiu o atalho ausente de grama para as tendas, mas observou que não havia atividade e esse detalhe a intranquilizou. Não tinha visto seu irmão, nem a nenhum de seus cavaleiros. Era estranho que não tivesse dado sinais de vida.

Sem perceber de que Artáiz a seguia, Dulce caminhou mais rápido porque sentia verdadeira urgência por chegar e comprovar quem eram os que se achavam no interior das tendas. A mão de Pedro a agarrou pelo braço e deteve seus passos.

—Senhora, quem é digno de sua atenção neste momento? —perguntou Artáiz.

—Meu irmão — respondeu— Procuro a meu irmão, Miguel Álvarez.

—Não o encontrará ali. —Assinalou as tendas.

—Me informaram que está acampado me esperando. É urgente que fale com ele.

—As tendas são nossas, senhora; não há nenhum parente seu no interior.

Os olhos de Dulce piscaram ao compreender a explicação do homem.

—Decidimos buscar o conde de Bearin.

—Meu irmão não se encontra no interior das tendas?

Pedro pensou que a mulher não estava bem. Acaso não havia dito precisamente isso?

—Com quem se casou o conde? —a pergunta do homem a pegou completamente despreparada— Mentistes com respeito a essa informação?

Dulce deu a volta para olhar para o palácio que seguia com a ponte levadiça baixada. Os três homens permaneciam de pé sem mover-se, como se esperassem a volta do homem que se encontrava junto a ela para entrar em seu interior.

—Adoain Estella casou-se comigo — reconheceu com certa confusão.

—Casado? Com você? Foi obrigado? —perguntou com voz dura como o granito.

—Com uma espada sarracena ameaçando seu pescoço, sim — confessou aturdida.

—Não perdoará que o tenham manipulado — asseverou atônito.

A advertência do Navarro lhe pareceu descarada em extremo.

—E o que importa que o tenha manipulado se tiver obtido com isso sua vida? — perguntou de forma amarga.

—Não esquecerá o que é uma inimizade.

Dulce não soltou uma gargalhada por pura teima. Parecia um absurdo incrível as palavras do Navarro, que lhe soaram como uma ameaça. Tinha acreditado que Kamîl havia dito a verdade, mas seu irmão não estava acampado nos subúrbios de Mudaÿÿan, nem procurava o sangue do Navarro. Ela sim foi sido manipulada.

—Um inimigo a mais, o que me importa, senhor Artáiz.

Dulce tentou soltar-se do aperto que Artáiz exercia sobre seu braço, mas sem conseguir.

—Desejo comprovar por mim mesma que meu irmão não se encontra em terra almohade. Agora, se me desculpar.

Decidiu acompanhá-la.

Quando as duas tendas foram abertas para ela e pôde comprovar que estavam vazias, Dulce soltou um suspiro de alívio, sentiu um enorme desejo de começar a rir e não parar, ou

de chorar com a mesma intensidade. Mentiu a um homem para obrigá-lo a desposar-se com ela! Seu irmão ignorava que se encontrava junto a Kamîl e Fátima... Tudo fora um desastre.

De repente, e sem prévio aviso, começou a soluçar, tentando conter as lágrimas que ardiam seus olhos, mas nada pôde fazer para as controlar. Começaram a deslizar-se por suas bochechas de forma profusa e sem trégua. A tensão dos últimos dias, a angústia e o desespero que a embargou, convergiu em uma corrente que não pôde segurar.

Estava metida em uma boa confusão, e se desesperava não saber que ação tomar ou que caminho escolher.

Artáiz não sabia o que fazer para consolar à esposa de seu senhor, salvo conduzi-la ao palácio. Se for certo o que tinha revelado, Adoain ia ser impossível de tratar e de controlar. Felizmente, ele se encontrava perto para socorrê-la e evitar uma desgraça maior, como seu assassinato.

—Teria sido um gesto amável de sua parte acompanhá-la, disse com reprovação Fátima a Adoain— Minha amiga é uma mulher valente, mas tem um trabalho delicado para realizar e agora necessita seu apoio.

Adoain voltou a encher a taça de vinho até a borda. Pretendia que o álcool mitigasse a ira que sentia. Ele, que tinha jurado que uma mulher não voltaria a manipulá-lo, encontrava-se casado com uma castelhana, que fazia ferver o seu sangue.

—Não estou acostumado a me meter em assuntos familiares — respondeu com aspereza.

—Mas Dulce é agora sua família. —Os olhos de Adoain voaram para o rosto de Fátima com uma evidente inquietação.

Se seguisse por esse caminho, ia encontrar um sério problema: ele.

O ruído da porta ao abrir-se e a entrada de quatro homens, fizeram que ambos se voltassem para ali. Quando Adoain o viu, amaldiçoou baixo. Que diabos fazia Artáiz em Mudaÿyan?

—Chego tarde a suas bodas? —As palavras de Artáiz, fizeram franzir o cenho com atitude exasperada — Parabéns, conde de Bearin, sua mãe se sentirá honrada com a mulher que escolheste: uma castelhana como ela.

Adoain não pôde responder imediatamente. Mastigou a bÍlis de sua ira e a engoliu.

—Felicidades, conde de Bearin — disse Gonzalo Díaz— Acreditávamos que estava morto e não felizmente desposado. Mas nos alegra enormemente nos encontrar com a segunda alternativa e não com a primeira.

Suas palavras continham uma crítica que lhe ardeu. Eles não sabiam nada das circunstâncias que o tinha conduzido a casar-se com a irmã de seu inimigo. Sua boca estava selada com a entrega de sua promessa.

—Está prenhe —respondeu brusco— e é obrigação de um bom Navarro atender à égua, até que nasça o potro.

As palavras de Adoain arrancaram gargalhadas dos barões Luis e Esteban, que tinham acompanhado ao seu senhor, sem fazer uma só pergunta. Estavam acostumados a obedecer as ordens do genro do conde de Fortun, a quem lhe deviam vassalagem.

As bochechas de Dulce ardiam, mas o merecia, lhe pareceu de uma grosseria sem precedente que, em casa de seu amigo KamÍl se comportassem como brutos. Nem sequer devotaram seus respeitos a Fátima como senhora de Mudaÿÿan, nem a ela como esposa de outro conde. Era um insulto descarado comportar-se assim em casa de um estranho que lhes oferecia a hospitalidade de seu lar e o pão de sua despesa.

—O almoço será servido em uns momentos — disse de repente Fátima corroborando seus pensamentos.

—Não! — exclamou Adoain, mas, como se tivesse dado conta de sua negativa tão veemente, moderou o tom um instante depois— Partiremos imediatamente. Temos um longo caminho a percorrer.

Dulce e Fátima olharam aos homens com rosto suspeito.

—Está bem —admitiu ao fim— Não estamos tão longe de Arienza. Chegaremos antes do anoitecer e poderemos nos provisionar.

Adoain olhou para Dulce com uma sobrancelha elevada.

—Você não virá, senhora. —Dulce cravou suas pupilas nas de Adoain ao escutá-lo.

—Não, não compreendo — conseguiu dizer com uma voz carregada de estranheza.

—Desejava um marido e aqui o têm. —E lhe lançou o pergaminho onde ficava registrado seu matrimônio.

Dulce não foi o bastante rápida para agarrá-lo. O cilindro de papel golpeou no centro do peito, antes de cair no chão e rolar até os pés de Artáiz. Kamîl tirou sua espada do cinto ante o insulto descarado, e os quatro homens fizeram o próprio com suas armas. Fátima acreditou que poderia desmaiar ante o horror que sentia, mas a mão de Dulce reteve a de Kamîl e lhe fez um gesto negativo, para que se contivesse.

Adoain deu perfeita conta do contato feminino premeditado e do poder que tinha a castelhana sobre o muçulmano.

Sua ira cresceu ainda mais.

—Obtivestes que não possa matar o seu irmão, unindo nossas famílias, mas é o único terá de mim — informou com voz de gelo.

A exclamação aguda de Fátima, fez que Dulce soltasse o ar que continha em seu interior. Adoain estava levando o assunto muito melhor do que esperava, porque ela continuava com a cabeça sobre os ombros.

—Parte então, e que Deus lhe abençoe.

Dulce decidiu que não ficaria mais tempo no salão. Estava a ponto de tornar a chorar, e já tinha derramado muitas lágrimas inúteis nesses dias. Fátima decidiu acompanhá-la. Quando as mulheres saíram do aposento, o silêncio as seguiu pelos longos corredores.

—Cavalheiros, já sabem onde se encontra a saída. —O tom empregado por Kamîl era indiscutível, mas o único que não se moveu foi Artáiz.

Adoain, ao voltar-se, falou de forma dura e o capitão respondeu com o mesmo matiz de voz exaltado. Negava-se a deixar sua senhora, o que suscitou uma azeda discussão entre ambos. Enquanto isso, Gonzalo e seus homens decidiram esperar no pátio de armas, alheios ao debate conjugal.

—Não penso abandonar à condessa de Bearin — respondeu Artáiz de forma teimosa.

—É uma ordem — admoestou Adoain.

—Se estivesse nesta situação, seu pai teria atuado de um modo muito diferente — espetou o capitão Navarro, que não compreendia a atitude do homem a quem admirava— E inclusive me atrevo a presumir que tentaria ver o lado positivo da aliança inesperada.

Artáiz viu com seus próprios olhos o que significava a mulher castelhana para ele. E por esse motivo, confundia-se sua atitude, agora que estava casado com ela. Um autêntico Navarro não atuaria de forma tão incoerente.

—Esquece que estou aqui precisamente por meu pai — disse Adoain.

Ambos os homens se olharam nos olhos sem emitir uma única piscada.

—Então informo que meu dever é proteger a minha senhora, um dever que não esqueço como você.

Adoain resmungou de forma visível. Tinha esquecido completamente que, de todos os homens a sua responsabilidade, Artáiz era o mais teimoso.

—Estive às portas da morte — revelou.

—Sou consciente desse detalhe, vi seu sangue no leito. De todos os modos, tenho que dizer que teria atuado da mesma maneira com o homem que tivesse desonrado a sua irmã — respondeu conciso— Não pode culpar ao infiel por protegê-la.

Adoain sabia que seu amigo tinha razão. Estivera tão cego com os resultados, que esqueceu os motivos que os causou.

—O matrimônio é eventual. Terminará quando retornar de novo a meu lar. Foi o preço pago por minha libertação.

Artáiz o olhou de forma intensa.

—Desculpe que não penso como você. Um voto sagrado não pode romper-se. Por esse motivo, devo proteger a minha senhora. —Adoain sabia que Pedro não ia partir sem ela e o amaldiçoou de forma violenta— E a você de sua teimosia.

Não era teimosia a não ser sobrevivência, embora Adoain terminou por aceitar. Tinha uma esposa por bem ou por mau, e devia se encarregar dela, embora pesassem na alma as ações cometidas contra ele.

—Então irá procura-la. Despedirei-me do senhor de Fortun, agradecerei por lhes acompanhar. Desejo partir o quanto antes a Arienza, e me enfrentar com Miguel Álvarez.

Kamîl seguia com grande interesse a conversa que mantinham os navarros. Os gestos eram muito eloquentes, mas ele tinha atuado bem. Não lamentava a manipulação que teceu em torno de sua amiga, porque, quando contemplou com seus próprios olhos a entrega física, soube que ela sentia algo muito especial e que podia beneficiar a sua causa. Seu primo seria liberado de Arienza sem que derramasse uma só gota de sangue. O preço havia valido a pena.

Pedro ficou na sala com os olhos de Kamîl cravados nele, enquanto Adoain abandonava a aposento com passo firme.

No pátio, longe de olhadas curiosas, Adoain lhes agradeceu que tivessem acompanhado o seu capitão até Mudaÿÿan para buscá-lo. Gonzalo explicou a Adoain o caos que se formou em Fortun ante o desaparecimento de dona Dulce Álvarez, e que todos os indícios apontavam a um assassinato. Falou da angústia de seu irmão, que estava como um louco procurando seus restos mortais. Quando Gonzalo calou, Adoain lhe informou da morte de seu pai Enrique pelas mãos de Miguel Álvarez e da necessidade de encontrar sua tumba. Gonzalo, por sua vez, explicou o verdadeiro motivo de sua visita a Mudaÿÿan: conhecia suas intenções de raptar o seu filho e de levá-lo a Navarra para o rei Sancho. Adoain escutava atentamente. Também revelou do interesse que sentia Aragón, para que o pequeno não fosse coroado rei de Navarra. Explicou o ódio que envenenava o coração do conde de Fortun pelo rei Sancho, e sua pouca disposição para que levasse o seu neto a Tudela.

Falou dos perigos que espreitariam o seu pequeno, se Alfonso se posicionasse a favor do conde castelhano e começasse uma luta com o rei Navarro por sua legitimidade. Tinham uma guerra para ganhar contra os almohades, e a harmonia que existia entre os diferentes reinos cristãos, não devia se complicar, por uma disputa que podia acabar com a morte do

conde de Fortun. Gonzalo pediu um tempo para resolver ele mesmo a questão com o rei Sancho, e Adoain aceitou.

Parecia um trato justo que temperaria ânimos e abriria caminhos à reconciliação. Imaginou que o rei Sancho estaria satisfeito com os resultados obtidos: uma promessa de futuras negociações que levariam a acordos. O pai do menino se comprometeu a isso.

Em troca, pediu a Gonzalo toda a informação que pudesse ter sobre o assassinato de seu pai e o nome do lugar onde podia estar enterrado. Gonzalo lhe informou que não acreditava que Miguel Álvarez fosse o assassino do conde Navarro, porque durante anos tinha combatido junto a ele, e nunca tinha encontrado um homem mais honorável. Também disse que apenas o arcebispo de Burgos tinha conhecimento da chegada ao reino de cavaleiros navarros e aragoneses, e o que acontecera com eles.

Adoain tinha que partir a Burgos para descobrir esta informação, mas antes tinha que comprovar se Miguel Álvarez era ou não culpado de assassinato.

Gonzalo, Luis e Esteban se despediram do conde de Bearin e empreenderam a volta a Fortun. Os olhos de Adoain se dirigiram para o palácio de Mudaýyan e a carga que extra que adquiriu. Como se o assunto o curvasse até o extremo, lutava contra a impaciência, enquanto esperava a saída de Pedro e Dulce Álvarez, agora convertida em condessa de Bearin.

Capítulo 16

Condado de Arienza

Era o homem mais terrível dos tantos que já tinha conhecido, mas não podia afastar seus pensamentos dele, seus movimentos, de seu rosto antissocial e de seu olhar severo.

Dulce pensou que Adoain se mostrava um déspota, arrogante e soberbo, mas com um propósito. E estava convencida de que se tentava uma fachada, em honra a algo que ela desconhecia. Tinha rechaçado com desdém os obséquios que Kamîl ofereceu para a viagem, com exceção das montarias, mostrando uma falta de agradecimento que a revoltava. Quase tinham chegado a seu lar, o castelo de Arienza¹⁵ quando os insultos proferidos mentalmente para Adoain se acumulavam na consciência de Dulce.

Tratava-a de forma tão fria, que ela acreditou que o homem tinha gelo nas veias em vez de sangue quente. Trocaram apenas um par de palavras.

Adoain pensou durante longas horas, nas circunstâncias ocorreram a sua vida, e entendeu que tinha que tomar partido em um sentido ou em outro. Ele não queria uma esposa, mas a tinha. Assim decidiu que, no tempo que estivesse em Arienza, tratá-la-ia com cortesia, embora não o merecesse. Durante uns dias, comportaria-se como um cavalheiro, até que pudesse comprovar a posição que tomava seu cunhado com respeito aos esponsais de sua irmã. Além disso, quando se enfrentasse com ele, também teria que esclarecer sua implicação no assassinato de seu pai.

Não atuaria precipitadamente nos julgamentos, mas ia ser muito precavido.

Quando chegaram ao promontório que divisava grande parte do condado, Dulce deteve seus arreios, obrigando aos dois navarros a parar os seus também.

— Adiantarei-me — anunciou, mas Adoain já negava com a cabeça antes que concluísse a última sílaba.

¹⁵ Atualmente Castelo da Valdecorneja (Ávila).

—Não darei a oportunidade de que se amotine — disse assinalando com a cabeça o castelo que se divisava ao longe.

Dulce o olhou pasmada. Amotinar-se?

—Devo alertar a meus homens e aos criados, para que lhes deem o tratamento que merecem. Também devo preparar o meu irmão Miguel, se é que se encontra em Arienza, sobre meus esponsais apressados sem a obtenção de sua permissão nem o de meu rei. Devo uma explicação em particular — justificou-a.

—Iremos juntos, e não se fala mais nisso.

Dulce apertou os lábios ofendida. Ela pretendia tratar o assunto de forma diferente, elaborar um bom argumento, mas o teimoso Navarro não permitiria. Se ao menos não a olhasse com esse desprezo, seu pulso poderia voltar para a normalidade. Mas durante todo o trajeto, só tinha recebido dele, silêncio e olhares cheios de recriminação.

—Como queira.

Arienza era quase tão espetacular como Fortun, embora um pouco menor. Possuía uma grande torre, de forma retangular e as muralhas tinham torres cilíndricas em seus ângulos. Sua posição era estratégica, porque dominava a margem do rio Tormes, assim como o vale. Estava rodeado pelas altas cúpulas da serra de Gredos e a serra de Béjar. A entrada principal era construída com uma porta de arco pontuda, e grande dovelas¹⁶.

Adoain estava impressionado, o castelo se mostrava inexpugnável, como a maioria das fortalezas próximas aos limites almohades. Atiçou seus arreios para chegar o quanto antes.

Dulce ergueu o rosto para os guardiões da porta principal e pediu passagem. Um dos soldados lançou um grito chamando o capitão da guarda, Fernán Ansúrez. A comitiva de honra se dispôs no pátio de armas ao lado deles.

Ansúrez fez uma leve reverência, ao mesmo tempo em que fazia as honras pela chegada. Seu rosto estava completamente aturdido. Dulce continuava na garupa de seu cavalo, mas Adoain já tinha desmontado para cruzar o portão.

¹⁶ Pedra lavrada em forma de cunha, para formar arcos ou abóbadas.

—Senhora, pensamos que... Seu irmão mencionou... — O capitão da guarda se sentia incapaz de finalizar a frase— Bem-vinda a Arienza!

Quando o capitão fez gesto de ajudá-la, Adoain se adiantou. Pegou-a sem esforço na cintura e a desceu da garupa de seu cavalo com um só gesto. Pedro tinha desmontado também e contemplava com olho crítico o interior da fortaleza.

— Meu irmão se encontra no castelo?

Ansúrez fez um gesto negativo.

—Segue lhe buscando, senhora. Não voltou um momento, tentando a encontrar, e até hoje acreditávamos que não teria êxito. Esperamos seu retorno logo.

Essas palavras produziram uma sensação de vazio no estômago. Miguel se negava a aceitar sua morte, e seu coração sofria pelas mentiras que teria que contar para apaziguar seu ânimo.

—Atendam os cavalos. Eu conduzirei a visita à torre.

Dulce entregou as bridas a Ansúrez, que acenou para um cavaleiro que esperava paciente o encargo. Adoain pigarreou para chamar sua atenção sobre ele, mas Dulce tinha a mente ocupada em seu irmão e nas diferentes explicações que poderia dar ao seu retorno.

—Senhora... — Dulce não prestou atenção na voz de Adoain, estava muito aturdida e perdida em seus pensamentos— Condessa de Bearin! —A exclamação potente a fez dar um salto.

Cravou seus olhos em Adoain, que a olhava de forma indescritível. Artáiz fez um gesto com a cabeça e então compreendeu. Tinha que apresentá-los como correspondia, mas Dulce não queria fazê-lo porque, ambos os navarros iriam embora muito em breve e ela pretendia apresentá-los como convidados que estavam de passagem. Recém-chegados de Fortun para procurar um amigo.

O olhar de advertência de Adoain, a fez desistir de sua intenção. Como podia saber o que pretendia? Com atitude relutante fez as apresentações formais que requeria a ocasião.

—Capitão Ansúrez, apresento a meu marido, o conde de Bearin, e seu homem de confiança, Pedro Artáiz.

O anúncio pegou de surpresa o capitão castelhano, que demorou mais do que o habitual em apresentar seus respeitos com as honras que merecia.

—Seu marido? —O resto dos soldados a olhavam com rostos estupefatos. Passaram do estado de luto ao de festa em apenas um instante.

—Depois contarei os pormenores, capitão. Agora desejo tomar um banho e tomar algo quente. Estávamos cavalgando por toda a noite e grande parte do dia.

—Avisarei à cozinha para que preparem comida — assegurou Ansúrez.

Ansúrez fez um gesto a dois soldados e se dispôs a escoltar a sua senhora até a torre. Adoain e Pedro os seguiam de perto e atentos a tudo o que acontecia a seu redor. O interior era muito mais confortável que seu exterior, embora se notasse a atividade militar que se desenvolvia nos diversos salões, porque havia muito poucos adornos desnecessários. Dulce os conduziu pelas estreitas escadas até o piso superior. Chegaram a um corredor amplo que era distribuído por diversos quartos, abriu a porta de um e olhou para Pedro.

—Seu aposento, senhor Artáiz. Enviarei um criado para que prepare o seu banho. Subirão também criadas viandas da cozinha. —Dulce olhou para Adoain— Siga-me, mostrarei os aposentos que ocupará.

Adoain a seguiu em silêncio. Dulce parou apenas um par de portas de distância do quarto de Pedro. Abriu a porta de madeira e se introduziu no interior, precedendo o seu marido.

—O seu. Confio que esteja cômodo — disse antes de começar a retirar-se, mas Adoain foi muito rápido.

A segurou pelo cotovelo para deter sua saída para o corredor, e que se perdesse entre os muros desconhecidos.

—É seu quarto? —perguntou, e durante um instante o rosto de Dulce mostrou confusão.

—É obvio que não! —respondeu incômoda— Minhas dependências se encontram no outro extremo do corredor, muito perto dos aposentos que pertenceram a meu pai —explicou de forma clara.

—Pretende me apresentar como seu marido e, entretanto, coloca-me em outro quarto?

—Dulce baixou seus olhos para a mão de Adoain que seguia retendo-a.

—Meu senhor, acreditei que... —Dulce trouxe com dificuldade— Até a volta de meu irmão... —Dulce não continuou por esse caminho— O pessoal de Arienza não levantará especulações, nem são adoradores de intrigas — informou.

—Você, senhora, dormirá aonde eu dormir.

Dulce abriu a boca com a intenção de protestar com energia, mas Adoain não permitiu. Fechou a porta com um golpe e a arrastou até deixá-la contra o seu peito. As pupilas da jovem brilharam com certo temor. O que pretendia fazer? Manteve a calma e selou sua voz para que os criados seguissem fazendo seu trabalho.

—Tenho que confessar algo — disse em um arranque de franqueza, tentando soltar-se.

Tinha que dizer a verdade, que mentiu para salvar sua vida. Devia convencê-lo para que partisse antes da chegada de seu irmão.

—Me coloque em seu quarto, ou serei eu quem arrancará a sua última confissão.

—Mas não pretendia que... — As palavras ficavam obstruídas na boca, e era impossível formar frases coerentes— Senhor, é impossível; não pode dormir em meu leito. Ambos acordamos que nosso enlace seria uma troca por sua liberdade, e que ficaria extinto, quando cruzarem a fronteira com Navarra.

—Acaso não é minha esposa? Não leva o meu filho em seu ventre?

Dulce acreditava que não poderia suportá-lo. Produzia-lhe um temor desconhecido, o aborrecimento que ia provocar, quando descobrisse que mentiu em um ponto tão importante como um filho, mas, acometida em remorso, terminou aceitando.

—Como queira — disse em voz baixa, tentando alcançar a porta o mais rápido que pode— Ordenarei aos criados que levem seus pertences a meu quarto.

—Senhora, esquece algo. — Dulce começava a detestar que a chamasse nesse falso tom lisonjeador. Voltou seu rosto para ele— Meu banho — recordou.

Se não conhecesse seu caráter irascível, Dulce poderia pensar que estava burlando dela. Entretanto, pelo mero feito de ser sua esposa, e também a senhora de Arienza, tinha a obrigação de atendê-lo no banho, por mais que pesasse essa tarefa.

O sorriso de Adoain a punha extremamente nervosa, porque curvava os lábios, mas os olhos seguiam sendo tão frios como o aço.

Quando ambos chegaram a seu quarto, os criados tinham preparado a água do banho e os diversos utensílios que ia necessitar. Os olhos do homem percorreram o belo e cômodo aposento. Dulce trabalhava em excesso, tirando os sabões e os tecidos de um arca, que estava situado aos pés do enorme leito.

Estava nervosa, e tinha que estar, pensou Adoain, porque sua ira não ia minguar nem um ápice, até que cobrasse a ofensa sobre sua pessoa.

Ninguém o obrigava a fazer algo que não queria!

Embora fosse para salvar a sua vida. Estava casado com uma feiticeira castelhana, que o olhava timidamente e fazia arder seu sangue. Quando se virou para ela, deu-se conta de que estava muito pálida e quieta. Olhava por cima de seu ombro, com os olhos brilhantes em um ponto indeterminável da tapeçaria que cobria a enorme parede.

—Tenho que pedir uma indulgência —admitiu contrita— Obriguei-lhes a contrair matrimônio, embora fosse por uma boa causa, mas de modo algum desejo que se sinta preso aos deveres conjugais que não reclamarei.

Adoain não entendia as palavras dela.

Os criados abandonaram o quarto muito depressa, como se tivessem entendido o olhar do conde. Adoain já começava a tirar a roupa suada.

—Me banhará primeiro — disse ele.

Dulce voltou um passo completamente assustada. Tentava mostrar-se sincera, mas não permitiria trégua alguma.

—Me prometa que partirá logo.

Adoain não compreendia o apressamento que ela tinha para que partisse.

—Por que deseja minha ida com tanta urgência? —perguntou sem rodeios.

—Porque foi o trato — ela recordou — Nossa união duraria o mínimo de tempo possível. O suficiente para que obtivesse a liberdade. Sua presença em Arienza não é necessária.

Adoain se aproximava perigosamente. Usava um dos trajes que Kamîl emprestou, e se ajustava muito bem aos músculos de suas pernas. A túnica e o manto ficaram atirados no chão.

—Eu não pus condições a nosso enlace, recorda?

Dulce sujeitava os tecidos sobre seu peito como se fosse um escudo protetor. Via Adoain caminhar para ela, mas se sentia incapaz de mover um pé sobre outro para retroceder ou avançar.

—Esta união tinha um único fim. Proteger a vida de meu irmão de sua espada e seu pescoço, da dele — reiterou.

Adoain mostrou um sorriso que não a enganou absolutamente. Dulce começava a conhecer suas caretas e gestos muito bem.

—Nunca levei bem a manipulação feminina. Nem suas argúcias traiçoeiras e infiéis.

—Mereço suas palavras, porque sou a mais traiçoeira de todas as mulheres que conhecestes, mas atuei de boa fé; juro isso.

—O banho se esfria, senhora...

Adoain tinha alcançado o braço feminino para atraí-la para si, mas Dulce conseguiu escapar a tempo. Pôs entre ambos a distância necessária para pensar como devia atuar, e que não fazer para evitar zangá-lo ainda mais. Vê-lo furioso era o último desejava.

—Não é uma boa ideia —argumentou— Devemos manter a cabeça fria ao tomar decisões. E lhes banhar não é uma boa ideia. Imagino que não deseja estreitar laços afetivos com uma mulher que o manipulou.

Adoain estava assombrado e, quanto mais ela teimava em despachá-lo, mais interesse mostrava em impedir.

—Necessito sua ajuda para raspar o queixo. — Dulce estava pensando em um montão de desculpas para sair do quarto, mas não encontrava nenhuma válida que fosse convincente.

Uns golpes suaves na porta lhe fizeram fechar os olhos com um profundo alívio. A criada trazia uma bandeja com comida e, ao perceber seu aroma, o estômago de Dulce rugiu de forma violenta. A sobancelha de Adoain se ergueu em um perfeito arco ao escutá-lo.

—Parece que têm fome. — Suas palavras não eram muito exatas, mais estava esfomeada. Não tinha provado nada, desde seus esponsais. E morria por desfrutar de um frango assado e de pão quente— Ajude-me e se alimentará logo.

A criada deixou sobre a cadeira, um roupão de veludo verde de um tecido de qualidade, que tinha pertencido ao conde de Arienza. Embora seu pai não fosse tão corpulento nem tão alto, o objeto poderia servir até que lavassem as roupas. A criada levou os objetos sujos.

Dulce fechou os olhos quando Adoain se despojou do último objeto e se introduziu na água quente. O gemido de prazer que soltou a seguir foi muito eloquente. Passou o sabão perfumado, que cheirava a flor de laranjeira, e o aroma trouxe para Adoain sensações muito prazerosas. Sentiu as mãos femininas sobre seu couro cabeludo, a espuma que formava ao esfregar os cabelos e a agradável sensação que os dedos produziam. Aproveitou para lavar o corpo com um tecido pequeno.

—A água não servirá para você — disse, mas ela já tinha suposto.

—Retornarei em um momento — disse antes de esvaziar sobre a cabeça de Adoain, uma pequena bacia de água temperada para tirar a espuma.

Ele escutou seus passos que se perdiam pelo quarto, fechou um momento os olhos e deixou repousando a cabeça sobre o bordo da banheira. Um momento depois, estava completamente adormecido. Quando abriu as pálpebras, Dulce tinha retornado, estava banhada e com o comprido cabelo ainda úmido e solto sobre as costas. Imaginou que teria aproveitado o banho que tinham disposto para ele no outro quarto que não pensava utilizar.

A lareira estava acesa e os troncos chispavam entre labaredas laranja e azuis, aumentando a sensação cálida do aposento. Dulce trazia os acessórios necessários para raspar o rosto masculino: uma navalha com a folha muito afiada, um sabão especial e um prato de latão escovado, que servia de espelho para guiar-se.

Estava passando o pior momento de sua vida. A espuma da água tinha desaparecido e o corpo musculoso de Adoain era perfeitamente visível a seus olhos sob a água. Por esse motivo, optou por não baixá-los. Esfregou o pequeno sabão sobre o queixo masculino, formando uma espuma espessa. Agarrou a navalha afiada e a passou de forma muito suave pelo rosto, mas, a distância que tentava pôr, com respeito ao corpo dele, não era tão boa.

—Se aproxime mais ou terminará por me cortar o pescoço. —A palavra «cortar» deteve a mão da mulher no meio do caminho.

Pensar em produzir um corte no rosto, a pôs decomposta completamente. Tragou saliva com força, antes de aproximar o fio novamente. Inspirou profundamente e, temendo não manter o pulso firme, olhou para a água, cometendo com isso um grave engano.

O membro de Adoain era perfeitamente visível entre suas pernas e, ante o sobressalto que sentiu pelas lembranças que a golpearam, ergueu os olhos muito rapidamente. O movimento enérgico de sua cabeça, moveu a mão que sustentava a navalha e esta cortou a pele do varonil queixo. As gotas de sangue começaram a deslizar-se pelo torso nu e a mesclar-se com a água.

—Que demônio fez! —Adoain sustentou a mão dela para separar de seu rosto, e contemplou atônito que Dulce desmaiava e caía de cabeça na tina.

O forte impacto derramou a metade da água no chão, mas ela seguia inconsciente e com a cabeça e parte dos ombros entre suas pernas. Com rapidez, agarrou-a e a deixou repousando junto a seu peito nu, mas o corpo de Dulce parecia uma boneca, que tinham tirado os fios.

Capítulo 17

As pálpebras pesavam toneladas.

Sentia o estômago revoltado, e a acidez subia pela garganta até instalar-se no paladar. Tratou de erguer a mão mas não obedecia. E então recordou o sangue. Uma nova onda de náuseas a sacudiu.

Odiava essa debilidade que a atormentava. Não importava o que fizesse ou onde estivesse, no momento que seus olhos viam o sangue e seu cérebro registrava a cor e o aroma, perdia a consciência.

—Esqueci que está grávida. —A voz de Adoain chegou alta e clara.

Abriu as pálpebras e comprovou que o quarto estava na penumbra. O brilho da luz do lareira iluminava as línguas de fogo que lambiam os muros, convertendo-os em ouro. Adoain estava plantado aos pés do leito e a olhava entre surpreso e preocupado. De improviso, deixou seu posto de guardião e se dirigiu para o lado esquerdo do leito.

Dulce ignorava os pensamentos de Adoain quando estava inconsciente. Ficou preocupado e o empurrou a tomar uma decisão irrevogável. Até seu desmaio, o motivo principal para casar-se com ela fora algo intangível, efêmero. Entretanto, tê-la inconsciente entre seus braços, despertou um instinto protetor tão agudo e feroz, que Adoain não cabia em si de surpresa.

—Coma, ou voltará a desmaiar. —Dulce se sentou no fofo colchão e afastou a colcha para levantar-se, mas Adoain não permitiu. Pôs a bandeja de prata no colo e encheu a taça com o vinho da jarra— Está tão pálida que parece doente. —Esmiuçou uma coxa de frango e ofereceu uma parte suculenta.

Dulce arregalou os olhos. Ela podia comer por si mesma, mas antes de poder emitir um protesto, Adoain colocou um pedaço de carne na sua boca. Mastigou-o com inércia e, quando terminou de engolir, introduziu outro pedaço acompanhado pão. Aproximou a taça para que tomasse um gole de vinho, baixando os alimentos.

—Encontra-se melhor? —perguntou.

Dulce fez um gesto afirmativo, sem pronunciar palavra. Adoain lambeu os dedos manchados de suco, em um ato que para ela pareceu provocador, a perturbando completamente. Suas pupilas seguiam com avidez a língua masculina ao chupar os longos dedos e sorrir, como se fosse a coisa mais normal, estar sentado a seu lado no leito, alimentando-a como se fosse uma menina pequena.

—Seu frango estava melhor no seu dedo — disse ao mesmo tempo em que tirava a taça da mão e bebia o resto do vinho que tinha nela.

Adoain era um enigma indecifrável, pensou Dulce.

Quando se esquecia do motivo por que estava com ela, parecia irresistivelmente viril, inclusive terno. Mas Dulce tinha visto seu lado mais selvagem e tinha certo temor. Nesse momento, não sabia o que se passava com ele, nem como atuar. Estava perdida em sentimentos que a atormentavam. Contemplou-o deixar a bandeja na mesa, muito perto da lareira, e tirar o roupão de veludo, ficando completamente nu diante dela. A visão masculina a deixou enjoada e com um incipiente desconforto entre suas pernas.

—Vai se deitar? —a pergunta era muito clara.

Dulce foi até a outra ponta do leito, ao mesmo tempo em que subia a colcha até o queixo. Sentia-se mortificada, envergonhada e com o coração extremamente agitado. Estava acesa, com as bochechas tão vermelhas como o sangue, mas não se atrevia a pronunciar a palavra por temor a dizer algo tão desafortunado como «*me tome!*». Deus bendito! Tinha pensado realmente isso?

O único encontro íntimo que compartilhou com ele, terminou de forma desastrosa. Mas ela intuía que a relação física entre um homem e uma mulher podia ser muito mais prazerosa. De fato, sentia uma incipiente necessidade no ventre e um calor abrasador entre suas pernas. Sentiria ele o mesmo que ela?

—Está... Está nu — conseguiu dizer por fim, embora com voz tremula.

—E você estará também muito em breve — asseverou com olhos ardentes.

Adoain não podia deixar de olhar os lábios entreabertos e úmidos. Recordava perfeitamente como penetrou no interior feminino, antes que o esfaqueassem. E morria de vontade de ficar novamente sobre ela. Dulce não percebeu de que levava apenas uma veste tão fina, que quase parecia transparente. Estava tão centrada nele e seus movimentos, que não olhou em nenhum momento no que tinha vestido. Sua camisola recatada e o roupão de veludo, ficaram completamente molhadas quando desmaiou na banheira. Adoain a deixou nua e a mercê de seus olhos famintos. Entretanto, quando seu sentido da honra aflorou entre a luxúria que a mulher provocava, procurou uma roupa para colocar e que preservasse seu pudor quando despertasse do desmaio. A fina veste lhe pareceu muito apropriada, porque para tirá-la, não levaria nem um suspiro.

—Me permita. —A fina colcha que ela segurava, ficou de repente enrugada aos pés da cama. O decote da camisola estava completamente aberto e deixava seus seios descobertos.

—Meu Deus! —Dulce tentou fechá-la mas sem conseguir.

O objeto tinha unicamente uma fita, que nesse momento não servia para nada. Adoain estava nu a seu lado, com sua mão quente acariciando o vale acetinado entre os seus seios, acreditou que ia desmaiar novamente, pelo sufoco que sentia.

—Não sentirá dor.

Dizia para reconfortá-la? Perguntou-se.

Nesses precisos instantes, quando os olhos safira brilhavam de desejo por ela, a única coisa que sentia era medo e um desenfreio que não compreendia, que queimava o ventre como se tivessem derrubado um fogão cheio de brasas.

—É puro fogo — disse ele entre sussurros.

Os dedos que a haviam alimentado, acariciavam um de seus mamilos rosados até que teve seu propósito, endurecê-lo. Dulce ofegou pela sensação palpitante.

—Tenho que beijá-la.

A boca varonil penetrou na feminina, lhe causando um motim emocional. A língua rugosa e áspera percorria com descaramento cada lugar escondido, saboreando seu paladar e

o interior de suas bochechas. Enquanto isso, a mão direita, tão masculina, fazia um feitiço sobre ela, que a deixava sem vontade. Completamente subjugada.

Dulce teve medo do encontro íntimo na primeira vez. Uma sensação de alerta e angústia ante o desconhecido. Mas, depois de senti-lo em seu interior e comprovar que sua investida não era mortal, todo receio tinha desaparecido, para ficar uma sensação urgente de querer alcançar o precipício que Adoain abria na sua frente. Um desejo indescritível devorava as vísceras e fazia que seu coração pulsasse em um ritmo apressado e louco.

Quando a penetrou, a sensação de plenitude foi tão imensa e prazerosa, que não pôde conter um grito de satisfação. Adoain começou a mover-se enquanto seguia devorando-a com beijos famintos, carregados de uma sensualidade, que não permitia pensar ou fazer nada, salvo desfrutar do momento de união, como se fosse a base da plenitude.

Ia estalar, pressentia. A tensão se acumulava em seu ventre e subia por sua garganta até converter-se em profundos gemidos que o deixavam louco.

O mundo deixou de existir e as ondas de prazer intenso os sacudiram em conjunto, deixando-os inertes e esgotados.

Capítulo 18

Sempre tinha detestado descer às masmorras do castelo.

As paredes úmidas, a falta de luz e o aroma de fechado, eram desagradáveis. Em vida, seu pai Álvaro, sempre as mantinha vazias, mas depois da guerra com os almohades, seu irmão encerrava cativos, que depois trocava por oficiais castelhanos que tinham sido capturados.

Desceu o último degrau e passou a mão pelo vestido para limpar o suor que tinha deixado a pedra ao tocá-la. Havia um total de cinco celas que convergiam em um vestíbulo amplo. A única luz em todo aposento provinha de uma janela aberta no teto que dava ao mesmo vestíbulo, mas as celas se mantinham em uma constante sombra e luz.

—Senhora Álvarez. —O guardião deixou seu posto em um dos cantos, onde se entretinha com um jogo de mãos, acompanhado de outro soldado, que fazia o turno de dia. O ajudante se levantou para saudá-la com respeito.

—Procuro um cativo almohade — disse contendo a respiração.

—É insólito ver as celas, senhora.

—Há um confinado que não deveria estar em Arienza.

—Seu irmão, senhora... — Dulce não permitiu continuar.

—Meu irmão está ausente e, até sua volta, eu dito que detentos deverão manter.

O carcereiro fez uma inclinação de cabeça embora seus olhos mostrassem seu desacordo.

—O único cativo almohade se encontra na última cela. Acompanharei-a.

Julio, o guardião, prendeu uma tocha e conduziu Dulce até a cela de número três. Estava limpa de excrementos e o catre tinha mantas e roupa limpa. Os detentos eram bem cuidados em Arienza.

—Abdel Ib Farid? —perguntou com voz suave.

Um vulto que estava deitado no leito levantou a cabeça ao escutar seu nome. Dulce fez umas perguntas em árabe, que o homem respondeu com prontidão.

—É ele—disse a Julio— Abra a porta.

O guardião protestou de forma enérgica pela decisão da senhora de Arienza, mas Dulce manteve sua postura. Fizera uma promessa a Kamîl.

—O conde de Arienza se zangará terrivelmente, senhora. —Julio tinha utilizado o tom e as palavras que poderiam fazê-la retroceder, mas, ela já esperava o temperamento forte de seu irmão Miguel, perderia um tempo precioso e não estava disposta a isso.

—Cumpra minha ordem imediatamente — ordenou de forma contundente.

Julio inspirou profundamente antes de assentir. Tirou a chave de seu cinturão e a introduziu na fechadura.

—Seu irmão pedirá minha cabeça, senhora. Não se pode soltar um cativo, sem uma boa causa que o respalde.

Com as palavras do guardião, ficou com vontade de rir. Abdel Ib Farid não era um perigo para Arienza, mas se absteve de mencioná-lo.

—Como responsável por esta libertação, assumirei meus atos e suas consequências.

Mas Julio não ficou tranquilo, embora não protestasse mais. O detento caminhou devagar ao receber a ordem dela, pronunciada em sua língua. Abdel conhecia os Álvarez de Arienza, já que sua família no passado fora amiga da sua.

Quando Dulce contemplou o rosto do cativo, suspirou com enorme alívio. Seu irmão era um homem de honra e de irrepreensível retidão. Os cativos não eram golpeados, nem regulavam o alimento. Pediu que a seguisse e o conduziu pelas estreitas escadas até o pátio que conduzia à torre.

Adoain despertou pela primeira vez com a preguiça como companheira de cama. Estava quente, satisfeito e, surpreendentemente, com vontade de assobiar. Estendeu seu braço pelo leito, vazio da presença de Dulce, e abriu as pálpebras com curiosidade em descobrir onde ela estava. Seu lado estava frio, sinal inequívoco de que fazia bastante tempo

que se levantara. Que demônios acontecia, que não foi capaz de despertar ante um mínimo movimento? Porque estava esgotado sexualmente. Agradado em um plano muito superior ao carnal. E reconheceu, com honradez, que Dulce o importava muito.

Adoain começou a analisar em profundidade, os motivos e a atuação de Dulce até o matrimônio.

Era a primeira mulher que conhecia que atuava em benefício dos outros em lugar do seu próprio. Entregou-se a ele para proteger um menino que não era dela. O obrigou a casar-se, para proteger o seu irmão do fio de sua espada. E, além disso, era a mulher mais sedutora e passional das tantas que conheceu. Apesar do medo, ou devia dizer respeito, que observou em suas pupilas, não se negou na noite anterior, fizeram amor em três ocasiões. Por esse motivo, sentia-se lento e pesado em seus movimentos, tão faminto e com o humor tão leve.

O seu único desconcerto, era essa contínua tendência ao desmaio que sofria, embora o atribuísse a gravidez. De repente o rosto do Adoain se suavizou, um filho criado com seu sangue, com seu fôlego. Uma vez que o aceitou, sentiu-se realmente triunfante. E quando pensou na oportunista Juana Ramiro, seu estado de ânimo cresceu vários graus a mais. Além disso, sua viagem a Castilla, fora extremamente proveitosa, salvo em um detalhe; tinha que descobrir onde estava enterrado seu pai e pedir algumas contas a seu cunhado Miguel Álvarez.

Se Dulce acreditava que seu irmão ia sair ileso, estava errada. Adoain tinha que escutar de seus próprios lábios, que não teve nada a ver com a morte de seu pai, e então seguiria procurando o culpado de seu assassinato.

Toques suaves na porta limpavam o torpor que sentia. Artáiz fez sua entrada no quarto e o olhou com o rosto imperturbável.

—Minha senhora o espera no salão principal para o almoço.

Adoain se sentiu aborrecido pelo tom determinado de Pedro, ao referir-se à castelhana.

—Sua senhora é minha senhora. Confio que não esqueça — recalcou Adoain com um sorriso.

—Não fui eu que esqueci o dia de suas bodas — recordou Pedro com uma careta cínica.

E era certo. Havia-se sentido tão furioso pela manipulação sofrida, que tinha esquecido a regra mais elementar de todas as conjugais: a castelhana era sua para sempre.

Adoain olhou as roupas lavadas e dobradas que estavam aos pés do leito. O mesmo traje que Kamîl tinha emprestado para seu duelo e os esponsais. Os objetos eram de muito boa qualidade, mas ele sentia falta de suas próprias roupas. De todos os modos, o senhor de Fortun, prometeu enviar suas vestimentas a Arienza, logo que chegasse. Procurou com os olhos a capa mas não a viu, encontrou seu manto perfeitamente dobrado na cadeira que havia próxima à lareira apagada. Colocou as meias e o caftán, uma túnica de seda abotoada na frente, com mangas, que chegava até os tornozelos. Adoain colocou a bandagem ao redor da cintura e caminhou para o lugar onde estava o manto dobrado e o tocou. A última vez que o tinha usado, fora para cobrir o corpo nu de Dulce.

—Parece um almohade com essas roupas — disse Pedro com olho crítico.

—Tenho que reconhecer que são muito cômodas — respondeu.

Pedro precedeu Adoain pelos longos corredores de Arienza.

Sentia-se faminto e morria para ver o rosto ruborizado da castelhana, que o tinha cativado completamente com seus impulsos.

O amplo salão estava vazio. O motivo era que a manhã já estava muito avançada e o pessoal de Arienza continuava imerso em seus afazeres cotidianos. Quando sentou-se na longa mesa, um criado depositou uma bandeja frente a ele, sem que tivesse pedido. Cerveja amarga, bolo frio de carne, queijo fresco e um embutido que cheirava deliciosamente bem.

—Onde se encontra Dulce? —perguntou a Pedro, que tinha se servido com um copo de vinho.

Sentou-se muito perto dele.

Pedro parecia com algo estranho, para o bom humor de Adoain. Dias atrás se consumia de despeito, mas nesse momento parecia um menino, que lhe tinham concedido seu maior desejo.

—A última notícia que tenho sobre ela, foi a forte discussão que manteve com o capitão da guarda, Julio, para liberar um cativo sem sua aprovação.

A mão de Adoain ficou a meio caminho da boca ao escutar Pedro. Finalmente a castelhana manteve a sua palavra de libertar o primo do almohade. A decepção brilhou durante um instante em suas pupilas ao ser consciente de que o considerava uma moeda de troca. Inclusive algo mais que isso, um garanhão que a tinha emprenhado na primeira vez. Esse pensamento produziu um espasmo no ventre. Seria um indício dos filhos que ia lhe dar? Porque não pensava permitir uma pausa no leito. E se guiasse por seus instintos, o resultado de seus encontros amorosos equivaleria a um filho por ano. Ia ser sua ruína!

De repente percebeu de que Pedro estava falando.

—Me desculpe, estava distraído — confessou.

—Quanto tempo ficaremos em Arienza?

Nem ele mesmo sabia. Tinha que visitar o arcebispo de Burgos para fazer averiguações sobre seu pai, tal como aconselhou o senhor de Fortun. Mas não pôde responder, porque nesse momento sua esposa entrava na sala. O rosto de Dulce ficou vermelho como o grão e a viu tomar ar profundamente antes de dirigir-se a ele.

—Bom dia Adoain; espero que o seu almoço seja de seu agrado.

Ele cravou seus olhos na bandeja que estava virtualmente vazia, nem se dera conta de que tinha devorado tudo.

—Minha senhora — respondeu com um meio sorriso, que lhe fez franzir o cenho.

Por que motivo não a chamava por seu nome? Perguntou-se contrariada. Depois de compartilhar um leito cheio de sangue, um frango assado lascivo e um desmaio entre suas pernas, bem que poderia fazer um esforço para não tratá-la como a uma estranha, porque a fazia sentir realmente incômoda.

—Gonzalo Díaz enviou seus pertences. Os cavalos se encontram no pátio, descansados, escovados e com a barriga cheia de aveia fresca.

Dulce sentou-se frente à Adoain e à direita de Pedro. Serviu-se com um pouco de cerveja e um pedaço de pão com queijo da bandeja que estava depositada no meio da mesa. Pedro a imitou. O queijo estava realmente bom e o pão era uma delícia.

—Enviei ao rei Alfonso uma missiva para meu irmão Miguel, anunciando que me encontro bem e que o espero em Arienza. — Adoain seguia em silêncio— Confio que responda logo a minha chamada.

—Por que não me informou da libertação do cativo? —perguntou Adoain com voz controlada. Dulce piscou pela surpresa— Não pode tomar decisões tão arbitrárias, sem contar com minha aprovação.

Pedro soltou o pão em cima da mesa e se separou um pouco da mesa. Pressentia um encontro desagradável entre seu conde e sua senhora.

—Foi o trato que fiz com meu amigo Kamîl — respondeu ela— Sua libertação pela de seu primo.

Adoain se sentia um tanto incomodado. Ela dizia as palavras como se tivesse plena razão, mas devia aprender que não podia tomar decisões por sua conta e risco.

—Agora têm um marido para prestar contas.

—Sou consciente disso, meu senhor. Possuo um marido que deixará de sê-lo quando cruzar a fronteira Navarra.

Não gostou absolutamente das palavras de sua mulher.

—E quem terá que dar as oportunas explicações a seu irmão por sua decisão apressada? — continuou ele.

—Não foi uma decisão apressada — respondeu receosa. Acaso não podia compreender que ele estava livre porque cumpriu sua promessa?

—Pouco meditada então — corrigiu.

—Era uma questão de honra. Ofereci uma promessa a um amigo.

—No futuro, me consultará de qualquer decisão que deva tomar, considerada honorável ou não. E recorde, porque parece se esquecer, os almohades são os inimigos.

As pupilas de Dulce brilharam com uma dor que não pôde ocultar. Kamîl e Fátima não eram inimigos, mas manteve a boca em um silêncio premeditado. Sentia-se esgotada de procurar soluções. Como as medidas desesperadas que tomou, quando Adoain decidiu sequestrar o pequeno que estava a seu cuidado. Como as decisões apressadas que tomou quando esteve cativo em Mudaÿÿan e teve que negociar com um amigo para libertá-lo, além de mentir para obter sua cooperação.

Estava cansada ao extremo. Extenuada mentalmente, porque faltava a prova mais difícil de todas: o encontro com seu irmão. Também a insubordinação que imporia o rei Alfonso ao conde de Arienza, por seu matrimônio não aprovado pela coroa. Além disso, o insulto a casa Núñez. Dulce rezava para que a desculpa oferecida de boa fé e o formoso presente que lhe enviaram, fosse suficiente razão para esquecer a afronta que cometeu contra eles.

Sim, seu futuro imediato a curvava, até causar um peso entristecedor.

Dulce se levantou com urgência do assento e lançou um olhar frustrado a seu recém-adquirido marido, que resultou muito eloquente.

—Me desculpem, tenho que resolver uma questão na cozinha, a menos que julgue que necessito sua opinião para decidir sobre a sopa que será servirá.

Saiu da sala com os ombros abatidos, como se suportasse todo o peso do mundo.

A noite chegava com muita urgência e os problemas de Dulce seguiam crescendo a uma velocidade vertiginosa, assim que deixou Adoain na grande sala com o Artáiz, começou a organizar tudo em seu lar, esteve muito tempo ausente, igual a seu irmão e, por esse motivo, tudo estava descontrolado em Arienza.

A água quente de seu banho, foi uma bênção, desentorpeceu os músculos doloridos e temperou seu ânimo caído. Fechou os olhos e apoiou a cabeça na borda da banheira de latão, enquanto escutava os passos da criada que preparava sua roupa. O jantar se serviria em

breves momentos, mas ela necessitava esses instantes de solidão e quietude de forma desesperada, para recuperar o ânimo.

A mão que segurava o tecido sobre seu ventre, a despertou instantaneamente. Adoain estava ajoelhado de cócoras na sua frente. Usava um roupão e, nesse momento, esfregava com cuidado o parte interna de suas coxas. Dulce, ao ser consciente, moveu-se com brutalidade, salpicando a água no roupão de Adoain, o deixando aderida a sua pele. O pêlo escuro de seu peito era claramente visível sob o tecido molhado. Recolheu suas pernas até abraçar os joelhos, e afundou o queixo na água, enquanto sua longa cabeleira flutuava ao redor dela.

Estava morta de vergonha. Sentia uma sensação de ardor nas bochechas e uma palpitação no coração, que a impedia de respirar.

—Onde está Isabel? —perguntou com um fio de voz.

Isabel era a criada que a atendia desde que era menina.

—Despedi-a por esta noite — disse Adoain com voz temperada.

—Não pode fazer algo assim — protestou com inusitada energia.

—Sou seu marido e posso me fazer de sua criada tanto ou melhor que Isabel.

—Não é correto — alegou contrariada.

—Que um homem ajude no banho de sua esposa? —A pergunta de Adoain foi zombadora.

—Que me olhe de forma lasciva todo o tempo. Faz-me sentir envergonhada.

A mão de Adoain soltou o tecido e passava agora a palma nua pelos pubianos. Dulce deu um coice, mas não tinha como saber se foi involuntário. Se continuasse a tocando dessa forma, ia explodir como um vulcão em erupção, e então a vergonha a faria se fundir com a água da banheira.

— Desejo você — confessou sem pudor algum— Sinto uma enorme necessidade de me introduzir em você e cavalgar em ti, até alcançar a glória. Enfeitiçaste-me.

Os dedos de Adoain criavam magia dentro dela, começou a gemer ao mesmo tempo, que baixava as pernas e as abria para receber com alegria as carícias sensuais. Os constantes

ofegos e sua respiração entrecortada, fizeram com que a coroa dourada de seus seios, surgissem empinados na água morna. O movimento involuntário, aumentou o desejo de Adoain até um ponto insuportável.

—Lamento mas não posso esperar, estou a ponto de me derramar aqui mesmo, na sua frente.

Ergueu-a da banheira sem se importar com os respingos de água, que ia deixando a cada passo. Depositou-a com suavidade no leito e só teve que soltar o nó do cinturão e abrir o roupão, para descer sobre ela e introduzir-se em uma só investida. Dulce estava escorregadia, molhada e tão quente que pensou que ia abrasá-lo, separou-se um pouco do corpo de Dulce para observar seus seios turgentes, seu ventre plano e a união dos dois. Sentiu perfeitamente, o momento que ela alcançava o seu clímax, e então começou a cavalgar mais forte, mais rápido e o potente orgasmo se aproximou um instante depois, lhe fazendo lançar um grito, deixando-o sem forças, vencido em cima dela.

Deus do céu! Dulce ia mata-lo do prazer que lhe dava e da vaidade que o fazia sentir. Com nenhuma outra mulher no passado, que ele amara fisicamente, tinha chegado ao orgasmo tão rápido, nem desfrutado de boa vontade suas relações sexuais. Se decidisse possuí-la cem vezes ao dia, Dulce não negaria nenhuma vez. Poderia um homem pedir mais? Adoain duvidava.

De novo voltou a mover-se no interior dela. Não se fartava de seu sabor, do aroma grato de seu corpo. Dulce ergueu suas pernas e o envolveu pela cintura, de uma forma tão íntima, que apenas lhe permitia sair de seu corpo para tomar o impulso.

Apoderou-se de sua boca suave, era Dulce como o mel e a invadiu com a mesma urgência que penetrava seu corpo e pensava assediá-la sua vida.

A castelhana assinou uma sentença de escravidão a seu lado.

Capítulo 19

A resposta do rei foi pior que esperava.

Seu irmão Miguel se encontrava longe do séquito do Alfonso, pactuava acordos nas terras de Aragón em seu nome e fora impossível lhe entregar a mensagem. Por conseguinte, seguia acreditando que estava morta. Artáiz tinha explicado, com todo luxo de detalhes, que Kamîl infligiu a Adoain uma ferida séria, embora não mortal, e o tinha deixado inconsciente. Ninguém em Fortun percebeu o homem vestido como um cavaleiro castelhano, que se introduzia pela porta secreta do muro norte. A mesma saída que Dulce tinha mostrado. A porta foi construída como saída, no caso dos almohades conseguissem sitiar Fortun, para alcançar Toledo. O avô de Jimena Blasco tinha estimado conveniente e necessário. A abertura dava diretamente ao rio Talho e se encontrava bem oculta dos olhares invasores. Ela a descobriu em um dos jogos com o pequeno Juan, que a tinha mostrado cheio de orgulho.

Dulce levava os braços carregados de roupa, quando tropeçou com seu marido, que a esperava apoiado na parede do corredor, que distribuía aos diferentes quartos. Suas roupas escuras o deixavam virtualmente invisível nessa hora da tarde. O crepúsculo ia obscurecendo-se no horizonte. Quando Adoain fez um gesto de ir ao seu encontro, escutaram passos fortes e rápidos que subiam os degraus e o som de uma espada roçando na parede, como se o dono estivesse com muita pressa para alcançar o piso superior, e se importasse muito pouco com a marca que ficasse na parede, com seu passo. Dulce deu a volta com curiosidade e, de repente, Miguel Álvarez fez sua aparição. Adoain ficou fora do campo de visão do conde, que só tinha olhos para sua irmã. Seu rosto mostrava a estupefação que sentia.

—Dulce...! Deus misericordioso! — Os olhos negros percorreram a figura feminina com enorme alívio e um profundo desespero— Avisaram-me que estava aqui e não podia acreditar. Não até que a visse com meus próprios olhos.

Dulce, ao ser consciente da dor que refletiam as pupilas de seu irmão, soltou os objetos de roupa, que caíram no chão, e se lançou a uma corrida, para lançar-se em seus braços. Miguel a abraçou com força e a segurou durante uns instantes com infinita ternura. Parecia incrível que estivesse com vida. Tinha virado Castilla, procurando-a, e encontrá-la intacta, tirara o luto que havia marcado o seu coração.

—Acreditei que estava morta, Deus! Por que não me disseram nada? —Um instante depois, Miguel a segurou pelos ombros, separou-a de seu corpo e fechou os olhos que ardiam com uma chama incandescente de ira.

Sem pensar bem os motivos ou a causa, ergueu a mão e golpeou a sua irmã no rosto para, um momento depois, voltar a abraçá-la com força.

Dulce soube que a bofetada que recebeu de Miguel, era fruto da dor e o desespero que lhe tinha ocasionado seu desaparecimento e seu silêncio.

Um momento depois, seu irmão estava atirado no chão. Adoain o separou dela e lhe deu um murro que o derrubou.

—Volte a golpeá-la e o matarei — disse de forma serena, mas contundente.

Dulce contemplou o seu irmão, que tocava o queixo machucado. Um instante depois, olhou ao Navarro, que tinha no rosto uma séria advertência. Inclinou-se para ajudá-lo a levantar-se, mas Miguel não permitiu.

Quando se ergueu em toda sua altura, levou a mão à espada de seu cinto com a clara intenção de tirá-la e cravar no intruso no coração. Dulce se interpôs entre os dois homens, que seguiam olhando-se com ameaças.

—Adoain, se contenha! Por favor! —A exclamação da jovem não foi escutada por nenhum dos dois.

Estavam muito concentrados em medir-se mutuamente, com os rostos sérios e duelo nos olhos.

—Quem vai me impedir de golpear? —vaiou Miguel com a voz dura como o granito, sem afastar os olhos do desconhecido, a mão no punho de sua espada.

Um silêncio assustador pendia entre os três como uma pesada nuvem de inverno. Adoain cruzou os braços sobre o peito, em clara provocação, enquanto observava a troca de frases entre irmãos. Miguel, ao ver sua arrogância, tirou a espada da bainha onde ficava e a ergueu até o pescoço, em uma ameaça que Adoain não desprezou.

—Me dê um motivo para não cortar o seu pescoço.

—Miguel! —voltou a exclamar Dulce— Desculpe a altivez de nosso convidado, acreditou que queria me machucar, pois ignora que é meu irmão.

Miguel olhou de brevemente a sua irmã, que se moveu um passo para ficar entre a espada e o Navarro.

—Não o atravessei ainda porque não desejo que desmaie — informou com voz geada. Dulce mostrou um sorriso sincero. Miguel era o melhor irmão do mundo e o amava com toda sua alma— Rogo-vos que se afaste, para que possa limpar a ofensa recebida, e evite o ódio de ver suas vísceras no chão.

—Miguel, guarde sua espada, por favor. Adoain é um amigo.

Amigo? Sua irmã não podia falar sério. Tinha-lhe dado um murro. Outros homens morreram sob sua espada por muito menos.

—Sou Adoain Estella, conde de Bearin, seu cunhado — disse com presunção. E Dulce fechou as pálpebras ante o desastre que se apresentava— O flamejante marido de sua irmã.

Miguel o olhou com autêntica surpresa após escutá-lo, entrecerrou os olhos e endureceu o queixo. Olhou o rosto de sua irmã procurando a confirmação das palavras do estranho, mas sem baixar a espada da garganta do Navarro, apesar de Dulce estar no meio.

Adoain soltou o ar que continha desde que tinha revelado seu nome. Esperava ver uma faísca de reconhecimento nos olhos do castelhano, mas nem seu sobrenome nem seu título lhe diziam nada. Miguel Álvarez não conhecia seu pai Enrique! E então, por que haviam dito ao rei Sancho, que o castelhano tinha matado o seu pai? Quem ousava prejudicá-lo?

Adoain tinha que indagar sobre isso, mas as palavras de Dulce o trouxeram de novo ao presente.

—Deixe de provocá-lo e de colocá-lo em uma situação precária — admoestou com severidade, mas sem afastar a vista de seu irmão— Miguel se alegra de me ver. Verdade, irmão?

Dulce colocou seu dedo indicador sobre o brilho da folha de aço que Miguel sustentava no alto, e foi abaixando até que a ponta aguda ficou apontando para chão.

—Marido? —perguntou Miguel com um tom baixo que a alertou.

Olhava ao Navarro com um brilho muito perigoso nas pupilas. Dulce conhecia muito bem seu significado. Mostrava no rosto a mesma expressão confusa e frustrante, do dia que recebeu a notícia da morte de seu pai pelas mãos dos almohades. E se guiasse pelo o que aconteceu no passado, a cólera faria sua presença muito em breve.

—É uma longa história que estou impaciente em lhe contar — disse para tranquilizá-lo, mas sem consegui-lo.

Miguel seguia sem olhá-la. Suas pupilas já não tinham um brilho perigoso de advertência, a não ser uma determinação fulminante: o assassinato.

—Forçou-lhe? —A espada tomou o mesmo rumo de antes, a garganta do Navarro, mas já não estava quieta, tremia ligeiramente na mão de seu dono, pela cólera que continha.

Dulce inspirou profundamente.

Tinha que escolher cuidadosamente suas palavras, antes de dizê-las. Seduziu um nobre Navarro premeditadamente, convencendo-se de que o fazia pela vida do pequeno. Mas já não tinha sentido seguir enganando-se. Entregou-se por própria vontade, porque sentia algo muito profundo que não podia analisar, porque lhe dava medo à resposta que poderia ter. Além disso, não podia contar a seu irmão, as intenções de Adoain em relação ao pequeno Juan, porque isso aumentaria os problemas entre eles. Nem o rapto por parte de Kamîl, porque intensificaria o ódio para seus amigos de alma. E então recordou o quão furiosa ficou em Fortun, quando Miguel a informou de forma desapaixonada do compromisso que tinha firmado a suas costas. Soube que estratégia iria usar, para proteger Adoain e Kamîl.

—Não — respondeu de forma singela e culpada— Entreguei-me a ele como represália, depois de seu empenho em me desposar com dom Núñez.

O rosto de Miguel era uma máscara de especulações. Analisava, meditava e sopesava as alternativas. As feições masculinas de Adoain eram indecifráveis. Cada palavra que dizia a castelhana, era um insulto a sua dignidade. E não estava disposto a tolerar muito mais.

—Está grávida? — a pergunta trovejou na garganta de Miguel antes de exalá-la pela boca.

Dulce respirava de forma inquieta. Por que motivo seu irmão se empenhava em manter uma conversa privada diante do Navarro e que só correspondia a eles dois? Tinha preparado um bom discurso, cheio de argumentos factíveis que poderia convencer Miguel. Possíveis soluções, mas queria fazê-lo em privado e não no meio do corredor, a gritos e com a presença de um marido que lhe enervava os sentidos.

Ele a olhava de uma forma que não pressagiava nada bom.

Adoain esperava a resposta afirmativa de Dulce a todas as perguntas que formulava seu irmão, mas na última vacilava muito. Ele pretendia facilitar, que não desse tantos rodeios para admitir o matrimônio entre os dois. Por esse motivo o desconcertava o medo que mostravam os olhos da jovem, o nervosismo de suas mãos e o tremor de seus ombros.

Dulce pensou que tinha chegado a hora da verdade. Tinha enganado Adoain, lhe dizendo que estava grávida, mas era mentira.

O Navarro se distanciou dela um passo para olhá-la de frente. Estava desejoso de conhecer sua resposta.

—Não irmão, não estou grávida. Ofereci uma mentira piedosa para obter um resultado justo.

Miguel respirou com profundo alívio; Adoain, com imensa ira.

—O que diz, senhora? —perguntou o Navarro com um timbre de incredulidade e fúria controlada.

—Não estou grávida, conde de Bearin — admitiu com voz tremula mas com o olhar firme— Tinha que obter sua cooperação, e foi à única argúcia que me ocorreu para tê-la.

Dulce pensou que tudo se acabara. Agora não só tinha um irmão que a olhava com dor, tinha um marido que controlava sua fúria com muita dificuldade. Seus olhos lançavam chamas de cólera, que dirigia unicamente para ela.

Se ela corresse a alcançariam? perguntou-se com covardia.

Adoain deu um passo para ela, Miguel seguiu na mesma direção e Dulce não pensou mais. Agarrou o seu vestido e deu a volta para escapar correndo, mas ao fazê-lo tropeçou no peito de Artáiz. Desde quando estava parado atrás dela? Por que motivo nem Miguel nem Adoain a alertaram de sua presença?

—Se afaste! —exclamou Adoain, dirigindo-se a Pedro, que tinha colocado Dulce atrás de suas costas para protegê-la.

Miguel seguia sem sair de seu assombro, com o homem que tinha saído do nada para proteger Dulce, mas sobre tudo com a tentativa covarde de sua irmã de querer fugir. Que demônios ocorria em Arienza? Julio, o capitão da guarda, permanecia em pé no último degrau da escada, com a mão alerta na sua espada. Parecia que tivesse pressentido o problema, mas ficava na retaguarda esperando ordens.

—Falará com sua esposa quando tiver controlado a sua ira —disse Pedro a Adoain— Falará com sua irmã — disse de igual forma a Miguel— quando tiver superado sua decepção.

Pedro conduziu Dulce para as escadas e insistiu que descesse sem olhar para trás. Ela assim o fez, porque desejava escapar da presença daqueles dois homens, que estavam extremamente zangados com ela.

O conde de Bearin e o conde de Arienza levaram muito tempo no salão. Ela ignorava completamente o que falavam e temia que acontecesse um resultado péssimo. Miguel não ia esquecer facilmente sua atuação por ter contraído matrimônio com um completo desconhecido, ignorado sua decisão de comprometê-la com a casa Núñez. O conde de Arienza era um castelhano muito orgulhoso, que não levava uma afronta, embora esta viesse

de sua própria irmã; ela ia fazer um sulco no chão do vestibulo, esperando que chegassem a um acordo satisfatório.

Artáiz seguia seus passos, igual a Julio. Sentia a presença de ambos sobre seus pés, exalando o fôlego sobre sua nuca, e era uma sensação incômoda, que a muito a aborrecia.

—Deixem de me seguir! Por favor — exclamou com voz afiada— Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma.

A tensão que sentia era evidente em seus gestos e em sua forma de falar.

—Cumpro ordens de seu irmão. Não deseja que a perca de vista — respondeu Julio.

Dulce compreendia que Miguel esteve muito preocupado com ela, por esse motivo desconfiava de tudo e desejava mantê-la a salvo. Mas não corria perigo em Arienza!

—E você? —perguntou de forma irada a Pedro.

Agracia infinitamente que tivesse ido em sua ajuda no interior da torre, mas estava convencida de que Adoain não representava um perigo para ela. Até o momento, tomaram-se inconvenientes.

—Meu dever é lhe proteger, minha senhora.

—De meus homens? De meu lar? —perguntou um tanto enfastiada.

—De seu marido.

A resposta a deixou atônita.

—Adoain nunca me faria mal — presumiu com voz que não mostrava certeza, a não ser incerteza.

—Ainda têm que enfrentar às consequências de suas ações.

—Menti para protegê-lo — se desculpou.

—Sabe, mas não o valorizará. O senhor de Bearin detesta que o manipulem, e você fez isso em várias ocasiões. Por esse motivo, devo cuidar de você mesma e dele.

O grito irado de seu irmão, lhe fez dar um salto, e soube que não podia aguentar muito mais. Devia falar novamente sobre seus atos e seu engano, mas o desassossego crescia em seu coração até provocar uma verdadeira angústia.

Quando fugiu da presença dos dois homens, não podia chegar a imaginar que seu irmão e seu marido se trancariam no salão de audiências, para falar sobre ela sem estar presente.

—Fiz-lhe acreditar que estava grávida para que aceitasse desposar-se comigo — confessou a Pedro— Sendo parte de minha família, meu irmão não cortaria a sua cabeça.

—Se enganou — retificou Artáiz— será a cabeça de seu irmão, que rodará pelo chão.

—Adoain não matará a seu cunhado. Tudo o que fiz, foi animado por essa causa.

—Acredita que conseguistes? —perguntou Pedro com olhar sério.

—Que Deus me atinja, porque não sei.

A porta se abriu por fim. Miguel seguia segurando a porta e inspirando de forma ofegante, sinal inequívoco de que teve uma forte discussão com Adoain e que não tinham chegado a nenhum acordo.

—Entre — ordenou com voz marcial— Falta decidir o que fazer com você.

Capítulo 20

O salão de Arienza sempre lhe pareceu um lugar seguro. Percorreu-o com o olhar e parou nas duas cadeiras dispostas muito perto da lareira, com as mantas dobradas sobre ela. Nos dias chuvosos e gelados, sentava-se junto a seu pai, na frente do fogo e ambos tomavam uma infusão quente. Dulce recordava esses momentos com incrível ternura, mas a guerra levou tudo de bom que havia em sua vida. Observou as tapeçarias penduradas nas paredes, às grossas cortinas de veludo que, no verão, ficavam presas no canto da janela, para deixar entrar a luz e o calor do sol. Olhou a longa mesa de madeira coberta com a toalha que sua mãe bordou com carinho, antes que a febre a levasse. Continuou observando cada detalhe da sala, para manter seus olhos ocupados, para encher sua mente de lembranças e que lhe dessem a força necessária, para enfrentar os dois homens que a olhavam sem rodeios.

Dulce decidiu por fim, pousar o olhar em seu irmão, que sustentava um pergaminho estendido entre as mãos e o examinava com atenção. Reconheceu-o: era o documento que foi registrado seu matrimônio com Adoain. Imediatamente soube o que seu irmão poderia estar pensando.

—É legal, irmão. Uniu-nos em matrimônio o *cadí* do Batalyaws.

Miguel permaneceu em silêncio e seguiu olhando o documento com olho crítico e com o cenho franzido.

—Não é válido em Castilla — sentenciou depois de uns breves instantes.

—É — voltou a afirmar ela.

Adoain olhava a troca de palavras entre os irmãos.

—Queimarei-o — ameaçou — Porque é um insulto a tudo o que acredito. Ao que lhes ensinaram como cristã e como filha obediente.

—Não fará tal coisa —respondeu sua irmã com voz insegura— Oferecemos nossos votos sem coação diante de um juiz muçulmano. O matrimônio é válido, e além disso foi consumado.

Os dentes de Miguel chiaram ao escutá-la. Dulce murmurou uma oração pela pequena mentira, porque ela tinha obrigado Adoain a contrair as núpcias.

—O rei Alfonso não validará isso. É uma nobre castelhana, necessita a aprovação da coroa para desposar. E também a minha, embora você não aprove.

Dulce inspirou profundamente, ajeitou os ombros e se dirigiu a seu irmão, enquanto este enrolava o pergaminho e o atava com uma fita vermelha de seda.

—Há circunstâncias na vida —começou Dulce — muito mais importantes que uma aprovação real. O conde de Bearin estava cativo em Mudaÿyan. Fiz um trato com Kamîl para obter sua liberdade, mas o preço foi uma união matrimonial entre nós dois e a liberação de seu primo Abdel Ib Farid.

O brilho nas pupilas do Miguel foi muito eloquentes. Por que tinha exigido Kamîl o matrimônio entre sua irmã e um estranho? Ou não era verdadeiramente tão desconhecido?

—Não pareceu um pagamento excessivo? A liberação de um cativo de guerra e seu consentimento para um enlace organizado por ele. Kamîl se excedeu em suas pretensões —concluiu. Miguel serviu uma taça de água e a ofereceu a sua irmã. Dulce a segurou com agradecimento— Além disso, nenhum laço de amizade nos une com o condado de Bearin. Kamîl deveria saber disso.

Dulce não sabia o que responder a essas palavras capciosas.

—Têm que pronunciar a sua lealdade — disse de repente Adoain, que não se interessava pela inimizade criada entre o almohade e o irmão de Dulce.

Havia um fato indiscutível, e era o matrimônio entre a castelhana e ele.

—Minha lealdade? —perguntou Dulce surpresa — Acreditei que a tinha deixado bem definida.

Miguel aproveitou o silêncio que seguiu.

—O Navarro deseja que abandone Arienza imediatamente, já que pensa retornar ao Bearin em breve. Mas me permiti à liberdade de lhe informar que não partirá com ele, como ele supõe — disse Miguel com tom imperioso - embora respeitarei sua decisão a respeito.

Dulce olhou Adoain atônita; seguia sustentando a taça de água nas mãos, e agradeceu por estarem ocupadas, porque começavam a tremer.

Navarra estava muito longe e ela não queria abandonar Arienza nem a seu tutelado Juan Blasco. Quando decidiu unir-se em matrimônio a um estranho, o fez convencida de que sua união duraria muito pouco. Obteve que Adoain, desistisse de sua ânsia de vingança contra Miguel. Conseguiu liberar o primo de Kamîl, sem que seu irmão tomasse como uma afronta pessoal e procurasse represálias imediatas. Também tinha malogrado um compromisso com a casa Núñez. Entretanto, agora que era de novo livre, queria dirigir o rumo de sua própria existência. Embora sentisse algo muito profundo por ele, não queria analisá-lo, porque a faria fraquejar em sua decisão.

Partir para Navarra não estava em seus planos...

—Está satisfeita com o resultado? —perguntou Miguel.

Dulce piscou várias vezes porque a pergunta de seu irmão era muito significativa. Compreendia que atuou com premeditação para obter um resultado satisfatório.

—E bem, partirá de Arienza como seu... seu marido pretende e deseja? — disse Miguel com certa vacilação expressa, para incomodá-la.

Adoain conteve o fôlego durante uns instantes que pareceu muito longo. Dulce tinha o rosto contraído pelas dúvidas. O olhar vacilante e o tic nervoso de suas mãos eram muito eloquentes.

Sua decisão foi tomada há muito tempo, agora se dava conta. Entregou-se a ele, para que desistisse de levar o pequeno herdeiro. Havia-lhe dito que estava grávida, para acessar o matrimônio e assim frustrar um acordo nupcial preparado por seu irmão Miguel. Como podia ter sido tão fria e calculista?

—Não, não partirei para Navarra. Arienza é meu lar. — Um instante depois de pronunciar as palavras, arrependeu-se profundamente, embora não as retirasse.

Sentia pelo Navarro algo muito profundo, que nunca havia sentido, mas estava em jogo toda sua vida. Tinha atuado de boa fé para proteger a três pessoas. Dulce acreditou que suas ações estavam justificadas.

Adoain sentiu uma raiva incontrolável, uma ira desconhecida pela vaidosa mulher, que o manipulou como um boneco.

—Seu irmão não compreende que não pode decidir sobre isto — disse de repente Adoain com voz gelada. Dulce sentiu um calafrio no corpo— Nem você tampouco, mas fui magnânimo ao permitir que se pronunciasse sobre isso. Erroneamente acreditei que falaria com a razão e não saísse esta estupidez de sua boca.

Dulce piscou ao escutar as azedas palavras.

—Navarro! Acaso necessita uma declaração de vontade mais alta? —perguntou Miguel com voz cortante— Porque minha espada está desejosa de oferecer isso.

Adoain entrecerrou os olhos ao escutar o insulto, e ao olhar a seu cunhado, soube que Miguel estava provocando de propósito. Queria um motivo para desafiá-lo, via o brilho de suas pupilas. O matrimônio entre sua irmã e ele tinha vetado a possibilidade de um enfrentamento com ele, mas não seguiu o jogo.

—Sou um homem impaciente por natureza, mas lhes agradecerei que me permita falar a sós com sua... sua irmã. —Adoain devolveu a mofa que Miguel utilizou anteriormente.

A palavra «irmã» queimou Dulce quando Adoain a pronunciou.

—Não há nada o que dizer, conde de Bearin —interveio ela— É meu desejo não continuar com um matrimônio que foi realizado para um fim concreto. —Adoain sentiu as palavras dela como uma pancada na cabeça— Lamento profundamente haver mentido, mas foi por uma causa nobre —continuou — E por isso lhes devolvo a liberdade e a palavra de aceitação.

—Devolver a liberdade? Que diabos quer dizer com isso? — O fio da voz de Adoain cortava.

Ela soube que não estava levando o assunto muito bem.

—Fomos unidos em matrimônio por um *cadí* muçulmano, e a lei muçulmana permite que um homem repudie uma mulher. — Adoain não cabia em si de assombro— Aceitarei seu rechaço com humildade.

Miguel observava a resposta de sua irmã extremamente agradado. Era o que esperava de uma castelhana, mas a reação de Adoain pegou ambos os irmãos de surpresa. De repente e sem prévio aviso, a mão do Navarro agarrou a garganta feminina com uma advertência letal. Rodeou com seus dedos longos o contorno do pescoço em um claro gesto de ameaça.

—Pareço um muçulmano... Senhora? —Dulce não respondeu— Acredita por um momento que pode brincar com algo que transcende o terrestre para o espiritual? Que pode me obrigar a contrair uns votos e depois atuar como se fosse algo que não tem importância? —As perguntas do Adoain estavam cheias de razão— Porque asseguro que eu torno minha palavra verídica.

Miguel foi ajudar sua irmã, mas Adoain a manteve bem presa, junto a seu corpo fibroso. Podia sentir o medo em seu corpo. Apertou seu pescoço com suficiente força para forçar Miguel a permanecer quieto, já que nesse estado de fúria, um homem era capaz de fazer qualquer barbárie.

—Solte! —ordenou Miguel com voz cortante— Ou juro que não chegará vivo amanhã!

Adoain continuava olhando os olhos femininos, que mostravam um temor definido. A vontade de golpeá-la era muito superior a sua força, mas conseguiu conter-se. Solto-a de forma reticente e com gesto desanimado, como se não suportasse tocá-la.

Apesar do que tinha afirmado anteriormente, Adoain deu o que ela esperava.

—Eu te repudio, senhora.

Um silêncio entristecedor alagou o salão durante uns longos e pesados instantes.

Mas ele não esperou uma resposta. Abandonou a aposento com passos largos, firmes, e uma máscara de despeito no rosto. Quando saiu para o vestíbulo, cruzou de frente com seu amigo.

Artáiz o contemplou com olhos entrecerrados. Agora restava a ele tomar uma decisão. Lamentou profundamente, mas seu lugar estava em Arienza ao lado de sua senhora. Alguém tinha que ficar e pôr um pouco de ordem no caos que tinha provocado.

A partida do conde de Bearin deixou em Dulce uma estranha melancolia, que a fez se sentir muito culpada. Tinha separado dois amigos, embora essa nunca tinha sido sua intenção. Quando Artáiz anunciou sua postura de ficar em Arienza, a seu lado, ficou surpresa. Adoain teve uma forte discussão com ele, que não levou a nenhum lugar salvo à frustração. Irado e desenganado, reuniu seus pertences e partiu muito antes que despontasse o sol sobre o horizonte. Retornava a Navarra, mas antes tinha que fazer uma parada na cidade de Burgos, para ter uma conversa com o arcebispo.

Artáiz se converteu em uma sombra, seguia Dulce por todos os lugares. Julio fazia o mesmo, por ordem de Miguel Álvarez, já que este devia partir em busca de novos aliados entre os nobres castelhanos, para a guerra que Alfonso tinha declarado aos almohades. Ela voltara para sua rotina de cuidar do condado de Arienza, no lugar de seu irmão. Miguel proibiu, de forma terminante, que retornasse a Fortun e deu ordens expressas ao capitão da guarda, para que não a deixasse sair sem uma escolta. Seu irmão tinha receio da possibilidade de que Kamîl tentasse sequestrá-la. Dulce não pôde convencê-lo do contrário, que estava errado. Mas Miguel desprezou cada argumento que ela esgrimia a favor de seus amigos. Seu irmão estava cego e surdo a suas súplicas.

Estava só e com uma sensação de perda no coração, de vazio no estômago. Com a sua decisão, no fundo de sua alma, sentia que se enganara. Tinha a sensação de que seu julgamento estava confuso e insistia em atuar de forma errônea. Mas continuava adiante, embora incompleta e fragmentada em emoções e sentimentos.

Entretanto, Dulce ignorava que cada passo que Artáiz dava, tinha sido perfeitamente planejado. Por isso, a decisão do Navarro de ficar em Castilla a seu lado, tinha sido motivada por interesses que só ele conhecia.

Pedro Artáiz esperava o momento de atuar e, depois da partida do conde de Arienza, fez os preparativos necessários e esperou, como espera a raposa o momento de lançar-se sobre a presa e encurralá-la.

O Navarro nunca tinha visto seu senhor tão comprometido emocionalmente com uma mulher. Durante dias o viu beber os ventos por ela. Tinha-o ouvido rir e brincar. Adoain aceitou seu matrimônio como ele esperava, com ditosa aceitação e, por esse motivo, não podia permitir que este encontro, tão formoso e frutífero, fosse destruído, inclusive, antes de ter se consolidado.

Artáiz não previa ficar de forma indefinida em Arienza, mas não podia contar seus planos a Adoain, porque teria estragado. Agora, tinha que ser paciente e aguardar que chegasse o momento esperado.

Em uma manhã, a ouviu vomitar profusamente. Estava abaixada, no meio de um matagal, com o pulso tremente e a pele pálida.

—A mentira se tornou verdade — disse ele, indo socorrê-la.

Dulce permitiu que a ajudasse a levantar-se, porque sentia as pernas tremulas, e o ânimo caído.

—Suspeitava? —perguntou atônita.

Nem ela mesma podia imaginar que estava grávida.

Artáiz fez um gesto afirmativo.

—Seu lugar está em Bearin. —A voz de Artáiz foi tranquila.

Dulce lançou um suspiro, que quase parecia de alívio.

—Sei —reconheceu vacilante— Esperarei a volta de meu irmão para lhe informar, e então partiremos para Navarra.

Artáiz negou várias vezes.

—Pode passar vários meses até a volta do conde de Arienza, e a neve logo fará sua aparição no norte. Não pode demorar em sua ida.

Dulce se encontrava em uma encruzilhada.

—Não voltarei a partir sem que meu irmão tenha conhecimento disso.

—Pode deixar uma mensagem — explicou de forma prática.

A castelhana olhou ao capitão Navarro decidida.

—Desde meu encontro com Adoain, tudo o que comecei foi um terrível engano. Agora pretendo fazer as coisas certas, e uma delas é ter uma conversa com Miguel, para explicar o porquê devo partir para Navarra. Nenhuma mentira mais!

Mas Artáiz não compartilhava a opinião de sua senhora. Era imperioso retornar a Bearin antes que a neve deixasse os caminhos incomunicáveis.

—Senhora, se despeça de Arienza, porque pressinto que demorará para retornar.

Capítulo 21

Bearin, Navarra

Adoain estava esgotado, mas se sentia felizmente resignado. As semanas de busca deram seus frutos. Foi impossível manter uma audiência com a rainha castelhana Leonor, mas o encontro combinado por ela com o conde de Alagón, foi muito significativo e esclarecedor. Adoain descobriu algo de vital importância. Seu pai Enrique não fora assassinado por nenhum castelhano, como informou Sancho, nem a família Álvarez teve nada a ver com seu desaparecimento. O conde de Alagón lhe deu uma direção, o monastério de São Román da Hornija, onde era costume enterrar estrangeiros, que não eram reclamados por familiares. O monastério de São Román da Hornija foi construído no século VII, por são Frutuoso¹⁷, graças ao mecenato do rei visigodo Chindasvinto¹⁸, e pertencia à Ordem de São Benito¹⁹. Dentro de seus muros, encontrou o sepulcro de seu pai, e lhe rendeu as honras que merecia, como cavaleiro e conde Navarro.

Decidiu devolvê-lo a Bearin, mas o monge encarregado das sepulturas, o convenceu para que deixasse os restos de seu pai em terras de Castilla. E a alma de Adoain se sentiu extremamente aliviada, porque seu pai havia falecido por uma enfermidade e não pela baixaza de um castelhano.

Sentia quietude e consolo, ao conhecer o que realmente aconteceu.

Enrique tinha contraído a varis²⁰ na cidade de Simancas, quando se dirigia a caminho de Toledo, seguindo a ordem do rei de Navarra. Entretanto, Enrique nunca chegou a Fortun, e por esse motivo ninguém pode enviar notícias sobre sua morte. Seu pai chegou sozinho a Castilla, e morreu, mas Adoain pretendia indagar sobre a pessoa que disse a Sancho, a

¹⁷ Frutuoso de Braga, monge e bispo godo do século VII, venerado como santo.

¹⁸ Rei visigodo (642-653 d. C.).

¹⁹ Ordem religiosa fundada pelo Benito da Nursia.

²⁰ varíola

mentira sobre o conde de Arienza, Miguel Álvarez. Ele estava disposto a matar um homem inocente por uma informação falsa, e estava decidido a encontrar à pessoa que estava interessada em prejudicar um homem limpo do sangue de seu pai.

Adoain suspirou profundamente cansado. A travessia foi extenuante, mas ao fim estava em casa. Ao longe divisava seu lar, Bearin, que se erguia orgulhoso sobre o horizonte. Embora não fosse um castelo tão espetacular como as fortalezas castelhanas de Toledo, era seu baluarte e onde queria passar o resto de seus dias.

Açulou os arreios, para aliviar o trote. O segundo cavalo o seguia com docilidade. Os monges lhe entregaram do cavalo de seu pai, e todos os seus pertences, para que retornasse ao lar. Adoain colocou o anel familiar no dedo mindinho.

Estava preparado para retornar a casa.

Bearin seguia igual há meses atrás. Antes que seus arreios tocassem a grossa madeira que cruzava o fosso, o portão da entrada ao castelo foi aberto por vários de seus homens, mas algo estranho ocorria. Seus rostos mostravam desconfiança, aborrecimento, e ele ignorava o motivo. No pátio de armas se encontravam alguns barões.

—Alegramo-nos de sua volta, conde. —As boas vindas foi devotada por Ginés, o segundo ao mando, na ausência de Pedro, seu capitão e melhor amigo, que tinha ficado em Castilla.

Adoain olhou para a torre, preocupado pela ausência de sua mãe e de sua irmã. Normalmente, estavam acostumadas a sair ao pátio para recebê-lo.

—Está tudo bem? —Mas a possível resposta foi submetida pelo silêncio, que ocorreu a seguir. Pela porta da torre saía Pedro. Levava ambos os braços enfaixados até o cotovelo, como se tivesse sofrido queimaduras.

—Bem-vindo, Adoain. —As palavras tinham certo tom de alegria.

—Estava em Arienza — foi seu lacônico comentário.

—Estive ali para resolver uma questão.

As palavras de Artáiz eram incompreensíveis para ele, mas sentia uma necessidade imperiosa de perguntar por Dulce, embora se contivesse. Decidiu fazer pouco caso desses dias caóticos e atuar como se nunca tivessem existido.

—Minha mãe se encontra bem? —A pergunta não obteve resposta.

Adoain deixou as rédeas com um moço de quadra, enquanto descarregava do lombo do cavalo as pertences de seu pai.

—Me dê um momento para falar com ela, depois reúna os homens. Trago informações que devo explicar em primeiro lugar. —As palavras foram dirigidas a Ginés, que fez um gesto afirmativo. Adoain trazia cartas para o rei Sancho, uma de Gonzalo Díaz, outra do arcebispo de Toledo.

Artáiz seguiu os passos de Adoain para a torre, e lhe ajudou com o diferente equipamento que levava, mas ao chegar ao grande salão estava vazio. Adoain sentiu muito mais falta.

—Minha mãe? —perguntou a Pedro.

—Encontra-se de visita no senhorio de Ancín, para tratar sobre os próximos esponsais entre Jaime Aresta e sua irmã.

Adoain conhecia muito bem Jaime Aresta, o filho primogênito de Santiago Aresta. Seu pai, Enrique, tinha começado as negociações para um possível compromisso entre Jaime e Clara.

—Santiago deseja que o matrimônio se realize na primavera — terminou de informar Artáiz.

Adoain deixou alguns artigos sobre a tábua de madeira e cravou seus olhos em seu homem de confiança. Se o senhorio de Ancín desejava um enlace com os Estella, isso queria dizer que os Ramiro se mobilizaram. Mas ele tinha que resolver uns assuntos de Pamplona antes de começar uma luta com o Luis Ramiro.

—Sua mãe retornará em uns dias — disse Pedro.

—Quem a acompanha? —perguntou com o cenho franzido.

Era incomum que sua mãe se movesse de Bearin, para administrar assuntos que incumbiam unicamente a ele como conde.

—Claudio e Vidal — respondeu Pedro.

Adoain respirou com alívio.

—E minha irmã, Clara?

—Trancada em suas dependências. Nega-se a desposar-se com Jaime Aresta e, quando soube de sua chegada, fechou a porta com chave por dentro.

Os lábios de Adoain se ampliaram com um sorriso. Teria que resolver a aspereza com sua irmã, mas o compromisso foi ordenado por seu pai, Enrique, antes de empreender viagem ao reino de Castilla.

—Tenho que dizer algo importante, Adoain — continuou Pedro.

O tom de voz do capitão foi inseguro, detalhe que fez Adoain olhá-lo com atenção. Entretanto, Pedro não pôde dizer nada mais devido à entrada ao salão de vários homens, além de Luis e Ginés. Adoain fixou os olhos nos antebraços dos homens, que estavam enfaixados até o cotovelo, igual os do Pedro, e se perguntou que diabos tinha ocorrido.

Um incêndio em Bearin?

Continuando, começou na sala uma exposição de problemas, perguntas e questões que levou o resto do dia. Quando os homens se retiraram, fazia muito que tinha passado o momento do jantar. Clara seguia sem sair de seus aposentos, e Adoain se encontrava terrivelmente cansado da longa viagem. Necessitava uma cama e dormir até a noite do dia seguinte, mas antes necessitava um banho, e se dispôs a tomá-lo imediatamente.

O grito de sua irmã Clara retumbou dentro de sua cabeça. Adoain se ergueu veloz do leito e, espada na mão, preparado para atacar a um possível inimigo. Piscou várias vezes, mas o quarto estava deserto, salvo por ele. Os gritos provinham do pátio de armas. Passou várias vezes as mãos pelos olhos, para limpar o sono que ainda sentia. Tinha dormido pouco durante a viagem de volta a casa. Vestiu-se de forma rápida e se dispôs a descer; tinha que saber que diabos ocorria.

Quando chegou a grande sala, Clara estava dando uns pontos de sutura em um soldado, ao mesmo tempo em que recriminava sua atitude. Nenhum dos dois percebeu de que ele estava parado na soleira, escutando a reprovação da jovem. Artáiz entrou momentos depois, com o rosto lívido de cólera, mas se deu conta de que Adoain estava no outro extremo do aposento, embora, sem entrar na sala. Clara seguia repreendendo a soldado com voz dura.

—Tudo isto é culpa sua — disse olhando Pedro.

Como Clara estava de costas a seu irmão, não se deu conta de sua presença.

—Deveria ter vergonha.

Artáiz fez um gesto para que se contivesse, mas ela não fez o menor caso.

—Não parecem soldados, a não serem meninos travessos. E terá que parar isto de uma maldita vez. Ela não tem culpa do que acontece.

Pedro seguia em silencio, sem afastar os olhos de Adoain, que tinha começado a entrar na sala em completo silêncio. Sua irmã seguia curando ao homem que mantinha os olhos baixos, completamente sobressaltado.

—Quando meu irmão descobrir, o que acredita que fará a respeito? —Mas Artáiz não pôde responder a Clara, porque uma voz feminina gritava e insultava a vários navarros que se encontravam no pátio.

A cor desapareceu do rosto do Adoain.

Seu estômago sofreu um tombo, e o coração começou a palpitar nas têmporas. Dirigiu seus passos para o exterior, de forma lenta, como se custasse um verdadeiro esforço caminhar até ali. Artáiz ficou de lado quando passou junto a ele e manteve a porta aberta para que a cruzasse. Quando os olhos de Adoain se acostumaram à claridade, contemplou uma figura feminina, que sustentava uma espada no alto e ameaçava a dois de seus homens. Outros olhavam a cena divertida.

Era Dulce de Arienza! Adoain fechou os olhos e retificou, Dulce de Bearin. Deus bendito! Que fazia em Navarra?

Um dos navarros sustentava uma faca de grande tamanho na mão direita e, com o fio no braço esquerdo, ameaçava fazendo um corte. O sorriso de seu rosto mostrava uma clara determinação. Dulce levantou a pesada espada sobre sua cabeça e deu um golpe, mas o Navarro fazia uma ameaça e se afastou a tempo. A espada terminou por estatelar na dura pedra. Saltaram faíscas quando o afiado aço golpeou o chão, mas ela voltou a elevá-la sobre sua cabeça, embora tremesse como uma folha.

—Piolhos de rede de esgoto! Ratos de esgoto! Eu cortarei seu putrefato ventre. Arrancarei seu negro coração e o darei aos cães. Querem sangue? Eu lhes darei sangue! — Dulce descarregou outro golpe de espada, que novamente não alcançou a ninguém.

—Que diabos acontece aqui? —A voz de Adoain reverberou no pátio com inusitada força.

Dulce deu um coice e virou com a espada na mão. Vários dos soldados baixaram seus rostos envergonhados, como se os tivessem pegado em uma travessura.

—O que significa esta palhaçada? —Ninguém soube a quem dirigida a pergunta.

—Tratam de curar seu mal, conde. —A resposta provinha de Artáiz, que tinha saído com Clara ao pátio para escutar a briga.

Adoain não podia afastar os olhos do rosto da jovem, que se via acalorado, agitado e com um brilho de precaução em suas pupilas negras. Estava muito formosa, com essa formosura capaz de destruir aos homens, derrocar impérios e mover as montanhas mais firmes. E estava em seu lar. Por quê?

—Isso é uma estupidez —replicou Clara com voz molesta— Dulce não tem nenhum mal, que terei que curar com a visão do sangue.

Adoain não podia se mover. Escutava o falatório de sua irmã e o de seus homens, que justificavam suas ações. Entretanto, ele seguia imerso em olhos castanhos, que tinham significado noites de insônia, dias intermináveis de arrependimento e fúria. E estava de pé, frente a ele. Qual era o motivo?

—Confio que agora controlem essa tendência a se lesarem voluntariamente — disse Clara a um dos barões com voz firme.

Artáiz deu um passo para Dulce, que permanecia sem baixar a espada nem abandonar a guarda. A jovem seguia olhando aos guerreiros com desconfiança e a seu marido, com mal dissimulado arrependimento.

Adoain entrecerrou seus olhos de safira, até reduzi-los a uma linha de desprezo. Apertou seus lábios em uma careta de indiferença que raiava o desprezo. Sentia no ventre espasmos de ultraje e seu orgulho desprezado. Por isso, desejava que a visão de sua mulher, não tivesse se fixado na retina com essa força devastadora. Porque a necessidade e a repulsa convergiram em uma luta onde não haveria vencedor.

Adoain cruzou o pátio para os estábulos. Passou a escassa distância de Dulce, mas nem a olhou, nem parou junto a ela. Mesmo assim, todos os que observavam, podiam sentir a tensão física que existia entre ambos e os sentimentos extremos que tentavam ocultar.

Um momento depois, saiu montado em um dos cavalos a todo galope, se perdendo no horizonte, sem olhar para trás nem um instante.

Capítulo 22

—Por que não o deteve? —A pergunta de Clara fez Dulce inspirar fortemente.

Acaso ela tinha a culpa? Perguntou-se de forma anárquica.

—Ignorava que tivesse chegado a Bearin — respondeu— Como recorda, passo a maior parte do dia desmaiando por culpa de seus homens.

A recriminação era merecida.

Clara olhou sua cunhada com a testa franzida. A reação de seu irmão foi ilógica, embora esperada. E agora ignoravam aonde teria ido ou com quem, estava muito tempo ausente. Artáiz continuava sentado no grande salão, com olhar indecifrável.

—Era seu dever avisar — recriminou Clara ao capitão com voz firme.

—Ontem foi impossível mencionar. Os barões não esperaram para abordá-lo. Havia muitos assuntos para atender, e pensei que, na manhã de hoje, seria mais fácil. Mas esqueci sua tendência de gritar, quando algo a desagrada.

Clara olhou para Artáiz com censura nos olhos.

—Estou cansada de costurar feridas. De contemplar as ações desses homens serem levadas ao ridículo — respondeu com voz afiada.

—Os homens atuam de boa fé.

—De boa fé? —perguntou Dulce com incredulidade— Parece-me mesquinho e ruim que permita tais despropósitos.

Artáiz aceitou a crítica com integridade, mas não calou seus lábios e replicou:

—Uma senhora navarra não pode mostrar uma debilidade como a sua, dessa maneira pode ficar em perigo.

Dulce baixou os olhos para seu colo, completamente instigada. Ela não tinha culpa de desmaiar, cada vez que via sangue. E Artáiz se aproveitou dessa fraqueza, que conseguia envergonhá-la até um ponto inconcebível, para trazê-la ao Bearin, sem que ela pusesse objeção alguma.

A entrada de Adoain na sala, silenciou o protesto que ameaçava sair de sua garganta. Continuava sem olhá-la, sem dirigir a palavra. Estava de pé, com o rosto muito pálido, Dulce não sabia se a falta de cor era provocada pela ira ou pelo cansaço.

Adoain olhou diretamente para Artáiz, ao mesmo tempo em que comprimia seus punhos nos flancos.

—A leve para Tudela, ali poderá retornar para Toledo. Contratei uns homens para que a acompanhe até o condado de Arienza. — Artáiz ia lançar um protesto, mas Adoain não permitiu— Minha postura é irrevogável.

Clara resmungou ao escutar a sentença de seu irmão. A ordem foi contundente, e objetiva.

Dulce não podia tolerar o insulto descarado de Adoain, ao ignorá-la. Mordeu os lábios para sufocar um gemido e levantou os ombros com soberba.

—Acredita que estou aqui por vontade própria? —Adoain a olhou, mas seus olhos eram como punhais.

O fio de suas pupilas produzia um dano muito maior que o aço toledano.

—Foi repudiada, esqueceu? —Dulce mordeu os lábios, até sair sangue. Ele não tinha nem ideia de como era sua vida, nem de tudo o que enfrentou desde sua chegada a Bearin.

—Difícilmente posso esquecer algo assim, mas pergunte ao senhor Artáiz o motivo pelo qual me encontro em seu lar.

Dulce se levantou de forma cerimoniosa e, fazendo um gesto com a cabeça, despediu-se de Clara e do capitão.

—Aonde pensa que vai? —A pergunta de Adoain queimava como o fogo, mas ela já estava acostumada à dor.

Dulce ergueu o queixo e o enfrentou.

—Aos aposentos que destinaram para mim em seu lar. Mas têm minha palavra de que estarei pronta para partir no momento que achar necessário. E agora, se me desculpar, boa noite conde de Bearin.

Clara olhou a sua cunhada completamente maravilhada. Embora tentasse e praticasse cem vezes ao dia, ela jamais poderia adotar essa atitude de rainha, que sabe o que quer e como tê-lo. Movia-se com uma graça incomum e com infinita elegância. Era, sem sombra de dúvidas, uma mulher que admirava muitíssimo.

Semanas atrás, quando Artáiz chegou no castelo, com uma mulher no lombo do cavalo que montava, ninguém pôde saber que trazia consigo a esposa de seu irmão. E Luzia, orgulhosa como ela mesma, aceitou a jovem castelhana com muita celeridade. Sentia-se realmente feliz com a nova filha que Adoain tinha lhe dado. Quando a moça despertou de seu desmaio, todos ignoravam o que era o que os provocava. Tinha ameaçado o pescoço de Artáiz com uma espada, mas o Navarro impediu a tentativa, com inusitada facilidade e, ante a impotência em não poder causar uma ferida grave, tinha-o amaldiçoado, perjurando durante dias, até que compreendeu que já não havia retorno possível a Arienza.

Artáiz provocou as arestas ásperas de seu caráter castelhano, até que Luzia interveio e controlou sua vontade, com uma facilidade que o deixou assombrado.

—A esposa de meu senhor deve estar aqui.

Adoain apertou os dentes pelas palavras do capitão.

—Não a quero em Bearin —disse com tom decisivo— Ela não deseja estar aqui.

Clara pensava intervir, mas o olhar de Artáiz a deteve.

—Decidi trazê-la contra sua vontade, é certo — confessou ele, mas sem arrependimentos na voz— mas existe um motivo válido para isso.

Adoain piscou atônito, mas o surpreendia? Ela deixou muito clara quais eram suas prioridades, ele não entrava, e essa certeza era a que mais o ofendia. Estava em Navarra pela força. Um insulto a mais para sua pessoa!

—Enfrentará Miguel Álvarez de igual forma, ela esteja aqui ou de volta.

Clara seguia a conversa do capitão com muita atenção. Era muito pouco dado a explicações, e sentia uma enorme curiosidade, pela que estava oferecendo nesse preciso momento.

—Ficou em Arienza por vontade própria. Desobedeceu minha ordem a respeito, e agora vou castigá-lo por sua rebelião.

—Aceitarei o castigo que corresponda a minha indisciplina, mas minha senhora não partirá. Sigo ordens de sua mãe Luzia. A condessa de Bearin tem que revelar algo de muita importância que mudará sua perspectiva completamente. Foi o que me decidiu trazê-la para o seu lado, mesmo com a sua negativa. —Mas Adoain não escutava.

—Como não partirá? Isso vai acontecer!

Foram as últimas palavras que pronunciou. Abandonou a aposento com passo ligeiro e com tensão em todo o corpo. Sua chegada das terras de Castilla deixou o condado com uma inquietação generalizada.

O frio estava presente em cada lugar do castelo. Dulce sentia o frio e a umidade em sua pele, tão profundamente que produzia uma imobilidade preocupante. Os dias passavam monótonos e sem atividade. Logo que saía de seus aposentos, sempre tropeçava com algum integrante do castelo, que acreditava que tinha obrigação de curar seu mal.

Adoain se entregava aos treinamentos físicos até cair exausto. Atendia os assuntos do condado durante a maior parte do dia. Visitava os aldeãos e os camponeses, e fiscalizava o trabalho do campo. Cuidava e adestrava os falcões e os cães, que mantinham afastados os animais dos rebanhos. Dulce não o via durante o café da manhã, tampouco no almoço ou jantar. Ignorava onde se alimentava ou onde dormia. E a tensão se notava nas pessoas de forma muito efetiva.

Algo grave se passava com o conde de Bearin, e todos sabiam que a culpa era da castelhana de Arienza.

Mas tudo começou a mudar uma noite.

Dulce estava cansada da indiferença de Adoain e de seu mutismo, e por esse motivo, decidiu segurar as rédeas das dificuldades e tentar resolver. Acabaram as tentativas de lesão dos habitantes do castelo em seu nome, terminaram os olhares de lástima e de desdém que ofereciam como se fosse um cachorrinho abandonado.

Caminhou descalça pelo corredor de Bearin, e não se importou com o frio das pedras, nem a umidade das paredes nuas. Tinha que fazer algo, ou ficaria louca.

Suo roupão azul de veludo, arrastava a um palmo pelo chão, mas ela parecia nem se preocupar. Seguiu a esteira de luz das velas que mantinha iluminado o longo e largo corredor. Passou em frente à porta do quarto de Clara, a de sua sogra e chegou até o extremo do corredor, com o coração agitado e a garganta fechada.

Abriu a porta com extremo cuidado, tentando não despertar à pessoa que dormia em seu interior, mas tropeçou em alguma coisa e teve que segurar um gemido. Sua mão sustentava uma espada firme ao seu lado, e quando entrou, deu-se conta de que estava completamente escuro. Não via nada, era incapaz de determinar onde estava a janela ou a lareira com as brasas quase apagadas para orientar-se, mas esse detalhe não a amedrontou.

Tinha que conseguir cooperação por parte de Adoain, e não partiria até a ter.

Entrecerrou os olhos para esquadrinhar a aposento. Graças aos tecidos brancos, pôde caminhar sem dificuldades até o leito, mas quando chegou estava vazio. A cobertura que servia de abrigo na cama estava revolta aos pés. Dulce suspirou resignada, esperava encontrá-lo e obrigá-lo a levá-la ao seu lar, antes que Miguel tomasse represálias a respeito. Ia dar a volta, quando uns braços a seguraram e uma mão cobriu sua boca para afogar o grito que já saía por ela. Sentiu a respiração masculina em seu ouvido, os batimentos do coração de Adoain em suas costas e o desejo de vingança na força de seus braços. Mas Dulce se equivocava em seu julgamento. A respiração era frenética, os batimentos do coração de desejo, e os braços terra rica que florescia com seu contato.

Fez um movimento para dar a volta, a espada arranhou o chão com a ponta afiada, produzindo um som peculiar e desagradável. Dulce pôde sentir a risada que emergia da profundidade da garganta de Adoain, mas se apagou antes de sair por sua boca. Seus braços a aprisionaram mais forte.

—Procura meu coração, senhora?

Não procurava seu coração, apenas a sua alma compassiva, disse Dulce. Mas mentia a si mesmo, porque procurava seu contato quente, sua força protetora, seu amor profundo e completo. Embora seus atos impulsivos do passado, os tivessem separados para sempre.

—Esperava convencê-lo sobre um assunto, senhor — respondeu ela— e o fio de uma espada parece ser uma boa persuasão.

A mão de Adoain desceu da boca da mulher ao pescoço, onde a deixou descansando em um contato tão suave, que Dulce não soube distinguir se era uma carícia ou uma advertência.

Quando a revelação passou em seus olhos semanas atrás em Arienza, sentiu-se enjoada, perdida. Dulce se sentiu atraída por Adoain desde o primeiro momento. Chegou a amá-lo com uma intensidade assustadora. Mas o rancor e o despeito os uniam em um laço tão apertado, que descobriu que nunca ele a amaria, como deseja a esperança fértil.

Adoain percebeu as mudanças que aconteciam no corpo feminino que ele abraçava. A tensão com o desconhecido, e o relaxamento. Dulce era um amontoado de sentimentos que se abriam a ele e, embora estivesse cansado da luta que sustentava em seu interior, não podia permitir uma estocada a mais. Seu orgulho foi tão ferido, que não tinha mais volta.

—Necessito que me ajude — conseguiu balbuciar com um fio de voz.

Os braços nus de Adoain seguiam segurando-a com força.

—Foi despojada dessa honra, esqueceu?

—A entrego a você novamente —disse a voz quebrada de Dulce — Até que parta.

As agulhas da afronta voltaram a cravar em seu coração, com pontaria certa. Estava a ponto de esquecer que ela não estava com ele por vontade própria.

—Procure um protetor menos exigente e mais ignorante, que empreste a ajuda que solicita, e não, não abandonará Bearin.

Dulce respirou profundamente.

—Permite-me dar uma volta? Seu fôlego em minha nuca me deixa extremamente nervosa. E preciso lhe ver.

Os lábios de Adoain se curvaram em um sorriso que ela não viu.

Acariciou o pescoço feminino até chegar ao ponto onde pulsava o pulso, a perseverança da vida. Seguiu descendo pelo ombro até roçar o seio agitado, em um contato que a derretia. Segurou-a pela cintura e a virou para ele com infinita suavidade, mas sem permitir um mínimo de separação entre os corpos. E, de repente, com o movimento o aço da espada tocou a coxa de Adoain e foi a faísca que necessitou para despertar da névoa que a castelhana provocava. Durante um instante estivera a ponto de beijá-la, mas a prudência o despertou.

Conseguiu separar-se dela, mantendo o seu orgulho intacto, porque, se a tivesse beijado, estaria perdido.

—Retorne a seu quarto. Amanhã falaremos se conseguir reunir suficiente paciência para tolerar sua presença durante um momento.

A voz de Adoain soou fria como o mármore das sepulturas, escura como o pecado premeditado. Mas o merecia.

—Por favor —começou ela— Peça a seus homens que não se machuquem quando eu passo. Faça, e não terá que tolerar minha presença um instante a mais; prometo isso.

Adoain não respondeu a sua petição, e ela decidiu bater em retirada. Tudo foi dito entre ambos.

Capítulo 23

Luzia retornou ao lar com excelentes notícias.

Adoain a esperou no grande salão, acompanhado de um grande copo de cerveja amarga. Logo teria que partir para Pamplona, para ter uma audiência com o rei Sancho, mas não pode fazê-lo, porque o rei se encontrava ausente. Clara fora à aldeia para curar alguns meninos que adoeceram de repente. Artáiz, sentado a seu lado, compartilhava o mesmo silêncio de sempre. E Dulce não saía de suas dependências, desde a noite em que foi procurar Adoain, para que a ajudasse com seus homens.

Em Bearin, havia uma calma preocupante. Como a quietude que precede à tormenta.

Luzia entrou no salão do pátio de armas. Adoain se levantou do assento, quando sua mãe se aproximou dele.

—Esperava ver Dulce no salão. —Ele ergueu uma das sobrancelhas com ceticismo.

Sua mãe não o via fazia meses e, entretanto, sua preocupação vinha acompanhada de um nome que o fazia apertar a mandíbula com força.

—As últimas notícias que tenho dela era que estava em seus aposentos — respondeu com acidez.

—Encontra-se bem? —Nesse momento, a pergunta foi dirigida para Artáiz, que fez um gesto afirmativo com a cabeça— Não é bom que se altere, precisa descansar.

—Dulce Estella se encontra perfeitamente — acrescentou o capitão com prontidão.

Ao escutar seu nome ligado ao de Dulce, Adoain apertou os punhos a seus flancos, tentando conter o mau gênio. Todos atuavam com naturalidade, como se não tivesse ocorrido nada.

—Repudiei-a, mãe. Não deveria estar aqui, a não ser em seu lar.

Os olhos castanhos de Luzia o olhavam com firmeza.

—O senhorio de Ancín marcou o casamento com Clara para depois da primavera, não pude atrasar o tempo que pretendia — respondeu Luzia como se não tivesse escutado a confissão de seu filho.

Adoain assobiou baixo. Sua mãe esteve bastante ocupada em sua ausência. A abrupta entrada de Ginés o fez desviar a atenção de sua mãe.

—O rei Sancho vem a caminho. Atendeu a solicitude de sua mãe, de manter uma reunião com Juana Ramiro e você aqui em Bearin — disse de repente.

Artáiz olhou atentamente Luzia por sua conquista. Mover o rei Sancho do castelo da colina de Santa Bárbara era quase impossível.

Adoain olhou o rosto de sua mãe com atenção. Ele não queria resolver a questão com o senhorio de Ramiro, diante de seus homens, nem em seu lar. Pretendia fazê-lo na corte de Pamplona.

—Em vista dos êxitos obtidos, acredito que me dedicarei a semear os campos com os aldeãos, e a deixarei com os cuidados de Bearin — replicou Adoain com aspereza.

Luzia cravou as pupilas negras em seu filho, mas ela não podia ficar quieta ante a ameaça que se abatia sobre a família pela atuação de uma mulher desprezível.

—Uma acusação de tal magnitude não deve ser resolvida de forma leviana.

—Não o fiz mãe, mas não desejo converter meu proclama de inocência em um circo. Você deveria conhecer os motivos.

—Que o rei tenha aceitado vir a Bearin, é uma clara amostra de seu apoio a sua causa. —Adoain se manteve em silêncio. Luzia se voltou para resto dos homens que havia na sala— Nos deixem sozinhos — pediu com amabilidade.

O aposento ficou vazia, salvo por Artáiz, que Luzia tinha indicado que ficasse.

—Ginés, avise para que procurem minha nora, preciso falar com ela.

Ginés fez um gesto afirmativo a sua senhora, e partiu com celeridade para cumprir a ordem.

—Senhor Artáiz, que a guarda esteja preparada para receber ao rei.

Adoain resmungou ostensivamente. Ele era o conde, maldita fosse! Sua mãe atuava como se ele continuasse em Castilla. Artáiz já tinha saído para repartir ordens aos soldados. Depois procuraria os barões.

—Manter aqui à castelhana nos levará a guerra. Seu irmão é o campeão do rei Alfonso de Castilla — disse Adoain a sua mãe, com os dentes apertados de fúria.

O sorriso de Luzia desatou os alarmes dentro da cabeça de Adoain. Intuiu que ela sabia de algo que ele ignorava, mas não imaginava o que.

—Informo que meu pai está enterrado no monastério de São Román de Hornija. — Luzia lançou um suspiro sonoro. Conhecia o monastério— Pude trazer parte de seus pertences, também seu cavalo. Os monges foram extremamente amáveis.

Luzia baixou as pálpebras durante um momento, como se meditasse algo importante.

—O cavalo de seu pai será um bom presente para seu primogênito — respondeu Luzia com olhos brilhantes de emoção.

Sua alma gêmea estava enterrado em terra consagrada, e tão perto de seu lar que o alívio aliviou seu coração cansado. A viagem de seu filho a Castilla fora muito frutífera.

—Faleceu por causa de uma enfermidade: a varíola— continuou Adoain— A caminho de Toledo. Por esse motivo não puderam nos informar.

A morte por enfermidade era menos daninha, que a produzida por um assassinato. Com a primeira, podia encomendar-se a Deus, com a segunda amaldiçoar e entregar-se ao diabo.

—É um alívio saber que descansa em paz em minha terra — respondeu Luzia.

—Também senti um enorme alívio ao saber que não morreu nas mãos castelhanas, como fizeram acreditar. Estive disposto a matar um homem inocente por uma informação falsa, mas devo chegar ao coração da armadilha que foi tecida de forma tão hábil.

Luzia sentou perto de seu filho e tomou a sua mão com afeto. Adoain permitiu o contato, porque se encontravam a sós, longe de olhadas indiscretas.

—Fez uma excelente escolha. —Adoain soube que se referia a Dulce.

Mas ele estava em completo desacordo.

—Não conhece os fatos que me levaram a desposar com ela — respondeu com voz seca, quase ferino — nem os motivos que me fizeram repudiá-la depois.

—Não pode repudiá-la — asseverou Luzia sem deixar de sorrir, detalhe que conseguiu irritá-lo.

—Uniu-nos em matrimônio um *cadí* muçulmano — informou Adoain, com voz medida, tentando controlar a irritação que sentia.

Os olhos de Luzia brilhavam espectadores.

—Sei. Artáiz me contou isso tudo. Não deixou fora nem um detalhe, por mais penoso que pudesse parecer. Por esse motivo, posso dizer que, para poder repudiar a uma esposa como ditam suas leis religiosas, deve praticar sua fé, não a nossa.

Adoain não tinha pensado nisso, mas agora que meditava, sua mãe tinha razão. Ele tinha dado os votos como cristão, Dulce também. Estavam unidos ante o Deus de ambos, e essa descoberta o encolerizou ainda mais.

—Não a quero em Bearin! —exclamou violento, e percebeu que Luzia não lhe emprestava a devida atenção. Adoain se incomodou por sua atitude— Não desejo iniciar uma guerra com o conde de Arienza, nem dormir com uma manipuladora em meu leito.

Luzia suspirou profundamente, porque a voz de seu filho soava muito ofendida.

—Constanza Méndez era amiga minha. —Adoain entrecerrou os olhos sem compreender o que tentava dizer sua mãe— Dias antes de me mudar para Burgos, assistir os torneios e conhecer seu pai, fui madrinha de um menino, o filho de Constanza: Miguel Álvarez, conde de Arienza. —Adoain ficou mudo com a notícia, e se perguntou se era simplesmente casualidade ou o destino que voltava a interpor-se com determinação em seu caminho— Meu afilhado Miguel, não declarará guerra com a sua madrinha, nem a Bearin — afirmou de forma contundente— Confie em sua mãe neste assunto.

A mente de Adoain sofreu uma revelação. Por esse motivo sua mãe aceitou tão placidamente seu casamento com uma castelhana. Sentia que esse enlace era um sinal do céu e se mostrava muito feliz.

—Mas isso não diminui meu desejo de que retorne a Castilla — continuou ele com a voz excessivamente dura.

Luzia apertou a mão de seu filho como se tratasse de consolá-lo.

—Sua esposa não pode retornar a Castilla por... — Luzia não terminou a frase, porque Dulce acabava de fazer sua entrada no salão acompanhada de uma donzela.

Tinha as pálpebras inchadas. Escuras bolsas sob os olhos, sinal inequívoco de que estava chorando a maior parte do dia. Mas nem seu rosto sério, nem seu andar derrotado, arrancaram um golpe de compaixão em Adoain que afastava seu olhar de propósito. Evitava-a, porque se não o fizesse, voltaria para ela no coração, e a ferida que causaria depois seria muito mais dolorosa. Ele não estava disposto a permitir.

Luzia se levantou de seu assento e caminhou diretamente para ela. Abraçou-a com afeto e depositou dois beijos nas bochechas. Adoain seguia os gestos de sua mãe com desagrado.

—Está muito pálida — disse Luzia preocupada.

—Estou cansada de que me provoquem os desmaios — queixou ela com voz atormentada— mas dou fé, não posso evitá-lo.

Luzia mostrou a sua nora um sorriso cheio de empatia.

—Falei com dom Juan de Tarazona, o anterior bispo de Pamplona, e expus o seu caso. Como amigo da família Estella, amavelmente me informou que escreverá cartas sobre o assunto, e de que falará com monsenhor Arbizu sobre isso. Não têm nada a temer.

«*Por que Dulce falava de desmaios provocados? O que temia?*» perguntou Adoain mais interessado do que queria admitir.

—O que aconteceu para que tenha tido que falar com Juan de Tarazona? —perguntou Adoain a sua mãe, com um timbre severo na voz.

Adoain pensou que em sua ausência, aconteceram muitas coisas, e ninguém estava disposto a revelar-lhe.

Luzia olhou a seu filho, que tinha no semblante uma expressão de urgência.

—Monsenhor Arbizu visitou Bearin em sua ausência. — Luzia não explicou nada mais— Senhor Artáiz, acreditei que se encarregaria disso em minha ausência.

Artáiz fez um gesto negativo à condessa viúva.

—Os homens são difíceis de convencer, minha senhora. Desejam ajudar à castelhana escolhida por seu senhor, e acreditam que dona Dulce irá se acostumar.

«*Meus homens provocavam os desmaios de Dulce? E como diabos conseguia?*» perguntou ele.

—Seu senhor falará com eles e resolverá o assunto imediatamente.

Adoain estava perdido. Ignorava que assunto tinha que resolver com seus homens.

—Monsenhor Arbizu se mostrou muito traiçoeiro —disse Artáiz— Fez perguntas com dupla sentido com o único propósito de colocar veneno. Sabem o quão fanático ele é, e que detesta os castelhanos. É lógico que os homens tratem de protegê-la.

Adoain fazia infinitas perguntas, mas mantinha a boca fechada para tentar compreender a conversa que mantinha Artáiz com sua mãe. E de repente, uma lembrança cruzou sua mente e lhe provocou um espasmo no ventre. Evocou com perfeita clareza, o desmaio dela após receber a ferida no peito, provocada pelo almohade, quando a fez sua pela primeira vez. Também o desmaio, quando devolveu a afronta a Kamîl em Mudaÿyan. E a noite que caiu desmaiada dentro da banheira, quando o lesou enquanto o barbeava. Os braços enfaixados dos soldados tinham um significado especial para ele. Dulce tinha pedido ajuda para controlar os seus homens e evitar que se ferissem em sua presença.

Ela desmaiava ao ver o sangue.

Estava completamente cego! Soberbo em seu orgulho!

Voltou seu rosto para Dulce e a contemplou com olhar compassivo. Estava realmente pálida e mais magra. E sentiu um desejo furioso de golpear os seus homens com os punhos até lhes causar uma ferida grave, e não o simples arranhão que provocavam em si mesmos.

—Tome um pouco de cerveja — disse de repente— devolverá a cor a suas bochechas.

Dulce olhou para Adoain com estranheza, porque seu tom estava ausente de despeito, completamente novo para ela.

—Sinto-me feliz! —exclamou Luzia, mas sua alegria durou pouco.

A entrada impetuosa de Clara e seu gesto sério apagaram o sorriso de seus lábios. Trazia um cesto de cânhamo com ervas curativas, a barra de seu vestido manchado de barro e o cabelo completamente alvoroçado.

—Vejo que minha cunhada se encontra tão desanimada como eu. Bem-vinda, mãe!

As palavras de Clara cortavam, quando cravou seus olhos azuis em Luzia.

—Agradeço a saudação sincera e emotiva — repreendeu Luzia com tom seco.

Clara recuou em sua postura belicosa, mas não no fio de sua língua.

—Desculpe meu tom desanimado, mãe, mas desejo atrasar o máximo possível o anúncio da minha condenação a morte, já que imagino que se realizará imediatamente.

—Modere o tom quando se dirigir a nossa mãe —aconselhou Adoain com uma clara advertência que sua irmã acatou— Não tolerarei uma insolência a mais.

Artáiz tinha tomado assento um pouco afastado do grupo familiar, mas a ação não passou despercebida para Dulce, que decidiu acompanhá-lo. Encontrava-se terrivelmente cansada e sem vontade de dormir. Tinha apetite mas não conseguia comer. E a apatia que a embargava minava as poucas forças que tinha. Se fechasse os olhos, poderia se tranquilizar um momento.

Clara iniciou uma discussão com sua mãe e Adoain, deixou de prestar atenção um momento depois. Devia ser terrível que a obrigassem a casar-se com alguém que detestava, ela não teve a mesma sorte de não ter aparecido em sua vida um Adoain Estella? Mas ele a desprezava, e ela amaldiçoava os atos que a tinham separado dele. Mesmo assim, sentia-se afortunada, porque se apaixonou por um homem teimoso, mas único, um Navarro muito atraente, embora com o coração tão duro como as pedras.

Artáiz se deu conta do momento que Dulce caía para frente vencida pelo sonho. Conseguiu segurá-la a tempo, e evitar que sua cabeça desse contra a madeira da mesa. Reclinou-a sobre seu flanco e apoiou a cabeça da jovem sobre seu braço. Mas antes de acomodá-la, Adoain a agarrou em seus braços com muita delicadeza e a levou do salão de volta ao quarto. Luzia e Clara olhavam atônitas a partida de Adoain com sua esposa em seus braços. O sorriso matreiro de Artáiz foi contagioso.

No fim, o falcão decidiu lançar-se ao voo e proteger a sua presa.

Capítulo 24

A manhã chegou muito rápido.

Dulce despertou mais cansada do que o normal e com o ânimo abatido. Ardiam os seus olhos, parecia como se tivessem jogado um punhado de areia sobre eles. Esfregou-os com os punhos fechados em uma tentativa de afastar a sonolência e acalmar o ardor que sentia. A cortina de veludo estava recolhida com uma fita de lado, e os raios do sol entravam de forma tímida no quarto, que seguia no silêncio. A lareira estava acesa, as chamas vibravam entre elas criando sombras e figuras estranhas, que apanharam sua atenção. Agarrou a suave colcha com as mãos e a subiu até seu queixo; estava muito bem dentro da roupa de cama, quente e agasalhada... Voltou a fechar as pálpebras, convencendo-se a si mesmo de que abandonaria o leito em uns instantes. Ansiava manter esta paz, todo o momento possível. Rodou para a parte direita do leito e um aroma conhecido impregnou suas fossas nasais até quase provocar uma sacudida.

Era o aroma de Adoain! Abriu os olhos de repente.

O lado da cama estava vazio, mas o vão frio no almofadão de plumas, evidenciava que tinha dormido com ela. Ergueu-se até ficar sentada no leito para olhar com curiosidade ao seu redor, e então comprovou que estava no quarto de seu marido e não no seu. O roupão masculino, de rico veludo e bordado com o brasão de Bearin, estava jogado de forma descuidada sobre a arca depositada aos pés do leito. Sobre a prateleira do quarto, havia

vários livros, luvas de falcoaria e uma taça com pedras preciosas. Sobre a cadeira estava seu manto Navarro perfeitamente dobrado.

Dulce retirou o cobertor de seu corpo e calçou as finas sapatilhas, tentando procurar o roupão, porque vestia somente a camisa de linho, que chegava até a metade das coxas, mas não viu seu vestido pelo aposento.

Ignorava em que momento a tinham despido. A última coisa que recordava do dia anterior, era o cansaço que sentia, e a discussão que mantinha Luzia e sua filha sobre o futuro casamento da jovem com Jaime Aresta.

Como sentia frio, Dulce optou por usar o manto de Adoain, mas o tecido arrastava pelo chão. Era o homem mais alto que tinha conhecido e, para falar a verdade, os navarros eram homens muito fortes e de elevada estatura.

Dulce se dirigiu para o roupeiro e abriu uma das portas, para procurar uma roupa, mas não havia nada de seus pertences. Inspirou profundamente e alisou o cabelo despenteado, porque não tinha nem uma escova para arrumar, antes de sair ao corredor. Não tinha dado nem dois passos para a porta, quando esta se abriu para a entrada de Adoain. Depois dele vinha uma criada com um grande tecido nas mãos e um criado que levava um balde com água temperada. Encheu uma bacia com ela e depositou uma pedaço de sabão em um prateleira. A donzela deixou o tecido aos pés do leito revolto. Os criados saíram tão rápidos e silenciosos como tinham entrado.

—Bom dia — disse Adoain com olhar cálido.

Dulce apertou em torno de seu corpo o veludo do roupão.

—Que seja bom também para você — correspondeu com olhar suspeito— Foi uma surpresa despertar em seu quarto — disse de forma direta.

E gostava dessa qualidade franca nela. Os castelhanos nunca rodeavam, para dizer o que pensavam.

—Adormeceu sobre o capitão Artáiz — informou.

Dulce o olhou sentida porque não se lembrava desse incidente. Só do cansaço que sentia.

—Então oferecerei minhas desculpas quando for possível — respondeu com simplicidade.

Adoain caminhou lentamente para ela. Dulce retrocedeu temerosa.

—Têm medo?

Se seguir olhando-a assim, tão apaixonadamente, ia derreter como açúcar ao fogo, pensou Dulce de forma amalucada.

—Deveria ter? —perguntou de forma precavida e apertando o roupão ainda mais em torno do corpo.

—Não tenho intenção de me lesar, para lhes provocar um desmaio, pode estar tranquila com respeito a esse assunto.

A íris de Adoain brilhava de forma enigmática.

—Não o fazem de má fé — respondeu de forma humilde. Ela defendia a seus homens, e esse detalhe o agradou muito— mas minha doença vem da infância.

Dulce se referia aos navarros, que tratavam por todos os meios de curar a doença que acreditavam que tinha.

Começava a respirar com dificuldade, porque Adoain não estava zangado nem colérico. Olhava-a sem ira nas pupilas e sem usar um tom depreciativo. O que tinha mudado nele?

—Venha — ordenou. Dulce negou várias vezes com a cabeça— Devemos ter uma conversa muito importante — explicou ele.

—Já conversamos — replicou a uma distância que considerou prudente.

—É hora de assinar uma trégua, pelo bem de minha mãe e de seu irmão.

Uma só piscada separou as palavras do Adoain das de Dulce.

—Aceito sua rendição — disse.

Adoain soltou uma risada, porque seguia mantendo a distância, mas de uma forma encantadora. A mulher o olhava de forma serena, sem rancores. E ele se deu conta de que sentia por ela, a mesma emoção que sentia em Fortun.

A descoberta o deixou aniquilado. Mas era inútil negar. Estava apaixonado pela primeira vez, por uma mulher que não o correspondia em afeto. Que o tinha utilizado, e que estava em seu lar contra sua vontade. Uma mulher que se casou com ele para salvar a vida de seu irmão e desfazer um compromisso imposto.

—Nossa rendição é mútua — esclareceu ele, mas Dulce fez um gesto com a cabeça.

—Nunca declarei a guerra.

—Se aproxime, por favor — pediu Adoain em voz baixa.

Dulce sentia o coração acelerado, o estômago encolhido e a pele ardendo. Não estava preocupada. Olhava-o com atenção, para perceber alguma mudança de humor, mas os olhos masculinos mostravam uma serenidade que conseguia acalmar seus temores mais escondidos. O magnetismo de Adoain era intenso. Sentia que a atraía irremediavelmente para ele, e se perguntou o que tinha acontecido para essa mudança de atitude. Entendia que estivesse zangado com ela, por havê-lo manipulado e mentido, mas era impossível valorizar, que até ontem desejasse sua volta e, na manhã de hoje pactuar uma trégua.

—Você me despiu? —perguntou com um fio de voz. Adoain negou com a cabeça duas vezes.

—Chamei a sua criada pessoal.

Dulce ia agradecer, mas as palavras ficaram aderidas à garganta feminina pela entrada no quarto de Luzia. Não bateu na porta, e esse detalhe fez franzir o cenho de Adoain, pois não desejava ser interrompido.

Tinha chegado o momento de esclarecer sua postura com respeito ao matrimônio entre ambos, definir o futuro que se abria ante eles, mas sem a presença de sua mãe.

—O rei Sancho está chegando a Bearin. O acompanham Luis Ramiro e sua filha Juana, assim como vários membros de sua família. Deve reunir os barões e preparar o exército. Artáiz já está reunindo os homens no pátio.

Adoain cravou seus olhos em Dulce.

—Se vista, mais tarde continuaremos esta conversa — disse.

A figura viril desapareceu pelo corredor com passo enérgico.

—Deve se vestir como uma senhora navarra.

—Como uma navarra? —perguntou Dulce a sua sogra com tom confuso.

—Deve afirmar sua posição como condessa de Bearin. O rei Sancho vai ser implacável com meu filho por seu casamento.

Seu irmão Miguel, também tinha que prestar contas ao rei castelhano, Alfonso, pelo casamento dela.

—Ignoro como fazê-lo. —Disse com humildade.

—Ajudarei. Me acompanhe.

Luzia se dirigiu para as dependências de sua nora, mas antes de abandonar o quarto de seu filho, agarrou seu manto, que estava perfeitamente dobrado.

O quarto de Dulce estava frio. Um jovem criado reavivava nesse preciso momento as brasas apagadas, enquanto outro se encarregava de encher uma banheira com água perfumada. Luzia se dirigiu à arca que continha parte do vestuário de Dulce. Pedro só tinha podido trazer da Arienza, uns vestidos para o caminho, poucos, porque a volta a Bearin era longa e difícil.

—Este servirá. —Luzia se voltou para ela— A ajudarei com o banho.

—Mas não será necessário — protestou Dulce de forma enérgica.

Parecia inédito que sua sogra se oferecesse para ajudá-la, como se fosse uma criada. Dulce estava realmente sobressaltada. Luzia a tratava com muita generosidade e empatia. Um trato que em modo algum merecia.

—Não desejo que desmaie dentro da água, poderia ser muito perigoso — respondeu com um sorriso travesso no rosto, que a fez ruborizar-se até a raiz do cabelo. Luzia fez um gesto aos criados para que partissem.

Saíram em completo silêncio e levaram os baldes de água, vazios.

—Só acontece quando contemplo o sangue — respondeu sobressaltada.

«*Simplesmente o mencionei e já me sinto indisposta*» recriminou a si mesmo.

—Passará com o tempo — asseverou Luzia, que já caminhava para o leito para deixar sobre ele o formoso vestido de veludo vermelho que tinha escolhido — Com a sua mãe ocorria o mesmo. Via o sangue e se decompunha.

Dulce amava cada lembrança que a mãe de Adoain debulhava sobre Constanza. Era irônico que tivesse encontrado em Navarra uma amiga tão querida de sua mãe, e que estava aprendendo tantas coisas.

—Minha mãe também desmaiava?

Por que motivo seu pai ou seu irmão não o tinham mencionado alguma vez? Perguntou contrariada.

—Ocorria ocasionalmente, mas lembro que em um dos torneios que ambas observávamos, concretamente o jogo de espada, um dos cavalheiros feriu o outro e, de repente, Constanza desmaiou a meus pés. Seu pai deixou de lutar para socorrê-la, e recebeu em troca, uma ferida grave no flanco, embora não intencionada. Lembro com afeto esse dia, porque foi o começo de um amor que perdurou no tempo e na adversidade. Seu pai amou com loucura a Constanza e foi correspondido.

Dulce ia se despojando da camisa de linho, enquanto escutava Luzia. Agora acreditava firmemente que a divindade tinha posto à mãe de Adoain em seu caminho. Era um milagre que, estando tão longe de Arienza, não se sentisse sozinha e desamparada. Tinha encontrado em sua cunhada e em sua sogra verdadeiras amigas que a ajudavam de forma bondosa.

Luzia tinha os olhos cravados no ventre de sua nora, que já ia adquirindo um volume arredondado e firme.

—O comunicastes? —Dulce sentiu de repente um acanhamento, que lhe fez baixar os olhos e meter-se de repente na água morna da banheira.

Fez um gesto negativo com a cabeça, mas sem abrir os lábios que mantinha fechados.

—Têm que fazê-lo — a animou Luzia.

Como poderia dizer a Adoain que ia ser pai, quando ela mesma o tinha negado de forma terminante anteriormente? Dulce se fez a pergunta mas não obteve resposta.

—Não acreditará — disse com uma candura que era terna — Tem poderosos motivos para não fazê-lo. Menti muitas vezes, e uma delas foi sobre uma gravidez falsa que se tornou verdadeira.

—Deitaste com meu filho mais de uma vez?

As bochechas de Dulce ficaram da cor carmesim como as folhas das papoulas castelhanas. Recordou as duas semanas prévias à chegada de Miguel a Arienza. Adoain a tinha amado nesses dias, pela manhã, tarde e noite, mas não podia confessá-lo a sua sogra, porque o pudor que sentia era muito grande.

Depois de uns longos momentos, fez um gesto afirmativo a Luzia.

—Minha menina, isso é algo que não poderá ocultar por muito tempo. A vida abre caminho, apesar de nossa reticência.

Dulce sabia, mas não era mais fácil de admitir. Tinha-o manipulado para que se casasse com ela, informado que estava grávida sem estar. Havia dito que não estava para deixá-lo livre, e pouco depois descobria que sua mentira se tornara muito real e devastadora. Poderia outra mulher em uma mesma circunstância, ter um resultado diferente? Perguntou-se atormentada.

—Descobri que estava grávida pouco depois que foi embora. Irônico, verdade? Menti para afastá-lo, e não era consciente de que o destino ia decidir por mim.

Dulce calou um momento para tomar ar.

—E a vida me pôs onde merecia estar, afundada em um lodaçal até o pescoço e sem poder fazer nada para sair à superfície — reconheceu com um fio de voz.

—Meu filho se alegrará ao saber que será pai — disse Luzia. Mas ela duvidava seriamente, embora não contradisse a sua sogra; justamente o contrário, tentou agradá-la com sua resposta.

—Esperarei o momento propício para revelar, embora admita que temo sua reação — aceitou embora não convencida do todo — O conde de Bearin tem um caráter difícil.

Luzia não podia estar mais de acordo com ela.

Adoain era um magnífico guerreiro Navarro. Ganhou a fama de valente e temerário pulso firme; as arestas de sua personalidade produziam feridas que faziam sangrar. Nunca havia sentido interesse especial por mulher alguma, circunstância que a tinha preocupado enormemente. Utilizava-as quando a necessidade se impunha e as deixava com facilidade. Era um fato que detestasse as manipulações femininas.

—Não pode esperar muito, querida, ou descobrirá por si mesmo e, então, se enfurecerá terrivelmente, porque acreditará que ocultastes para castigá-lo.

«*Enfurecer-se ainda mais? Algo assim ia ser impossível*» pensou Dulce.

Luzia a ajudou a lavar os longos cabelos castanhos, e passar o tecido pelo seu corpo para secar. Dulce seguia completamente entregue em seus pensamentos, mas Luzia procurava mostrar os atalhos se abriam diante de sua nora e sua vacilação ao escolher o mais indicado.

Ela confiava no poder do amor para resolver e limar os mal-entendidos. Os passos em falso provocados pela juventude e a imaturidade seriam fáceis de retificar.

Dulce era a melhor e única escolha na vida de seu filho, agora restava a ela Luzia Estella, fazer compreender isso Miguel Álvarez, e inclusive Alfonso de Castilla.

Capítulo 25

Sancho, com sua imponente e régia presença, conseguia encher o salão completamente. O castelo de Bearin tinha melhorado muito graças aos cuidados de Luzia Blasco, a castelhana casada com Enrique. Via no austero mobiliário, nos muros sólidos e a na limpeza, a influência do bom gosto e de estar rodeado de coisas úteis, para que a vida ficasse mais cômoda e confortável.

Adoain olhava em silêncio a figura do monarca Navarro e seu gesto sério ao esquadrihar cada lugar de seu lar. Mas um movimento feminino lhe fez desviar sua atenção do rei para a mulher que estava sentada no outro extremo, com o rosto contraído pela fúria. Juana Ramiro lançava olhadas litigiosas a seu pai, que se mantinha em completo silêncio, observando aos homens de Adoain que se mostravam espectadores e alertas. Uma palavra ou um gesto inesperado poderiam desencadear uma luta entre as famílias, e era o último que desejava.

Estava ali por um único motivo, que desejava solucionar o quanto antes.

Adoain examinou com atenção a robusta figura de Juana, e não pôde esconder um gesto de desagrado. Não era uma mulher feia, mas estava muito longe de ser a extraordinária beleza que ela acreditava ser. O mais notável de seu físico era sua cabeleira ruiva, embora as sardas de seu rosto a prejudicassem. Era alta e de curvas pronunciadas, mas qualquer outro atrativo se apagava por conta de seu caráter libidinoso e falso. Era manipuladora, falsa e malvada, e ele não estava disposto a fazer nenhuma concessão em seu benefício.

Artáiz e Ginés se colocaram em posições estratégicas, dominando com seus corpos a janela, a porta e o acesso às escadas. O resto dos guardas seguia no pátio controlando os homens que compunham o séquito do rei e os do senhorio de Ramiro.

—Parece-me impossível, por não dizer exasperado, que cada vez que envio um de meus condes a Castilla, retorne casado com uma castelhana. —O comentário de Sancho provocou algum sorriso em Artáiz, mas não em Adoain, que seguia com o semblante sério.

Indubitavelmente Sancho se referia a Enrique Estella, seu pai, quando se casou com a castelhana, Luzia Blasco, em uma viagem que fez a Castilla para participar de um dos torneios que celebrava o rei castelhano para a feira anual.

—Possivelmente o ouro que os castelhanos tiram dos infiéis, é uma tentação que não podem rechaçar os pecadores ambiciosos, senhor. —A resposta de Juana resultou inapropriada, e fez com que o rei erguesse uma sobrancelha.

—Mantenha a boca fechada! —ordenou Ramiro a sua filha, com tom preocupado.

A insensata não se deu conta de que suas palavras foram um insulto descarado a Adoain, mas ele não disse nada a respeito e continuou em completo silêncio.

Artáiz cruzou os braços sobre o peito e dirigiu para Juana um olhar eloquentemente ameaçador.

Adoain já havia resolvido com Sancho a questão sobre Juan Blasco. Entregou as duas cartas que lhe foram confiadas e esperou o tempo oportuno, até que o rei as tivesse lido. Pensou que ia estalar em cólera, mas se surpreendeu por sua calma reação. Levou a elucidação, a advertência e a ameaça de Gonzalo Díaz da única forma que podia, com resignação. A rainha Leonor também foi contundente ao informar sobre a possível guerra que declararia a Castilla se continuasse com a intenção de recuperar a criança Blasco. Deu a entender que o rei Alfonso se ergueria em defesa do conde de Fortun. Além disso, confirmou que a informação que tinha recebido sobre o assassino de seu pai era errônea, e indagou sobre a pessoa que tinha facilitado o nome. Mesmo assim o monarca assegurou que faria indagações a respeito, e procuraria o motivo real que escondia a falsa acusação.

Adoain suspirou aliviado.

Sancho assentiu de boa vontade, ao descobrir que o pai do menino estava disposto a esperar até a morte do conde para manter uma conversa com ele, e decidiu que podia esperar um pouco mais de tempo antes de reclamar o herdeiro na corte de Burgos. Mas sua presença em Bearin era motivada por outros assuntos que nada tinham que ver com o encargo que fez ao conde meses atrás, a não ser com uma furiosa mulher que o acusava e procurava a reparação de seu nome. Entretanto, Adoain Estella já não podia desposá-la, porque o tinha

feito com uma completa desconhecida, e lhe criou com sua desobediência, um problema de grande envergadura.

A aparição de Luzia Blasco e de Dulce Álvarez, aumentou o silêncio e a incômoda sensação de incredulidade.

Dulce parou na porta que cruzava o vestíbulo interior com o grande salão e Ginés ficou de lado, para lhe permitir a entrada. Quando Adoain a contemplou, vestida com seu manto, seu estômago deu um tombo pelas emoções tão profundas que lhe provocou. Adoain soube que sua mãe operou um milagre em obter que uma castelhana, vestida de seda, não desafinasse em um salão cheio de guerreiros. Dulce levava parte do cabelo solto, salvo duas finas tranças que foram presas na nuca, com uma fita do mesmo tom verde de seu manto.

Estava tão formosa que lhe tirava a respiração.

Luzia lhe deu um pequeno empurrãozinho nas costas para que começasse a caminhar para seu marido. Dulce voltou para sorrir a sua sogra, enquanto fazia um gesto afirmativo com a cabeça e, ao fazê-lo seu corpo ficou de perfil, de modo que o arredondado ventre ficasse visível e aparente para todos os que a observavam com atenção.

Adoain fechou os olhos ante a sensação esmagadora, que sentiu dentro do peito, e soube qual foi a intenção de sua mãe ao coloca-la de perfil: que sua gravidez fosse visível a todos no grande salão, inclusive para ele que ignorava.

Por que motivo não tinha mencionado? Para castigá-lo? Queria fazer as perguntas, mas controlou o ardor do aborrecimento apertando os punhos em seus flancos e endurecendo o queixo como resposta.

Dulce deu o primeiro passo para ele, que mantinha a respiração serena com um verdadeiro esforço. De frente seu embaraço não era notável e uma dor aguda, como nunca havia sentido, apagou o sentimento de felicidade que nascia com o descobrimento de sua próxima paternidade. Adoain desviou os olhos de sua esposa para o seu amigo Artáiz. O Navarro fazia um gesto apenas imperceptível para que pegasse a sua mão e afiançasse sua posição no condado de Bearin diante do rei. Luzia mantinha no rosto uma vacilação preocupante, porque seu filho estava atuando como um néscio. Se não fizesse algo

imediatamente, ia estragar tudo, e então Sancho não ficaria convencido da posição que ocupava a castelhana. Acaso não se dava conta de que o rei se sentia furioso com ele por sua desobediência? Um conde Navarro não podia casar-se sem a aprovação real. Mas Luzia suspirou, a aliança que tinha estabelecido Bearin com Arienza, mediante o casamento com a senhora Álvarez, fazia Adoain virtualmente intocável. E esse era o motivo que Luzia acolheu em seus braços à castelhana. A irmã de seu afilhado! Podia uma mãe pedir mais?

Seu filho não podia imaginar a sorte que proporcionou o destino.

Dulce via no rosto atraente de seu marido um olhar como nunca tinha visto. O brilho de seus olhos ardia, pois mostrava uma clara decepção e uma resignação atormentada que acreditou que desagradava inclusive vê-la.

Assim que faltaram uns passos finais, para ficar junto a ele não teve a coragem para dar a volta e desaparecer. Os olhos do navarros estavam cravados nela.

Adoain reagiu por fim. Estendeu sua mão direita e mostrou um sorriso, que só alcançava seus lábios, porque seus olhos eram dois poços negros. Dulce agarrou a mão de seu marido, apesar da dúvida que a corroia. Quando ficou a seu lado, Adoain beijou seus nódulos com infinita ternura, algo que a desorientou por completo.

—Me permita que vos apresente a nosso rei. —E continuando, Adoain fez as apresentações oportunas com régia solenidade.

Sancho observou à castelhana como se fosse uma águia que observa no horizonte uma presa. A mulher era formosa, tão frágil como um pardal, e pôde compreender perfeitamente, o que viu o falcão nela. E uma revelação abriu caminho em sua mente, como o estalo de um relâmpago em um céu coberto de nuvens. Ele melhor que ninguém sabia que Castilla era um reino poderoso e cheio de homens leais dispostos a morrer por seu rei. Se conseguir estabelecer mais matrimônios de navarros com castelhanas, teria o rei Alfonso como aliado. A ideia não era absolutamente absurda, e seguiu adubando em sua mente como se fosse uma planta fértil. Sancho posou seus olhos de forma breve em seu guerreiro mais leal, o duque Noain Suarbe. Depois olhou ao conde Rodrigo Lerin, e soube que tinha neles valiosas moedas, para estabelecer alianças com senhorios de Castilla. Com o matrimônio de Adoain

Estella, podia contar em um futuro, com o apoio do condado de Arienza e possivelmente também com o de Fortun.

Adoain sem saber, lhe dera poderosas armas.

—É um prazer, senhora. —Sancho beijou a mão de Dulce, com cortesia.

A voz do rei pareceu a ela complacente.

—Minhas felicitações por seu estado de boa esperança. Imagino a felicidade que deve sentir seu marido por tão ditoso acontecimento.

Adoain seguia em silêncio, contemplando o sorriso tímido que Dulce dirigia ao monarca Navarro.

—Confio que me avise da visita de seu irmão, dom Miguel Álvarez, quando vir visitar seu novo lar — disse Sancho de forma atenta— O conde de Arienza será bem recebido na corte de Pamplona. Presumo que o convidará prontamente.

Dulce se perguntou como conhecia o rei da Navarra tanto sobre ela e sua família.

—Exijo uma reparação a esta afronta.

Vários rostos masculinos se dirigiram para a mulher que tinha a tez acalorada.

—Esse é precisamente o motivo que nos retém aqui — disse de repente Sancho olhando para Adoain— Há uma questão que esqueceste em terras de Castilla.

—O conde de Bearin não poderia ter contraído matrimônio com uma castelhana quando devia reparar uma ofensa perpetrada contra minha família. —As palavras de Ramiro fizeram que Adoain se voltasse para ele.

—Nunca tive a intenção de oferecer a reparação que reclama. —Sua voz cortava como as facas recém-afiadas.

A exclamação afogada da Juana foi muito expressiva. Adoain se dirigiu com olhar de fera para seu pai Ramiro.

—Sua filha mentiu descaradamente ao declarar que tinha tentado forçá-la para manter relações físicas. —Juana tentou cortar as palavras de Adoain, mas não conseguiu, porque seu pai fez um gesto para que se contivesse — E provocou um duelo que concluiu com a morte de um moço inocente. Não existe reparação alguma de minha parte que deva oferecer.

Ramiro entrecerrou os olhos negros ante a explicação singela e contundente do conde de Bearin.

—É sua palavra contra a de minha filha, conde — espetou o Navarro de forma simples, como se a situação em que se encontrava o desagradasse muitíssimo e não tivesse mais jeito que enfrentá-la— Aceitará que sua postura convém muito pouco ao diálogo esclarecedor que pretendemos.

—Sou uma donzela navarra que quase perde a honra por sua culpa. —As palavras vaiaram na boca de Juana, como o assobio de uma serpente— E reclamo uma reparação.

—Minha palavra deveria ser suficiente... —começou de novo Adoain - Assim como todas as chicotadas que suportei por suas mentiras — espetou com dureza— Sem mencionar o ostracismo que me fizeram objeto com sua mentira.

Adoain inspirou ar para continuar, mas foi interrompido por Dulce que acompanhava o diálogo com supremo interesse. Em uma só olhada tinha compreendido o jogo da mulher ruiva. Tinha a intenção de comprometer Adoain em seu benefício. Não ignorava porque explicou sua sogra, que se um Navarro oferecia uma reparação, mantê-la-ia até a morte. Assim era a honra para eles.

—A reparação mediante o matrimônio é impossível, porque o conde de Bearin já está casado, então o que reclama em compensação?

Adoain cravou suas pupilas nela, mas Dulce não o olhava, a não ser à mulher que tinha uma face de crueldade no rosto. Era a primeira vez que Adoain a ouvia falar de forma tão contundente.

—Reclamamos um compromisso com a casa de Bearin, ou em seu impedimento, um pagamento de cinco mil maravedies de prata — espetou Ramiro com rosto avermelhado.

Ele pretendia manter a conversa em privado, e não diante de todo o maldito condado, nem da esposa do conde, que estava levando a situação bastante bem apesar de ser forasteira.

Luzia lançou uma exclamação que foi perfeitamente audível. Cinco mil maravedies era um pagamento exorbitante. O condado de Bearin não poderia reunir essa soma nem em dois anos.

Adoain não acreditava. Nem louco pensava pagar! Ele não tinha feito nada; era a maldita palavra de uma mulher contra a sua, e não ia capitular, nem que o enforcassem por rebeldia.

—Que assim seja — sentenciou Dulce com olhos entrecerrados.

A avareza dos Ramiro era abusiva, mas ela desejava ajudar Adoain e para fazê-lo poderia vender um terreno com um moinho que tinha herdado de sua mãe. Deveria ser suficiente para pagar a dívida.

—Majestade! —A exclamação de Luzia desviou a atenção do Sancho para ela— É injusta a reclamação da quantia da dívida, meu filho é inocente! Ou, em seu defeito, sua palavra contra a sua. Por que outorgam mais valor à palavra de uma mulher, que não pôde contribuir com nenhuma prova em seu favor?

O rei Sancho estava assombrado com a avareza da mulher, mas não desejava o enfrentamento entre dois senhores navarros.

Juana foi uma das damas de honra de sua esposa repudiada, e com a chegada de Adoain a Pamplona para pagar os impostos se desatou o caos. Quando Juana Ramiro chegou até ele para reclamar uma ofensa, soube que não era tão inocente quanto aparentava, mas com a acusação, lhe deu o motivo para persuadir Estella de partir a Castilla para proteger seus interesses. Tinha-lhe dado credibilidade porque lhe interessava e, agora, chegado a esse ponto, não podia retratar-se de sua palavra, embora procurou uma forma de compensar o dano. Mesmo assim, tinha que atuar com imensa cautela.

—A mulher — Luzia se negava a pronunciar o nome da navarra— acusa a meu filho de tentar forçá-la. E alega que tal feito foi evitado pelo jovem Arielz, a quem meu filho teve que ferir gravemente em resposta a seu ataque quando tentou defender-se da acusação vil ante você. Entretanto, estes fatos são demonstráveis, majestade. Além disso — continuou Luzia— nossa família pagou ao senhorio Arielz mil maravedíes como compensação. Os Arielz entendem que o moço atuou impulsionado pela mentira de uma mulher e não reclamam dívida de sangue. Então, por que motivo ela o faz? Carece de lógica, meu senhor.

—Mãe! —bramou Adoain para que Luzia se contivesse.

Ela atuava como uma dama de alta linhagem, acreditando que podia olhar de frente ao rei de Navarra. Mas entre homens de honra, resolviam os assuntos de forma muito diferente.

—Mostro com palavras os pensamentos da grande maioria — seguiu ela.

—Suficiente! —exclamou Adoain.

Sancho ignorava que a família de Adoain se pôs em contato com a família do jovem falecido para pagar a dívida contraída. E se o senhorio do Arielz não reclamava sangue...

—É virgem? — A pergunta direta do rei Sancho a Juana fez com que Ramiro desse um passo à frente.

Dulce, ao escutar ao monarca pensou que essa possibilidade podia mudar tudo.

—Sou, majestade — respondeu Juana dar uma piscada— Graças à intervenção do jovem Arielz, que evitou minha desonra nas mãos do conde de Bearin.

Sancho esquadrinhou o rosto feminino com atenção.

—Desconhecia suas maquinações até aquela mesma noite! —exclamou Adoain cada vez mais furioso.

Quando chegou a Pamplona, com o dinheiro dos impostos para o pagamento anual, não podia nem imaginar o que lhe esperava na corte. A acusação grave perpetrada por uma mulher ambiciosa, que aspirava a ser a senhora de Bearin. Entretanto, Adoain não podia compreender o que a movia, porque havia condados mais importantes e ricos que o seu. Que diabos pretendia de Bearin?

Todos no salão ignoravam que Juana Ramiro tinha jurado desposar-se com o filho de Enrique Estella e, ante o desprezo constante de Adoain a suas insinuações, tinha optado por urdir uma mentira que o envolvesse, para tentar encurralá-lo e obrigá-lo a desposá-la. Mas Juana não contava com os ardis do rei Sancho, nem a teimosia do Navarro, que tinha suportado meses em cativeiro e uma quantidade enorme de chicotadas sem ceder em sua negativa. Sua determinação não tinha minguado nem um ápice. A morte de seu jovem pretendente não foi premeditada, mas ela o considerava um dano colateral, embora nada estivesse saindo como tinha previsto.

—Eu mesmo escolherei o médico que a examinará —disse de repente Sancho— e, se me informar que não é mais virgem, começará uma investigação profunda sobre este assunto. Buscarei a todos aqueles homens que tenham gozado de seus favores...

O gemido de medo de Juana Ramiro demonstrou sua culpabilidade.

Adoain suspirou no fim pelo resultado da reunião. Ela mesma colocou a corda no pescoço.

Dulce abriu os olhos de par em par surpresa. O assunto estava adquirindo proporções completamente contrárias ao que tinha pretendido o senhorio de Ramiro.

—Aceitamos — disse finalmente Luzia, aceitando a ordem real com complacência — Acataremos sua decisão final, majestade.

—Esperem — disse ela de repente —, tenho algo a dizer a respeito.

Mas suas palavras não foram levadas em conta, salvo por seu pai, que pediu ao rei falar a sós com ele para solicitar um pedido de retificação.

Sancho aceitou, porque soube que tudo voltaria para seu lugar correspondente.

Capítulo 26

Bearin voltava a estar em silêncio.

A partida do rei com seu séquito tinham deixado uns rostos cansados mas satisfeitos. O senhorio de Ramiro tinha que convencer o rei, para que desistisse da última ordem, embora o assunto não lhe correspondesse mais.

Enquanto Adoain estava sentado frente ao fogo, sua mãe tentava convencer a sua filha Clara, que continuava encerrada em suas dependências; e se negava a sair do quarto, desde o momento que soube de seu compromisso com Aresta. Acaso ignorava que não tinha opção?

—Alegra-me que tudo tenha ficado bem. —Dulce caminhou até ele com duas taças cheias de vinho.

—O rei em algumas ocasiões se mostra teimoso, mas é justo em suas decisões — respondeu com voz tranquila.

Dulce lhe estendeu uma taça e se sentou perto dele junto ao fogo. O calor era muito prazeroso.

—Como pôde acreditar na palavra de uma mulher, sem provas que a respaldassem?

Adoain tomou um longo gole de vinho antes de responder.

—Porque convinha ao rei lhe dar credibilidade. —Dulce não o compreendeu— Era a forma de ter minha cooperação em um assunto bastante delicado. E se assegurei de todas as formas possíveis de fazer me entender isso.

—Por isso foi a Castilla? —Dulce perguntou atônica.

—O pequeno Juan Blasco é seu neto. E me encarregou da missão de trazê-lo para a Navarra.

—Raptá-lo — corrigiu ela com voz suave.

Adoain entreceitou seus olhos mas não desmentiu a retificação.

Dulce podia compreender que suas conclusões estavam erradas. Um bom cavaleiro não discutia a ordem direta de seu rei. Ela sabia muito bem por seu irmão Miguel, quem nunca fugia de uma ordem real do Alfonso da Castilla.

—Pensei que o motivo que o induzia, era tentar recuperar suas terras. A herança de sua mãe.

Adoain soltou uma gargalhada ausente de humor.

—Importa-me muito pouco Castilla, nem a herança de minha mãe — respondeu.

Dulce baixou os olhos com certo pesar ao escutá-lo.

—E se eu me pronunciasse igual com respeito à sua?

Parecia impossível que ela pudesse expressar-se assim.

—Agora é uma navarra, a única terra que deve se importar é Bearin. Deve esquecer-se de Castilla e de seu irmão, de tudo.

As palavras do Adoain lhe produziram uma pequena comoção. Como podia estar tão errado? Esquecer-se de tudo? Impossível! Ela amava a seu irmão e seus amigos. O que pedia Adoain era completamente impossível. Como esquecer Fátima? Kamîl?

—Esse foi um dos motivos que me detiveram e me levaram a decidir não acompanhá-lo, quando o dever me impelia a fazê-lo. Minha obrigação era vir com você, a seu lar como sua esposa — respondeu — Mas não posso renunciar a tudo o que amo para sempre porque não é justo. Não, senhor.

O silêncio de Adoain foi como um sopro de ar gélido.

Na quarto, antes da chegada do rei, parecia diferente, mais próximo, quase afetuoso. O que tinha mudado após? Mas Adoain rompeu o fim de sua quietude. Terminou o último gole de vinho de um golpe e a olhou com olhos brilhantes de interesse.

—Têm algo para me informar? —inquiriu com frieza.

—Não.

—Medite... está certa? —Ela continuou com a boca selada — Repito, têm algo para me informar?

—Sim, mas não — respondeu em um murmúrio.

—E isso que diabos significa?

—Que sinto medo de sua reação ante qualquer informação que revele. Têm motivos para estar zangado, isso não discuto. Mas não compartilho sua tendência a achar tudo magnífico.

—Têm minha palavra de que não a torturarei... ainda.

Torturá-la? Sim, Dulce acreditava que era capaz disso e mais.

—Acreditei que tínhamos combinado uma trégua em seu quarto.

—Detesto que mintam, que me manipulem. E você, senhora, pecastes em dobro.

«Bom, se assim estavam as coisas, melhor terminar o quanto antes», pensou ela para insuflar a coragem que lhe faltava.

—Estou grávida — soltou de supetão — e, primeiro lamento meu engano, e posteriormente meu silêncio, embora não foi fosse consciente, nem de um nem de outro.

Adoain fechou os olhos ante o estremecimento que o sacudiu.

—Sabia em Mudaÿyan? —perguntou contendo o fôlego.

Dulce negou de forma efusiva.

—Descobri em Arienza, pouco depois de que partiu. Artáiz me informou de meu novo estado, que foi uma surpresa para mim.

—Pedro? —perguntou assombrado.

—Suspeitou que podia estar grávida, tentou comprovar minha indisposição várias manhãs. Acreditei que estava doente por algum alimento que tinha comido em mal estado. Recorda que minha mãe morreu quando eu era uma menina e meu pai deixou um vazio de informação com respeito a estes assuntos.

Dulce estava sentada de forma régia, sem abandonar a tensão das costas, sem fazer gestos com as mãos que mantinha enlaçadas sobre seu regaço. Contou a respeito dos dias que tinha passado em Arienza depois de sua ida, e a atuação de Pedro na noite que a obrigou a viajar a Navarra. A irritação de Adoain minguou.

—Deixou para meu irmão uma breve carta, onde lhe informava que tinha decidido retornar com meu marido. O resto já sabe —concluiu com certa confusão— Mas estimo que

meu irmão Miguel, somará os fatos e atuará em consequência. Sabe que eu não escrevi a missiva, e portanto não tem minha confirmação de que estou aqui por vontade própria.

Essa circunstância não o preocupava absolutamente.

—Nunca esperei lhe encontrar em Bearin — disse com suavidade.

Ela ainda recordava seu rosto cheio de surpresa, quando a viu ameaçando a dois de seus soldados.

—Na manhã de nosso encontro, senti-me realmente zangada com seus homens, porque um deles fez um corte profundo quando passava a meu lado. Caí desmaiada e despertei de novo em meu leito, mas minha paciência transbordou e não medi minhas ações. Agarrei a espada de Artáiz para sair a seu encontro. Não estava disposta a tolerar uma lesão a mais, embora agradeça imensamente a preocupação que mostram por mim. Mas é algo que não posso controlar, e eles se empenham em não ver.

Cada vez que Adoain recordava o momento seu coração encolhia. A visão dela sustentando a espada por cima de sua cabeça se convertera em algo precioso. Vê-la em seu lar foi uma surpresa, que movia cada fibra de seu ser e o deixava paralisado de iniciativas.

—Então não lhes desejava em Bearin. Seu rechaço em Arienza a me acompanhar para o meu lar foi muito esclarecedor — disse Adoain com o rosto sério e sem afastar as pupilas das suas— Devo mostrar meus sentimentos para que saiba ao que se expõem.

Dulce mordeu o lábio inferior preocupada. A voz masculina era muito calma e indiferente, e por esse motivo não sabia o que esperar.

—Se não tivesse mentido, tudo poderia ser diferente. Mas nenhuma mulher manipula minha vontade e vive tranquila para desfrutar.

O gemido de Dulce foi audível assim que abriu boca.

—Dê graças de que é ela e não eu que recebe suas palavras irmão, merece uma boa sova. Nosso pai fez mal ao não lhe dar uma surra no seu devido tempo, e olhe o resultado. É um marido insensível e um bruto.

As palavras de Clara impediram que Dulce rompesse a chorar. Sentia um nó no estômago e a garganta fechada como se um manopla de ferro a aprisionasse. A voz de Clara chegou entre indignada e conciliadora.

Cruzou o enorme aposento e se sentou a escassos passos deles. Luzia a seguia de perto. Em uns momentos chegariam os barões e os soldados de mais hierarquia para compartilhar o jantar com o conde e sua família no grande salão de Bearin. Entretanto, Dulce desejava partir para o seu quarto, para que ninguém fosse testemunha da imensa dor que a cobria.

Luzia tinha, no brilho de suas pupilas, um mal-estar que guardou em seu interior. Tinha escutado a conversa de seu filho, e não podia estar mais em desacordo. Mas o momento de falar com ele ainda não tinha chegado.

A alegria e o vigor sumiram do rosto e da figura de Dulce. Caminhava pelos longos corredores de Bearin com a alma em pena. Sentia-se desmembrada, incapaz de ser parte da família, apesar dos esforços de sua sogra e de sua cunhada. Adoain se mantinha longe, assinando acordos e pactos com outros senhorios para a compra e venda de gado. Ela não o via fazia dias, e esperava com desejo e temor sua volta, que poderia acontecer breve. Os soldados já não se machucavam quando passava, detalhe que Dulce agradecia, porque já podia passear com normalidade pelo pátio ou pela aldeia, sem temor de sofrer um novo desmaio.

Um alvoroço nas almenas, a fez erguer o rosto para a muralha. Vários soldados corriam para um lado e para outro, visivelmente alarmados. Clara saía nesse preciso momento da torre em sua busca e, ao tropeçar-se com ela, ofereceu um sorriso tímido.

—O brasão de Arienza foi avistado pelo sentinela da torre sul. —O coração de Dulce saltou dentro de seu peito ao receber a notícia— Seu irmão Miguel avança em direção a Bearin, e minha mãe a reclama para preparar as boas-vindas.

Durante uns instantes longos e silenciosos, Dulce se manteve quieta, naufragando entre a sorte e a preocupação. Ansiava ver seu irmão, abraçá-lo, mas a possível resposta a sua saída de Arienza lhe preocupava seriamente.

—Venha! Mãe espera seus conselhos para enfrentar seu afilhado, pois não conhece muito sobre ele.

—Miguel sabe que Luzia Blasco é sua madrinha? —Clara fez um gesto afirmativo com a cabeça.

—Enviou-lhe várias mensagens desde que chegou aqui. Nossa mãe lhe informou tudo com respeito a você, e sua decisão de viver em Navarra com seu marido.

Dulce refletia sobre as palavras de Clara. Se seu irmão Miguel, tivesse aceitado sua decisão de viver longe de Arienza, não se encontraria às portas de Bearin com um exército respaldando-o.

—Irei contemplar com os meus próprios olhos.

Com passos firmes, subiu os degraus de acesso à muralha sul e se ergueu nas pontas dos pés, para observar entre os pequenos pilares de pedra que coroavam os muros.

Miguel vestia armadura completa. Seguiam-no de perto, vários cavaleiros, entre eles Voltoya e Arlanzón, barões que lhe prometeram vassalagem. Também viu a armadura do capitão da guarda, Ansúrez, e a visão a encheu de enorme inquietação. Recolheu a saia e desceu os degraus de pedra com rapidez. Clara a observou do centro do pátio e temeu que sofresse uma queda, mas os passos de Dulce eram ágeis e firmes apesar de seu estado.

Chegou até ela quase sem fôlego.

—Rápido! Mande que selem um par de cavalos e ordenem que abram o portão. Levarei o brasão de Bearin para recebê-los.

—Pensa sair a seu encontro? —disse Clara quase atônita.

Dulce inspirou profundamente.

—Olhe a seus homens, estão se preparando e não precisamente para oferecer cálidas boas vindas.

Clara cravou seus olhos em Ginés, que repartia ordens claras e precisas. Ignorava que seguia as ordens de Adoain, durante sua ausência, de não permitir a entrada em Bearin, do conde castelhano.

—Peça a sua mãe que me acompanhe e que os homens peguem as suas armas.

Clara não podia fazer tal coisa, porque ia contra todas as normas.

—Nenhum Navarro acatará a ordem de uma mulher.

Dulce piscou várias vezes confusa. Deu a volta e chamou a gritos Artáiz várias vezes. Buscou-o com os olhos mas não o encontrou. Vários soldados navarros pararam ao escutá-la, surpreendidos por sua atitude, mas seguiram com seus afazeres logo após.

—Artáiz! Onde se encontra? —Dulce começou a percorrer os diferentes aposentos do pátio principal, tentando buscá-lo, as cavaliças e o armazém de grão.

Clara a seguia na carreira.

—Por que motivo lança estes alaridos? —perguntou Luzia, que saía nesse preciso momento do interior da torre. Parou surpresa na frente delas— O que acontece? —perguntou alarmada — A escutei dos quartos.

—Estou procurando Artáiz — disse Dulce. Luzia a olhou com franca surpresa pelo tom alarmado de sua nora— Necessito que pare as ordens que Ginés está repartindo aos homens, e que foram dadas anteriormente por Adoain.

Luzia olhou então a seu redor e se deu conta de que Bearin estava sendo preparado para um possível assédio, mas nada tinha sentido.

—Clara, siga procurando Artáiz e transmita minha solicitude. Luzia necessito que me acompanhe ao encontro de meu irmão, para que Miguel compreenda nossa boa disposição a um diálogo.

—Meu afilhado não atacará Bearin — disse convencida.

Dulce a olhou com uma expressão indefinida no rosto. Luzia pôde observar a angústia e o apressado que brilhavam em suas pupilas.

—Meu irmão não atacará a menos que seja provocado, e isso precisamente é o que acontecerá se não fizermos algo a respeito.

Capítulo 27

A linha de prata que formavam as armaduras na distância era claramente visível no horizonte. Os brasões do condado de Arienza e os senhorios de Voltoya e Arlanzón, ondeavam com a brisa da manhã. Por que motivo Miguel teria cruzado um reino por ela? Possivelmente porque não chegaram às mensagens de sua sogra?

Dulce olhou as montarias que já estavam preparadas. Luzia montava uma orgulhosa égua briosa, e ela se dispôs a montar em outra, muito mais dócil. Desceu os degraus da muralha com vacilação, mas de repente Ginés segurou as rédeas de ambas às montarias com o rosto irado.

—Sou a mãe de seu conde e exijo que solte as rédeas.

Ginés negou com a cabeça. E com um grito que parecia de guerra, mandou fechar o portão e assegurá-lo.

—Não pode nos impedir de dar as boas-vindas ao meu irmão —disse Dulce com um fio de voz tremula— Realizou uma viagem muita longa para ver-me.

—As ordens de nosso senhor são leis, senhora. Não pode sair de Bearin até sua volta.

—Ao lado de meu irmão não sofrerei dano algum! —resmungou Dulce, convencida.

Luzia decidiu intervir entre Ginés e Dulce, que se olhavam de forma antagônica.

—Diz a verdade. Devemos mostrar nossa hospitalidade ao conde de Arienza.

—Meu senhor tenta evitar que seu irmão lhe rapte e a proíba de voltar a Bearin.

Dulce pensou nas palavras do soldado de maior graduação, na ausência de Artáiz. Certamente cabia essa possibilidade, mas fechar o portão e armar os homens poderia ser interpretado como uma clara provocação, que seu irmão ia tomar ao pé da letra.

—O portão não se abrirá —sentenciou Ginés com voz de trovão— E vocês não sairão destes muros sob nenhuma circunstância.

—Então, eu mesma irei recebê-los. —O oferecimento de Clara fez que Luzia e Dulce voltassem seus rostos para ela— Meu irmão não deixou nenhuma ordem concernente a mim, não é certo? —Ginés a olhou e não pôde objetar a respeito.

—Eu a acompanharei. —A voz de Artáiz produziu em Dulce um profundo alívio. Acabava de aparecer no círculo de pessoas que debatiam sobre a partida de ambas as senhoras para o encontro dos castelhanos. Artáiz era alguém conhecido por Miguel, e o mais indicado para acompanhá-la e oferecer as boas-vindas.

—Capitão, as ordens do conde foram muito claras — informou Ginés.

—Sei —respondeu Artáiz— Assumirei as consequências por desobedecer.

Ginés fez um gesto negativo com a cabeça, mas não podia manter uma postura diferente a do capitão do Bearin. Ele era o segundo no comando.

—Devo partir a seu encontro! —exclamou Dulce— Meu irmão merece meu respeito e a boas-vindas.

—Senhora, não sairá dos muros de Bearin — disse Artáiz—, eu mesmo e dona Clara daremos a boas-vindas.

—Ninguém vai impedir que eu saia para recebê-lo. —E dizendo estas palavras, atçou seus arreios e se dirigiu para o portão— Baixem a ponte imediatamente! —vociferou com voz aguda. Mas os homens se mantiveram passivos a sua demanda.

Então, diante dela, um deles tirou uma adaga de sua bota e se fez um corte comprido e profundo na palma da mão, e depois mostrou a ferida sangrenta sem rubor algum. Dulce tragou com dificuldade ao observar as gotas de sangue, que começaram a manchar a camisa clara. Um instante depois começou a deslizar do cavalo, inconsciente, mas Artáiz conseguiu segurá-la a tempo, antes que caísse ao chão.

Os navarros se mantinham a par da conversa apesar de seu aparente silêncio e docilidade. Estavam acostumados a tomar decisões pelo bem da família, e o conde foi claro a respeito de sua esposa, e a ordem imperiosa de não deixá-la sair do castelo.

Ninguém desobedecia uma ordem do conde.

Com o desmaio da castelhana, solucionava a questão sobre sua partida. Artáiz olhou o soldado com reprovação, não disse nada a respeito. Limitou-se a sustentar Dulce e levá-la para seus aposentos.

No pátio de armas tudo ficou em silêncio.

Miguel desmontou de seus arreios e ergueu a viseira de seu elmo. Da alta colina, podia ver de claramente a atividade que se desenvolvia dentro da pequena fortificação. O castelo não era um impedimento para ele; castelos mais imponentes tinham caído sob sua mão, mas se preocupava enormemente com a segurança de sua irmã. Estava convencido de que tinha sido obrigada a partir de Arienza e esse fato o enervava além da razão.

Jurou que o Navarro teria os dias contados. Dulce mostrou de forma clara que não tinha a intenção de partir com ele, e por esse motivo decidiu procurá-la.

Miguel ordenou montar as tendas na ladeira oeste, mais perto do castelo. Ali a depressão do terreno era menos acentuada. Perto corria um pequeno arroio, onde poderiam abastecer os animais. O barão de Voltoya e de Arlanzón desmontaram de seus cavalos e caminharam até onde estava o conde de Arienza, observando a distância com olhos de águia. Suas pupilas negras seguiam cada um dos movimentos dos homens do castelo, avaliando as diferentes alternativas em caso de ter que assediá-lo.

—Estão se preparando — disse o barão de Voltoya com o cenho franzido.

—Esperava outro tipo de recepção — comentou com voz seca, o barão de Arlanzón, mas Miguel seguia calado sem dizer uma palavra.

Era incomum que sua irmã não aparecesse sequer às almenas. Algo acontecia no interior dos muros, e a preocupação que sentia alcançou limites perigosos.

—Reunimos à comitiva? — perguntou Ansúrez com voz calma.

Miguel fechou as pálpebras durante um instante, antes de fazer um gesto afirmativo com a cabeça.

—Perguntem ao conde Vive se deseja nos acompanhar.

O conde Vive comandava a guarnição leonesa, que acompanhava como escolta o pequeno exército castelhano. Alfonso de Castilla tinha pedido ao seu primo, o rei de Leão,

reforços para custodiar o seu paladino Miguel Álvarez. Se o rei de Navarra, Sancho, mostrava seu apoio ao conde de Bearin, a presença dos leoneses indicaria de forma clara que teria um grave problema com o outro reino cristão.

Ansúrez se dirigiu para a guarnição de trinta homens, que se mantinham ligeiramente separados do exército de Arienza. Quando transmitiu a solicitude do conde Vive assentiu com o rosto enxuto. Sem desmontar de seu cavalo, fez um gesto com a cabeça a seu capitão, e ambos trotaram a passo ligeiro até alcançar a colina onde se encontrava Miguel Álvarez observando o castelo.

O conde dirigiu os olhos para os barões.

—Mantenham a vigilância e preparem aos homens. Que a infantaria assegure o acampamento, pois ignoro o tempo que estaremos nestas terras do norte.

Carlos e Martín acataram a ordem e se dispuseram a reagrupar os homens, e a repartir as ordens recebidas.

Um séquito de cinco cavalheiros, três castelhanos e dois leoneses, começou um suave galope em direção à ponte levadiça que se mantinha fechada. Miguel baixou a viseira de seu elmo e firmou a espada em seu cinto. Confiava que o Navarro aceitasse sua provocação, com uma única luta pela libertação de sua irmã.

Dulce despertou com o sabor da bÍlis na boca. Tragou saliva de forma repetida ante o enjoo que a sacudiu. Odiava o sangue, mas detestava ainda mais a debilidade que a afligia quando o via. Baixou os pés do leito e procurou com sua mão, sobre o cobertor procurando sua capa. Passou as palmas das mãos várias vezes, em seus cabelos desordenados e, inspirou profundamente para levantar o ânimo, levantou e começou a caminhar para a porta do quarto. Segurou o trinco e o puxou, mas a madeira seguia fechada diante dela. Golpeou-a várias vezes com seus nódulos, ainda surpreendida de que a tivessem trancado.

—Abra, por favor! —exclamou com tom calmo, apesar da agitação que sentia— Alguém me escuta? —perguntou com um fio de voz.

Mas ninguém atendeu sua chamada, nem prestaram atenção em seus gritos, que foi silenciando, à medida que as forças diminuÍam. Dulce se deixou cair no frio chão e rompeu

em soluções. Acaso esses selvagens navarros não davam conta de que tentava evitar um confronto? Bearin não poderia resistir a um assédio castelhano. O conde de Arienza tinha arrasado fortificações muçulmanas muito mais importantes, com completo êxito, e a impotência de não poder fazer nada a mortificava.

O tempo morria com uma lentidão sombria. E a escuridão começou a cobrir os muros de Bearin, que seguia em uma completa calma, como se de repente, tivesse se convertido em um lugar fantasmagórico. Dulce não podia acender as velas do aposento, nem o fogo da lareira, que estava com as cinzas frias. Procurou entre os espartanos móveis alguma coisa para usar como chave, não tinha encontrado nada, salvo mais impotência, que acumulava em seu interior e se tornava desespero.

Bem avançada à madrugada, quando estava vencida pelo cansaço, Clara entrou de forma sigilosa. Vestia capa negra e levava nas mãos outra de igual malha e cor. Aproximou-se até o leito onde jazia Dulce e a segurou pelo ombro, ao mesmo tempo em que cobria a boca.

—Temos pouco tempo — disse com um sorriso— iremos ao encontro de seu irmão. A acompanharei — Quando Dulce percebeu quem tampava a boca, fez um gesto com a cabeça.

Clara afastou a mão do rosto de sua cunhada.

—O portão está fechado — mencionou Dulce ao mesmo tempo em que esfregava as pálpebras com os nódulos para limpar o torpor do sonho.

—Há uma saída na estrebaria — explicou Clara — umas pedras soltas que nunca foram reparadas, e que nos permitirão sair de Bearin, sem que notem nossa ausência.

—Mas não poderemos cruzar o fosso — alegou Dulce preocupada.

—Passaremos por detrás do castelo, ali a profundidade é menor e ele é mais estreito. Será fácil, eu mesma já o cruzei em numerosas ocasiões.

—Adoain se zangará terrivelmente por sua ajuda — disse Dulce com certo pesar, mas Clara mostrou um sorriso muito mais amplo.

—Seu irmão queria falar com você, mas sua petição foi ignorada por Artáiz e Ginés de uma forma vergonhosa. Tenho a suficiente sagacidade para aceitar que cumpram as ordens

de meu irmão, mas Adoain se engana na forma de levar este assunto. — Dulce compartilhava a mesma opinião de sua cunhada— O conde de Arienza esperará até a alvorada; se não a entregarmos, derrubará Bearin pedra por pedra.

Dulce não podia compreender o humor de Clara. Contemplava essa possibilidade como se fosse impossível, mas não conhecia Miguel. Apesar de que sua aparência não ser tão feroz como a de Adoain, era muito ardiloso e tinha derrubado com inteligência torres muito mais altas e inexpugnáveis.

—Vamos! Devemos sair rapidamente. O cavaliço retornará logo e, se nos descobrir, perderemos a oportunidade de apaziguar o lobo castelhano.

Dulce cravou suas pupilas em Clara com interesse, e seguiu a sua cunhada sem uma réplica, pelos corredores de Bearin.

Moviam-se devagar, passando por aposentos pouco vigiados com muita cautela, e, quando alcançaram o pátio e a horta atrás das cavalariças, soltaram o fôlego que estavam contendo.

—Por que motivo a estrebaria está sem vigilância? —perguntou.

Clara a olhou com um sorriso matreiro.

—André se encontra muito ocupado tentando controlar os gases do ventre. Acredito que a diarreia durará até manhã.

Dulce tampou a boca completamente horrorizada pela ação premeditada de sua cunhada, embora pensou melhor. Se conseguissem evitar uma batalha entre as famílias, valia a pena a pequena moléstia intestinal de um homem.

Clara a conduziu com passo firme para a parte mais se afastada da estrebaria principal, a que estava no outro extremo. Moveu a porta com facilidade e golpeou com a ponta do pé as pedras de um canto. Algumas delas cederam pelo movimento e Dulce a ajudou afastá-las, até que tiveram o espaço necessário para poder passar entre elas. Mas nenhuma das duas mulheres contou com a proeminência do ventre de Dulce, que no último momento, ficou travada. Clara teve que mover algumas pedras a mais, com supremo cuidado para que sua cunhada pudesse passar.

—Cubra seu cabelo com o capuz e incline a cabeça — disse Clara em um sussurro temperado— Quando chegarmos a aquele canto, caminharemos agachadas pelos arbustos, que cobrirão nosso corpo dos vigilantes das almenas.

Dulce fez um gesto afirmativo e a seguiu.

Miguel fervia de cólera e precisava estar a sós para controlá-la. Mas suas tentativas de apaziguar-se diminuía com cada passo que dava em frente ao fogo aceso. Seus homens se mantinham alertas, embora um pouco afastados de sua presença, para não receber a fúria que o embargava. O trajeto desde Arienza fora longo e penoso. Cruzar Castilla do sul para o norte, só teria sentido se sua chegada não fosse em vão. Entretanto, não lhe permitiam vê-la, nem ouvir de sua boca que desejava retornar a casa com ele. E tinha a obrigação de velar por ela e cuidá-la. Era o único familiar que restava, e não estava disposto a deixá-la nessa terra agreste e selvagem.

Ergueu o olhar do fogo e a cravou ao longe.

As tendas principais foram colocadas sob o amparo de algumas árvores, que serviam para cobrir a noite de lua cheia. Mas ele não podia pensar em nada mais, além da incapacidade do falcão sair de seu esconderijo. Não teve resposta ao seu desafio, e o silêncio que acompanhou a suas palavras, o enfurecia perigosamente.

Um chiado atrás de uma das tendas, chamou sua atenção. Tinha percebido um movimento e, sem duvidar um momento, tirou com infinita suavidade a espada da bainha com um movimento silencioso, mas preciso. Caminhou para o lugar escuro, imaginando que algum animal havia se sentido atraído pelo calor do fogo, mas devia certificar-se. Seus homens faziam guarda no outro lado do acampamento, de frente à fortaleza que custodiavam.

Miguel aguçou o ouvido e voltou a notar o movimento, mas era muito leve para ser de um homem. Chegou perto das árvores e parou no tronco de uma delas. Entrecerrou os olhos castanhos e prestou toda a atenção que pôde, até que o rangido de um ramo quebrado o fez esticar as costas em espera. Esperou como um predador que espreita uma presa e aguarda o

momento certo para dar o primeiro passo para atacar e, quando decidiu dá-lo, ouviu um movimento em suas costas, que seria sua perdição. De repente, uma faca afiada ameaçou sua garganta. Mantinha-o preso, um pulso firme que o fez ficar quieto e soltar a espada. Sentiu a respiração na nuca e o fio que marcava uma linha púrpura na pele que não ia esquecer por muito tempo.

Com um movimento rápido, praticado em numerosas batalhas, pôde prender o braço de seu agressor e dar a volta para deixá-lo com as costas em seu peito e imobilizá-lo. Apertou com força o braço, até que sentiu o rangido do osso, ergueu a outra mão para apertar o pescoço em uma clara ameaça. Os dedos que sustentavam a arma se abriram com a pressão que exercia com sua mão, e a adaga caiu para ficar inerte a seus pés. Mas se Miguel acreditou em algum momento que tinha o controle sobre a situação, enganou-se por completo. Uma dor insuportável entre as pernas cortou sua respiração durante um longo momento agonizante, mas não soltou à presa e tampouco minguou a pressão sobre o pescoço, embora ignorasse como ou de que forma o bandido conseguiu dar um golpe de forma tão certa.

—Se prepare para morrer, porco! —ameaçou com voz de gelo.

Uma vez mais e sem esperar, uma cabeçada na mandíbula lhe fez soltar uma maldição. Quando ainda não tinha recuperado do golpe, uma cotovelada o golpeou no ouvido produzindo uma surdez momentânea. Como demônios se soltou o malfeitor do aperto de suas mãos? Agora o atacante estava frente a ele, embora não pudesse ver o rosto porque estava virtualmente coberto por um capuz. Mas com uma grande destreza e agilidade fugiu de um novo golpe dirigido a sua mandíbula. Miguel deu um passo para trás, para desestabilizar o atacante e quando teve seu empenho, deu um soco no rosto e provocou que caísse para trás.

O corpo ficou estendido a seus pés.

Procurou com seus olhos a espada antes de inclinar-se sobre o homem que tentou assassiná-lo. Miguel não duvidava que tinha sido enviado por seu cunhado, para acabar com sua vida de forma covarde e ruim. Quando seus olhos cravaram no rosto que o tecido tinha

descoberto, ficou estupefato. Inconsciente a seus pés não havia um homem e sim uma mulher.

Quem demônios era?

Resmungou uma maldição violenta. Ele não golpeava mulheres, mesmo que fossem mercenárias assassinas. Embainhou de novo a espada e se inclinou sobre o corpo para segurá-la nos braços. Esperava arrancar uma confissão, mesmo que tivesse que arrancar a pele das costas com a faca que o ameaçou, momentos antes.

Tinha muitas perguntas para fazer, e confiava em ter as respostas no menor tempo possível.

Capítulo 28

A água gelada derramada sobre sua cabeça sem premeditação intensificou o mal-estar que sentia, mas despertou de repente. A dor em sua mandíbula era insuportável, igual ao seu braço, embora graças a Deus não estava tonta.

Tudo girava a seu redor e, quando tentou levantar, a espetada na têmpora a deixou de novo inerte no catre. Clara notou o sabor de seu próprio sangue na garganta, e a água que escorregava pelo decote até banhar seus seios, produziu um intenso calafrio. O murro recebido do castelhano provocou um corte no interior da bochecha, que devia ter sangrado profusamente. Felizmente, os dentes seguiam em seu lugar. Fez uma tentativa de levantar do catre, mas afogou um gemido lastimoso com a chicotada que lhe perfurou o crânio. Fechou os olhos durante um instante, tentando controlar o enjoo, mas uma respiração firme fez que os abrisse imediatamente.

Um homem imponente e viril, estava plantado na sua frente com as pernas separadas. Ainda sustentava o balde de água vazio entre suas mãos. Clara cravou suas pupilas nos profundos olhos marrons, que a olhavam desafiantes e com um certo brilho de interesse que durou apenas um instante.

O cabelo negro masculino estava alvoroçado e brilhante, e as chamas de fogo das velas lambiam os cachos à altura do pescoço. Era um homem muito bonito, de olhar inteligente e com um rosto tremendamente masculino. Sua estatura era bem alta, embora não tanto como a de seu irmão ou da maioria dos homens navarros que conhecia, mas seu corpo musculoso, equilibrava o resultado total de sua aparência vigorosa.

Tinha que ser o irmão de sua cunhada, e ao recordá-la, a fez sair de seu estupor de forma alarmante.

—Oh, meu Deus, Dulce! —Miguel escutou perfeitamente a exclamação feminina.

Olhou-a com renovado interesse. Clara se ergueu de forma precária, mas conseguiu manter o equilíbrio.

—Conhece minha irmã? —perguntou com ansiedade na voz.

Ao ouvir o timbre aveludado, Clara sentiu um calafrio no ventre que produziu palpitações no pescoço. Nenhum homem tinha provocado tal comoção física.

—Deixei-a sozinha perto do leito do rio. Vim pedir ajuda, mas em troca me golpearam — espetou com reprovação nos olhos azuis.

Miguel não podia acreditar em tal insolência. Claro que a tinha golpeado! Acaso a mulher não tinha ameaçado seu pescoço com uma adaga?

Clara avançou dois passos para a abertura da tenda, mas a mão masculina segurou seu braço e a deteve.

—Pensa por um momento que a deixarei partir?

Clara ergueu o queixo com insolência mal dissimulada.

—Sua irmã se encontra indefesa, e tenho que ir a socorrer. Tivemos que cruzar o fosso a nado e está imensa, um pouco de calor viria muito bem.

—Me diga onde se encontra e irei procurá-la.

Clara parecia que considerava sua oferta.

—Terá que seguir o atalho e descer o atalho até o riacho. Deixei-a resguardada junto a umas samambaias de considerável tamanho.

A mente de Miguel era um caldeirão fervente de especulações, por que mencionava a mulher que sua irmã ficou resguardada? Poderia estar machucada? Por que motivo não a tinha acompanhado? Os alarmes começaram a soar dentro de sua cabeça.

—Está ferida? —A pergunta trovejou na pequena tenda.

Dois guardas acudiram imediatamente ao escutar o grito. Clara deu um salto pela surpresa.

—Torceu um tornozelo quando saltou um dos penhascos. Estávamos tentando chegar até a beirada do rio, para chegar aqui. A subida é menos perigosa.

—Diz a verdade? —bramou Miguel de forma insolente.

—Por que motivo mentiria? —espetou com os olhos entrecerrados— A acompanhava até você. — Miguel olhava à mulher sem acreditar em tudo. Recordava perfeitamente o fio da adaga em seu pescoço— Mas precisava me certificar de que seria você, e não outro para receber a mensagem de sua irmã. Dou minha palavra de que não pretendia fazer dano.

—Se descobrir que mentiu, a esfolarei viva e a meterei na salmoura.

Virou-se para dos dois soldados e ordenou que a custodiassem, sem deixá-la sair da tenda. Uma vez fora da tenda, chamou Ansúrez e ao Manrique e lhes ordenou que o acompanhassem. De forma sigilosa e tremendamente acautelados, os três homens desceram o enorme atalho até o rio, atentos a qualquer movimento estranho. Bearin seguia às escuras, salvo pelas tochas acesas no muro e os sentinelas que custodiavam a muralha. Desta distância, não poderiam ver os três homens que, escondidos, desciam pela ladeira alta até o leito do pequeno rio.

—Dulce! Está aí? —A voz de Miguel soou cheia de cautela e sussurrada no silêncio da noite.

—Ali, meu senhor. —Ansúrez assinalou um ponto escondido entre umas rochas e uns arbustos.

Miguel esquadrinhou com atenção, até que viu que algo se movia.

—Me siga — ordenou com tom tácito.

—Miguel! Miguel! É você? —A voz de Dulce chegou até ele, que suspirou com um profundo alívio.

Os três homens chegaram até ela, que estava resguardada do brilho da lua por samambaias grandes e frondosas. Dulce ofereceu um sorriso de autêntica sorte ao vê-los. Miguel se inclinou sobre ela e a abraçou de forma afetuosa.

—Clara deu minha mensagem? —Miguel a separou um pouco de seu corpo para olhá-la com curiosidade. A forasteira não deu uma mensagem, tinha tentado matá-lo!— Encontra-se bem? Ajudou-me a sair de Bearin.

—Quem é? —perguntou Miguel ao mesmo tempo em que a erguia entre seus braços. Ao perceber a grossura da cintura de sua irmã e o aumento de peso, voltou a amaldiçoar violentamente— Mentiu! —recriminou doído.

—Eu mesma ignorava. Seriamente, não sabia que estava grávida.

Miguel fechou as pálpebras durante um instante. O estado de boa esperança de sua irmã mudava absolutamente tudo.

—Matarei-o! —assegurou com voz cheia de desgosto.

—Não fará tal coisa! —exclamou Dulce de forma veemente, enquanto se segurava no pescoço de seu irmão.

—A levou com ele, contra minha vontade e a sua, e aqui não me permitiu saber se estava bem. Merece algo muito pior que a morte.

—Meu marido não se encontra em Bearin — informou Dulce— e seus homens o respeitam muito para abrir as portas de seu lar. Temem as represálias.

—E motivos têm para temê-las.

—Sua madrinha espera que se comporte como um cavalheiro, e não como um moleque.

Dulce o reclinava? Miguel não podia acreditar, entretanto não respondeu porque estava muito atento para não dar um tropeção inesperado ao subir no barranco com ela nos seus braços. As roupas de sua irmã estavam molhadas e cheias de barro, mas não se importou que manchasse as suas, porque ansiava mantê-la livre de todo perigo.

—Dói? —perguntou solícito.

—Só o meu orgulho

—Referia a seu pé — Dulce ruborizou violentamente.

—A gravidez me deixou torpe. Não me dei conta de que a pedra cedia sob meus pés, e caí no chão. Clara se assustou bastante com a minha queda, e custou muito convencê-la a me deixar procurar você.

Miguel chegou até o pequeno bosque onde estavam situadas as tendas. Entrou na sua, que estava quente e iluminada.

Dois homens faziam guarda em frente ao catre onde esperava Clara com olhar ansioso. Ao vê-la chegar nos braços de seu irmão, soltou um suspiro de alívio e a angústia refletiu em seu bonito rosto.

Miguel a depositou no pequeno leito que Clara tinha deixado livre.

—Me deixe vê-la! —Clara se equilibrou sobre o corpo de sua cunhada para examinar, à luz das velas o tornozelo inchado. Felizmente não estava quebrado. Miguel seguia observando à desconhecida, com olhar crítico, sua preocupação parecia autêntica.

—E você é? —perguntou com voz afiada.

Clara se voltou com rosto sério e, ao fazê-lo, a suave luz amarela iluminou a parte do queixo que ele tinha golpeado e que estava adquirindo um inchaço considerável em um tom vermelho intenso.

—Clara! Está machucada! —A exclamação de assombro de Dulce foi um bálsamo no ânimo de Clara, que não podia se afastar do olhar azul do castelhano.

Seus pensamentos estavam completamente dominados pela presença garbosa do irmão de sua cunhada.

—Esse caipira me golpeou — admitiu e acusou sem pudor algum.

Dulce cravou suas pupilas em Miguel, que não se sentiu sobressaltado pela acusação.

—Não estou acostumado a agradecer quem tenta cortar o meu pescoço — respondeu com voz ardente.

Em um momento, a tenda se encheu de mais homens atraídos pelas vozes elevadas. Os barões de Voltoya e Arlanzón olhavam atônitos as mulheres.

—Senhora Álvarez — disseram em uníssono, mas Clara os corrigiu imediatamente.

—Senhora de Bearin. —Todos os olhares masculinos, se cravaram nela, que não se sentiu intimidada absolutamente— Está casada com meu irmão —especificou Clara.

Miguel piscou assombrado pela revelação.

Ignorava quem era a mulher que tentou matá-lo, e que tinha dado a sua irmã a ajuda necessária para sair do castelo. Devia considerá-la amiga ou inimiga? Indubitavelmente procurava algo.

—Por que a ajuda? —A pergunta de Miguel queimava, e seus olhos inquisidores produziam um nervosismo que Clara não podia compreender.

Demorou uns momentos para responder à pergunta masculina formulada em tom belicoso.

—Minha mãe, sua madrinha, não deseja uma batalha entre seu filho e seu afilhado.

Miguel inspirou profundamente ao escutá-la. Tinha recebido as cartas de Luzia Blasco, mas seu interesse estava centrado em sua irmã, embora pretendesse honrar a sua madrinha como correspondia.

—Seu irmão levou minha irmã pela força.

Dulce decidiu intervir.

Miguel e Clara se olhavam como adversários e com um interesse que não nenhum dos dois conseguia ocultar. Parecia incrível que Miguel a tivesse golpeado, sabendo que trazia uma mensagem dela. Ou não tinha acontecido assim?

—Minha mãe, Luzia Blasco, deseja manter uma conversa com você. Amanhã na primeira hora, o acompanharei até a porta. Os homens de meu irmão permitirão a entrada, quando me virem a seu lado.

Mas Miguel já tinha decidido de que forma podia usar a navarra em seu benefício. Conhecia muito bem as artimanhas da guerra para que ela não suspeitasse de suas intenções. É obvio que entraria em Bearin, mas ela não iria como acompanhante, seria um refém valioso até que retornasse a Castilla.

Capítulo 29

A mão que silenciava sua boca a despertou de repente.

—A tirarei daqui. —Era a voz de Adoain.

Que fazia na tenda de seu irmão? Dulce se moveu tentando liberar seus lábios da pressão que exercia a palma quente. Ela não ia gritar, mas Adoain não lhe dava atenção.

Pegou-a nos braços e a tirou da tenda com tanto sigilo que se perguntou se estaria sonhando. Atravessou a distância da enorme fogueira acesa e aos homens que faziam planos com um mapa desenhado no chão. O capitão Ansúrez e os barões de Arlanzón e Voltoya seguiam as explicações de Miguel com grande interesse.

Como era possível que seu irmão não desse conta de que um homem tinha chegado sigilosamente até eles, e levava a própria esposa valendo-se da escuridão da noite? Dulce sentia vontade de rir da situação absurda, mas Adoain seguia esmagando sua boca com a palma da mão, para impedir que alertasse aos castelhanos. No chão, estavam caídos os dois soldados que faziam a guarda e a custodiavam.

Fechou os olhos acreditando que estavam mortos, e se sentiu terrivelmente culpada.

De novo voltou a percorrer o mesmo caminho que tinha tomado umas horas antes, mas agora ia nos braços de seu marido, que a levava com cuidado, como se carregasse um saco de trigo ao quadril. Seu vestido molhado ficou estendido e esquecido junto ao fogo, só levava uma regata e a anágua, mas teve a precaução de recostar-se no estreito catre, com a capa que já estava seca. Mesmo assim, o ar frio da madrugada, penetrou até seus ossos e produziu um estremecimento que Adoain interpretou mal.

—É obvio que têm motivos para estar temerosa.

Suas palavras soaram como uma advertência, mas seguia tapando a sua boca, para evitar que alertasse aos homens do acampamento.

Fizeram o mesmo caminho, mas em vez de circular o arroio, cruzaram-no. As montarias estavam atadas em fileira junto às árvores. Adoain a sustentou entre seus braços

para cruzar o rio, que apenas chegava ao quadril. Entretanto, a corrente molhou a parte inferior de sua roupa, e novamente ficou molhada e fria. Quando chegaram à outra borda, contemplou Ginés, que a olhava com censura em seus olhos, mas ela não tinha que sentir-se envergonhada. Tinha tentado evitar precisamente o que estava provocando Adoain com sua ação.

Sua boca foi liberada ao fim.

—Se gritar, a golpearei — disse Adoain, e a advertência a queimou com traição. Ela não tinha pensado gritar, nem quando estava a escassos metros de seu irmão para alertá-lo, já que tentava evitar com todas suas forças um enfrentamento entre os dois homens mais importantes de sua vida.

—O conde de Arienza tomará como uma ofensa pessoal — disse como se ele precisasse saber.

—Minha esposa — Adoain remarcou as palavras — não devia sair de Bearin em minha ausência. Considero que deixei bem claro e de novo, desobedeceste minhas ordens.

Dulce apertou os lábios quando Adoain a depositou no chão. Ele ignorava que tinha um tornozelo machucado e ela não o disse por orgulho.

—Monte — ordenou com voz sussurrada.

Dulce fez um gesto negativo com a cabeça, porque não podia apoiar o pé para fazê-lo e nem sequer podia caminhar pela dor. Mas Adoain a ergueu de novo e a deixou sobre a garupa do animal, para montar um instante depois atrás dela. A dor do tornozelo era significativa, mas seu modo frio a feria muito mais profundamente.

—Seus homens impediram que desse as boas-vindas a meu irmão — se queixou — e fecharam as portas de Bearin com a sua chegada. Foi uma clara provocação que podia iniciar uma luta.

—Não retornará com seu irmão a Arienza — disse ele com o queixo tenso, como se custasse pronunciar as palavras. Dulce o olhou surpresa — Não, enquanto eu viva — concluiu.

—Mas não pensava fazer algo assim! —respondeu de forma clara— Embora existam modos de fazer com que meu irmão compreenda, sem necessidade de recorrer à luta.

A voz feminina tomou uma tom de tristeza, que Adoain não gostou.

—Por que motivo acredita que a resgatei na metade da noite? — Os olhos da jovem se arregalaram pela surpresa— Para não utilizar a violência.

Resgatada? Ela não era nenhuma refém! pensou incrédula.

—Amanhã tentarei falar com Miguel, embora duvide que sua atitude seja tolerante depois deste claro desafio.

Mas Adoain não pôde responder por que tinha chegado à ponte levadiça que acessava ao castelo. Rodearam Bearin pelo norte e cruzaram o rio com as montarias pelo oeste, pois nessa parte a profundidade era escassa. Dulce se perguntou por que motivo Clara a tinha levado pelo outro extremo, pela parte mais difícil, mas deixou de especular para olhar por cima de seu ombro o acampamento castelhano e as fogueiras acesas. Adoain desceu sem esforço do lombo do animal, e a segurou com ambas as mãos enlaçadas à cintura, para ajudá-la a desmontar.

As tochas das muralhas foram apagadas, para que ninguém que observasse da colina pudesse ver quantos homens vigiavam o horizonte.

Luzia saiu ao encontro dos dois com o rosto preocupado.

—Clara desapareceu!

Dulce tapou a boca para sufocar um gemido. Esqueceu-se de sua cunhada, que dormia custodiada na tenda do barão de Voltoya.

—Não desapareceu, está com meu irmão. Ajudou-me a sair de Bearin pelas estrebarias.

Adoain fechou os olhos durante um instante para controlar o desgosto.

Soube que ela estava ali, mas, antes de poder falar ou dizer algo, escutaram cavalos que vinham ao galope. Miguel tinha descoberto o desaparecimento de sua irmã.

Depois dos portões, escutaram gritos.

Adoain subiu à muralha, Dulce o seguia, embora com muita dor no tornozelo. Artáiz ficou dando ordens aos soldados para aumentar o amparo sobre a ponte.

—Adoain Estella! Desafio-lhes até a morte — trovejou a voz do Miguel com uma força imperativa.

O fosso de água o separava da grossa madeira do portão.

—Miguel! —escutou-se a voz de Dulce de forma clara depois da muralha— não se preocupe comigo, encontro-me ilesa. —Dulce mostrou a cabeça por entre as almenas.

O conde de Arienza lançou uma exclamação violenta ao vê-la. Ambos os irmãos se contemplaram. Os olhos de Miguel despediam faíscas de fúria, os de Dulce um olhar de contenção.

Fez um gesto negativo com a cabeça que seu irmão ignorou, e então decidiu apelar a seu marido, que se mantinha em silêncio contemplando as montarias castelhanas. Deu dois passos para trás e superou a distância que a separava dele. Caminhar causava uma tremenda dor, mas mordeu o lábio inferior porque as circunstâncias eram perigosas.

—Abra a ponte. Permita que meu irmão comprove que me encontro bem e que estou aqui por própria vontade. —Adoain meditou as palavras dela durante um momento, mas negou com a cabeça sem emitir nem um som— Ordene que abram a ponte! —clamou com voz aguda, mas os homens seguiam quietos esperando ordens de seu conde— É um teimoso, um temerário.

Dulce voltou a aparecer pelo muro, Adoain se situou detrás de suas costas, protegendo-a com seu robusto corpo.

—Miguel, prometa que não causará nenhum machucado em nenhum Navarro e Adoain permitirá sua entrada em Bearin de boa fé.

Miguel soprou mais zangado ainda. O Navarro estava justo atrás de sua irmã, e a cólera o atíçou de novo.

—Juro que minha espada não matará um Navarro, mas a centenas! —Dulce gemeu pela resposta— Penso transformar estes muros em ruínas — bramou o conde com ira

desmedida. Os cavalheiros que o acompanhavam seguiam em silêncio, mas vigilantes e atentos a cada palavra de Miguel— E se pensa que estas muralhas me deterão, é porque não julgou convenientemente o caráter castelhano.

Adoain se inclinou sobre a muralha para contemplar seu cunhado, que seguia montado em seu corcel com o rosto erguido. Tinha a mão na guarda da espada, e uma atitude defensiva que lhe preocupou.

Sabia que os muros não poderiam deter indefinidamente um ataque. Havia sentido tanta fúria ao saber que Dulce estava com ele, apesar de sua oposição, que não tinha pensado nas consequências de sua atitude. Mesmo assim, sentiu a necessidade de provocá-lo, porque com isso conseguia acalmar sua ira.

—Não nasceu castelhano capaz de vencer um Navarro. —O insulto foi claro— Minha irmã está com você? — perguntou a Miguel, com voz assombrosamente calma.

O conde mostrou um sorriso sapiente.

—Ofereço uma troca —vociferou— Sua irmã pela minha!

Agora foi Luzia que gemeu. Preocupava enormemente a resposta de seu filho.

—Sua irmã não deseja partir. Aqui está em seu lar — espetou Adoain com voz dura, mas as palavras não intimidaram Miguel.

—A sua não retornará com vida, a menos que solte a minha.

Dulce pensou que seu irmão não falava sério, mas nem Adoain nem Luzia poderiam saber. Miguel nunca maltratou mulheres, nem seres indefesos, mas tinha que intervir para que a situação não piorasse.

—Miguel! —voltou a exclamar Dulce— não é um assassino de donzelas. Deixe de provocar meu marido, e prometa que sua espada seguirá em sua bainha quando estiver dentro do castelo.

Miguel soprou incrédulo.

—Duvida de minha capacidade para matar um homem simplesmente com a ajuda de minhas mãos? Porque penso fazer uso delas esta noite.

Adoain soltou uma gargalhada, que fez zangar ainda mais Miguel.

Luzia e Dulce se olharam atônitas; parecia que contemplavam uma luta de dois galos de briga, pelo domínio do galinheiro. Era um comportamento absurdamente infantil.

—Miguel — disse de repente Dulce em um intento de apaziguar os ânimos— não desejo retornar a Arienza, mas Adoain teme que não dê importância para a minha opinião a respeito e que me obrigue a lhes acompanhar. Dúvida da racionalidade castelhana, e está em sua mão, fazer compreender seu equívoco... Por favor — suplicou com simplicidade.

O cavalo de Miguel trotava nervoso de um lado a outro ao sentir o nervosismo do cavaleiro que o montava.

—A obriga a se expressar assim. Sei que não têm opção de negar.

Dulce resmungou e mordeu o lábio inferior com força. Tinha que encontrar palavras idôneas que convencessem o seu irmão. Por isso decidiu que ali, na frente de Miguel e seus homens, na frente de seu marido e os seus, tinha que admitir o que sentia.

—Amo Adoain Estella — proclamou com voz humilde, mas forte e clara— e desejo viver em Bearin até o fim de meus dias. Não tenho intenção de partir para Arienza, embora não deseje machucá-lo com minhas palavras.

Adoain a olhou perplexo, atônito pelo que escutava.

Uma mulher não admitia aos quatro ventos um sentimento tão excelso como o amor, se não o sentisse profundamente. Seu coração começou a ficar tão nervoso dentro de seu peito, como o cavalo do conde de Arienza sob as coxas castelhanas.

—Cruzei um reino para lhes buscar —arguiu Miguel ressentidamente— É minha única irmã, acaso não pode compreender minha preocupação?

—Filho! —exclamou Luzia olhando para Adoain— mostre sensatez com o único parente de sua esposa. Rogo-vos que tire essa atitude beligerante. Faça por seu pai, pense como teria atuado ao encontrar-se em uma situação similar. Sua esposa expressou sua vontade e nenhum homem, seja familiar ou não, poderá mudar sua decisão, é irrevogável. — Luzia podia compreender o sentimento do conde de Arienza com respeito a sua única irmã. Ela mesma conhecia a solidão do desterro, embora o tivesse padecido voluntariamente por amor.

Adoain sabia que devia recuar em sua postura. Dulce fora clara e honesta. Miguel não poderia leva-la pela força, porque ela queria ficar com ele em Bearin. A sorte o embargava. Sentia-se feliz e cheio de expectativas. Estava ali porque queria e o desejava, acaso podia pedir algo mais? Clara. Esqueceu-se de Clara.

—Traga para minha irmã sã e salva, e baixarei a ponte — trovejou de repente a voz do Adoain.

—Desça, se quer vê-la com vida! —reclamou Miguel impaciente.

Adoain fez um gesto afirmativo e dois dos sentinelas, acionaram a alavanca para mover a roda.

Dulce fechou os olhos ante o alívio que sentiu. A maioria dos navarros se congregou no pátio de armas, alertas, mas ela já não tinha medo.

Luzia e Adoain desceram as escadas da muralha e, de repente, sentiu um frio, como nunca havia sentido. Seguia empapada, os pés e os dentes começaram a tremer violentamente. Dulce desceu com cuidado os degraus da muralha para o pátio.

Uns momentos depois, o cavalo de Miguel entrou no castelo, seguido por um de seus barões. O resto permaneceu fora, em fila e à expectativa. O conde desmontou com agilidade e com um único objetivo em suas pupilas. Dirigiu-se para Adoain, que estava plantado no centro do pátio, com o grosso de seus homens vigilantes. Avançou com passo firme sem titubear, e, quando chegou até ele, Miguel não pensou deu um murro que o lançou de costas ao chão.

Adoain não tinha previsto o golpe de seu cunhado e não pôde reagir a tempo para esquivá-lo. Artáiz, ao contemplar o golpe do castelhano sobre seu senhor retirou a espada; o resto dos navarros o imitaram, embora se mantivessem quietos sem intervir, mas Miguel pareceu não se importar que cem espadas pudessem cravar-se em seu peito de uma vez. Tinha que descarregar a ira que sentia e o tremendo aborrecimento que virava em seu interior.

Adoain se levantou, mas não guardou a distância necessária para evitar um novo golpe de Miguel que o atacou com fúria desmedida. Mesmo assim, o Navarro reagiu e pôde

devolver o soco em seu cunhado com um forte golpe no estômago, que fez que o castelhano se dobrasse em dois e tossisse de forma espasmódica.

Foi o começo de uma briga descomunal e todos olhavam atônitos, mas os dois homens que se golpeavam com imensa cólera, se conformavam com uma luta corpo a corpo. As espadas continuavam sem serem desembainhadas, mantidas ao cinto. Ambos golpeavam e ambos recebiam golpes. A corpulência do Navarro era muito mais pronunciada, mas o castelhano contava com a vantagem da agilidade.

Sua habilidade na briga se aperfeiçoou nas diversas lutas contra os almohades.

Luzia interveio de repente, e segurou o braço de seu filho, quando ia golpear de novo Miguel. Adoain desviou os olhos para sua mãe e, entendendo sua intenção, baixou o punho e o deixou contido em seu flanco. Sua mãe estivera em um grave perigo metendo-se na briga, e a honrou sem réplica, rendendo-se na briga.

—É suficiente, filho. Já foi demonstrado que ambos se preocupam com Dulce de Arienza, agora do Bearin. —As palavras de sua mãe penetraram pouco a pouco na mente, mas Adoain não afastava a vista de seu cunhado, que o olhava de forma intimidante.

Com uma rápida olhada, contemplou a seus homens, com as espadas em mão que aguardavam suas ordens. Mas ele sabia que Miguel Álvarez não ia usar a sua.

Um instante depois soltou uma gargalhada, que deixou boquiaberto a todos que contemplavam o espetáculo, inclusive Miguel o olhava atônito por sua hilaridade repentina.

Dulce aproveitou o momento de quietude e confusão para lançar-se sobre seu irmão e abraçá-lo. Ia ter que tivesse os braços ocupados com ela, para que não voltasse a se meter em uma briga que poderia chegar às espadas. Miguel se deu conta de que a roupa de sua irmã estava molhada. Sua pele estava fria e tinha os lábios azulados. Por isso, resmungou violentamente.

—Terei que assistir a seu enterro aqui? —O coração de Dulce começou um galope temerário dentro de seu peito.

Com essa pergunta, seu irmão tinha aceitado sua decisão de ficar em Bearin, e se sentia tremendamente feliz.

Miguel a situou atrás de suas costas, quando foi consciente dos olhares ásperos e das mãos que seguravam as espadas navarras. A visão de dezenas de soldados do norte poderia intimidar um combatente menos experiente, mas ele se mostrava cauteloso, porque não desejava que sua irmã ficasse ferida.

Luzia olhou com atenção ao homem que tentava proteger a sua irmã de seu marido com seu próprio corpo, mas se sentia agradecida porque os dois, seu filho e seu afilhado, tinham deixado para trás suas posturas agressivas, parando a briga.

Dirigiu-se ao conde e, com um amável sorriso, disse:

—Bem-vindo a Bearin, conde de Arienza. Sou Luzia Blasco.

Miguel desviou os olhos de seu cunhado, à mulher que se colocou frente a ele. A boca masculina, firme e bem delineada, seguiu sem mostrar a ameaça de um sorriso.

—Fui amiga de sua mãe, a que respeitava muito e queria como se fosse minha própria irmã.

O rosto do Miguel se suavizou, foi como se compreendesse que Luzia não era uma inimiga.

—A seus pés, madrinha — respondeu de forma galante e com supremo respeito, antes de fazer a reverência cavalheiresca.

Adoain olhava atento a troca de palavras entre sua mãe e seu cunhado. A forma respeitosa de responder, e a posterior saudação protocolar. O murmúrio geral de aceitação o empurrou a estender um braço a sua esposa, para que fosse com ele. Miguel devotou seu braço para a sua mãe.

Dulce soube que era o sinal que Adoain esperava. Posicionar-se como senhora de Bearin, frente a seu irmão. E não duvidou nem um momento. Cravou suas pupilas nas de seu marido e se encantou pelo brilho que contemplaram. A íris azul continha uma promessa que a fazia tremer os joelhos.

—Entremos no salão — disse Adoain— onde há um fogo e um barril de cidra esperando. Poderemos conversar como uma família ao calor da lareira.

Miguel fez um gesto afirmativo com a cabeça e o seguiu para o interior. Dulce se sentiu orgulhosa, porque seu irmão, quando queria, podia ser extremamente razoável.

Capítulo 30

As pupilas de Miguel luziam sem o brilho intenso que estava acostumada, e ela conhecia o motivo.

Bearin estava muito longe de Arienza, e ambos estariam separados para sempre, circunstância que Miguel não aceitava muito bem. Entretanto, a relação entre as duas famílias estava chegando a um ponto de aceitação, que reportava infinita esperança. O barão de Voltoya tinha retornado ao acampamento situado na ladeira para trazer de volta Clara e estender o convite ao resto dos nobres, para que aceitassem a hospitalidade do conde e sua família. O grosso do exército seguiria acampado na ladeira oeste até a volta a Castilla.

Dulce observava de forma muito atenta às olhadas que dirigiam seu irmão e seu marido. A atitude de Adoain tinha dado um giro completo. Seus ombros estavam relaxados; seu queixo sem a tensão que ela tinha percebido nos dias anteriores, e, de tanto em tanto, olhava-a com um brilho especial que conseguia derretê-la. Poderia ser que tudo se solucionasse de forma satisfatória? Confiava com toda sua alma que assim fosse, porque nada ansiava mais que a paz entre ambos.

A entrada de Clara seguida de Voltoya e Arlanzón, conseguiu que todos os olhares se cravassem nela. A navarra ficou um instante parada na soleira, como se reconhecesse o terreno e ao que ia enfrentar. Quando os belos olhos femininos cravaram no castelhano, caminhou diretamente para ele.

Ninguém soube qual eram as suas intenções.

Luzia olhou a sua filha preocupada. Quando tinha no rosto esse olhar determinante, era porque ia fazer algo impulsivo e temerário, e assim ocorreu. Clara parou a escassos passos de Miguel e, ato seguido, deu-lhe um murro que não o derrubou por um milagre. Mas a taça que sustentava a mão masculina voou sobre o salão e terminou estrelando-se perto da lareira acesa. Os olhos de Adoain seguiram a trajetória do objeto incrédulo. Sua irmã estava irreconhecível.

—Clara! Por amor de Deus! —exclamou Luzia com o coração em um punho, porque sua filha, com sua ação, podia romper a harmonia que tinha obtido seu irmão.

—Estamos em paz, castelhano? —perguntou Clara com a voz cristalina e os olhos brilhantes.

Alguns dos homens lançaram comentários de aceitação ao contemplar a bravura da irmã do conde. Nada os agradava mais que ver homens castelhanos dobrados pela ira navarra.

Miguel olhou à moça sem acreditar na sua temeridade, mas o soco de direita lhe deixou com a bochecha sensível. Não duvidava de que em uns momentos, ficaria tão vermelha e inchada, como a bochecha da mulher. Mas o brilho das pupilas femininas lhe indicavam que ela sofria o golpe em seu punho, muito mais que ele em seu queixo. Fez uma leve inclinação com a cabeça, a modo de aceitação.

—Para estar em paz, eu teria que sustentar uma faca em sua garganta, mas hoje me mostrarei magnânimo com você. —A resposta de Miguel fez que Luzia afogasse uma exclamação— Embora não posso prometer o mesmo trato para o dia de amanhã.

Clara inspirou fortemente.

O braço lhe doía demais; quase não podia movê-lo, quase acreditava que o tinha quebrado por sua atitude impulsiva. Mas ela não podia deixar ileso um homem que tinha provocado um inchaço no rosto e que ia durar muitos dias. Além disso, enquanto alimentasse a fúria contra ele, podia dirigir o desejo que provocava só em olhá-lo. Fazia arder seu sangue, e era uma circunstância que Clara nunca sentiu.

Um instante depois abandonou o salão para dirigir-se a suas dependências. Tinha que trocar a roupa manchada e tomar um banho para acalmar seu espírito.

Luzia se entregou à tarefa de acomodar aos nobres castelhanos, que partiriam no dia seguinte de retorno ao lar, mas essa noite podiam conversar e jantar como se o tempo não importasse. Dulce optou por acompanhar a sua sogra e ajudá-la com os preparativos. Depois da saída das mulheres, a tensão se incrementou no salão pela atitude dos navarros, que olhavam ao séquito castelhano com alguma desconfiança. Artáiz tomou posição, situando-se

perto de Miguel Álvarez, atuando de protetor. Intenção que todos reconheceram, inclusive Adoain.

Desde quando ganhou o castelhano o seu homem mais leal? Perguntou-se o conde com um meio sorriso nos lábios.

—Reconquistarão Alarcos? —perguntou Adoain.

Miguel deu um sorvo à taça que tinha recuperado antes de responder, mas imediatamente tossiu drasticamente. O conteúdo não era vinho, e sim um licor muito forte, que nunca tinha provado. Sentiu uma língua de fogo que lambia o interior da garganta à medida que o líquido descia. Piscou várias vezes e pigarreou antes de poder responder.

—Dom Alfonso está pactuando acordos com outros reis cristãos para lançar uma grande ofensiva. A derrota em Alarcos teve consequências desastrosas para nós, pois a fronteira muçulmana se encontra muito perto, nos Montes de Toledo. Inclusive a cidade de Toledo está ameaçada, igual ao vale de Talho. Uma situação insustentável e que está diminuindo nossas forças.

—Dom Alfonso está atuando com grande inteligência —disse Adoain em voz muito baixa— A vitória em Navas de Tolosa foi um castigo reconhecimento para todos os reis cristãos. —Adoain calou um momento antes de continuar— Já pactuou um acordo para enviar a dois senhorios do norte integrados por homens valentes, que estarão dispostos a morrer por sua fé.

Miguel não duvidava, e confiava na aliança com o resto dos cristãos de Leão, Aragón e Navarra.

—Levará a minha irmã a Arienza? —perguntou com interesse.

Adoain olhou a seu cunhado sem compreender. A pergunta foi formulada em um tom de pesar.

—Eu gostaria de conhecer minha sobrinha ou sobrinho quando tiver nascido.

O tom de Miguel parecia melancólico. Suas pupilas estavam fixas em um ponto no infinito, como se meditasse algo de incalculável valor.

—Se o conde de Arienza morrer sem descendência, meu sobrinho ou sobrinha seria o herdeiro do condado, embora tivesse que jurar vassalagem ao rei Alfonso da Castilla.

A generosidade de Miguel deixou sem palavras Adoain.

—É um homem jovem e são. Dispõem de muito tempo para ter um ou vários herdeiros. — Os olhos de Miguel se anuviaram durante um instante.

Vivia em constante perigo.

As lutas com os almohades se endureceriam cada vez mais, e era plenamente consciente de que podia cair sob a espada de um sarraceno a qualquer momento. Por esse motivo, quando contemplou com seus próprios olhos o amor de sua irmã, algo tinha mudado dentro dele.

Tinha compreendido tantas coisas!

As riquezas e as propriedades não valiam nada se não tivesse a alguém de seu lado com quem as compartilhar e as desfrutar. Mas ele estava tão absorto na guerra, que tinha esquecido o que significava retornar ao lar amado.

A chegada das mulheres de novo ao salão deteve seus pensamentos e os voltou à realidade. Sua irmã resplandecia, a cor de suas bochechas se intensificara e soube que era devido ao homem, que não tirava o olhar de cima dela. Quando a escutou nas almenas, proclamando aos quatro ventos seu amor por ele, primeiro havia ficado zangado, depois sacudido em seu amor próprio, mas tinha chegado o momento de que decidisse por si mesma, e embora permitir fazê-lo, a afastava dele e de tudo o que tinha conhecido.

Arienza estava muito longe de Bearin e, por esse motivo, ela estaria a salvo, se seu condado caísse sob o domínio almohade. Embora Arienza fosse submetida por hostes muçulmanas e ele assassinado pelo fio de uma cimitarra, sua irmã estaria a salvo... Acaso importava algo mais?

Os cavaletes de madeira para as mesas foram colocados por vários serventes, enquanto Miguel e Adoain bebiam aguardente e compartilhavam alguma confiança sobre a guerra e sobre o futuro.

Dulce soltou os laços que atavam os laterais de seu vestido. Tinha o olhar perdido, mas um sorriso curvava as linhas de seus lábios, como se compartilhasse um segredo com ela mesma.

Adoain a observava da soleira da porta aberta, mas ela não tinha escutado o ruído que tinha feito ao abri-la. Bearin se mantinha em silêncio, cada um em seus respectivos aposentos para passar a noite. Ignorava o que traria a manhã, mas essa noite ele tinha uma missão para cumprir com sua esposa: uma conversa interrompida e desejos insatisfeitos.

Como se pressentisse, Dulce voltou o rosto procurando o seu, e o sorriso que lhe dedicou, fez tremer os joelhos.

—Dulce — disse em voz muito baixa. Os olhos femininos brilhavam especialmente para ele e se sentia o homem mais afortunado do mundo— Ira esfriar.

Ela negou uma única vez.

—Acredito que acostumei a este clima, não voltarei a passar frio nunca mais.

Adoain imitou o gesto de seu sorriso. O aposento estava quente pelo fogo que crepitava na lareira, e conferia uma cor dourada a sua figura. Cruzou com grandes passos o espaço que a separava dele e do tamborete onde estava sentada.

—A ajudarei — ofereceu gentilmente.

—Agradeço — respondeu com humildade.

Tremeu a sua voz? Perguntou-se Dulce, mas ver a figura imponente de seu marido a desfocava.

—Adoro vê-la vestida com meu manto verde, desde aquela noite em Fortun, quando cobri seu formoso corpo com ele.

A lembrança tingiu de vermelho as bochechas femininas.

—Nunca em minha vida havia sentido tanta vergonha. — Adoain soube que se referia ao feito de que Kamîl os tivesse encontrado, em um encontro íntimo.

—Nem eu um prazer maior — respondeu com uma cadência que a queimava por dentro e a fazia vibrar.

As mãos de Adoain a ajudaram com as malhas e as forquilhas do cabelo. Dulce ficou vestida apenas com a camisa, mas os olhos de seu marido não se separavam dos seus.

—Sou muito feliz de que tenha decidido ficar em Bearin.

—E eu me sinto feliz, porque já não está zangado comigo.

—Seu silêncio me feriu profundamente.

—Sei.

—É a única mulher que verdadeiramente me importou. Até conhecê-la, conformava-me com relações efêmeras, às que não se dão valor algum. Mas, quando a vi pela primeira vez, o sangue parou dentro de meu corpo. Meu coração começou a galopar em meu peito de forma desenfreada. Mal podia respirar nem me mover. Soube que era alguém muito especial, e já não pude pensar em nada mais que em te beijar.

As palavras de Adoain era exatamente o que ela sentia.

—Eu senti o mesmo por você. Um calor dentro de meu ser como nunca senti. Custava-me respirar, pensar. Senti-me superada em emoções, que não tinha experiência.

Adoain falava e a acariciava ao mesmo tempo. Enredava seus dedos em seus cabelos sedosos e desfazia as pequenas tranças em torno de seu rosto.

—Não voltarei a mentir, nem silenciar a verdade, por mais dolorosa que seja — confiou com olhos quentes.

Adoain sentiu uma emoção em seu peito que transbordava.

—Não irei separá-la de Castilla. Iremos visitar seu irmão, quando a situação com os almohades não seja mais perigosa. Miguel sempre será bem-vindo em Bearin. Agora somos sua família.

Podia um coração resistir a tanta felicidade? Perguntou Dulce.

—Repita as palavras. — insistiu ele— repita as mesmas palavras das almenas, quando me fiz o homem mais feliz do mundo.

—Te amo, Adoain Estella de Bearin, e desejo viver aqui até o fim de meus dias.

Adoain inclinou a cabeça para beijá-la. Dulce ergueu o rosto ao encontro da boca masculina. E quando aconteceu o contato, o mundo deixou de ter importância para eles dois, se bebiam mutuamente, como se fossem um néctar divino.

As línguas se enroscavam em uma dança, logo depois os corpos unidos se entregaram as paixões de seus corpos e almas.

Epílogo

Queridos mãe, irmão e cunhada:

Lamento ter esperado tanto para que Artáiz entregasse esta missiva, mas tinha que me assegurar de estar suficientemente longe para isso. Sei que minhas palavras vão produzir um aborrecimento justificado. Uma preocupação necessária, mas decidi assim.

Parto para Castilla com o conde Miguel Álvarez e seu séquito, embora ele desconheça que me encontro entre seus soldados, disfarçada de um a mais. Por favor, compreendam que não tem culpa de minha decisão, mas decidi seguir meu instinto e escutar o meu coração, que se sente poderosamente atraído pelo conde de Arienza.

Arrisco muito, e pode ser que me arrependa pelo resto de meus dias, mas para mim é impossível continuar em Bearin com o coração dividido. Não posso nem desejo me casar com Jaime Aresta, pois meu interesse é em outro homem, embora ele não seja consciente disso.

Se não conseguir alcançar o coração de Miguel Álvarez, retornarei.

Com todo meu amor,

CLARA ESTELLA DE BEARIN

Adoain segurava a carta entre suas mãos, enquanto Luzia tapava a boca para conter um gemido de horror. Dulce estava estupefata. A partida dias atrás de Miguel de Arienza lhe deixou uma sensação de saudade e de pesar dentro do coração, mas ninguém suspeitou que Clara partira também. Devido a seu desacordo pelo compromisso imposto com o senhor de Ancín, manteve-se trancada em seu quarto e, por esse motivo, ninguém tinha suspeitado nada, até que Artáiz entregou a missiva com o rosto preocupado.

—Irei buscá-la — disse Adoain com o rosto contraído não pela ira, mas pela preocupação.

—Não acho conveniente — disse Artáiz de repente.

Adoain o olhou sem compreender.

—Clara não pode abandonar Navarra — respondeu o conde com o cenho franzido.

—Dulce Álvarez abandonou Castilla — replicou o capitão com voz pausada.

Um silêncio pesado se instalou na sala, até que Adoain o rompeu.

—Insinua por acaso que se trata de uma situação similar? —vociferou Adoain, que começava a perder o controle.

—Clara me explicou tudo — seguiu Artáiz— e deve seguir os instintos de seu coração.

Adoain amaldiçoou baixo e Artáiz continuou seu discurso:

—Entre ela e o castelhano se percebe a mesma tensão e necessidade que acontecia entre você e sua esposa —rematou o capitão com aprumo— Soube no mesmo instante em que vi, quando o golpeou e como recebeu um homem da atitude do conde, um insulto de tal magnitude. Uma mulher não atua assim, a menos que esteja envolvida emocionalmente, e nem um homem da posição do conde Miguel, não ficaria sem revidar, se sua irmã não inspirasse algo mais que cortesia.

—Está louca, isso sim! —voltou a exclamar Adoain— O conde de Arienza ignora que leva uma mulher em seu pequeno exército, e essa situação pode criar um grave problema entre seus homens.

O sorriso de Artáiz o deslocou.

—Vai como escudeiro do barão de Voltoya— revelou Artáiz.

Luzia voltou a gemer consternada, sua filha disfarçada de escudeiro!

—Subornei o moço, que decidiu converter-se em meu pajem, aqui em Bearin. Tem mais ou menos a mesma estatura e compleição de sua irmã.

Algo tinha sentido? Pensou Dulce completamente confusa.

—Se tudo caminhar como Clara espera, deverá ir para Castilla assistir seu casamento.

Adoain estava pasmo. Indubitavelmente sua irmã tinha perdido o julgamento.

—Mas eu não me preocuparia —continuou o capitão— O séquito castelhano deve andar perto de Tudela. Miguel Álvarez leva de nosso rei Sancho, mensagens para Alfonso de Castilla e, uma vez ali, reincorporarão ao exército castelhano dois homens de confiança do rei Sancho: o duque Noain Suarbe e o conde Rodrigo Lerín, para combater junto ao rei castelhano, contra os almohades.

Adoain soltou um suspiro, que acabou convertendo-se em gargalhada.

—Tomei a liberdade de informar as intenções de sua irmã. Um dos barões castelhanos leva uma missiva de Bearin. Estarão preparados para contê-la, caso seja necessário.

Dulce ignorava o que queria dizer Artáiz com essas palavras. Era um hieróglifo para ela.

—Então minha irmã terá o que merece: uma patada no traseiro, que a devolverá a Bearin, e acredito que com o orgulho ferido.

—Eu não estaria tão seguro, filho — respondeu sua mãe— Sua irmã tem uma tenacidade assombrosa. Duvido que retorne a Bearin com as mãos vazias.

Fim

Nota da autora

Sancho VII, rei de Navarra, foi um rei idoso, que morreu com a idade de oitenta anos. Foi apelidado: «o Forte» devido a sua enorme estatura e fortaleza. Segundo o historiador e antropólogo forense Luis do Campo, media 2,23 metros de altura. Casou-se com Constanza de Tolosa, filha de Ramón VI, conde de Tolosa, mas o matrimônio não chegou a prosperar, e foi repudiada por Sancho.

Não há prova histórica de um segundo matrimônio. Sancho VII da Navarra e Jaime I de Aragón assinaram na cidade de Tudela, no ano 1231, um tratado de adoção que não chegou a cumprir-se e pelo que ambos os monarcas acordavam que aquele dos dois que sobrevivesse ao outro ocuparia o reino sem obstáculos. Sancho teve um filho que aos quinze anos sofreu um acidente fatal com um cavalo e, embora tivesse vários filhos ilegítimos, passou o trono para o seu sobrinho, Teobaldo de Champagne. Como autora, tomei a licença de utilizar um possível filho ilegítimo de uma família fictícia, para desenvolver a história e utilizar o tratado de adoção para dotar a trama da solidez histórica necessária. Todos os personagens são fictícios salvo os reis cristãos da Navarra, Aragón, Leão e Castilla, assim como o caudilho almohade, o bispo de Burgos e o arcebispo de Toledo.

Ebooks distribuídos sem fins lucrativos e de fãs para fãs.

A comercialização deste produto é estritamente proibida

